

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DO MESTRADO PROFISSIONAL EM
FILOSOFIA – PROF-FILO**

COSMO SANTOS DA SILVA

**FILOSOFIA DO ENSINO DE FILOSOFIA: UMA ARTICULAÇÃO ENTRE
PROBLEMA E LEITURA A PARTIR DE DELEUZE E GUATTARRI**

**CAICÓ/RN
2020**

COSMO SANTOS DA SILVA

**FILOSOFIA DO ENSINO DE FILOSOFIA: UMA ARTICULAÇÃO ENTRE
PROBLEMA E LEITURA A PARTIR DE DELEUZE E GUATTARRI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação do Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO, a ser apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Filosofia, pela Universidade Federal do Paraná/UFPR e Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/Polo Caicó.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Marcos Érico de Araújo Silva.

**CAICÓ/RN
2020**

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

S237f Santos da Silva, Cosmo

Filosofia do Ensino de Filosofia: uma articulação entre problema e leitura a partir de Deleuze e Guattari. / Cosmo Santos da Silva. - Caicó - RN, 2020.

189p.

Orientador (a): Prof. Dr. Marcos Érico de Araújo Silva.
Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-graduação

Mestrado Profissional em Filosofia). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Filosofia. 2. Ensino. 3. Conceito. 4. Deleuze. I. Silva, Marcos Érico de Araújo. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

COSMO SANTOS DA SILVA

**FILOSOFIA DO ENSINO DE FILOSOFIA: UMA ARTICULAÇÃO ENTRE
PROBLEMA E LEITURA A PARTIR DE DELEUZE E GUATTARRI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação do Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO, a ser apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia, pela Universidade Federal do Paraná/UFPR e Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/Polo Caicó.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Edson Carvalho Guedes
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Prof. Marcos de Camargo Von Zuben
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Prof. Dr. Marcos Érico de Araújo Silva
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha esposa: Aline Keite, pelo incentivo; às minhas filhas: Maria Luiza Rodrigues e Maria Luiza Alves, que Deus sempre as abençoe. Tudo o que faço, faço sempre pensando em vocês!

AGRADECIMENTOS

Neste momento de alegria e satisfação, gostaria de dedicar um agradecimento especial à minha família, na pessoa de minha esposa, Aline Keite da Silva e de minha filha Maria Luiza Rodrigues Santos Silva, pela paciência e incentivo durante todo este tempo. Aos meus ilustres professores do Mestrado Profissional (PROF-FILO), pelos valiosos ensinamentos, sempre dispostos a ajudar e a contribuir para um melhor aprendizado. Um agradecimento especial ao Dr. Marcos Érico de Araújo Silva, meu professor e orientador, sem medir esforços e sempre disponível, teve paciência e dedicação para me acompanhar e orientar, para que eu pudesse concluir da melhor forma possível este trabalho.

Gostaria ainda de agradecer a minha instituição de ensino, a UERN, por ter me concedido o conhecimento necessário que me permitiu chegar ao final desse ciclo de forma satisfatória. Ao Educandário Santa Teresinha, local em que exerço com amor e carinho o trabalho de professor, meu agradecimento, pela parceria e incentivo, sempre buscando o melhor para minha realização profissional. Aos alunos da Terceira Série do Ensino Médio (2019), meu muito obrigado, por ter me ajudado durante a pesquisa, com muito carinho e dedicação.

Aos meus amigos, em especial Dr. José Teixeira Neto, pelo incentivo, por não me deixar desistir deste sonho. A meu amigo e irmão Moacir Dantas, pela ajuda e colaboração.

“O fundamento do tempo é a memória”.
(Gilles Deleuze)

RESUMO

A Filosofia tem muito a contribuir com o desenvolvimento do ser humano, tornando indispensável sua presença no Ensino Médio enquanto instrumento de construção do saber. No entanto, se faz necessário pensar um modo de fazer filosofia que permita o pensar criativo, no qual seja possível despertar o indivíduo para desenvolver uma atitude filosófica. O trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica e do método qualitativo, pautado na pesquisa-ação. Como referencial teórico utilizou-se o texto de Deleuze e Guattari, *O que é a Filosofia?*, que pensa a Filosofia como exercício criativo do pensamento. Busca-se pautar as aulas de filosofia na metodologia de Silvio Gallo. Esta metodologia se afina com a proposta dos pensadores franceses, que pensam a Filosofia como construção de conceitos. Por isso, a proposta visa tornar as aulas de filosofia em oficinas de conceitos, priorizando a sensibilização, a problematização, a investigação e a produção de conceitos, como forma de suscitar o pensamento criativo dos discentes. Nosso objetivo pautou-se em iniciar o discente na experiência do pensamento, por meio da leitura, compreensão de texto, conexão entre filosofia e vida, e produção de textual. Foram estas as nossas metas alcançadas.

PALAVRAS-CHAVES: Filosofia. Ensino. Conceito.

ABSTRACT

Philosophy has a lot to contribute to the development of the human being, its presence in High School as an instrument of construction of knowledge is indispensable. However, it is necessary to think of a way of teaching Philosophy that allows creative thinking, in which it is possible to awaken the individual to develop a philosophical attitude. The work was developed through bibliography research and the qualitative method, based on action research. The text by Deleuze and Guattari, *What is Philosophy?* Was used as a theoretical reference, said book thinks Philosophy as a creative exercise of thought. It seeks to guide the lessons of Philosophy in the methodology of Sílvia Gallo. This methodology is in line with the proposal of French thinkers, Deleuze and Guattari, who think of Philosophy as construction of concepts. For this reason, our objective intention is to transform the Philosophy class in concept workshops, prioritizing awareness, problematization, research and the production of concepts, with the purpose of raising creative thinking in our students. With this, the aim is to initiate the student in thought experience, through reading, text comprehension, establishing connections between reading and life, to finally build new ideas by textual production. These were the goals achieved with our research work.

KEY WORDS: Philosophy. Teaching. Concept.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	A COMPREENSÃO DE FILOSOFIA EM DELEUZE E GUATTARI	17
2.1	A CONCEPÇÃO DE FILOSOFIA EM DELEUZE E GUATTARI	17
2.2	A IDEIA DE CONCEITO PARA DELEUZE E GUATTARI	23
2.2.1	Filosofia, Ciência e Arte: as diferentes formas de criação	28
2.2.2	As características que envolvem os conceitos	32
2.3	PLANO DE IMANÊNCIA.....	35
2.4	PERSONAGENS CONCEITUAIS.....	39
2.5	A GEOFILOSOFIA DE DELEUZE E GUATTARI.....	45
3	A FILOSOFIA DO ENSINO DE FILOSOFIA A PARTIR DE DELEUZE E GUATTARI	49
3.1	A EXPERIÊNCIA COMO INSTRUMENTO DO PENSAR FILOSÓFICO	51
3.2	O ENSINO DE FILOSOFIA A PARTIR DO TEXTO FILOSÓFICO	55
3.3	A LEITURA COMO FERRAMENTA PARA O DESPERTAR FILOSÓFICO	60
3.4	A SALA DE AULA COMO ESPAÇO DE CRIAÇÃO DE CONCEITOS	64
3.4.1	O ensino de Filosofia como oficina de criação de conceitos	66
3.4.2	O ensino de Filosofia a partir da problemática do aluno	70
4	CONSIDERAÇÕES SOBRE A METODOLOGIA DA INTERVENÇÃO	76
4.1	ESTRATÉGIA DA INTERVENÇÃO	78
4.2	DESCRIÇÃO DA METODOLOGIA.....	87
4.2.1	Sensibilização e problematização	88
4.2.1.1	<i>Trabalhando com a sensibilização</i>	89
4.2.1.2	<i>Trabalhando com a problematização</i>	90
4.2.2	Etapa da Investigação	94
4.2.3	Etapa da Conceituação	97
4.3	DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES.....	98
4.3.1	Grupo 1 (Filosofia)	100
4.3.2	Grupo 2 (Felicidade)	102
4.3.3	Grupo 3 (Política)	105
4.3.4	Grupo 4 (Preconceito)	107
4.3.5	Grupo 5 (Meio Ambiente)	109

5	AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES E DOS RESULTADOS	112
5.1	Análise das atividades	115
5.1.1	Análise das atividades coletivas	123
5.1.2	Análise das atividades individuais	125
5.2	AVALIAÇÃO DA METODOLOGIA PELOS ALUNOS	128
5.2.1	Avaliação Do Ensino de Filosofia	131
5.2.3	Avaliação da Metodologia	135
5.3	AVALIAÇÃO DO TRABALHO PELO PROFESSOR	138
5.3.1	Avaliando a experiência de intervenção	138
5.3.2	Avaliando os resultados alcançados	143
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	151
	REFERÊNCIAS	156
	ANEXOS	159
	Anexo A – Textos Tabalhados Durante A Intervenção	159
	- Texto 1: O que é a Filosofia?	159
	- Texto 2: A felicidade como atividade racional	160
	- Texto 3: O homem, “animal político”	161
	- Texto 4: Preconceito.....	162
	- Texto 5: Camponês e marinheiro	164
	Anexo B – Textos Produzidos Em Grupo	165
	- Grupo 1: Filosofia	165
	- Grupo 2: Felicidade	167
	- Grupo 3: Política.....	169
	- Grupo 4: Preconceito.....	171
	- Grupo 5: Meio Ambiente.....	173
	Anexo C – Trabalhos Individuais	175
	- Aluno 01 (Filosofia).....	175
	- Aluno 02 (Filosofia).....	175
	- Aluno 03 (Felicidade).....	175
	- Aluno 04 (Felicidade).....	176
	- Aluno 05 (Política)	177
	- Aluno 06 (Política)	177
	- Aluno 07 (Preconceito)	177
	- Aluno 08 (Preconceito)	178
	- Aluno 09 (Meio Ambiente)	179
	- Aluno 10 (Meio Ambiente)	179
	Anexo D – Perguntas Para Avaliação Da Metodologia	180
	- Aluno A – 18 Anos.....	180
	- Aluno B – 17 Anos.....	180

- Aluno C – 17 Anos.....	181
- Aluno D – 18 Anos.....	182
- Aluno E – 18 Anos.....	183
- Aluno F – 15 Anos.....	183
- Aluno G – 17 Anos.....	184
- Aluno H – 16 Anos.....	185
- Aluno I – 15 Anos.....	185
- Aluno J – 16 Anos.....	186
Anexo E – Ata da Defesa da Dissertação	188
Anexo F – Termo de Autorização	189

1 INTRODUÇÃO

Para que estudar Filosofia se ela não terá utilidade alguma em minha vida profissional? É uma pergunta recorrente entre a maioria dos alunos que frequentam os bancos escolares do Ensino Médio, por considerá-la uma disciplina inútil e, portanto, desnecessária. É possível, então, perceber em nosso contexto atual pouco interesse pela filosofia, pela reflexão e pelo pensamento, pois, estamos mergulhados num mundo onde as imagens provocam certo fascínio, especialmente entre nossos jovens e adolescentes, como também as redes sociais, fazendo com que pensemos a reflexão filosófica como algo desinteressante e sem sentido. No entanto, o desafio consiste na tentativa de motivar nossos estudantes para uma experiência do pensamento, tornando as aulas dinâmicas e criativas, que os permitam vivenciar uma experiência conceitual da Filosofia, transformando a sala de aula num espaço favorável à reflexão, à discussão e à construção de novas ideias. Para isso, precisa que o ensino seja de qualidade, que permita ao discente despertar para a busca do saber. Então, neste contexto, pode dizer que a presença da Filosofia nas escolas de Ensino Médio é fundamental, pois ela permite direcionar nossa atenção para nós mesmos e para o mundo, nos auxiliando na transformação da realidade subjetiva bem como daquela que nos envolve. E, como uma das preocupações apontadas pelas Orientações Curriculares (BRASIL, 2006), diz respeito ao ensino de qualidade, se faz necessário que seu ensino possa despertar no aluno a busca pelo saber e pelo conhecimento e, nesta perspectiva, partir da realidade do aluno é algo essencial, pois é preciso que se leve em consideração a realidade de cada discente, para que ele possa realizar a leitura do mundo à sua volta.

Nas aulas de Filosofia, o discente precisa olhar para a sua realidade e ver nela o solo fértil no qual os problemas e as questões que mais lhe afetam possam ser contextualizadas com os diversos temas elaborados pela história da filosofia. Por isso, partir de práticas filosóficas se faz importante, pois o que se deseja é desenvolver no aluno sua capacidade de problematizar a vida, o mundo, o senso comum, para que ele possa desenvolver uma boa argumentação tendo como referência a tradição filosófica. E, para isso, ainda se faz necessário, considerar a própria definição do que seja Filosofia. Sendo assim, foi escolhida a compreensão de Deleuze e de Guattari,

que defendem a Filosofia como uma disciplina cuja tarefa principal consiste em criar conceitos. Por essa razão, Deleuze e Guattari serão nossos referenciais teóricos neste trabalho. A criação de conceitos enquanto exercício filosófico consiste numa atividade que se realiza ligada ao problema, pois sem este o exercício filosófico se torna inútil e desnecessário. Logo, se faz necessário que as aulas de filosofia possam ser pautadas em problemas, com os quais nossos alunos estão envolvidos em sua vida cotidiana, para que o ensino possa se tornar problematizador. Por isso, ele deve ser pensado e sistematizado de tal forma que os alunos possam estar no centro desta problemática, ou seja, se torne os sujeitos da produção de seus próprios conhecimentos, sendo estimulados para exercitar o pensamento de forma criativa, visto que as questões filosóficas fazem parte da vida cotidiana, precisando, com isso, serem questionadas ou problematizadas. Os filósofos franceses, Gilles Deleuze e Félix Guattari têm uma concepção de Filosofia diferente daquela da tradição, pois sustentam que ela consiste numa disciplina criativa, dinâmica, que tem por tarefa principal a construção de conceitos. Todavia, precisa-se explicar que o sentido de conceito para estes pensadores difere totalmente daquele com o qual estamos acostumados a lidar em nossa compreensão, pois os mesmos a compreendem como uma produção criativa do pensamento. Fazer Filosofia consiste, então, em criar, traçar e inventar, ou seja, ela é uma disciplina que em sua essência cria conceitos, traça planos de imanência e inventa personagens conceituais. Sendo assim, percebe-se que a Filosofia, na visão dos pensadores franceses, tem essa característica que a distingue das demais disciplinas, pois sua função consiste, segundo eles, em criar conceitos, diferenciando da apreciação que se faz dela na estrutura curricular, pois nesta, a filosofia exerce uma função semelhante a qualquer outra disciplina, como por exemplo, decorar, assimilar conteúdos, entre outros.

Então, neste trabalho, a discussão envolve a busca por uma metodologia que permita um ensino de Filosofia atraente e interessante, permitindo que nossos estudantes tenham um olhar diferente para o exercício filosófico, permitindo ver a Filosofia como uma disciplina essencial, que promova a construção de conceitos, respeite a pluralidade de ideias, sem pretensão alguma em impor convicções ou ideologias, e sim, desenvolver neles as potencialidades para construir uma autonomia do pensamento. É na perspectiva do tema “Filosofia no Ensino de Filosofia: uma articulação entre problema e leitura a partir de Deleuze e Guattari” que nos propomos

buscar uma reflexão com a tentativa de encontrar um caminho que torne possível construir um ensino no qual o problema seja o centro desta construção. Mas, para construir tal possibilidade, buscamos responder ao longo deste trabalho a seguinte questão: se a filosofia é uma disciplina que consiste em criar conceitos, será possível, então, aos alunos do Ensino Médio construir seus próprios conceitos? Na verdade, a criação de conceitos se faz por meio de questionamentos, de problemas, de ideias que precisam ser construídas e, quando um filósofo cria um conceito, ele o faz para responder e remeter a um problema. Será possível ao aluno realizar este exercício, uma vez que, neste nível de ensino, nossos alunos não demonstram familiaridade com o texto filosófico? Neste caso, é possível conduzi-lo a uma experiência do pensamento, quando se percebe que grande parte de nossos discentes não se interessa por questões filosóficas? Embora tais dificuldades possam ser detectadas entre a maioria dos alunos que frequentam os bancos escolares de nossas escolas da educação básica, o ensino de filosofia não deve negligenciar aos discentes esta possibilidade. Na verdade, a exigência de criação de conceitos em Deleuze, quando aplicada ao ensino médio, se relaciona à necessidade de conduzir o aluno a uma experiência que o motive a acompanhar como um filósofo cria algum conceito como resposta a um problema. Neste caso, nossa preocupação consiste em não permitir que o ensino de filosofia se transforme em uma mera transmissão de conteúdos, que impede o discente de realizar uma verdadeira experiência do pensamento. Por isso a preocupação em pensar e possibilitar um ensino de Filosofia que seja dinâmico e criativo, permitindo que o aluno realize uma experiência de pensamento tornando-se sujeito desta construção. Isso significa que devemos permitir a nossos jovens e adolescentes o exercício do próprio pensamento não se tratando, com isso, de exigir que eles venham criar conceitos novos, embora não possamos descartar tal possibilidade.

Deleuze e Guattari, em sua obra *O que é a Filosofia?*, trabalham conceitos, como *Plano de Imância*, *Conceitos*, *Personagens Conceituais* e *Geofilosofia*, que podem contribuir à nossa proposta de ensino. Estes conceitos, podem se tornar um instrumento importante em sala de aula, tornando possível o exercício do pensamento, pois eles, além de estabelecer relações entre si, dão consistência ao pensamento filosófico. No entanto, para uma melhor compreensão e o trabalho com estes conceitos junto aos alunos do ensino médio, uma vez que nesta etapa de

ensino, falta experiência entre nossos jovens estudantes no tocante ao desempenho em relação aos problemas filosóficos, propomos como metodologia a proposta de Silvio Gallo que defende ser as aulas de filosofia uma oficina de conceitos. A ideia consiste em fazer com que a partir desta metodologia, os conceitos deleuzo-guattarriano¹, possam ser melhor desenvolvidos. Para facilitar o manuseio dos conceitos filosóficos teremos a sensibilização, a problematização, a investigação e a conceituação, como ferramentas para o exercício do pensamento. Então, partindo dos textos filosóficos, buscando identificar os conceitos, desejamos motivar os estudantes a desenvolver o exercício de buscar o problema, conforme faz um filósofo quando elabora seus conceitos, o que nos leva a inferir que a criação de um conceito sempre remete a um problema, segundo Deleuze e Guattari (2010). Podemos, então, dizer com isso, que os problemas são o sentido da invenção conceitual. Mas, será que é possível partindo de problemas que envolvem a vida cotidiana ensinar a filosofar? A falta de leitura ou o pouco contato com o texto consistirá em uma dificuldade para o exercício da problematização?

Entretanto, se faz necessário explicar que o presente trabalho não tem por finalidade transformar nossos alunos em renomados criadores de conceitos à maneira dos filósofos da tradição filosófica. Mas, em uma prática de ensino, pautada na construção de problemas e na leitura de textos filosóficos, é importante que se construa condições favoráveis para o exercício do pensamento ser desenvolvido e, através dele, pensar e problematizar, possam se tornar uma atividade interessante e prazerosa. E, portanto, sem ser uma falsificação da filosofia num procedimento que se assemelha mais a outros saberes e linguagens. Deleuze valoriza os outros saberes e linguagens, mas defende a especificidade do saber filosófico. Essa especificidade é justamente criar conceitos. Logo, no ensino de filosofia isso não pode ser deixado de lado sob pena de afastar-se do filosófico. Mas, a questão é compreender como se daria a criação de conceitos na filosofia no ensino médio: acompanhar como o filósofo cria conceito, não criar por conta própria um, pois neste nível de aprendizado, é tarefa quase impossível o aluno criar conceitos filosóficos à maneira dos filósofos, uma vez que isso demanda um domínio elevado da tradição filosófica.

¹ No texto, a partir desse momento, sempre que aparecer o termo deleuzo-guattarriano, estaremos nos remetendo à concepção de filosofia desenvolvida pelos filósofos franceses Deleuze e Guattari, na obra *O que é a Filosofia?*

O presente trabalho, entretanto, foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica, tomando por referencial teórico a concepção filosófica de Gilles Deleuze e Félix Guattari trabalhada na obra *O que é a Filosofia?*, onde os mesmos concebem a filosofia como uma disciplina criadora de conceitos e, ainda, no método de análise qualitativa, pautado na pesquisa-ação, com o objetivo de auxiliar o pesquisador no contexto de uma problemática social, examinando e, ao mesmo tempo, apontando seus principais objetivos, buscando impulsionar os participantes a construir e desenvolver juntos novas perspectivas e novos conhecimentos. Desta forma, para uma melhor compreensão sobre o tema a ser pesquisado, dividimos o trabalho em três capítulos.

No primeiro capítulo, busca-se desenvolver a compreensão de filosofia para os pensadores franceses, a partir da análise dos conceitos de Plano de Imanência, Personagens Conceituais, Conceitos e Geofilosofia, trazendo-os para o ensino de filosofia. No segundo capítulo, nos esforçamos por tentar desenvolver um ensino de filosofia pautado numa atividade criativa, conforme sustentam os pensadores franceses, que defendem a filosofia como criação conceitual, transformando a sala de aula num espaço privilegiado de criação. No terceiro capítulo, nossa proposta consiste em descrever a intervenção prática em sala de aula, junto aos alunos da Terceira Série do Ensino Médio, do Educandário Santa Teresinha, com a finalidade de despertar nos alunos o protagonismo na construção do próprio conhecimento. No quarto capítulo, discorreremos sobre a avaliação das atividades e dos resultados alcançados durante a intervenção, tendo como referência a concepção de filosofia dos filósofos franceses. A intervenção parte da compreensão de Filosofia em Deleuze e Guattari, mostrando que fazer Filosofia passa pela criação de conceitos, que se faz por meio de um plano de imanência, articulados por personagens conceituais, que atuam na imanência, na terra, no solo, como o local privilegiado, no qual se torna possível pensar.

Enfim, acreditamos que o contato com o texto filosófico, possa permitir ao discente uma experiência de pensamento, tornando-o capaz de superar as limitações de seu conhecimento, permitindo-o compreender que no universo da filosofia é possível encontrar possibilidades para novos conhecimentos. Além disso, é nossa intenção defender que é possível realizar aulas de filosofia como experiência filosófica, sem transformá-las em momentos de mera transmissão de conteúdos, sem

diálogo com a vida ou com o pensamento dos interlocutores da Filosofia. Por essa razão, o ensino de filosofia deve ser uma filosofia do ensino de filosofia em que não está em questão a reprodução de ideias ou informações, mas o aprendizado de acompanhar, a partir do texto do filósofo, como um conceito (não ideia, verbete) responde a um problema que, por um lado, provocou o filósofo e, por outro lado, também nos afeta e provoca-nos. Nesse sentido, a colaboração do pensamento de Deleuze e Guattari sobre a compreensão da Filosofia como uma atividade criadora, permitirá certamente ao discente descobrir que é possível realizar a partir do contato com o pensamento dos filósofos uma experiência nova, como, por exemplo, despertar o “gosto” pela leitura, pela investigação filosófica. Também é possível descobrir ou experimentar que a Filosofia pode ser uma grande aliada no desenvolvimento de suas potencialidades, pois de uma forma ou de outra, poderá ajudá-lo a falar de seu tempo, a compreender melhor sua realidade, pensar e problematizar os problemas, além de estabelecer um diálogo com a tradição filosófica, para construir respostas e propor soluções aos mesmos.

2 A COMPREENSÃO DE FILOSOFIA EM DELEUZE E GUATTARI

Deleuze e Guattari, filósofos franceses, compreendem a filosofia como uma atividade criativa que gira principalmente em torno de duas ações: construir um plano de imanência e criar conceitos através dos personagens conceituais. Eles opõem essa ideia da filosofia como criadora de conceitos à contemplação (que seria uma atitude passiva frente ao conhecimento), à reflexão, (que não seria o específico da filosofia) e à comunicação, (que buscaria o consenso e não o conceito). O plano de imanência coexiste com o conceito, ele instaura uma imagem do pensamento, que é pré-filosófico, pois só é com a criação de conceitos que aparece o filosófico. Os personagens conceituais são fundamentais para a criação, pois de alguma forma eles acabam se transformando em sujeitos da filosofia, que a partir de um plano de imanência movimenta o pensamento para a criação de conceitos.

A construção deste trabalho é de suma importância, porque traz como objetivo fundamental discutir sobre o significado de filosofia a partir do que pensam Gilles Deleuze e Félix Guattari, tendo em vista a grande contribuição que estes pensadores realizaram, possibilitando uma reflexão que busca explicar de uma maneira bem distinta o significado de filosofia daquela a que estamos acostumados a ter por meio da tradição. Acredito que a compreensão de filosofia construída por intermédio desses filósofos franceses, pode ser de grande importância para pensarmos o sentido e a tarefa da filosofia, especialmente porque, em nossa realidade atual, estamos acostumados a encontrar respostas prontas e acabadas, uma vez que o despertar filosófico deve nos colocar numa postura de movimento e de construção do conhecimento.

2.1 A CONCEPÇÃO DE FILOSOFIA EM DELEUZE E GUATTARI

Em parceria com Félix Guattari, Deleuze em 1991, publicou sua última obra, a saber, *O que é a filosofia?* Nela, procuram pensar aquilo que, segundo eles, só pode ser respondido na velhice, pois a mesma “dá, não uma eterna juventude, mas, ao

contrário, uma soberana liberdade, uma necessidade em que se desfruta de um momento de graça entre a vida e a morte” (DELEUZE, 2010, p. 7), possibilitando uma discussão autêntica, através da qual se propõem em estabelecer um outro sentido para o conceito de filosofia e conseqüentemente o próprio sentido de filosofia.

De alguma forma, o esforço pela busca de um conceito de alguma coisa que se fizeram ao longo da vida parece indicar a questão central da obra dos pensadores franceses e, logo de início, já podemos vislumbrar a preocupação que eles têm em delinear os espaços nos quais irão desenvolver essa importante tarefa, a saber, apontar os caminhos que irão percorrer para definir o que é filosofia, assim, como também buscam mostrar que esse fazer filosofia é uma atitude que atravessa necessariamente suas próprias existências. Por isso, eles tiveram a preocupação em buscar uma definição coerente e autêntica do que realmente é filosofia, após percorrer um longo caminho em suas vidas, depois de terem desenvolvido grande parte de seus trabalhos juntos. E somente assim, puderam responder à questão: O que é a filosofia?

No início de sua obra, Deleuze e Guattari já se preocupam em indicar qual seria a verdadeira finalidade da filosofia: ela é “uma arte de inventar e fabricar conceitos. [...] A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos” (DELEUZE; GUATTARRI, 2011, p. 8). Então, partindo do ponto de vista destes pensadores, podemos ter, então, uma ideia do que realmente a filosofia não é: ela não é, no entendimento deles, contemplação, reflexão e muito menos comunicação. Assim, “a filosofia não contempla, não reflete, não comunica, se bem que ela tenha de criar conceitos para estas ações ou paixões” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 13). Logo, a filosofia ou o ensino de filosofia compreendido como transmissibilidade de informações históricas, melhor, historiográficas, como reprodução das histórias das ideias dos diversos filósofos e correntes de pensamento não faz parte do horizonte de compreensão de filosofia para Deleuze e Guattari. Filosofia ou ensino de filosofia tem sua autenticidade quando conduz à experiência de criação, invenção fabricação de conceitos. É um procedimento que não se concentra na apresentação de um produto final, pronto e acabado, mas que se volta para a experiência artesanal do fazer e confeccionar o conceito.

No entanto, se a filosofia não contempla, não reflete, não comunica, mas é uma atividade que consiste em criar conceitos, então, a compreensão dos filósofos franceses, Deleuze e Guattari, acerca do papel da filosofia é bem diferente daquele

entendimento que está presente em nossa atual LDB (1996). Na LDB a filosofia é pensada como uma disciplina cujo objetivo visa à formação de cidadãos críticos e reflexivos. Então, tomando como referencial o pensamento deleuzo-guattarriano, podemos dizer que não é responsabilidade da filosofia transformar o sujeito ou quem dela se apropriar em sujeitos críticos e reflexivos, e sim, ser uma atividade criativa de produzir conceitos, uma vez que outras disciplinas também podem desenvolver no indivíduo a capacidade crítica e reflexiva. Ora, o que Gilles Deleuze e Félix Guattari pretendem mostrar é que a filosofia possui uma especificidade que consiste fundamentalmente na criação de conceitos. Porém, uma dificuldade se apresenta a partir dessa compreensão, pois como se sabe, nesta fase de ensino, dificilmente um aluno do ensino médio não terá condições de criar conceitos como os filósofos, visto que tal possibilidade exigiria certo domínio da tradição filosófica, coisa que eles não possuem. Nossa intenção não consiste em fazer com que o aluno venha a criar conceitos novos, mas que ele possa estabelecer certa sintonia com os conceitos, percorrendo o passo a passo do pensamento dos filósofos, para poder dialogar com os textos e encontrar neles os elementos conceituais para enfrentar os problemas por ele mesmo investigados. Por isso, a exigência da “invenção, fabricação, criação de conceitos”, deve ser compreendida, então, como o aluno, rompendo com a forma tradicional, em que passivamente recebe as informações, vai fazer a experiência de como um filósofo cria um conceito enquanto encaminhamento de resposta ou solução de um problema que o discente pode sentir também como sendo seu. Desta forma, ao produzir um conceito fruto de sua própria criatividade, o filósofo cria algo que antes não existia e que constitui uma forma de pensamento, que é conceitual.

Nesta perspectiva, o filósofo é apresentado como alguém que é amigo do conceito, mostrando, então, que a filosofia deve ser entendida a partir de um ponto de vista criativo, não sendo passiva diante da realidade, mas que carrega em si uma potência criativa. O amigo, no entender destes pensadores, é um “personagem conceitual”, é alguém que não se acomoda, que está sempre em busca pela sabedoria, que “inventa e pensa o Conceito” (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 9), diferentemente dos sábios antigos que pensavam por meio de figuras, conforme sustentam Deleuze e Guattari (2010). Ao definir o filósofo como “amigo do conceito”, os pensadores franceses assumem a ideia de que a tarefa da filosofia é necessariamente criativa:

O filósofo é amigo do conceito, ele é conceito em potência. Quer dizer que a filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos. A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos. O amigo seria amigo de suas próprias criações? Ou então é o ato do conceito que remete à potência do amigo, da unidade do criador que remete à potência do amigo, na unidade do criador e do seu duplo? Criar conceitos sempre novos é objeto da filosofia. É porque o conceito deve ser criado que ele remete ao filósofo como àquele que o tem em potência, ou que tem sua potência e sua competência (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 11).

Enquanto alguém que busca o saber ou o conhecimento, o filósofo é aquele que estabelece uma relação saudável com essa busca, por isso, ele se torna amigo do conceito, uma vez que a amizade é uma condição fundamental para que o pensamento aconteça, pois ambos, pensamento e amizade começam juntos, sem que tenhamos que pensar que a amizade é um acontecimento que surge anterior ao pensamento. E, portanto, essa amizade como marca da Filosofia, significa que tal relação surge com o próprio pensamento, com o próprio ato de pensar. Quando os pensadores franceses definem o filósofo como amigo do conceito, eles pretendem dizer que necessariamente a tarefa da filosofia consiste em ser um exercício criativo, por isso ela é uma disciplina, nos dizeres destes filósofos, criadora de conceitos. Neste sentido, então, não podemos confundir o filósofo como um sábio a mais, como alguém que sabe tudo, que tem a posse do saber e, caso isso aconteça, estaremos negligenciando o verdadeiro papel da filosofia. Também não devemos classificar os filósofos como “sábios mais modestos”, pois reduziríamos a filosofia a simples tarefa reflexiva, negando que ela possui uma potencialidade para a mudança. O amigo, enquanto personagem conceitual, não apenas substitui o sábio como também testemunha em favor de uma origem grega da filosofia. De acordo com Deleuze e Guattari (2010), enquanto as outras civilizações apresentavam os sábios, os gregos apresentavam esses amigos da sabedoria, a saber: os filósofos.

Quando eles definem a filosofia como “a disciplina que consiste em criar conceitos”, eles não pretendem introduzir a ideia que têm sobre filosofia nos moldes dos conceitos historicamente instituídos ao longo da tradição. Eles procuram mostrar que existe certa tendência entre as correntes de pensamento em continuar sustentando ao longo do tempo que a filosofia consiste em ser uma disciplina que reflete, contempla e comunica. Ora, a filosofia tem uma ação criadora (de conceitos)

e não constitui uma simples passividade frente ao mundo. A criação de conceitos é necessariamente, uma intervenção no mundo, ela é a própria criação de um mundo, afirmam Deleuze e Guattari (2010). E a filosofia não pode ser vista nem como contemplação, nem como reflexão e nem como comunicação. Por isso, eles afirmam ser a filosofia uma ação criadora de conceitos, capaz de intervir no mundo, de forma ativa, sem se tornar uma disciplina passiva diante da realidade. Desta forma, ela não deve ser confundida como uma atividade de contemplação, nem de reflexão e muito menos de comunicação.

A filosofia não é, então, contemplação, pois esta nada tem a ver com a criação de conceitos, e apesar de ser dinâmica, não é criativa. Ela também não é comunicação, uma vez que a comunicação se preocupa somente com o consenso e não com o conceito. Nem tampouco ela é reflexão, já que a reflexão não é algo específico da atividade filosófica, pois, qualquer pessoa poderá desenvolver a capacidade de refletir sobre qualquer coisa, sem precisar ser filósofo. Vejamos o que eles dizem:

Ela não é reflexão, porque ninguém precisa de filosofia para refletir sobre o que quer que seja: acredita-se dar muito à filosofia fazendo dela a arte da reflexão, mas retira-se tudo dela, pois os matemáticos como tais não esperaram jamais os filósofos para refletir sobre a matemática, nem os artistas sobre a pintura ou a música; dizer que eles se tornam então filósofos é uma brincadeira de mau gosto, já que sua reflexão pertence à sua criação respectiva (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 12).

Tomando, então, como referência a compreensão deleuziana, podemos dizer que não podemos identificar a filosofia com nenhuma dessas três características, visto que nem a contemplação, nem a comunicação e nem a reflexão são ações específicas de uma atitude filosófica. A filosofia possui uma característica que é própria de sua atividade, que não pode ser transferida ou vista em outros saberes, que consiste justamente em sua especificidade, a saber, a construção de conceitos. Embora outros saberes possam também demonstrar um caráter criativo, ou seja, apesar de produzirem pensamentos válidos e importantes, não são de natureza da filosofia, pois esta é de natureza distinta. Então, contemplação, reflexão e comunicação mesmo não sendo ações exclusivas da filosofia, pois outros saberes conseguem comunicar, contemplar, refletir, a criação do conceito, por sua vez, próprio e específico da filosofia,

situa-se como elemento possibilitador da reflexão, da contemplação, da comunicação, sem o qual elas não podem existir (cf. DELEUZE; GUATTARI, p. 13). Na verdade, para a realização da reflexão não se faz necessário a filosofia, pois não é preciso esperar pela intervenção do filósofo para realizar tal exercício, conforme sustentam os filósofos franceses. Desta forma, o pintor não precisa do filósofo para pensar sobre a pintura, nem tampouco, um matemático necessita recorrer à filosofia para pensar sobre os problemas que são próprios da matemática. Cada um pode à sua maneira colocar os problemas e as dificuldades inerentes a seus próprios conhecimentos. Então, podemos dizer que o papel do filósofo difere daquele do artista, do cientista, do poeta, pois o que difere o papel do filósofo de outros criadores, estar no fato de que ele cria conceitos. A filosofia, neste sentido, se insere no âmbito da criação do conceito. Por isso, ela não se caracteriza como contemplação, nem reflexão, nem comunicação, conforme ocorre com outros saberes ou ciências. Logo, a criação de conceitos é uma tarefa própria e específica da filosofia e, neste caso, situa-se como elemento possibilitador da reflexão, da contemplação e da comunicação. Porém, a criação conceitual ser uma característica exclusiva da filosofia não a torna superior aos outros saberes, conforme sustentam Deleuze e Guattari:

A exclusividade da criação de conceitos assegura à filosofia uma função, mas não lhe dá nenhuma proeminência, nenhum privilégio, pois há outras maneiras de pensar e de criar outros modos de ideação que não têm de passar por conceitos, como o pensamento científico (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 15).

Portanto, a definição de filosofia desenvolvida por Deleuze e Guattari, – em sua obra *O que é a filosofia?*, – é aquela que insiste em afirmá-la como uma disciplina criadora de conceitos. Podemos, então, perceber o quanto a vida ou a atividade filosófica exige rigidez, o que revela sua característica dinamizadora, que não se cansa, nem se deixa acomodar diante da realidade que nos cerca, o que faz dela ser sempre uma atividade criadora. Por isso, os filósofos franceses a apontam como “a disciplina que consiste em criar conceitos [...]. Criar conceitos sempre novos é o objeto da filosofia” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 13). Sendo assim, diante do que fora exposto podemos nos perguntar: mas que conceito é esse que atravessa toda a filosofia de Deleuze e Guattari e permeia a obra e o próprio conceito de filosofia desenvolvido por seus autores? O que deseja ser esse conceito? Como o mesmo se

define? Mas, se a atitude filosófica consiste em criar conceitos, se faz necessário perguntar filosoficamente: o que é um conceito?

2.2 A IDEIA DE CONCEITO PARA DELEUZE E GUATTARI

A ideia de filosofia construída por Gilles Deleuze e Félix Guattari que podemos perceber de maneira explícita em sua obra *O que é a filosofia?* é aquela que nos apresenta a filosofia como uma atividade que consiste em criar conceitos. Pelo menos é essa a noção que temos quando nos debruçamos sobre sua obra e entramos em contato com o seu pensamento. Compreender a atividade filosófica como criação de conceitos, implica reconhecer que ela é criadora, à medida que busca manifestar uma nova força que ainda não existe, mas que pode vir a existir, uma vez que o conceito possui dinamismo e não é estático, está sempre em movimento, cabendo, portanto, a cada filósofo imprimir a sua marca, como uma espécie de assinatura, que é impressa pelo seu criador. Esta ideia está presente no pensamento de Roberto Machado, que afirma:

O pensamento filosófico é criador porque faz nascer alguma coisa que ainda não existia, alguma coisa nova, uma singularidade. E neste sentido pode-se dizer que os conceitos são assinados, têm o nome de seu criador: ideia remete a Platão, substância a Aristóteles, cogito a Descartes, mônada a Leibniz, condição de possibilidade a Kant, duração a Bérgrson (MACHADO, 2010, p. 8).

Partindo dessa compreensão, podemos nos perguntar, tendo como base Deleuze e Guattari: de que valeria, então, “um filósofo do qual se pudesse dizer: ele não criou um conceito, ele não criou seus conceitos?” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 12). O conceito é a assinatura do filósofo, como por exemplo, a substância de Aristóteles, o *Cogito* de Descartes, etc. Sem eles a criação filosófica não teria sentido, pois a atividade filosófica é criativa

Contudo, é importante salientar que a compreensão de conceito que se faz presente no trabalho dos pensadores franceses não se encaixa nos moldes de definição com os quais estamos acostumados, pois, a ideia que fazemos de conceito está relacionada com a definição do que seja um determinado objeto, isto é, conferir,

corresponder significações que lhe são pertinentes de acordo com os nossos conhecimentos adquiridos. Por isso, não é fácil definir conceito nos moldes deleuziano, não há uma receita fácil, uma vez que não existem conceitos simples, nem tampouco eles podem ser encontrados com facilidade, pois os mesmos precisam ser criados.

Ordinariamente, no cotidiano da *práxis* do magistério filosófico, os conceitos dos filósofos são trabalhados ou ensinados como verbetes de dicionário, isto é, como definições, feitas, prontas e acabadas. Isto leva a pensar que conceitos são reproduções de informações acerca de temas filosóficos ou que explicam toda uma contextualização histórica. Mas, como estamos explicitando, a partir de nosso Referencial Teórico, conceito porta uma dinamicidade, uma singularidade impossível de acontecer ou suscitar nas fórmulas, receitas dos vários “ismos” (realismo, vitalismo, existencialismo, idealismo), etc.

Ora, para precisar isto que acabamos de enunciar e, assim, corroborar essa compreensão de “conceito” com sentido muito distinto ao senso comum do magistério filosófico, no qual em sua transmissibilidade do conteúdo impera muitas informações e autores, Deleuze e Guattari (2010, p. 11-12), escrevem:

Os conceitos não nos esperam inteiramente feitos, como corpos celestes. Não há céu para os conceitos. Eles devem ser inventados, fabricados ou antes criados, e não seriam nada sem a assinatura daqueles que os criam. Nietzsche determinou a tarefa da filosofia quando escreveu: os filósofos não devem mais contentar-se em aceitar os conceitos que lhes são dados, para somente limpá-los e fazê-los reluzir, mas é necessário que eles comecem por fabricá-los, criá-los, afirmá-los, persuadindo os homens a utilizá-los.

Como podemos observar, não devemos tomar um conceito como algo pronto e acabado ou como uma coisa que se encontra com facilidade em qualquer lugar. Isto tem um alcance crítico que abala a estrutura do senso comum do magistério filosófico! Assim, fazendo uso do pensamento netscheneano, Deleuze e Guattari, sustentam que o filósofo jamais deve se contentar em aceitar os conceitos com facilidade, sem antes se esforçar para criá-los ou reinventá-los. Os conceitos precisam, – conforme atestam os franceses –, ser elaborados ou criados, por isso, eles necessitam da assinatura de quem os criam, daí que o conceito se relaciona diretamente com o filósofo, que eles chamam de “amigo do conceito” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.

10). Sendo assim, cabe ao filósofo ser o grande artesão, ou seja, o responsável por impulsionar o movimento para a construção dos conceitos, tendo sempre em mente que não deve aceitá-los “de mão beijada”, mas está sempre disposto a criá-los ou reinventá-los de forma criativa, mesmo sabendo que sua construção não é fácil, pois não “há conceito simples. Todo conceito tem componentes², e se define por eles. Tem uma cifra. É uma multiplicidade, embora nem toda multiplicidade seja conceitual” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 23), nos dizeres dos filósofos franceses.

O conceito não é algo que se encontra isolado, sozinho, mas está posto em conjunto ao lado de outros componentes que o circunda, por isso, se faz necessário que o filósofo, enquanto “amigo do conceito”, saiba dominar a arte da criação de conceitos. Eles não surgem do nada, possuem uma história e componentes que podem ser tomados como conceitos e, sendo criados, jamais podem surgir do nada. “Podemos encontrar num conceito, pedaços ou componentes vindos de outros conceitos, que respondem a outros problemas” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 26), o que corrobora a ideia de que não existe conceito simples, mas que o mesmo é formado a partir de uma multiplicidade de situações e, por isto, não surge do nada, é uma heterogênese. Em seu livro *O que é a filosofia?* Deleuze e Guattari explicam que o conceito de pássaro “não está em seu gênero ou espécie, mas na composição de suas posturas, das suas cores e cantos” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 28), o que justificaria a heterogênese do conceito, na compreensão do filósofo francês, mostrando assim que ele é ordenado por vários componentes e está em estado de sobrevoo com relação a estes, mas sem nenhuma distância, passa e repassa por eles. Heterogênese, portanto, significa que o conceito possui uma multiplicidade, uma diversidade, como por exemplo, o conceito de pássaro, que Segundo Deleuze e Guattari, “não está em seu gênero ou espécie, mas na composição de suas posturas, de suas cores e de seus cantos” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 28).

Por outro lado, o conceito também não é um acontecimento que surge do nada, mas é algo que remete a um ou a mais problemas, sem os quais ele não existiria. Todo conceito é criado a partir de problemas, de acordo com Deleuze e

² Em Deleuze e Guattari, os conceitos são formados por componentes, que por sua vez, se agrupam em zonas de vizinhança. Um exemplo disso seria o conceito de cogito em Descartes. Este conceito é composto por três componentes: duvidar, pensar e ser. Estes três elementos, portanto, constitui um conceito.

Guattari (2010). E, mesmo o conceito sendo sempre um acontecimento singular ele nunca será encontrado sozinho, pois carrega sempre consigo elementos de outros conceitos. A definição que Aristóteles confere ao homem como animal racional, por exemplo. Se quisermos saber o que é o homem, devemos saber o que significa animal e racional. Logo, podemos observar que o conceito carrega um devir, de tal forma que ele nunca pode ser visto isolado, uma vez que um conceito remete sempre a outro. O que acontece, na verdade, é um processo que envolve recortar, demarcar e delimitar um novo problema, no qual o conceito possa assumir novas formas. Este processo ocorre de forma contínua. Por isso, de um modo ou de outro, se não houver problemas, a criação conceitual se torna uma atividade difícil de acontecer, uma vez que os conceitos são formados a partir da solução dos problemas. Mas, se os conceitos são elaborados a partir de problemas, qual seria, entretanto, a necessidade ou a razão de criá-los e por que eles seriam necessários?

Na verdade, os filósofos franceses buscam mostrar que a criação de conceitos é essencial porque eles são inventados ou criados tendo em vista a solução de problemas. Sendo assim, um conceito nunca surge do nada e nem é criado por acaso, pois o mesmo carrega consigo uma origem, possui uma história, uma vez que não são elaborados de qualquer maneira. Afinado como os filósofos franceses, Silvio Gallo (2012), adota, também, a ideia de que é a partir de problemas que o conceito é construído, por isso ele propõe a possibilidade de se ensinar filosofia caracterizando-a como atividade de criação de conceitos. E ainda pontua que, a partir do texto filosófico, buscando identificar os conceitos, é possível criar o exercício de buscar o problema que faz com que o filósofo elabore seus conceitos. Então, fundamentando-se nos filósofos franceses, Silvio Galo, comunga o mesmo pensamento de que “todo conceito remete a um problema” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 24).

Podemos, no entanto, perceber na filosofia deleuzo-guattariana, um distanciamento da ideia de conceito como definição. Isso significa que os filósofos franceses pretendem combater aquela ideia de que “o conceito foi sempre tomado como um dado já posto ou estabelecido, algo que não precisa ser explicado”, conforme lembra Vitkowiski (2017, p. 76). Por isso, ao se reportar ao pensamento de Nietzsche, Deleuze e Guattari (2010), lembram que os conceitos não devem ser

encarados como uma realidade que se encontra com facilidade, que ao se deparar com eles, basta apenas podá-los ou limpá-los para que comecem a brilhar. Para eles, é necessário que os conceitos “sejam inventados, fabricados ou antes criados” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 11). Sendo assim, Deleuze nos ensina que a Filosofia não é uma simples arte de refletir, de contemplar, de comunicar definições e informações, pois este procedimento à semelhança de produtos que encontramos de forma pronta ou acabada não opera na dinâmica viva da invenção, fabricação ou criação do conceito. Ela é, então, a disciplina cuja atividade consiste em criar conceito sempre novo, pois “o conceito pertence a filosofia e só a ela pertence” (DELEUZE; GUATTARI, p. 42). Ora, essa especificidade ou singularidade da filosofia no proceder por criação de conceitos, sem quem outro saber tenha esta peculiaridade, deve necessariamente guiar e motivar o autêntico magistério filosófico. Essa é a passagem do Ensino de Filosofia, enquanto senso comum do magistério filosófico, para a filosofia do ensino de filosofia.

Os filósofos franceses destacam, pois, a singularidade da criação filosófica. O que os leva a revelar um primeiro princípio da atividade filosófica, mostrando que a toda criação carrega consigo uma singularidade, assim como o conceito e o “primeiro princípio da filosofia é que os Universais não explicam nada, eles próprios devem ser explicados” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 13). Eles realizam, assim com isso, uma distinção entre singularidade e universais, apontando, então, para uma primeira característica em relação à sua compreensão de Filosofia, que é concebê-la como criação de conceitos. Diante dessa distinção um espanto filosófico espontaneamente vem à tona: mas, – a velha filosofia perguntaria –, porque eles não aceitam os universais? O que está por traz dessa atitude? A intenção em negar a importância dos universais, talvez, justifica-se pelo fato de que a Filosofia tenha por finalidade criar e inventar.

Ele, o conceito, cria sempre o novo onde algo não existe. Então, “pensar é experimentar, mas a experimentação é sempre o que se está fazendo – o novo, o notável, o interessante, que substituem a aparência de verdade e que são mais exigentes que ela” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 133), por isso, ele, isto é, o conceito é singular. Portanto, entre Ciência, Arte e Filosofia existe uma diferença no que tange a sua atividade, ou seja, no que diz respeito as diversas formas de produzir pensamentos.

2.2.1 Filosofia, Ciência e Arte: as diferentes formas de criação

Deleuze, em sua última obra, escrita em conjunto com Félix Guattari, estabelece entre Ciência, Arte e Filosofia uma diferença no que se refere à finalidade própria de cada uma. Sendo assim, não há entre elas uma hierarquia ou dependência; Deleuze e Guattari não confirmam uma superioridade da Filosofia em relação a Arte e a Ciência, apenas salientam para o que cada uma delas constroem. Cabendo, portanto, a Ciência produzir funções, a Arte criar perceptos e afectos e, a Filosofia, por sua vez, criar conceitos, sendo esta criação, exclusiva da Filosofia. Portanto, é possível perceber, a partir do que pensam os filósofos franceses, no tocante à função de cada um desses saberes, certa distinção, pois eles não se identificam, uma vez que cada um cria diferentemente da Filosofia.

Na verdade, ao falar de criação de conceitos, pretende-se dizer com isso que tal atividade é exclusiva da Filosofia. Embora Ciência seja uma atividade criativa, ela não cria conceitos, como também a Arte não realiza tal construção. Sendo assim, a criação de conceitos torna-se um exercício específico da atividade filosófica, mesmo que a Ciência e a Arte sejam portadoras de uma potência criativa, elas, ao contrário, produzem outras coisas, mas não criam conceitos. Podemos, então, afirmar, que de certa forma existe algo em comum entre Filosofia, Ciência e Arte, pois elas se encontram no mesmo patamar, ou seja, todas elas produzem alguma coisa. No entanto, a criação filosófica é singular, uma vez que ela não cria à semelhança da Ciência e da Arte. Por outro lado, não é possível dizer que exista entre as diversas atividades hierarquia ou privilégio de uma em detrimento de outra no que se refere ao ato de criação, pois tanto na Arte quanto na Filosofia existe uma atividade criadora, mesmo que elas criem de forma diferentes.

No entanto, ao buscar estabelecer uma distinção entre o que produz a Filosofia, a Ciência e a Arte, Deleuze e Guattari estão, na verdade, pensando em delimitar o campo de atuação de cada um desses saberes, mostrando que o ato de criação está presente em cada um deles, embora este ato seja realizado de forma diferente. Segundo os filósofos franceses, todos os saberes produzem pensamentos. É um exercício realizado pela Filosofia, Arte e também pela Ciência. Porém, tal exercício não deve ser visto como uma atividade exclusiva da Filosofia, pois, como se

sabe, outros saberes também realizam pensamentos. Embora todas essas formas, na filosofia de Deleuze e Guattari, sejam formas de pensamento, existe uma distinção bastante nítida entre esses pensadores no que diz respeito àquilo que caracterizam esses diversos saberes. Aliás, sobre esta diferença, pontua o pensador Roberto Machado:

Deleuze explicitou a distinção das formas de criação que caracterizam os vários saberes, assinalando o fundamental da diferença constitutiva da filosofia: a criação ou a produção de conceitos — A filosofia se ocupa de conceitos; ela os produz, os cria. A pintura cria um determinado tipo de imagens, linhas e cores. O cinema cria outro tipo de imagens, imagens-movimento e imagens-tempo; O que me interessa são as relações entre arte, ciência e filosofia. Não existe privilégio de uma dessas disciplinas sobre as outras. Cada uma delas é criadora. O verdadeiro objeto da ciência é criar funções, o verdadeiro objeto da arte é criar agregados sensíveis e o objeto da filosofia é criar conceitos (MACHADO, 2009, p. 14).

Os filósofos franceses colocam, então, todos esses saberes no mesmo nível, mesmo que entre eles exista diferença na forma como esses saberes produzem pensamentos. A Filosofia cria pensamentos, criando conceitos. A Ciência cria pensamentos, criando funções. A Arte, por sua vez, produz pensamentos, criando sensações³. Na verdade, quando ela cria sensações, ela cria perceptos e afectos. Ao falar do exercício criativo da Arte, Deleuze e Guattari, estabelecem uma distinção entre percepção e perceptos, entre afecto e afeto. Eles buscam, então, com isso explicar que a arte consegue com sua criatividade dá consistência, por exemplo, às nossas percepções. Deste modo, as percepções que eu experimento no dia a dia – como, por exemplo, ao observar uma linda paisagem, o mar, as montanhas, ou um encontro com uma pessoa especial – se acabam comigo. Porém, a Arte, por meio de um artista, um músico ou um poeta, conseguem transformar essas coisas em perceptos. Ela consegue, portanto, dá consistência, solidificar, eternizar as percepções passageiras, transformando-as em perceptos e afectos. Então, todas essas formas de pensamentos não se identificam, porque em todas o ato de criação se dá de forma diferente. No caso da Ciência, temos as funções; na Arte, as sensações, com perceptos e afectos. E, por sua vez, a Filosofia cria conceitos. Deste

³ Sensações tem sentido aqui como algo que engloba o que Deleuze e Guattari chamam de perceptos e afectos.

modo, não somente o cientista ou o artista são criadores, o filósofo também é um criador, cujo ato de criação é diferente.

Então, podemos afirmar que a ciência não precisa da Filosofia para elaborar suas construções de pensamento, uma vez que ela mesma tem condições de responder as próprias perguntas que ela faz e, assim, também a arte. Na verdade, o que Deleuze e Guattari desejam mostrar é que o pensamento não é uma atividade exclusiva da Filosofia, pois tanto a Ciência quanto a Arte também exercem tal atividade, conforme diz Machado (2009, p. 13): “o pensamento não é um privilégio da filosofia: filósofos, cientistas, artistas são antes de tudo pensadores”. A Filosofia, cria, inventa, elabora conceitos e, através de sua faculdade de criar, ela é capaz de fazer surgir algo que antes não existia. É nisto que consiste a genialidade filosófica ou a genialidade do filósofo. A Filosofia não encontra os conceitos prontos. Eles não são coisas que podemos encontrar com facilidade nas prateleiras de um supermercado, de uma farmácia, por exemplo. Por isso, eles precisam ser inventados, elaborados, criados. A Filosofia, a Arte e a Ciência criam, fabricam. Mas cada um tem uma criação específica. Esta, portanto, é a diferença que existe entre elas. Aliás, em relação a isso, Adriane Cavalcante afirma que:

Filosofia, ciência e arte correspondem às três formas segundo as quais o pensamento se realiza, ou os três modos do conhecimento autêntico. Elas se distinguem pelo “campo” ou “plano” específico que delimitam no interior do pensamento e pelos seus elementos atuantes em cada plano: “plano de imanência” da filosofia, em que os elementos são os conceitos e os “personagens conceituais”; “plano de composição” da arte, cujos elementos são as sensações e as “figuras estéticas”; e “plano de referência” ou “coordenadas” da ciência lógica, com suas funções ou “proposições referenciais” e observadores parciais (CAVALCANTE, 2006, p. 17).

Partindo, então, da referida citação, podemos dizer que é possível pensar de diversas formas, como, por exemplo, por conceitos, por funções, por sensações. No entanto, a Filosofia possui certa singularidade que a torna especial, ou seja, ela não cria como cria a arte, nem como a ciência, cuja criação também é diferente, mas nem por isso podemos dizer que a Filosofia é superior à ciência ou a arte, uma vez que todas elas são formas pelas quais os conhecimentos são construídos. Ora, Filosofia se caracteriza em criar ou produzir conceitos; a Ciência tem por ocupação ou objetivo

criar funções e a Arte, por sua vez, em cria afectos e perceptos. Segundo os pensadores franceses,

A ciência não tem por objeto conceitos, mas funções que se apresentam como proposições nos sistemas discursivos. Os elementos das funções se chamam functivos. Uma noção científica é determinada não por conceitos, mas por funções ou proposições (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 139).

Ao contrário da Filosofia, a Ciência não tem por preocupação criar conceitos, embora criar seja uma característica da ciência, porém, ao criar ela cria funções e proposições. É nisso que consiste a diferença entre o ato de criação da Filosofia e da Ciência. Como se vê, os filósofos franceses ao pensarem sobre o campo de atuação da Filosofia e da Ciência têm sempre o cuidado em delimitá-lo, para que possa oferecer a cada um o que realmente lhe pertence, visto que ambas possuem objetos de criação diferentes. Por isso, a Filosofia inventa um plano de imanência que lhe permita a criação conceitual e os personagens conceituais, que são os responsáveis por construir os conceitos. Por outro lado, a Ciência para criar funções e proposições, constrói o plano de referência e observadores espaciais, que lhe permita refletir e comunicar.

Então, é possível perceber, que em Deleuze e Guattari, a Filosofia se caracteriza essencialmente por possuir essa capacidade criativa. Por isso, ela precisa ser vista como um exercício do pensamento e pensar implica criar, inventar. Sendo assim, o exercício da leitura e do pensamento sobre os filósofos não deve se limitar ao trabalho de um historiador da Filosofia, mas precisa ser uma atividade criadora, que permita estabelecer relações entre os conceitos que o filósofo produz com a realidade de quem lê uma determinada obra filosófica. É preciso que o ato de criação estimule o pensamento a criar ou a recriar a partir da vivência do sujeito novas ideias, novos pensamentos ou novos conceitos, caso contrário, debruçar-se sobre a história da Filosofia, como afirmam Deleuze e Guattari, pode se tornar uma ideia desinteressante, “se não se propuser a despertar um conceito adormecido, a relançá-lo numa nova cena, mesmo a preço de voltá-lo contra si mesmo” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 101).

Portanto, aqui, como em diversos lugares, ao evidenciar a ideia de filosofia como criação de conceitos, entra em questão o problema da transmissibilidade da

filosofia quando esta é compreendida como simples reprodução de definições e informações historiográficas dos autores ou épocas. O Ensino de Filosofia a partir da filosofia deleuzo-guattarriana necessariamente transubstancia-se em uma Filosofia do Ensino de Filosofia. O senso comum do magistério filosófico perde sua arrogante e infundada autoridade em virtude da presença autêntica do verdadeiro magistério filosófico: criação de conceitos.

Enfim, seja na Filosofia, na Ciência ou na Arte, o exercício de construção não é uma tarefa fácil de se realizar, exige tempo e paciência, porque elas são campos totalmente diferentes e, embora exerçam uma atividade semelhante, elas lidam com problemas diferentes. Na Filosofia, na Ciência e na Arte existe uma especificidade: cada um desses saberes, procura à sua maneira, responder de forma independente, seus próprios problemas. Apesar disso, no final das contas, todos eles, filósofos, cientistas e artistas, estão sempre se esforçando, cada um à sua maneira, a dar consistência às criações que cada um realiza.

2.2.2 As características que envolvem os conceitos

Os filósofos franceses compreendem a atividade filosófica, ou seja, o modo de fazer filosofia, distinto daquele que estamos acostumados a perceber na tradição filosófica, como, por exemplo, de considerar a verdade como uma realidade que possui em si mesma uma representatividade que não precisa ser questionada. Isto pelo fato que na tradição filosófica, o conceito é sempre pensado como universal. Por isso, Deleuze o defende como um acontecimento singular. Contudo, criar conceitos não significa produzir verdades fixas e imutáveis, então, Deleuze pensa uma Filosofia imbuída de um dinamismo, que está sempre em movimento, em construção, sempre buscando construir o novo, um pensar que se renova e que está aberto para novas conceituações. Talvez, seja este caráter da multiplicidade do qual a filosofia está inscrita, que motivou o filósofo Nietzsche, segundo Deleuze e Guattari (2010), a chamar a atenção para a atividade filosófica, ao orientar os filósofos a não se conformarem com verdades, com conceitos prontos e definidos, mas com um exercício do pensar que os motivem a estarem abertos ao exercício criativo do pensamento.

Os conceitos, na perspectiva deleuzo-guattariana, não são criados do nada, eles nascem de um ato criador, que somente a Filosofia pode realizar. Sendo assim, eles apontam algumas características apresentadas pelos conceitos, que nos permitem compreender melhor, sua composição enquanto criação filosófica. Ora, Deleuze e Guattari, sustentam que todo conceito remete a um problema, possui uma história, tem um devir, é um incorpóreo e, ao mesmo tempo, ele é absoluto e relativo. Podemos perceber com isso, que o conceito enquanto produto de uma atividade filosófica, possui em si mesmo uma qualidade dinâmica, pois, ele é criado não para ser estático, por isso ele sempre vislumbra novos horizontes de pensamento, estar sempre disposto a construir ou inventar coisas novas.

Sustentar que todo conceito remete a um problema, significa dizer que o mesmo não nasce do nada, mas que sem uma relação com a existência de um ou mais problemas sua existência não teria sentido. Por outro lado, quando eles afirmam que o conceito carrega consigo uma história significa que o filósofo não cria o conceito do nada, ele carrega uma história, mesmo que essa história se “desdobre em ziguezague” ou “cruze talvez com outros problemas ou outros planos diferentes” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 26). Por exemplo, se partirmos da compreensão deleuziana, podemos dizer que, o conceito de ideia presente no pensamento platônico carrega uma história, que remete à busca dos pré-socráticos em definir uma substância primordial que explicasse a origem de tudo, que por sua vez, vai também recair no conflito de ideias entre Parmênides e Heráclito, os quais sustentam posicionamentos distintos em relação ao ser. Enquanto Parmênides sustenta que o ser é imóvel, Heráclito afirma que a realidade está em constante mudança. E, Platão, por sua vez, vai buscar harmonizar esse conflito, ao idealizar a existência de dois mundos: o mundo sensível, da mudança, das transformações, que é o mundo no qual habitamos, e o mundo inteligível, que consiste no mundo das formas, das ideias perfeitas, eternas e imutáveis, onde tudo permanece e não existe espaço para a mudança. Sendo, então, a filosofia uma atividade criadora, logo, existe nela um movimento que está sempre permeando o ato de criação, de modo que, o pensar na filosofia implica um devir e, embora os conceitos pertençam a ela e possam ter histórias diferentes, como a *ideia* de Platão, a *mônada* de Leibniz, eles precisam manter-se sempre em movimento, provocando transformações, por isso, é tarefa da

filosofia, ou melhor, do filósofo fazer com que eles jamais percam sua mobilidade nem sua consistência.

Deleuze e Guattari ainda sustentam que os conceitos possuem uma natureza incorporal, porém, eles querem com isso, dizer que eles se situam na ordem dos acontecimentos, ou seja, eles não se referem a coisas ou a corpos, “embora se encarne ou se efetue nos corpos” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 29). Na verdade, os conceitos falam sempre dos acontecimentos⁴ e nunca das coisas propriamente ditas, por isso eles não se confundem com os estados de coisas com os quais se efetuem. O conceito ainda apresenta outro elemento importante que constitui uma de suas características, o qual conforme o pensamento deleuziano, é seu caráter relativo e absoluto. De acordo com eles, o conceito é:

[...] relativo a seus próprios componentes, aos outros conceitos, ao plano a partir do qual se delimita, aos problemas que se supõe deva resolver, mas absoluto pela condensação que opera, pelo lugar que ocupa sobre o plano, pelas condições que impõe ao problema. É absoluto como todo, mas relativo enquanto fragmentário. É infinito por seu sobrevoos ou sua velocidade, mas finito por seu movimento que traça o contorno dos componentes (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 29-30).

A tarefa da Filosofia se concretiza na construção de conceitos e esta, por sua vez, tem como ponto de partida para sua realização o problema. Nesta dinâmica de construção, cada conceito realiza sempre um corte no caos, para, então, assumir novos contornos. Desta forma, ele é um todo, uma vez que totaliza em suas articulações e superposições os seus componentes, embora seja um todo fragmentário. No entanto, ele também possui, ao mesmo tempo, um caráter absoluto e relativo. Neste caso, ele é relativo, porque remete a seus componentes e a outros

⁴ Deleuze e Guattari, compreende o conceito num plano de relações com os acontecimentos. Este plano de relação do conceito com o acontecimento é um elemento que surge da imanência. A noção de acontecimento é fundamental para a compreensão de conceito em Deleuze. O acontecimento é da ordem do encontro entre os corpos, no entanto, ele não é o corpo. Ele, na verdade, é o resultado do encontro entre os corpos. Mas, quais corpos? Todos os corpos; tudo o que é corpo que se encontra com outro corpo. Neste sentido, devemos compreender um corpo por meio de sua capacidade de afetar e ser afetado, visto que qualquer corpo possui capacidade de ser afetado e também de afetar outro corpo. Portanto, acontecimento não se trata de estados de coisas, de identidades fixas, de qualidades, e sim, de algo que nos remete para outra coisa, um efeito, uma marca, como a cicatriz que faz pensar na ferida. Os acontecimentos, entretanto, não são corpos, não são qualidades nem propriedades. Eles se relacionam aos problemas e, com isso, estão na origem da construção conceitual, fundamentando o fazer filosófico.

conceitos, como também se torna relativo aos problemas aos quais se dirige. Por outro lado, ele adquire um ar de absoluto, porque permite a possibilidade de resposta ao problema. Portanto, ele é absoluto em relação a si mesmo e relativo em relação ao seu contexto.

A grande novidade trazida pela Filosofia deleuziana ao pensamento se dá, na verdade, porque Deleuze e Guattari foram capazes de elaborar uma Filosofia dinâmica. A Filosofia é sempre posta em movimento, permitindo trabalhar a potencialidade que está em cada sujeito. Destarte, o filósofo não é mais visto como alguém que fundamenta o seu conhecimento em conceitos que estão postos na realidade, mas como um sujeito que constrói e inventa, não se conformando com o que está pronto e, sim, como alguém que enfrenta o caos, que não se torna passivo, mas que se esforça por construir novas ideias. Na Filosofia, portanto, se alguém não cria não pode ser considerado filósofo, pois criar, é uma qualidade intrínseca ao pensamento filosófico.

Mas, para o pensamento deleuzo-guattariana, o conceito não existe sozinho. Para que ele possa existir, se faz necessária a presença de um plano, no qual ele possa ser criado. Este plano, por sua vez, é aquilo que Deleuze e Guattari chamam de plano de imanência, que constitui a base e o horizonte no qual os conceitos são inventados, fabricados ou construídos. Portanto, conceitos e plano de imanência nascem juntos e, com isso, a presença de um implica necessariamente a existência do outro.

2.3 PLANO DE IMANÊNCIA

A reflexão acerca do plano de imanência é o objeto de investigação que se encontra na segunda parte da obra escrita pelos pensadores franceses. Mas, qual é a sua importância para a Filosofia de Deleuze e Guattari? Sua importância se dá pelo fato dele ser o plano de consistência dos conceitos. Criar conceitos na concepção de Deleuze e Guattari, não significa elaborar verdades fixas e imutáveis. Eles, ou seja, os conceitos, nos dizeres dos filósofos franceses “não são ideias que seguem regras sistemáticas de organização” (CRUZ; MOSTAFA, 2009, p. 15). No entanto, para que

aconteça a produção de conceitos, a criação de um plano de imanência se torna uma exigência fundamental.

Na verdade, ele não é um conceito, mas o fundo a partir do qual os conceitos se instauram, ou seja, é o plano no qual os conceitos serão elaborados. Por isso, ele é essencial para que a produção filosófica possa acontecer, uma vez que os filósofos franceses concebem a Filosofia como uma atividade criativa de conceitos. Sendo assim, o plano de imanência é, ao mesmo tempo, solo e horizonte da produção conceitual. De acordo com Schopke:

[...] um conceito não pode ser completamente entendido fora do plano que lhe dá consistência e vida própria, apesar de que se deve ter cuidado para não confundi-lo com o próprio plano. O conceito não existe fora dele, embora possa ser distinto dele. O conceito é como um raio que corta o céu cinzento; o raio não é o céu, mas também não existe fora desse mesmo céu. Na verdade, um não pode ser visto sem o outro, ainda que sejam distintos um do outro (SCHOPKE, 2004, p.139).

Desta forma, percebe-se uma estreita relação entre conceito e plano de imanência, de modo que não podemos separar um do outro e nem tampouco, podemos afirmar que o plano de imanência é um conceito. Sendo assim, não é possível confundir o conceito e o plano de imanência ou vice-versa, uma vez que só podemos pensar a existência do conceito a partir do plano e só existe o plano povoado de conceito. Mas, como podemos fazer a distinção entre um e outro? Segundo Deleuze e Guattari (2010, p. 46), “os conceitos são acontecimentos, mas o plano é o horizonte dos acontecimentos, o reservatório ou a reserva de acontecimentos puramente conceituais”. Deste modo, o plano é a movimentação infinita, enquanto o conceito seria o movimento finito, possuindo movimentos finitos em uma velocidade infinita. Ainda que não possamos confundir plano de imanência com conceito, Deleuze e Guattari (2010, p. 52), sustentam que ambos nascem juntos dentro da produção filosófica:

A filosofia é ao mesmo tempo criação de conceito e instauração do plano. O conceito é o começo da filosofia, mas o plano é sua instauração. O plano não consiste evidentemente num programa, num projeto, num fim ou num meio; é um plano de imanência que constitui o solo absoluto da filosofia, sua Terra ou sua desterritorialização, sua fundação, sobre os quais ela cria seus conceitos. Ambos são necessários, criar os conceitos e instaurar o plano, como duas asas ou duas nadadeiras.

Então, ao afirmar que a filosofia é a disciplina que consiste em criar conceitos, Gilles Deleuze e Félix Guattari (2010), estão querendo dizer que na filosofia se faz presente uma atividade de criação, de recriação, de renovação e de atualização dos conceitos. Desta forma, os filósofos nos dizeres dos filósofos franceses devem trabalhar com um plano de imanência, que seria o solo no qual eles podem fazer uso dos conceitos já elaborados por outros filósofos, recriá-los, atualizá-los, moldá-los, criando um pensamento novo. Deste modo, a Filosofia cria novos significados para o mundo, transforma a si mesma e, por sua vez, permite que o pensamento possa estar em movimento, sempre criando.

Mas, se o plano é o solo ou o campo no qual surge a produção filosófica, o plano de imanência deve, por sua vez, ser considerado pré-filosófico (Cf. DELEUZE; GUATTARI, p. 51). Ser pré-filosófico, neste sentido, não significa que ele seja anterior à filosofia, mas que ele se torna uma condição fundamental para que os conceitos sejam criados e, portanto, para que a filosofia exista. Por isso, os filósofos franceses sustentam que tanto o conceito quanto o plano de imanência não surgem, isto é, não nascem separados e, sim, ao mesmo tempo, pois sem a presença de um plano de imanência a existência dos conceitos não seria possível, assim como, também, a da filosofia. Percebe-se, então, que plano de imanência e conceito estão interligados, conectados. Conceito só existe por causa do plano de imanência. No entanto, um não se reduz ao outro. Cada um possui existência própria. Nem por isso, podemos dizer que o plano tem existência anterior ao conceito. Então, podemos dizer que ambos nascem juntos, conforme sustentam Deleuze e Guattari: “a filosofia é ao mesmo tempo criação de conceito e instauração do plano. O conceito é o começo da filosofia, mas o plano é sua instauração” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p 52).

No entanto, se faz necessário lembrar que não existe, no entender dos filósofos franceses, somente um plano de imanência, mas sim uma variedade de planos (cf. DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 62), que de uma forma ou de outra se opõem, se complementam ou são diferentes entre si, o que faz com que ao longo da história, cada filósofo construa seu próprio plano e outros elaborem seus planos a partir de modelos já existentes. Sendo assim, o plano de imanência constitui o horizonte ou o lugar no qual os conceitos habitam. Porém, precisamos compreender esse lugar não como uma morada ou como um local fixo, mas como um lugar no qual os conceitos se movimentam, se agrupam e se afastam. Deleuze e Guattari compara

o conceito a um “arquipélago ou a ossatura, antes uma coluna vertebral que um crânio, enquanto o plano é a respiração que banha essas tribos isoladas” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 46). O conceito é visto como uma ilha, o plano de imanência, por sua vez, será o mar que toca essa ilha.

Mas, ao contrário da ilha uma coisa fixa e imóvel, o conceito é uma realidade móvel, que está sempre em movimento dentro de um plano de imanência, sem o qual não pode existir. Por isso, os filósofos franceses afirmam que a Filosofia é, ao mesmo tempo, criação de conceitos e instauração de planos, o que os levam a concordar que na produção filosófica sempre haverá a criação de conceitos e, para que isso aconteça, será imprescindível a existência do plano de imanência, que sem o qual a atividade filosófica torna-se vazia e sem sentido. E, é isso, na verdade, que torna original o pensamento filosófico de Gilles Deleuze e Félix Guattari: a criação de conceitos. Por isso, para o pensamento deleuzo-guattarriano, a existência do conceito não é possível sem a instauração de um plano de imanência. Aliás, sobre a importância do plano de imanência, Vasconcellos (2010, p. 105), afirma:

O plano de imanência não é um conceito particular ou um conceito geral, nem por sua vez, um Grande Conceito a englobar todos os outros conceitos, ele é a pré-condição de existência de todo conceito filosófico, ele é o solo onde os conceitos devem vir à luz. O plano de imanência é a terra do conceito.

Conforme mostra a citação anterior, o plano de imanência é a base na qual os conceitos se sustentam. Ele é o lugar que possibilita o nascimento dos conceitos. Segundo Verônica Damasceno, ele “é aquilo que a Filosofia necessita para se constituir enquanto Filosofia” (DAMASCENO, 2015, p. 140). Ele constitui, então, o território pelo qual o personagem conceitual passeia, caminha ou transita. Por isso mesmo, o personagem conceitual necessita desse território próprio, pois, uma vez inserido nele, é que faz sentido a sua existência. Neste contexto, percebe-se a relevância do plano de imanência, visto que a criação do conceito sempre terá como exigência a instauração desse plano, pois sem o qual torna-se inviável o processo de construção conceitual. Então, este solo no qual os conceitos precisam se movimentar, torna-se fundamental para a construção de um novo modo de fazer filosofia, que passa pela criação conceitual e, portanto, o fazer filosofia necessita de ter como pressuposto criar conceitos e traçar planos de imanência. Logo, é possível, portanto,

perceber que na concepção dos pensadores Deleuze e Guattari, a filosofia precisa desse meio ou lugar que sirva de solo que seja favorável, por meio do qual, ela desenvolva o exercício de sua produção conceitual. O plano é esse solo ou território, no qual falamos anteriormente, sendo indispensável para que o personagem conceitual caminhe e, por sua vez, crie os conceitos.

Contudo, além do plano de imanência, existe um terceiro elemento que é indispensável para a construção do pensamento filosófico. Deleuze e Guattari, define e norteia a ideia de filosofia enquanto criação de conceitos, a saber: os personagens conceituais. Estes, por sua vez, mantêm uma forte relação com o plano de imanência. A ligação, entre ambos, na verdade, se dá devido ao fato de que o personagem conceitual cria o conceito sobre um plano de imanência. Desta forma, a relação entre ambos parece ser recíproca, pois “ora o personagem parece preceder o plano, ora segui-lo” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 91). E como operam estes personagens conceituais? Ora, eles trabalham ou atuam sempre em consonância com o plano de imanência, especialmente no momento em que precisam colocar em prática a criação dos conceitos. Não devemos confundi-lo, então, como uma espécie de “alter ego” do autor, ou seja, como se ele fosse um “segundo eu”, habitando dentro do filósofo. Na verdade, ele habita o filósofo, fazendo com que os conceitos se articulem e se movimentem entre si, dentro do plano de imanência. E é esta articulação e movimentação que faz com que os conceitos construam uma espécie de resposta aos problemas.

Eles são, portanto, os sujeitos da criação conceitual, por meio dos quais, a criação de conceitos estaria sempre relacionada ao traçado de um plano de imanência. Esta será, então, nossa temática a ser discutida em seguida.

2.4 PERSONAGENS CONCEITUAIS

Os filósofos franceses, Deleuze e Guattari, dedicaram-se a renovar a forma de pensar a Filosofia, buscando um modo diferente de pensar filosoficamente, distanciando dos moldes tradicionais e, com isso, apontaram a verdadeira tarefa da Filosofia: criar conceitos. Pensar, então, na Filosofia como uma arte de formar, inventar e fabricar conceitos, certamente, a transforma numa disciplina singular para pensar e transformar a nossa realidade. O exercício da criação do conceito é uma característica

fundamental presente na concepção de Filosofia dos filósofos franceses, possibilitando novas formas de pensar. E, para estes pensadores, a Filosofia se desdobra em dois aspectos que se complementam: a criação de conceitos e a instauração de um plano de imanência. Desta forma, entre o exercício da criação conceitual e a construção de um *plano de imanência* surge o *personagem conceitual*, que trabalha diretamente com a construção do conceito, operando, portanto, no plano de imanência.

Entretanto, segundo o pensamento de Deleuze e Guattari, estes personagens são os verdadeiros responsáveis pela enunciação e construção dos conceitos de um filósofo. Logo, o conceito não é algo que se cria do nada, nem um produto que se encontra de forma definitiva ou acabada, mas que faz parte de um processo de construção, como acontece, por exemplo, entre os artesãos e os artistas, fazendo com que a Filosofia possa se aproximar de uma experiência artesanal do fazer ou do fabricar os conceitos. Isto se torna possível a partir da existência do *personagem conceitual*, que atuam sobre um determinado *plano de imanência*, produzindo conceitos.

A ideia de *personagem conceitual* é uma elaboração do pensamento de Deleuze e Guattari que tem por objetivo mostrar a necessidade que os filósofos têm de utilizar personagens literários, fictícios ou históricos para expor suas ideias, suas opiniões e seu próprio pensamento ou sua própria filosofia. Mas existe uma relação profunda nas três instâncias do fazer filosofia, a saber, a criação de conceitos, o plano de imanência, enquanto lugar onde os conceitos se ajustam e se movimentam e os personagens conceituais enquanto responsáveis por elaborar os conceitos. Sobre os personagens conceituais, afirmam Deleuze e Guattari (2010, p. 78-79):

O personagem conceitual não é o representante do filósofo, é mesmo o contrário: o filósofo é somente o invólucro de seu principal personagem conceitual e de todos os outros, que são os intercessores, os verdadeiros sujeitos de sua filosofia. Os personagens conceituais são 'heterônimos' do filósofo, e o nome do filósofo, o simples pseudônimo de seus personagens. Eu não sou mais eu, mas uma aptidão do pensamento para se ver e se desenvolver através de um plano que me atravessa em vários lugares. O personagem conceitual nada tem a ver com uma personificação abstrata, um símbolo ou uma alegoria, pois ele vive, ele insiste. O filósofo é a idiossincrasia de seus personagens conceituais. E o destino do filósofo é de transformar-se em seu ou (em) seus personagens conceituais, ao mesmo tempo que estes personagens se tornam, eles mesmos, coisa diferente do que são historicamente, mitologicamente ou comumente (o Sócrates de Platão, o Dionísio de Nietzsche, o Idiota de Cusa).

Na verdade, Deleuze e Guattari buscam mostrar que o filósofo é o invólucro de seu personagem principal. Neste sentido, o filósofo é a morada na qual residem seus personagens. Entretanto, eles ainda sustentam que os personagens conceituais são os “heterônimos” do filósofo, ou seja, segundo eles, tais personagens possuem identidade própria e vida separada em relação a quem os cria. Além disso, eles também dizem que o nome do filósofo é o simples pseudônimo de seus personagens. Sendo assim, explicando de outra forma, pode-se dizer com isso, que o nome do filósofo é um nome fictício, sendo, portanto, seu verdadeiro nome o de seu personagem. Para elucidar melhor essa ideia, podemos exemplificar da seguinte forma: *Zarathustra*, personagem presente na filosofia nietzschiana, é heterônimo de Nietzsche. Neste sentido, *Zarathustra* seria um personagem com identidade própria em relação a Nietzsche que o criou e, ao mesmo tempo, Nietzsche, que criou o personagem *Zarathustra* é o simples pseudônimo, nome fictício, de seu personagem *Zarathustra*.

O personagem conceitual, então, é alguém que possui uma vivência concreta, não devendo, com isso, ser compreendido como uma coisa abstrata, pois o mesmo pensa e respira. Desta forma, podemos concluir que o personagem conceitual é na verdade o próprio filósofo com suas idiossincrasias, conforme sustentam Deleuze e Guattari (2010). A presença de tais personagens na produção conceitual revela que eles possuem uma tarefa fundamental na construção do pensamento, uma vez que são os grandes responsáveis pela construção dos conceitos. Em outras palavras: eles são uma espécie de assinatura do pensador. Cada filósofo vai criando, por sua vez, personagens que, na verdade, são os sujeitos da criação conceitual. Podemos, por exemplo, citar como exemplo o próprio filósofo Platão, que criou Sócrates como personagem conceitual, para poder expor por meio de seus diálogos suas ideias e seus conceitos. No entanto, os filósofos franceses deixam bem claro que não se trata aqui do Sócrates histórico, muito menos de um personagem cuja finalidade seria apenas a de apresentar as ideias platônicas, mas sim um intercessor. Nesse sentido, o personagem conceitual tem a função de permitir que o filósofo de certa forma dissimule qualquer interesse em concentrar toda a sua explicação que ele deseja propor dentro daquele determinado campo de imanência. Tomemos, por exemplo, o Sócrates de Platão, o Anticristo de Nietzsche ou o Gênio Maligno de Descartes. São

eles que fazem com que os conceitos destes pensadores se movimentem e se articulem dentro do plano de imanência. É o filósofo, então, na figura do personagem conceitual que torna possível isso acontecer. O personagem conceitual não é, por outro lado, o alter ego do filósofo. Na verdade, ele habita o filósofo e, por vida própria, faz com que os conceitos se movimentem e se articulem, dentro do plano de imanência, certamente.

Por isso, podemos descartar qualquer pretensão de afirmar que os personagens conceituais sejam figuras meramente ilustrativas, porque eles, na verdade, são os verdadeiros sujeitos da Filosofia. Por isso, cada filósofo constrói ao longo da história seus próprios personagens conceituais, à maneira de heterônimos, que são os sujeitos da criação conceitual, como é o caso de Platão, que cria Sócrates, ou Nietzsche, através dos personagens Dionísio, Zaratustra, O Crucificado, o Anticristo. Tais personagens conceituais realizam os movimentos que descrevem o plano de imanência do autor, como também atuam na própria criação de seus conceitos, ou seja, é o personagem conceitual, o heterônimo, que se torna o sujeito da filosofia.

Os personagens conceituais pertencem ao campo da filosofia e somente a ele, como também é de exclusividade da filosofia a criação de conceitos e o plano de imanência. No entanto, tais personagens podem ser encontrados e outros saberes. Na Ciência, por exemplo, que trabalha sob o plano de referência (cf. DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 140), podemos encontrar os *observadores parciais* (cf. DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 153), que têm por função criar proposições. A Arte, por sua vez, também possui seus personagens. Nela, a criação se processa por meio do plano de composição. E, dentro dele, podemos encontrar as *figuras estéticas* (cf. DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 80).

Assim, os personagens conceituais, segundo Deleuze e Guattari (2010, p. 84), “são pensadores, unicamente pensadores, e seus traços personalísticos se juntam estreitamente aos traços diagramáticos do pensamento e aos traços intensivos dos conceitos”, o que nos leva a inferir que o conceito é algo que se encontra presente no sujeito pensante, ou seja, é intrínseco ao pensamento e o personagem conceitual ocupa lugar no pensamento como aquele que torna possível o movimento e a criação dos conceitos. Assim, o personagem conceitual é a figura do próprio filósofo enquanto sujeito que participa da construção do conceito. Ele tem a responsabilidade de dar

fôlego ao conceito, de movimentá-lo, de fazê-lo brotar na superfície do pensamento. Ele é “o devir ou o sujeito de uma filosofia” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 79). O devir é o caminhar dos conceitos, à medida que existe um movimento que é constante na construção ou elaboração de conceitos, por isso, o conceito estabelece uma intrínseca relação com o personagem conceitual. Este, por sua vez, serve à Filosofia no momento em que precisa colocar em prática, dentro do plano de imanência, a criação desses conceitos.

Podemos, neste sentido, dizer que a Filosofia é a única disciplina capaz de elaborar conceitos, estabelecer planos e convidar personagens conceituais a fim de povoá-los. Desta forma, é possível dizer que há uma relação íntima que caracteriza os três modos ou instâncias do fazer filosofia, isto é, entre os conceitos, o plano de imanência e os personagens conceituais, uma vez que os conceitos só podem ser criados a partir de um plano de imanência, o plano de imanência só pode ser edificado por um personagem conceitual, o personagem conceitual, por sua vez, se desloca sobre ele criando conceitos. Desta forma, estão todos eles interligados, isto é, um não sobrevive sem o outro. A Filosofia passa, sem dúvida, por estas três instâncias que se relacionam entre si: o plano de imanência que ela precisa traçar, os personagens conceituais que ela precisa elaborar e os conceitos que deve criar. O personagem conceitual, o heterônimo, termina, enfim, se transformando no sujeito da filosofia, que a partir de um recorte da realidade cria o conceito e, carrega consigo, a tarefa de manifestar “os territórios, desterritorializações e reterritorializações absolutas do pensamento” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 84).

No ato de filosofar, o filósofo não filosofa sozinho, pois, no exercício do filosofar ele necessita, de certa forma, de ajuda, porque não pode filosofar sem transformar-se a si mesmo durante o processo. Sendo assim, quem filosofa no filósofo são os seus heterônimos, ou seja, são os personagens conceituais, que segundo Deleuze e Guattari (2010, p. 78), são “os ‘heterônimos’ do filósofo”. Então, no ato de filosofar, os personagens conceituais exercem um papel fundamental, pois eles são os responsáveis por expor o pensamento desenvolvido pelos filósofos, ou seja, tornam visível a sua filosofia.

A relevância destes personagens para a Filosofia se dá pelo fato de que os mesmos servem para colocar em prática, dentro do plano de imanência, a criação de conceitos. Desta forma, é preciso, pois, compreendê-los como algo que habita o

filósofo, ajudando-o a articular os conceitos, fazendo-os se movimentarem dentro do plano de imanência. Os conceitos são criados não para permanecerem estáticos, imóveis ou sem nenhuma espécie de movimentação. Pelo fato do conceito ser móvel e, ao mesmo tempo, provisório, ou seja, capaz de mudança, de estar sempre em movimento, é importante que o personagem conceitual possa ajudar o filósofo na explicação que ele deseja propor em um determinado plano de imanência. Ora, o personagem conceitual idealizado na filosofia de Deleuze e Guattari nada mais é do que o operador do plano de imanência. É o sujeito pelo qual se dispõe o filósofo a expor e estruturar seu plano de imanência. São os personagens conceituais os grandes responsáveis por traçarem “os movimentos que descrevem o plano de imanência do autor e são eles que criam os conceitos sobre o plano de imanência” (FERREIRA, 2009, p. 570. Podemos, então, mostrar, como exemplo, o Sócrates de Platão, que, aliás, não é nem Sócrates e nem o próprio Platão, mas é aquele que faz com que os conceitos platônicos possam se articular. E são vários os personagens conceituais que podemos encontrar: o *Gênio Maligno* e o *Cogito* de Descartes, o *Zaratustra* de Nietzsche, o *Idiota* de Nicolau de Cusa, etc. São eles, portanto, os responsáveis pela articulação dos conceitos dentro do pensamento filosófico. Ainda, de acordo com Deleuze e Guattari,

A história da filosofia deve passar pelo estudo desses personagens, de suas mutações segundo os planos, de sua variedade segundo os conceitos. E a filosofia não para de fazer viver personagens conceituais, de lhes dar a vida (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 76).

Eles estarão sempre presentes, não importa a época ou o lugar, eles surgem e reaparecerão, em diversos contextos. Assim, foi na Grécia Antiga, como é o caso de Sócrates, que pode ser tido como o principal personagem conceitual do pensamento de Platão; no final da Idade Média e início da Renascença, temos o *Idiota*, personagem conceitual, idealizado por Nicolau de Cusa; a filosofia cartesiana, também os utilizou; *Dionísio*, *Zaratustra*, *O Crucificado*, o *Anticristo*, com Nietzsche. Enfim, eles estão presentes na história da filosofia, não importa a época ou o lugar, de uma forma ou de outra, o pensamento estará sempre os utilizando. São estes personagens que fazem os conceitos funcionarem.

Portanto, para que os conceitos possam ser definidos, eles necessitam de *personagens conceituais* que contribuam com sua construção. E, na Filosofia, é

possível encontrar um desses personagens conceituais que se torna fundamental para definir seu papel dentro da tradição filosófica. Logo, “amigo” é um desses personagens, do qual se diz ser ele testemunha da origem grega da filosofia. Os gregos têm o “amigo” como conceito que define sua busca pela sabedoria, pela verdade ou pelo conhecimento, as demais civilizações tinham seus sábios, porém, estes não tinham uma relação de amizade com o saber, como tinham os gregos. A sabedoria é algo que se constrói, pois, o conhecimento é algo que não se possa encontrar de forma pronta e definitiva, mas que está sempre em construção. E, por causa disso, o termo “amigo” denota certa intimidade ou relação profunda entre o sujeito e o saber, de tal modo que o filósofo passa a ser reconhecido como alguém que estabelece uma relação profunda com o saber e a verdade, o que faz ser amigo também do conceito. Então, a filosofia enquanto criadora de conceitos, objetiva em sua essência criar sempre conceitos novos, o que evidencia seu caráter dinâmico e criativo, visto que os conceitos não são encontrados prontos ou de forma definitiva, precisando, com isso, ser inventados. Esta dinamicidade, por sua vez, também se faz presente na vida do filósofo, que por ser amigo da sabedoria, da verdade, do conceito, carrega consigo uma potencialidade criativa e transformadora, sendo-lhe atribuído, com isso, a criação de conceito.

2.5 A GEOFILOSOFIA DE DELEUZE E GUATTARI

A nossa reflexão tendo como referência o pensamento de Deleuze, por isso, defende que a busca pelo conhecimento acontece de uma maneira ou de outra por meio de uma atividade criativa, sendo, na verdade, a atividade filosófica uma criação de conceitos. No entanto, sabemos que a tarefa de elaborar conceitos não é tão simples, uma vez que criar conceitos em Deleuze e Guattari não significa a elaboração tal qual estamos acostumados a realizar. A capacidade que possuímos de realizar perguntas, de questionar, de problematizar a realidade em nossa volta, nos mostra que estamos realizando de uma forma ou de outra um exercício filosófico, uma vez que estamos reunindo elementos que nos permite a elaboração ou criação de conceitos.

Podemos, na verdade, encontrar diversos tipos de definições das mais variadas possíveis nas enciclopédias e dicionários, como por exemplo, a definição de amor, de verdade, de liberdade, de beleza, mas, o conceito não é uma coisa que podemos encontrar de maneira pronta e definitiva. O conceito nasce de uma elaboração própria, que exige o exercício do pensamento e, que de alguma forma, transforma quem o realiza. Eles não são realidades que encontramos com facilidade e ao mesmo tempo já elaboradas. Os conceitos são sempre criados e recriados conforme as circunstâncias, de acordo com as necessidades, dependendo dos problemas que se colocam em nossa realidade cotidiana e que precisam ser enfrentados a cada instante. Por isso, é tarefa de cada filósofo criar seus próprios conceitos ou recriá-los de outros filósofos. Sendo assim, no instante em que o filósofo cria ou recria conceitos, ele também está agindo sobre si mesmo, criando a si mesmo, construindo sua vida e sua história. Os conceitos possuem a capacidade de atravessar os séculos e podem se tornar importantes por servirem de referência, por isso não são estáticos, pois estão sempre em constante transformação, isto é, estão sempre mudando de acordo com o contexto e as motivações de quem assume a tarefa de pensar sobre eles.

Na verdade, o conceito só pode ser criado em um plano de imanência, o plano de imanência só pode ser traçado por um personagem conceitual, o personagem conceitual habita um plano, se desloca sobre ele extraíndo conceitos. Tudo está amarrado, conceitos, planos e personagens não existem um sem os outros. Por isso, Deleuze e Guattari criaram uma Geofilosofia, uma espécie de conceito que abrange o conceito, o plano de imanência e o personagem conceitual. Mas por que Geofilosofia? Qual o interesse dos pensadores franceses por trás deste novo conceito? Ao utilizar o termo Geofilosofia, eles pretendiam defender a ideia de que a Filosofia está relacionada com a terra ou com o espaço, o território ou o lugar. Tal ideia se faz perceber nas atitudes dos primeiros pensadores gregos, como, por exemplo, os pré-socráticos, por terem possuído a coragem de falar através de conceitos, deixando de lado o pensamento mítico, representado por imagens e figuras, como era o caso da linguagem mítica, utilizada anteriormente, e substituindo-a por uma linguagem mais racional como forma de se buscar a compreensão concreta da natureza.

A Geofilosofia, então, é o meio pelo qual Deleuze e Guattari procuram trazer a Filosofia para os primórdios de sua existência. Na verdade, quando os primeiros filósofos, os pré-socráticos, por exemplo, desenvolveram um interesse voltado não mais para explicações de tipo mitológicas, ou seja, por meio da religião ou da vontade dos deuses, e sim, para a possibilidade de como podemos lidar com o pensamento nessa terra, eles criaram a possibilidade de que o pensamento ou a Filosofia deve filosofar sobre a imanência, sobre a terra, que é o lugar no qual estamos todos inseridos. Logo, não deve ser interesse do pensamento filosófico, tentar propor, por exemplo, algo que está fora de nossa realidade e de nosso alcance. Por isso, ao deixarem de lado a tentativa de explicar a realidade por meio de imagens e figuras, passando, então, a fazer uso dos conceitos, os filósofos pré-socráticos abriram espaço para uma capacidade maior de abstração e trouxeram para o pensamento um outro território.

Assim, o pensamento que antes era representado por meio de imagens e figuras, como era na época do período mitológico, os primeiros filósofos passaram a comunicá-lo agora por meio de conceitos. Então, com a noção de Geofilosofia, os pensadores franceses pretendem mostrar que existe uma forte relação entre pensamento, Filosofia e os elementos geográficos, por isso, percebe-se neles um esforço semelhante àquele de Hegel, que trouxe para a filosofia a ideia de história ou de historicidade. Os pensadores franceses, por sua vez, construíram a ideia de Geofilosofia. A noção de Geofilosofia, proposta por estes filósofos, engloba três partes, já mencionadas anteriormente, a saber: o conceito, o plano de imanência e os personagens conceituais, dentre os quais podemos, de acordo com Ferreira (2014), pressupor uma relação entre eles, no próprio conceito de Geofilosofia, da seguinte maneira: *geo* pode ser relacionado ao plano de imanência, *filo*, que significa amigo ou amante, pode ser relacionado com um personagem conceitual, e, por fim, *sofia*, que é o saber adquirido, podendo ser relacionada ao conceito, ou seja, podendo ser o próprio conceito construído. No entanto, conforme esclarece Ferreira (2014), estas relações não estão descritas na filosofia de Deleuze e Guattari, mas podemos observá-las ou identifica-las à medida que analisamos os componentes e cada obra destes filósofos em particular.

A Geofilosofia, portanto, não tem por objetivo colocar sua atenção no foco sobre o sujeito ligado ao objeto, mas procura fixar sua atenção para o sujeito

relacionado ao plano de imanência que é a terra e ligado também ao outro sujeito. Por isso, a filosofia preocupa-se, contudo, em propor coisas, em criar conceitos que estejam relacionados a problemas imanentes. De acordo com o pensamento de Deleuze e Guattari (2010, p.103), “pensar não é nem um fio estendido entre um sujeito e um objeto, nem uma revolução de um em torno do outro. Pensar se faz antes na relação entre o território e a terra”. O pensamento filosófico, então, exige certa experiência. E esta experiência não advém de uma relação entre o sujeito e o objeto, que me leva ao conhecimento, mas de uma relação íntima que se liga à terra e ao território, conforme afirmam os filósofos franceses: “os filósofos são estrangeiros, mas a filosofia é grega” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 105). Ora, os pensadores estrangeiros encontraram na Grécia o que não possuíam em suas terras, um campo fértil para desenvolver o pensamento ou suas ideias. Sendo assim, a compreensão de Filosofia desenvolvida pelos pensadores franceses, passa por estas quatro instâncias: o conceito, o plano de imanência, os personagens conceituais e a Geofilosofia. Na verdade, estão todas interligadas.

3 A FILOSOFIA DO ENSINO DE FILOSOFIA A PARTIR DE DELEUZE E GUATTARI

Neste capítulo, tentaremos desenvolver a ideia de um ensino de filosofia a partir de uma compreensão de filosofia sob a ótica deleuzo-guattarriana. Silvio Gallo (2000, p.51), afirma ser “a filosofia de Deleuze uma constante atenção ao mundo e ao tempo presente, a busca dos pequenos detalhes que são o que de fato importa”. Pensando nisso, nossa intenção almeja um ensino de filosofia que esteja pautado na vivência e na experiência cotidiana do aluno com a realidade na qual está inserido. Na verdade, não é intenção deste trabalho pretender que um aluno do ensino médio possa em tão pouco tempo⁵ e, ainda mais, pelas dificuldades e limitações que o ensino apresenta em nossa realidade, ter condições de criar ou elaborar seus próprios conceitos filosóficos. Mas, em relação ao que diz respeito à criação de conceito pelo aluno, é possível perceber que o próprio Deleuze afasta essa possibilidade, pois o pensar filosoficamente é uma atividade que não é fácil e demanda tempo, uma vez que implica certa maturidade, que talvez seja uma questão que só pode ser realizada de forma profunda na velhice (cf. DELEUZE; GUATTARI, 2010). No entanto, julgamos ser injusto negar ao aluno essa possibilidade, mesmo que a construção de conceitos não seja uma atividade fácil, porque acreditamos que conduzir o aluno a perceber a existência da multiplicidade, a descobrir seu próprio plano de imanência e a aproximar-se cada vez mais de uma atitude filosófica, deva ser uma tarefa a ser conquistada pelo Ensino de Filosofia.

Assegurar a possibilidade da criação do conceito para os alunos do ensino médio implica, por um lado, numa consequência lógica da ideia de filosofia adotada por nossos Referenciais Teóricos, Deleuze e Guattari, mas, por outro lado, exige um repensar criticamente a própria ideia de Ensino de Filosofia, atualmente hegemônica, desenvolvendo o que se deve entender por criação de conceitos nesse Ciclo de Estudos. Criar conceitos significa um procedimento metodológico em que o professor

⁵ O sinal sonoro toca às 7 horas da manhã para o início das aulas. No entanto, por ser uma escola religiosa, o Educandário Santa Teresinha, exige que se faça no início da primeira aula uma oração. Por isso, o tempo de aula é reduzido, visto que cada disciplina consta de 50 minutos, mas devido a oração que leva em média 10 minutos, a primeira aula fica reduzida a 40 minutos. Desta forma, a disciplina de Filosofia conta com um tempo reduzido para desenvolver uma experiência de pensamento junto a seus alunos.

conduz o ensino de filosofia passando pelas instâncias do fazer filosófico, a Geofilosofia. O aluno, pois, não precisa, nem terá condições de criar conceitos como os filósofos da tradição o fazem, mas, eles aprenderão, como alguns filósofos confeccionaram, criaram algum conceito. Isto, evidentemente, nesse processo do autêntico magistério filosófico, não poderá acontecer se o ensino de filosofia tradicional, o senso comum do magistério filosófico imperar. A filosofia do ensino de filosofia é, por sua vez, necessariamente crítica e desfaz a ideia de transmissibilidade do conteúdo da filosofia como reprodução de ideias e definições ao modo de verbetes e de tópicos, vagos e gerais. O aluno precisa fazer a experiência da criação do conceito.

Tornar o ensino filosófico mais prazeroso e criativo pode ser um instrumento favorável para despertar no aluno o interesse pela filosofia enquanto atividade criativa, que não se ocupa apenas em repetir o que os filósofos do passado e aqueles que estão na ativa estão construindo. Nesta empreitada, Gilles Deleuze e Félix Guattari têm muito a contribuir, uma vez que eles têm uma compreensão de filosofia que se distancia daquela ideia de uma atividade filosófica voltada para a contemplação, que acontece de forma passiva diante da realidade ou dos problemas que nos envolvem frente ao mundo em que estamos inseridos. Então, quando os pensadores franceses propõem uma filosofia que cria conceitos, eles estão interessados naquela atividade que é própria da filosofia, ou seja, uma atividade que exige a criação de conceitos. E criar, na visão de Deleuze e Guattari, nada mais é do que a atitude de agir no mundo e atuar nele, de forma que por meio da criação de conceitos, seja possível ao filósofo transformar o mundo e também ser transformado. Despertar, por meio do ensino de filosofia, quer dizer, de uma *filosofia* do ensino de filosofia, o aluno para que ele compreenda que é possível agir no mundo e transformá-lo, mesmo que ele não desenvolva a capacidade de por si mesmo criar conceitos. Mas aprenderá, como um aprendiz de artesão, a aprender fazendo, aprender o aprender a fazer ao ver como um filósofo confeccionou um conceito. E, assim, conforme apontam Deleuze e Guattari, a filosofia do ensino de filosofia possibilitará a ele descobrir novos planos e desdobrar novos territórios para seu aprendizado. É no plano que os conceitos são criados, sem ele fica inviável a produção conceitual, como também o fazer Filosofia, que no plano se concretiza.

3.1 A EXPERIÊNCIA COMO INSTRUMENTO DO PENSAR FILOSÓFICO

A atitude filosófica é uma atividade que não se desenvolve de imediato, demanda tempo, não é fácil e implica certa experiência de vida. Deleuze, na introdução de sua obra *O que é a Filosofia?*, aponta para essa realidade:

[...] mas o que é isto que fiz toda a minha vida? Há casos em que a velhice dá, não uma eterna juventude, mas ao contrário, uma soberana liberdade, uma necessidade pura em que se desfruta de um momento de graça entre a vida e a morte, e em que todas as peças da máquina se combinam para enviar ao porvir um traço que atravesse as eras (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 7).

Ora, não será uma tarefa fácil, buscar desenvolver ou despertar essa capacidade, haja vista as diversas limitações que o ensino vem enfrentado em nossa realidade diária. Aliás, a disciplina de filosofia, em razão de sua história inconstante e de sua condição facultativa nas escolas, especialmente no ensino médio, sempre teve que enfrentar dificuldades para construir sua identidade. Ao longo do tempo, ela passou por inúmeras transformações. Foi excluída dos currículos escolares durante o governo do regime militar (depois de 1964), retornando em 1980, após o incansável esforço de muitos profissionais do ensino, que exigiram o seu retorno ao currículo escolar, a Filosofia obteve novamente um lugar no ensino médio⁶. Porém, seu retorno era de caráter facultativo, pois era preciso que o aluno fizesse uma escolha por duas, dentre três disciplinas oferecidas, a saber, Psicologia, Filosofia e Sociologia. E, além disso, não estava prescrita uma carga horária definida.

Em nossos dias atuais, a Filosofia tem sido uma disciplina presente nos currículos do Ensino Médio, apesar das inúmeras dificuldades que ela enfrentou antes de ser reconhecida como componente curricular da rede básica de ensino⁷. E embora

⁶ Tendo em vista um maior esclarecimento e aprofundamento sobre esta questão histórica recomendamos a leitura do artigo de RODRIGUES, Zita Ana Lago. **O ensino da Filosofia no Brasil no contexto das políticas educacionais contemporâneas em suas determinações legais e paradigmáticas**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 46, p. 69-82, out./dez. 2012. Editora UFPR.

⁷ Sobre esta mesma questão, mas discutindo sobre a presença da filosofia em nossos dias, recomendamos: DANELON, Márcio. **Em torno da especificidade da filosofia: uma leitura das Orientações Curriculares Nacionais de filosofia para o Ensino Médio**. Filosofia. Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2010, pp. 185-202.

ela esteja presente em nosso ensino, muitas dificuldades ainda se fazem presentes, pois novos problemas pairam sobre ela, que de algum modo ou de outro dificultam seu aprendizado por parte de muitos alunos.

Dentre os diversos problemas, temos a pouca afinidade dos alunos da rede básica de ensino para com a atividade filosófica. Na maioria das vezes, ao chegar no ensino médio, o aluno não traz consigo uma intimidade com esse tipo de pensamento, até porque, salvo a algumas escolas a rede privada, os alunos que vêm do ensino fundamental, especialmente os do ensino público nunca foram apresentados à Filosofia. E quando se depara com uma realidade estranha, que é a filosofia, o aluno é levado a ignorá-la, por achá-la estranha. É importante explicar que, estranho neste contexto, significa algo que não fazia ou faz parte de nossa vida cotidiana, mas que agora é uma possibilidade nova de engendrar novos conhecimentos, e por isso, não deve ser negado, sendo, portanto, essencial que ele seja apresentado, mesmo que cause insatisfação no início. Por outro lado, soma-se a essa dificuldade, outro problema, que é a falta de profissionais formados na área de filosofia, e mesmo que eles existam, ainda são poucos os que estão atuando em sala de aula, pois na maioria das vezes, quem assume a tarefa de ensinar Filosofia, é um professor que não tem formação filosófica.

Essa dificuldade, portanto, é intensificada, em virtude de tudo isto, mas, ainda pelo fato de se consolidar um senso comum no magistério filosófico em que torna-se dogmático. Assim uma prática do magistério filosófico torna-se inquestionável. O ensino de filosofia deva ser uma enxurrada de informações sobre uma quantidade de filósofos impossível de ser ensinada para estes alunos, neste nível de ensino, e em 50 minutos de aula semanal. A aula torna-se tediosa porque não há envolvimento por parte da maioria dos alunos pelo fato de não perceberem uma relação existencial com a vida, com o mundo. Uma alternativa, também falsa, é transformar a aula de filosofia em autoajuda, em discussões sobre a atualidade, sem, neste procedimento, operar a atividade propriamente filosófica. Com Deleuze e Guattari acreditamos possibilitar uma contribuição para essa área da filosofia ainda tão carente de estudos se comparadas a outras áreas da filosofia. Por outro lado, será uma oportunidade ímpar para a vida de nossos discentes, pois, estaremos possibilitando a eles um momento no qual poderão experimentar um mergulho na experiência do pensamento, buscando colocar o próprio pensar em função do aprender. E, assim, também

poderemos contribuir para a prática do magistério filosófico de muitos professores (as) no Brasil.

Penso que esta dificuldade não configura uma realidade que está presente apenas no ensino básico. Ela também faz parte de todo um grupo de pensadores, que de uma ou de outra forma, se esforçam e se dedicam ao ensino de filosofia. De acordo com Pagni:

Falar sobre o ensino de Filosofia não é uma tarefa tão simples, especialmente para aqueles que, como eu, por dever de ofício e por interesse em refletir sobre a própria atividade docente, há pouco tempo vêm pensando sobre o assunto [...]. Com a recente reaproximação das discussões em Filosofia da Educação, desenvolvidas no Brasil, de temas e do pensamento filosófico, sobretudo do pensamento contemporâneo e da História da Filosofia, o ensino dessa disciplina nos cursos superiores ganhou uma dimensão mais filosófica que pedagógica, sendo também interrogado pelas mesmas questões que afligem o ensino de Filosofia (PAGNI, 2004, p. 217-218).

Deste modo, podemos dizer que é importante que se discuta os problemas que envolvem o ensino de filosofia, para que a partir deles possamos descobrir soluções que ajudem a melhorar nossa prática filosófica e a pensar nossa experiência como educadores para que possamos compreender como ela vem se constituindo ao longo de nossa atividade docente e, assim, melhorar nossa forma de ensinar a pensar filosoficamente. Na verdade, no ensino de filosofia, o exercício de ensinar precisa ser filosófico, ou seja, aquele que ensina a filosofia deve ter o cuidado para não se tornar um mero repetidor de conceitos, melhor, de definições ao modo de verbete de dicionário. É preciso mostrar como os conceitos são fabricados, como se relacionam com os seus componentes, evidenciar o problema que o suscitou, o plano de imanência que está fincado, e os personagens conceituais que operam a dinâmica do conceito. Não fazer isto para somente repetir ou resumir informações, conforme são apresentados pela tradição filosófica, não se ensina filosoficamente filosofia. Aliás, essa é uma atitude que Deleuze combate e desaprova, especialmente em sua obra denominada *Conversações*: “Se ela mesma [a filosofia] nada cria, o que poderia fazer, senão falar sobre? Então reflète sobre o eterno, ou sobre o histórico, mas já não consegue ela própria fazer o movimento” (1992, p. 152). Muitas vezes, o ensino de Filosofia não tem levado o aluno a desenvolver sua capacidade de pensar e, ao invés disso, capacita-o a se tornar um mero repetidor de conceitos, ou seja, de reproduzir

aquilo que a História da Filosofia descreve, não deixando que o aluno pense os problemas a partir de sua experiência, daquilo que ele vivencia em sua realidade, sem estabelecer uma relação de sua existência com os problemas filosóficos que estão presentes na reflexão do pensamento filosófico.

Pensar, então, o ensino de Filosofia a partir da compreensão filosófica de Deleuze e Guattari, não significa que devemos reduzir a Filosofia a uma simples transmissão de conceitos, ou seja, como se a função de quem a ensina seja despejar sobre o aluno a maior quantidade possível de “conceitos”, de informações, de resumos. Na verdade, ajudar o aluno a desenvolver melhor sua capacidade perceptiva, para que compreenda a multiplicidade e a dinamicidade que envolvem os conceitos, deve pautar-se o trabalho do docente. Logo, a pretensão de querer que os alunos conheçam todos os conceitos ou desejar que eles possam construí-los à maneira de como pensam os filósofos franceses, não seria interessante, na verdade, não seria possível. Na obra *Conversações*, Deleuze e Guattari deixam transparecer que a Filosofia carrega consigo essa dinamicidade. Sendo assim, segundo eles, “a história da filosofia deve não redizer o que disse um filósofo, mas dizer o que ele necessariamente subtendia, o que ele não dizia e que, no entanto, está presente naquilo que diz” (DELEUZE; GUATTARI, 2008, p. 170). Logo, aquele que ensina filosofia precisa saber que para ensinar a pensar se faz necessário realizar a atividade filosófica pondo o pensamento em movimento, ou seja, fazer com que ele se torne ativo, dinâmico, criativo. Por isso, a Filosofia questiona, indaga, não é passiva frente aos diversos problemas postos em nossa realidade. Sendo assim, motivar, incentivar, despertar são atitudes que devem ser uma constante na vida do professor-filósofo, uma vez que ele precisa estar atento para identificar quais são os conceitos que expressam ou revelam o movimento de produção da realidade.

Então, seria interessante que as aulas de filosofia partissem da experiência do aluno, pois, para que o pensamento flua e transforme a realidade, será importante levar em consideração sua vida cotidiana, seus problemas, assim como a ideia de mundo e de realidade em que ele está envolvido. Portanto, para que o ensino de filosofia se traduza em acontecimento, será necessário que o professor em sala de aula possa realmente fazer filosofia, ou seja, precisa ensinar o aluno a pensar, para que ele venha compreender a força que o pensamento filosófico carrega como instrumento de transformação, pois somente assim, ele será capaz de relacionar os

diversos problemas de sua vida cotidiana com o conhecimento adquirido em sala de aula.

Portanto, é neste contexto que deve entrar em cena o papel da Filosofia: oferecer dinamicidade ao pensamento do aluno, para que ele compreenda melhor o mundo no qual está inserido.

3.2 O ENSINO DE FILOSOFIA A PARTIR DO TEXTO FILOSÓFICO

A compreensão filosófica deleuzo-guattarriana defende que a Filosofia é o ato de pensar conceitualmente. Por isso,

[...] ela [a filosofia] não é contemplação, nem reflexão, nem comunicação, mesmo se ela pôde acreditar ser ora uma, ora outra coisa, em razão da capacidade que toda disciplina tem de engendrar suas próprias ilusões, e de se esconder atrás de uma névoa que ela emite especialmente (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 14).

Enquanto atividade criativa, a Filosofia está ligada profundamente às dúvidas e perguntas. De acordo com Jaspers (1971, p. 140): “as perguntas em filosofia são mais essenciais que as respostas e cada resposta transforma-se em nova pergunta”. Isso se dá pelo simples fato de que a Filosofia torna possível ao ser humano ampliar o seu horizonte, fazendo com que a cada resposta alcançada construa um novo espaço para dúvidas e perguntas e, portanto, possibilitando o ato de filosofar. No entanto, nem sempre os conteúdos e os materiais indicados servem como instrumentos para que o aluno desenvolva e desperte para o pensar filosófico. Na verdade, isso ocorre porque esses materiais reproduzem o senso comum do magistério filosófico em que predomina uma transmissibilidade de informações, definições, de datas, de temas, mas que não promove a criação do conceito. Sendo assim, a tentativa de construir uma atitude filosófica se faz necessária, antes de tudo, quando se procura assumir uma postura investigativa, questionadora, que problematiza a realidade em busca de respostas para as incertezas.

Sabe-se, contudo, que tem sido bastante comum em “nossa prática” docente esquecer o que seria realmente uma atividade filosófica, ou seja, nem sempre

estamos preocupados em provocar o aluno a ter uma atitude de questionamento, de olhar a realidade, de buscar refletir a partir dela, os diversos problemas que ele não consegue explicar. Na verdade, isto ocorre, porque direcionamos a atenção dos estudantes apenas aos conteúdos que formam a grade curricular ou ao material didático a ser utilizado por eles em sala de aula. Segundo Vieira e Horn (2015, p. 50), muitos pesquisadores, que se dedicam ao estudo do ensino de filosofia, estão de acordo que “as aulas de filosofia devem passar de alguma maneira e em algum momento, pelo texto filosófico”. Sendo assim, trabalhar durante as aulas fragmentos dos textos de autores clássicos da filosofia, como *A República* de Platão, a *Ética a Nicômaco* de Aristóteles, *O Discurso do Método* de Descartes, o *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens* de Rousseau, entre outros, pode favorecer aos alunos um horizonte riquíssimo de experiências e reflexões que possibilitem neles um despertar para o exercício filosófico, a partir do confronto de suas realidades com a realidade pensada por esses pensadores.

É preciso observar que se a filosofia se caracteriza enquanto criação de conceitos a atividade de leitura dos textos dos filósofos não pode ser tomada como algo contingente, mas como procedimento essencial. Ora, é justo nos textos dos filósofos que está registrado o percurso da criação do conceito e de seus componentes, nos quais os alunos farão o exercício e experiência da criação do conceito. Claro que o professor, ao preparar a aula, deverá ter uma sobriedade para saber didaticamente escolher fragmentos de textos sóbrios e não aqueles de intensa carga terminológica.

Embora os alunos que frequentam as escolas da rede pública e privada manifestem pouca familiaridade com a leitura e a escrita, nada impede que eles possam ter um contato com as obras desses autores, pois segundo Rondon (2012, p. 83), “grande parte da tradição filosófica dos últimos séculos se baseou na leitura e na escrita sobre esses textos”. Sendo assim, é possível deduzir que o trabalho com textos nas aulas de filosofia é importante, pois é através da leitura de textos filosóficos que se aprende filosofia e, por isso, não se deve negligenciar essa atividade no Ensino Médio. Como a filosofia é uma atitude que “consiste em criar conceitos” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 11), tal processo de construção deve passar indubitavelmente pelo contato com o texto filosófico.

Partindo, então, do pressuposto de que o texto filosófico é imprescindível para o exercício da atividade filosófica, podemos dizer que cabe ao professor, durante as aulas de Filosofia, motivar e incentivar seus alunos para o exercício da leitura de textos filosóficos, independente das dificuldades que eles venham a encontrar. E para que os alunos consigam desenvolver o hábito da leitura, será preciso, contudo, muito empenho, conforme as palavras de Silvio Gallo (2012), ao dizer que para tal tarefa exige disciplina e regularidade, assim como sensibilizar os alunos para que eles se sintam afetados pela importância da leitura, para que possam melhor compreender a realidade à sua volta. Ainda, conforme Gallo (2012), a leitura precisa ser realizada de forma lenta e suave, sem muita pressa, ao longo do ano letivo, para que os alunos da primeira à terceira série do ensino médio, possam entrar nessa dinâmica da aprendizagem. Trabalhar, então, a leitura desta forma é importante para que a mesma não se torne desinteressante, uma vez que em nossa cultura, a leitura ainda não costuma ser uma atividade corriqueira, não fazendo parte do cotidiano da maioria das pessoas, inclusive de nossos alunos, que estão muito mais acostumados com os textos disponíveis nas redes sociais do que com os textos científicos ou acadêmicos.

A leitura, por sua vez, exige paciência, esforço e dedicação, por isso, ela não é uma tarefa fácil para a maioria dos alunos que enfrentam o ensino médio. Na realidade, o que se deseja é que a presença do texto filosófico em sala de aula, possa ajudar ao aluno, conforme assegura as Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná, a “[...] pensar, discutir, argumentar e que, nesse processo, crie e recrie para si os conceitos filosóficos, ciente de que não há conceitos simples” (PARANÁ, 2008, p. 51). Desta forma, o contato com o texto filosófico deve despertar no aluno o interesse pela leitura, levando-o a construir em sua vida uma atitude filosófica, ou seja, que ele possa através da curiosidade e da criatividade ser capaz de refletir, de pensar diferente, sem ter medo de reconhecer as próprias limitações de seu conhecimento. Então, o ensino de filosofia pensado e compreendido como criador de conceitos, exige tanto do docente quanto do discente um movimento de construção e desconstrução, no qual, ambos precisam aprender, cada um a seu modo, cortar e recortar a realidade, para que consigam também construir conceitos. Porém, nessa tentativa de criar e recriar, deve-se ter o cuidado para não se tornar um mero repetidor de conceitos, ou seja, de cair no mesmo problema que muitos não evitam: reproduzir o que os filósofos já disseram.

Lançar o olhar sobre o texto filosófico é necessário, porque não se pode esquecer aqueles que no passado pensaram, refletiram e lançaram perguntas diversas sobre as questões que envolvem a existência humana. Logo, debruçar sobre os textos clássicos não dever ser um desafio, mas um privilégio, uma vez que é através da “leitura de textos filosóficos que se constituem problemas, vocabulários e estilos de fazer simplesmente filosofia. E isso se aplica tanto para a pesquisa em Filosofia quanto para seu ensino” (BRASIL, 2006, p. 27). A filosofia se torna importante não só porque é capaz de ajudar ao homem a compreender melhor o mundo à sua volta, mas também porque ela pode dialogar com outras áreas do conhecimento, oferecendo uma boa contribuição para a formação do educando. Sua tarefa não consiste em somente favorecer ao aluno um simples conhecimento intelectual, mas também em torná-lo capaz de responder, a partir de seus conhecimentos adquiridos, questões oriundas das mais diversas situações.

Não devemos esquecer, no entanto, da importância do profissional da educação que, aliás, sobre ele, as Orientações Curriculares (BRASIL, 2006), orientam que ele deve ter o cuidado para não transformar o Ensino Médio em uma versão do curso de graduação, ou seja, não reproduzir no ambiente de ensino a mesma técnica de leitura que o formou⁸. No entanto, uma vez bem formado na leitura de textos filosóficos, o professor poderá desenvolver com mais facilidade a correspondência entre os temas ao texto, cumprindo a difícil tarefa de motivar o aluno para a reflexão filosófica. E uma das exigências que se faz presente nas Orientações Curriculares, envolvendo a atividade docente é:

O licenciado deverá estar habilitado para enfrentar com sucesso os desafios e as dificuldades inerentes à tarefa de despertar os jovens para a reflexão filosófica, bem como transmitir aos alunos do ensino médio o legado da tradição e o gosto pelo pensamento inovador, crítico e independente (BRASIL, 2006, p. 33).

⁸ Se faz necessário explicar, que no ensino médio, o professor de filosofia não deve fazer uma transposição mecânica do modo de ensinar filosofia, conforme experienciou durante o ensino superior. Mas é preciso que o ensino de filosofia no ensino médio não falsifique a filosofia. No ensino superior a leitura, lenta e pausada, de um texto, de um ou dois autores ao longo do semestre procura justamente proporcionar ao aluno a experiência da criação do conceito e não um procedimento de falar *sobre* vários filósofos dando várias informações sobre tudo e todos. No ensino médio, portanto, seguindo a mesma dinâmica da criação do conceito, deveria ser guiada não pela busca da transmissão ou reprodução do maior número de informações, mas proporcionar através de pequenos fragmentos de uma, duas ou três páginas, por exemplo, dos próprios filósofos, para que no aprendizado da leitura torne-se possível o acompanhar o passo a passo de como um filósofo cria um conceito.

O professor deve, então, se esforçar ao máximo para despertar o estudante para os temas clássicos da Filosofia e orientá-lo a buscar na disciplina um recurso para pensar sobre os diferentes problemas da realidade, buscando nos clássicos a inspiração para repensar a realidade presente. Ainda em relação ao Ensino Médio, as Orientações Curriculares (2006), apontam algumas características que devem nortear o ensino durante esta etapa de formação, dentre as quais destacam-se: formação ética, autonomia intelectual e pensamento crítico. Tendo como ponto de referência essa perspectiva, desenvolveu-se ao longo dos anos um ensino baseado na ideia de ensino por competências.

Por isso, a filosofia no Brasil segue alguns objetivos, juntamente com habilidades e competências específicas. Então, o professor ao organizar seu plano de ensino, não deve deixar de considerar as competências e habilidades a serem desenvolvidas na área de Filosofia, conforme a LDB atualizada e contextualizada nos PCNs. Dentre elas podemos destacar: ler textos filosóficos de modo significativo; ler de modo filosófico textos de diferentes estruturas e registros; elaborar por escrito o que foi apropriado de modo reflexivo; debater, tomando uma posição, defendendo-a argumentativamente e mudando de posição em face de argumentos mais consistentes; investigação e compreensão; articular conhecimentos filosóficos e diferentes conteúdos e modos discursivos nas Ciências Naturais e Humanas, nas Artes e em outras produções culturais; contextualizar conhecimentos filosóficos, tanto no plano de sua origem específica, quanto em outros planos: o pessoal-biográfico; o entorno sócio-político, histórico e cultural; o horizonte da sociedade científico-tecnológica (BRASIL, 2006).

Portanto, ao desenvolver habilidades em sala de aula, a tarefa do professor, não se resume apenas a transmitir valores, a ensinar, mas sim “despertar os jovens para a reflexão filosófica, bem como transmitir aos alunos do ensino médio o legado da tradição e o gosto pelo pensamento inovador, crítico e independente” (BRASIL, 2006, p. 33). E, assim, é função das escolas contribuir para a formação de jovens “críticos, criativos, autônomos e responsáveis” (BRASIL, 2017, p. 463), ou seja, de prepará-los para que possam tomar atitudes fundamentadas e responsáveis, e assim, tornarem-se verdadeiros cidadãos. Por isso, o texto de filosofia, pode ser uma ferramenta na qual o ensino possa ampliar o horizonte do aluno, para que ao olhar

para a sua realidade, ele possa descobrir uma conexão entre o que a tradição filosófica reflete por meio de seus filósofos, com os problemas que ele enfrenta em sua realidade cotidiana e, que na maioria das vezes, lhe falta um referencial que o ajude a vislumbrar alguma solução.

O ensino da filosofia precisa, por sua vez, buscar oferecer os meios necessários para que escola⁹ e sala de aula venham a se tornar um espaço propício, por meio do qual, o aluno tenha uma abertura maior aos questionamentos, dúvidas, incertezas e descobertas. Além disso, a leitura de textos filosóficos, deve ser um instrumento capaz de ajudar o aluno a perceber seu potencial e também as potencialidades de uma educação que tem condições de transformá-lo, moldá-lo, a fim de que possa refletir a realidade a partir de um novo olhar. Por fim, o contato com o pensamento filosófico a partir do texto é um caminho indispensável, pois, embora possamos encontrar na vida cotidiana problemas filosóficos, seja na televisão, no jornal, nas redes sociais, no contato direto com as pessoas, é nas obras dos filósofos que iremos encontrar os problemas e conceitos de forma mais organizada e com maior possibilidade de oferecer uma atividade filosófica mais concreta.

3.3 A LEITURA COMO FERRAMENTA PARA O DESPERTAR FILOSÓFICO

São muitas as dificuldades que envolvem a atividade de ensinar, como também são muitos os desafios que um professor enfrenta em sua vida cotidiana quando se dedica a ensinar Filosofia. Diante disso, surge a pergunta: como provocar nos alunos o interesse pelo pensar filosófico? Como despertar neles um pensamento crítico e reflexivo? Ora, a Filosofia é um modo de pensar, é uma postura diante do mundo. Ela não é um conjunto de conhecimentos prontos, um sistema acabado, fechado em si mesmo, que oferece respostas definitivas. Antes de tudo, ela é uma

⁹ Segundo Silva: “A escola é o lugar em que todas as dimensões da realidade se refletem, mas é fato também que, durante muito tempo, ela foi vista quase essencialmente como lugar de adestramento, onde ao aluno cabia apenas o ‘direito’ e o dever de aceitar, assimilar e reproduzir o que quer que fosse. Excluiu-se da escola o pensar, o refletir para agir, tão específico da raça humana, e promoveu-se a imitação, a cópia e o ‘engessamento’ daquele que, teoricamente, a frequentava com intuito de conhecer e crescer em todos os aspectos do contexto pessoal e social” (2014, p. 203).

prática de vida que procura pensar os acontecimentos além de sua pura aparência. Assim, pensar filosoficamente é delimitar os problemas que nos inquietam, buscando responder às diversas dúvidas que surgem naturalmente das circunstâncias humanas. É não aceitar como prontas e acabadas certas verdades aceitas como únicas e absolutas.

Então, como podemos aproximar o aluno do texto filosófico, ou melhor, como despertar o aluno para a sua leitura, quando em nossa realidade o uso das redes sociais tem se tornado mais atrativo que os textos escritos, sejam eles didáticos ou não? É possível despertar no aluno o interesse pela leitura filosófica se grande parte de nossos alunos não demonstra ou não possui em sua vida cotidiana a habilidade da leitura? Como ensinar a filosofar se, para isso, o contato com o texto filosófico é imprescindível? Sem dúvida alguma, esse será um grande desafio a ser enfrentado, principalmente quando o desejo é fazer com que a filosofia se torne não uma disciplina cujo papel seja transmitir conteúdos, mas fazer dela um instrumento no qual o aluno possa descobrir suas potencialidades, leva-lo a perceber que ele pode ser protagonista de seu próprio saber e, que o professor, em sala de aula, é aquele que medeia, ou seja, que indica, mostra ou aponta o caminho no qual percorrerá em busca do conhecimento. Na verdade, nossos alunos, especialmente os que se encontram nas camadas mais frágeis de nossa sociedade são os que apresentam mias deficiências quando chegam a esta etapa de ensino, a saber, o Ensino Médio. Na maioria das vezes não sabem ler e nem compreende o que ler. Por isso, fica difícil exigir do aluno que se compreenda o texto filosófico. Mas, “a proposta é exatamente esta: ensiná-lo a ler por meio do texto filosófico” (Rodrigo, 2007, p. 48). Neste sentido, deve-se possibilitar o acesso do aluno à leitura do texto filosófico; neste caso, se faz necessário um cuidado especial na escolha do texto: que seja curto, com uma linguagem de fácil compreensão, permitindo que o discente possa construir uma boa compreensão do mesmo.

Desta forma, as aulas de Filosofia precisam se transformar num espaço que permita a construção e a transformação de nossos discentes. E, essa transformação, deve passar justamente pelo contato com o texto filosófico, tornando-os capazes de ler e compreender o mundo a seu redor. Nesse sentido, a Filosofia do ensino de Filosofia, precisa, então, se tornar um espaço para a provocação do pensamento filosófico e de experiência filosófica na escola. Para isso, “ela precisa ser suscitada,

alimentada, sustentada, provocada, instigada” (SEVERINO, 2004, p. 108). Sabe-se que a compreensão de textos filosóficos não constitui uma tarefa fácil, mas não se pode deixar que “a falta de familiaridade dos estudantes com a leitura e a escrita” (XAVIER, 2004, p. 145), impeça que a Filosofia atravesse a vida dos estudantes e que eles deixem de estabelecer com ela relações de sentido. E, além disso, constitui um costume em nossas escolas, tanto públicas quanto privadas, o uso de livros didáticos ou apostilas, limitando o contato do aluno com o texto dos autores/filósofos, impedindo-o de realizar uma experiência pessoal com o texto filosófico, “tirando do aluno a possibilidade de entrar em contato com outras linguagens, narrativas, experiências, afastando os alunos das atividades de leitura” (RONDON, 2012, p. 80). Por outro lado, sobre a leitura de textos em sala de aula, José Wilson e Geraldo Balduino, defendem que:

O trabalho com a leitura e a escrita é atividade essencial à formação do estudante [...]. A filosofia na escola pode significar o espaço de experiência filosófica, espaço de provocação do pensamento original, da compreensão, da imaginação, da análise e do contato com os conceitos filosóficos (VIEIRA; HORN, 2015, p. 52).

A escola precisa se transformar em espaço de provocação do conhecimento, transformando-se em promotora do pensamento e, de certa forma, despertar no aluno o interesse em descobrir novas verdades e novos conhecimentos. E, mesmo que o livro didático ou a apostila possa, na maioria dos casos, limitar o potencial que o aluno possui para desenvolver sua capacidade reflexiva, uma vez que ele pode encontrar neles respostas prontas e reflexões já acabadas, eles podem ser, em certos casos, um instrumento importante para desenvolver nos alunos a capacidade reflexiva, pois, atualmente, muitos livros didáticos e apostilas, já trazem consigo a presença de fragmentos e de textos próprios dos filósofos. E isso pode ajudar o aluno a se tornar, conforme diz Larrosa (2002), um sujeito da experiência, aberto à sua própria transformação. Por isso, é importante motivar o aluno a utilizar o livro didático ou a apostila que está à sua disposição, especialmente no que diz respeito ao texto filosófico presentes neles, pois o contato com o texto deve provocar no aluno uma experiência forte, que o leve a compreender a importância que a leitura desempenha

em sua vida e que, a partir dela, seja possível realizar uma melhor compreensão da vida e de sua realidade¹⁰.

Não podemos, no entanto, nos esquecer também da presença das redes sociais e das novas tecnologias. Estes instrumentos vêm desempenhando um papel bastante relevante na esfera educativa. Por isso, não podemos negar sua importância na construção do conhecimento. Por outro lado, devemos estar atentos, pois da mesma forma que eles podem ser um grande aliado, podem também se tornar vilões na vida do estudante. Isto acontece por que eles disponibilizam uma quantidade imensa de informação e, por conseguinte, o excesso de informações e a velocidade de acesso fazem com que o aluno precise de certas habilidades para selecionar, filtrar, gerenciar, processar, adequar e assimilá-las. Sendo assim, é preciso certo conhecimento para que a informação seja utilizada de forma correta, pois, de acordo com Larrosa (2002, p. 21), “a informação não é experiência” e nem deixa lugar para ela. Percebe-se, que atualmente, existe uma necessidade profunda de se estar sempre informado, porém, o que se observa, é que a informação é assimilada como se ela fosse uma verdade pronta e acabada, sem que se realize sobre ela uma reflexão crítica profunda. É neste contexto, então, que também estão inseridos os nossos alunos. Eles copiam e colam as informações contidas nos meios de comunicação, tomando-as como se fossem verdades absolutas, perdendo, assim, a oportunidade de realizar uma experiência com algo que ele experimenta e prova (LARROSA, 2002) diariamente em sua vida. Mas, apesar dos diversos desafios encontrados, o professor não deve desistir de sua missão, pois conforme Cerletti (2009, p. 9), “os melhores professores e professoras serão aqueles que possam ensinar em condições adversas”.

Portanto, independentemente de encontrarmos dificuldades, seja por parte de quem ensina a pensar filosoficamente, seja por quem busca apreendê-lo, é

¹⁰ Seria ideal que o professor tivesse autonomia para escolher fragmentos de textos dos filósofos, para serem trabalhados em cada bimestre ou trimestre, conforme segue cada escola, independentemente dos que estão no livro didático ou nas apostilas, em virtude de tentar relacionar com o plano de imanência no qual os alunos daquela sala específica estão atuando. Neste sentido, a escolha de um referencial teórico, com o qual ele possa trabalhar, seria fundamental, pois ele precisa escolher que conceito de filosofia ele deve desenvolver junto aos alunos, assim como, que filósofo mais se aproxima de sua compreensão sobre o que seja filosofia. Para enfim, assumir uma postura filosófica em volta dos problemas emergidos do processo de ensino. Recomendamos para uma melhor compreensão sobre o assunto, o que diz Danelon (2010, p. 187).

compreender que a leitura de textos filosóficos deve ajudar a compreender melhor a realidade, os problemas, as dificuldades e, assim, buscar soluções para que os mesmos possam ser amenizados. E para que isto aconteça será necessário que ele realize o encontro de sua realidade com aquela refletida no texto pelo próprio filósofo. Isso torna o uso do texto em sala de aula essencial para que se aprenda a transformar aquilo que se conhece e não para transmitir o que já se sabe. O contato do aluno com o texto filosófico deve despertá-lo para o interesse da leitura, levando-o a construir em sua vida uma atitude filosófica, ou seja, que ele possa através da curiosidade e da criatividade ser capaz de problematizar, de pensar diferente, de buscar novas soluções para novos problemas, ou para aqueles problemas que muitas vezes parecem não ter solução. O ensino de filosofia entendido, então, como criador de conceitos “deve abrir espaço para que o estudante possa planejar um sobrevoo sobre todo o vivido, a fim de que consiga à sua maneira também, cortar, recortar a realidade e criar conceitos” (PARANÁ, 2008, p. 52). Porém, o aluno na busca de criar e recriar, deve ter o cuidado para não se tornar um mero repetidor de conceitos, ou seja, de cair no mesmo erro que muitos não conseguem evitar: reproduzir o que os filósofos já disseram.

3.4 A SALA DE AULA COMO ESPAÇO DE CRIAÇÃO DE CONCEITOS

O ensino básico em nossas escolas vem se constituindo, na maioria das vezes, um lugar no qual a preocupação fundamental consiste em fazer com que o aluno atinja metas já preestabelecidas, como por exemplo, chegar à universidade ou obter um bom desempenho que o coloque no mercado de trabalho. Por isso, percebe-se que ele não vem alcançando aquela tarefa que é essencial a todo ser humano, ou seja, ajudá-lo a pensar. Isto acontece, devido ao fato de que ele está limitado a um ensino regado, pragmático e técnico, e em certos casos, tem se transformado em um ensino instrumental.

Em seu livro intitulado *Bergsonismo*, Deleuze aponta para uma possível compreensão de educação que não esteja situada nos moldes de um pensamento ordinário, isto é, um pensamento que seja pautado na repetição de conteúdos e na

solução de problemas já resolvidos, limitando o aluno para novas possibilidades de pensar o novo. De acordo com Deleuze, nesta educação, a imagem do aluno que sai das escolas deve assemelhar-se à imagem do filósofo. Para ele, então,

Um grande filósofo é aquele que cria novos conceitos: esses conceitos ultrapassam as dualidades do pensamento ordinário e, ao mesmo tempo, dão às coisas uma verdade nova, uma distribuição nova, um recorte extraordinário (DELEUZE, 1999, p. 125).

A filosofia, por sua vez, possui essa finalidade importante, que é a criação conceitual, ou seja, o fazer filosofia, deve consistir na capacidade de pensar as mesmas coisas de outros modos ou de novos modos. Sendo assim, se faz necessário considerar que criar conceitos não é uma tarefa exclusiva da filosofia, pois, outras disciplinas, como a ciência e a arte, por exemplo, também a realizam, conforme a concepção deleuzo-guattarriana: “as ciências, as artes, as filosofias são igualmente criadoras, mesmo se compete apenas à Filosofia criar conceitos no sentido estrito” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 11). Porém, elas não realizam conforme realiza a própria Filosofia, pois esta, ao contrário, exige do pensamento uma nova postura frente a realidade, que não se pauta na busca do que é verdadeiro, conforme se faz no pensamento ordinário. A Filosofia exige, portanto, criatividade, por isso, “pensamento é criação, não vontade de verdade, como Nietzsche soube mostrar” (DELEUZE; GUATTARRI, p. 67). A vontade de verdade seria, então, para Nietzsche, aquele desejo que está presente no ser humano, que de algum modo o motiva, fazendo com que ele busque uma verdade eterna e imutável, a qual se esconde por trás da realidade. Todavia, segundo ele, a vontade de verdade carrega consigo um propósito, que se concretiza por meio de uma intenção prática e política, cujo interesse consiste em nivelar os homens, normatizar a vida e reduzir o pensamento, barrando o fluxo de lembranças, vontades e desejos que sempre impulsionaram a humanidade. Neste sentido, podemos aproximar o pensamento ordinário¹¹ com a ideia de vontade de verdade, uma vez que ele, de certa forma, limita e restringe as diversas possibilidades do pensamento. Isso vai de encontro à ideia deleuziana de uma

¹¹ De acordo com Teza, “O pensamento ordinário é aquele pensamento que se limita ao treino, à repetição, à resolução de problemas já solucionados. É um modelo que traz uma narrativa da continuidade ou, no máximo, de rupturas reconciliadas, assumindo uma forma tranquilizante sob suposto domínio da matéria (2016, p. 223).

Filosofia criativa, dinâmica, disposta a construir e a reconstruir o pensamento e a realidade em nossa volta, porque existe nela uma potencialidade para inventar, criar, recriar, construir sempre coisas novas.

Sendo assim, a escola deve despertar nos alunos o interesse pela criatividade. Por isso, o ensino de Filosofia deve ter o cuidado para não cair no perigo de se tornar um ensino meramente transmissor de conteúdos, transformando o aluno num instrumento passivo, que só recebe informações, mas que não se esforça para transformá-la em conhecimento para a vida. Porém, deve-se também ter o cuidado para que o conhecimento da vida e do mundo que o aluno traz consigo não seja negligenciado, pois é preciso levar em consideração o conhecimento por ele já adquirido, pois será a partir dele que se deve pensar, problematizar e refletir, levando-o a perceber seu potencial para construir novos saberes em sua vida.

Partindo, então, desta perspectiva, é possível imaginar a escola como espaço propício, que favoreça o aluno a desenvolver um pensamento que supere os limites de um pensar ordinário. Sendo assim, a escola deve, por sua vez, estar atenta para não permitir que a sala de aula se transforme num instrumento de repetição dos saberes. Mas, ela só terá condições de cumprir seu verdadeiro papel como educadora, se for capaz de ensinar a seus alunos a pensar novos conceitos sem se preocupar em repetir os velhos e, de alguma forma, possa despertar no íntimo de cada um, “um grande filósofo” (DELEUZE, 1999, p. 125). A escola, portanto, precisa ser um espaço no qual se desenvolva o pensamento criativo e, a sala de aula, por sua vez, deve ser o lugar favorável para que essa criatividade possa acontecer.

3.4.1 O ensino de Filosofia como oficina de criação de conceitos

Defender a ideia de uma Filosofia pautada numa atividade criativa, que possa conduzir aqueles que dedicam sua atenção para o pensar filosófico, a se tornarem capazes de buscar o novo, criar novas ideias, mesmo que seja a partir do que já foi pensado, mas que possa recriar a partir dele novos problemas e apontar possíveis soluções, é uma tarefa que desejamos realizar. Sendo assim, pensar as aulas de Filosofia como um ato de criação em vez de reprodução, deve ser uma atitude a ser cultivada, pois, tanto o docente quanto o discente, precisam estar atentos para a importância do conceito, uma vez que este é um instrumento pelo qual podemos

intervir sobre a realidade. Pensar, contudo, um ensino de filosofia fundamentado em um esforço contínuo norteado pela investigação, criação e invenção, que permita nossos estudantes a pensar criativamente. Desta forma, julgamos ser relevante pensar a atividade do professor de Filosofia, como uma espécie de oficina de criação de conceitos, na qual possam ser utilizadas ferramentas que ele já tem à sua disposição ou novas ferramentas que o mesmo possa incorporar ao seu trabalho reflexivo, para que problemas e conceitos venham a ser articulados com mais precisão, pois para os pensadores franceses, os conceitos são criados tendo em vista os problemas, “sem os quais não teria sentido” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 24). No entanto, para que isso se torne realidade, se faz necessário compreender que não basta somente saber utilizar boas ferramentas em sala de aula, salienta Araújo e Ceppas (2017), é importante, ainda, ter clareza sobre “o que se deseja construir, qual problema se deseja responder, de que forma desejamos intervir no mundo” (ARAÚJO; CEPPAS, 2017, p. 62).

Ora, uma boa aula de Filosofia é aquela que possa tocar o aluno, afetá-lo, de forma que ele desperte para o pensar filosófico e, embora isso não aconteça, pelo menos ela deve provocar nele, mesmo que não seja de imediato, certa inquietação, para que o mesmo possa perceber a importância da Filosofia como instrumento de intervenção da sua realidade. E, para esta tarefa, se faz essencial a mediação do professor. Ele é, antes de tudo, aquele que ao olhar para a realidade do aluno e a partir de suas experiências cotidianas, lança problemas e provocações, para que eles possam sentir-se motivados a pensar, a refletir sobre a realidade e a investigar os problemas que lhes causam inquietações. Além disso, o docente deve oportunizar aos seus discentes a buscar respostas na tradição filosófica para os problemas por eles suscitados, buscando atualizá-los para a sua realidade. Por isso, não devemos nos esquecer de sua importância, de seu esforço em sala de aula, pois, segundo Araújo e Ceppas (2017, p. 61),

[...] o professor é aquele que não apenas apresenta os conceitos. É também alguém que, além de explicitar a atividade criativa da filosofia, encoraja e estimula os estudantes a reelaborem criativamente estes conceitos apresentados e, se possível, a criarem seus próprios conceitos.

Sendo assim, conforma a referida citação, o professor exerce um papel essencial na transmissão do conhecimento ou na atividade reflexiva na busca por ajudar o aluno a despertar para o pensar, ou melhor, para desenvolver um pensamento criativo, que vá além de suas meras habilidades. Neste sentido, o docente não só trabalha conceitos já existentes, mas também novos conceitos e, no entanto, deve ter consciência de que sua atividade docente em sala de aula, não deve se restringir apenas em apontar ou transmitir os conceitos, mas também deve ser encorajar, estimular, provocar o estudante, com a intenção de ajudá-lo a reelaborar ou quem sabe a partir de sua realidade de vida traçar seus próprios conceitos e, assim, a aula de Filosofia pode ser caracterizada como uma experiência filosófica, ou como diz o próprio Sílvio Gallo, ela deve ser compreendida como “uma oficina de conceitos”. Vejamos, portanto, o que ele nos diz:

A aula de Filosofia precisa ser vista como uma “oficina de conceitos” e nunca uma sala de museu, na qual se contemplem conceitos criados há muito tempo e que são vistos como meras curiosidades. Deve-se, assim, atuar como um meio de trabalho em que os conceitos se ofereçam como ferramentas manipuláveis, como um laboratório em que se permita e ofereça condições e meios para experiências e experimentações, de acordo com os conceitos de que esse estudante se apropria (GALLO, 2013, p. 57).

Desta forma, pensar a sala de aula como uma oficina de produção conceitual significa que ela pode e deve se transformar num espaço no qual a filosofia pode ser concebida “como uma atividade, como um processo, e não como um produto” (GALLO, 2013, p. 57). Sílvio Gallo pensa a oficina de conceitos como uma transposição para a prática pedagógica da concepção da filosofia como criação de conceitos desenvolvida por Gilles Deleuze e Félix Guattari, na obra *O que é a Filosofia?*, um trabalho desenvolvido em conjunto por estes filósofos franceses, no ano de 1991. Ele indica quatro etapas ou momentos, nas quais as aulas de filosofia precisam ser organizadas, para que os discentes possam realizar sua experiência de pensamento de forma mais eficaz. Os quatro momentos ou etapas são: sensibilização, problematização, investigação e conceituação.

Seguindo as etapas propostas por Sílvio Gallo, nos serviremos de alguns recursos que serão utilizados no momento da sensibilização, como, por exemplo, vídeos, músicas e textos. Com isso, pretende-se levantar temas que serão

trabalhados durante a problematização. Na verdade, o objetivo da sensibilização consiste em fazer o aluno se interessar pelo problema filosófico (ou temática) a ser desenvolvido, ou ainda: “fazer com que os estudantes vivam, ‘sintam na pele’, um problema filosófico, a partir de um elemento não filosófico” (GALLO, 2007, p.28). É uma tentativa, portanto, de realizar uma aproximação, através de algo que está relacionado ao cotidiano dos alunos, ou seja, que faz parte da vida deles e que estará presente naquilo que será desenvolvido.

Durante a realização da sensibilização pode ser utilizado diversos recursos, como, por exemplo, um filme ou parte dele, uma música, um poema, cenas de fatos da vida cotidiana, com a finalidade de motivar o estudante a buscar o conhecimento. Estes elementos devem estimular o discente para o exercício do pensamento, despertando nele a sensibilidade, provocá-lo, deixá-lo curioso e, portanto, torná-lo capaz de pensar. O momento de sensibilização prepara os alunos para o momento de problematização. Aliás, é precisamente aqui, quando os estudantes, mediados pelo professor, elaboram seus questionamentos e identificam os principais problemas que precisam investigar. Em seguida, a partir dos problemas levantados, dá-se início ao processo de investigação. Nela, pode ser utilizado fragmento de textos dos filósofos, observando como os pensadores da tradição filosófica elaboraram seus conceitos, como também investigar como eles lidaram e responderam a determinados problemas. E, a última etapa, a criação de conceitos, conhecida como conceituação, deve ser oportunizado aos alunos vivenciar uma experiência filosófica, a qual se trata “de recriar os conceitos encontrados de modo que equacionem nosso problema, ou mesmo de criar novos conceitos” (GALLO, 2012, 97).

Permitir, então, que as aulas se tornem oficinas de conceitos significa oferecer aos discentes uma oportunidade singular na qual possam experienciar uma verdadeira atitude filosófica. Neste caso, a conceituação consiste em um momento no qual todos devem se esforçar para criar ou recriar conceitos, com a finalidade de tentar responder aos diversos problemas elaborados nas etapas anteriores. E, na dificuldade de criar seus próprios conceitos, fato este que naturalmente será evidenciado durante o desenrolar da construção conceitual, tendo em vista que nesta etapa de formação, os alunos do ensino médio não possuem capacidade para fazê-lo, pois isto demanda um domínio elevado da tradição filosófica. Também não consiste em nosso objetivo exigir desses alunos tal esforço. No entanto, as aulas de filosofia

precisam, por sua vez, mostrar como o filósofo cria conceitos. Neste sentido, cabe, portanto, ao professor em sala, envolvê-los nesta dinâmica.

Neste caso, o ensino de filosofia deve superar aquele entendimento tradicional que se resume apenas em transmitir conhecimentos, sem estar preocupado em possibilitar ao aluno realizar uma verdadeira experiência de pensamento. A Filosofia precisa ser essa atividade criadora, que confere ao educando novas possibilidades de construir o conhecimento e desenvolver melhor seu pensamento. Portanto, a sala de aula deve se transformar em um espaço de construção do conhecimento, no qual os alunos possam enxergar a Filosofia como uma atividade criativa, e, para isso, cabe ao professor revelar um pouco dessa criação, de tal modo que eles se sintam motivados e estimulados a experimentar o passo a passo de como os filósofos criam seus conceitos. As aulas de filosofia terão, neste sentido, um papel fundamental, pois possibilitará nossos alunos a mergulhar na dinamicidade da construção conceitual, sem deixá-los presos a uma exigência para construir conceitos. E o próprio aluno criar conceitos isso já seria uma possibilidade, não exigência.

3.4.2 O ensino de Filosofia a partir da problemática do aluno

É comum, nas aulas de filosofia, conduzir o aluno a pensar sobre certos assuntos, baseando-se em perguntas e respostas, tais como: o que é liberdade? O que é felicidade? O que é o amor? O que é a política? O que é o tempo? A especificidade do saber filosófico tem como ponto de partida a capacidade de questionar, de fazer perguntas. No entanto, não existe uma preocupação em motivar nossos estudantes a pensar esses temas e problematizá-los. O que seria um exercício interessante, pois seria uma grande oportunidade para nossos jovens exercitar o pensamento, experimentar a vida por meio de construção e desconstrução de conceitos. É comum, na maioria das vezes, em sala de aula, perguntas como aquelas acima descritas, serem apresentadas aos alunos, sem que eles tenham a oportunidade de pensá-las e até mesmo de problematizá-las. Pensando, portanto, nesta possibilidade, nos preocupamos em tornar as aulas de filosofia mais criativas. No sentido de que, se faz necessário que o aluno possa participar dela de forma criativa, podendo problematizar os diversos temas da tradição filosófica, tendo como referência

os filósofos da tradição, para que possam relacionar as ideias neles trabalhadas com os problemas e as dificuldades inerentes às situações da vida cotidiana.

No entanto, se faz necessário que os temas sejam problematizados pelos alunos, a partir de questões da própria realidade, sem que seja fruto da preocupação do professor, que muitas vezes, mastiga os temas e os problematizam, sem que este exercício seja realizado com o esforço e o trabalho dos próprios alunos em sala de aula. É preciso, com isso, estimular o aluno para o pensar, pois o exercício do pensar acontece quando o mesmo é provocado pela força de um encontro que mexe e incomoda. Por outro lado, eles sentirão dificuldades, uma vez que não estão inclinados para a leitura e, quando falamos de textos filosóficos a situação se agrava ainda mais. Porém, conforme diz Xavier (2004), mesmo os alunos tendo pouco contato com a leitura, através dela, poderão descobrir a relação entre os problemas de sua realidade, com aqueles por meio dos quais possam experienciar durante o exercício de leitura. De qualquer forma, seja por meio da leitura de textos de natureza filosófica ou de outros tipos de leitura, eles podem entrar em contato com os diferentes problemas, “dando-lhe uma visão mais rica do seu próprio mundo, das várias maneiras pelas quais ele pode resolver ou equacionar um problema” (SILVA, 1995, p. 10). Embora a filosofia possua certas especificidades que a distingam de outras disciplinas, no entanto, quando se pensa em reflexão ou pensamento crítico, tais características não são exclusividade da reflexão filosófica e, por causa disso, pode-se dizer que outros saberes também têm a mesma capacidade para desenvolvê-las. Eis o que dizem Deleuze e Guattari sobre isso:

A exclusividade da criação de conceitos assegura à filosofia uma função, mas não lhe dá nenhuma proeminência, nenhum privilégio, pois há outras maneiras de pensar e de criar, outros modos de ideação que não têm de passar por conceitos, como o pensamento científico (DELEUZE; GAUTTARI, 2010, p. 15).

Na verdade, conforme o que foi exposto nos dizeres dos pensadores franceses, o que eles desejam é mostrar que o fazer Filosofia possui uma qualidade que o diferencia de outras disciplinas, sendo esta característica específica, a elaboração de conceitos. Mas, sendo a atividade filosófica uma criação de conceitos, o processo de criação conceitual exige a leitura, como elemento essencial para a atividade filosófica, pois, sem a leitura não é possível problematizar. Assim, tanto a

leitura quanto o problema são elementos essenciais para a construção e a elaboração de conceitos. Logo, sem a existência de problemas se torna difícil a criação conceitual, uma vez que os conceitos são formados a partir da solução dos problemas. Sobre isso, aliás, Deleuze e Guattari sustentam que o conceito se “remete ao problema” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 24).

Ora, neste sentido, podemos dizer, então, que o ensino de Filosofia precisa ser desenvolvido tendo em vista os problemas enfrentados pelos alunos, pois eles poderão problematizá-los, tendo uma visão diferente daquela do professor, que muitas vezes traz ou apresenta um problema já definido, tornando assim a aula monótona e desinteressante. As aulas de filosofia devem se tornar o lugar ou o espaço no qual o aluno deve construir seus problemas, pois é neste chão, nesta terra, que ele precisa compreender-se como sujeito que exerce um papel relevante na construção de seu conhecimento.

Pensar um ensino de filosofia para o ensino médio como criação de conceitos consiste em uma tarefa que deve partir de uma relação que envolvem alunos e problemas. Dentro desta perspectiva, propomos um ensino que permita o discente experimentar o passo a passo da criação conceitual, ou seja, o modo como os filósofos construíram seus conceitos, sem precisar recorrer a um modo de repetição de informação, que não produz conhecimento. Portanto, o exercício que envolve a criação de conceitos parte de acontecimentos, de situações-problemas, que, na verdade, consistem na razão de ser dos conceitos. Por isso, em sala de aula, cabe ao professor saber criar situações, fazendo com que os problemas suscitados tenham origem na realidade dos estudantes, que darão sentido ao exercício de construção conceitual. Para isto, Deleuze e Guattari propõe um conceito que nos permite voltar para os primórdios da filosofia, pensando-a num local ou espaço no qual o pensamento possa transitar, de tal forma que ele possa estar sempre em constante devir.

Este conceito, como vimos anteriormente, chama-se Geofilosofia. Por meio dele, os pensadores franceses desejam nos mostrar como devemos lidar com o pensamento nesta terra. Neste sentido, devemos, pois, exercitar nosso pensamento sobre a imanência, sobre a terra, neste lugar em que habitamos, sem pretendermos buscar algo que está fora de nossa realidade. No tocante a sala de aula, devemos pensá-la, portanto, como o lugar ou o território, no qual nossos alunos podem se aventurar no pensamento, buscando pensar seus problemas, traçar metas e propor

soluções, tendo os pés sobre o chão, o solo, a terra, como lugar de imanência, sobre o qual ele faz essa experiência de pensamento. Deleuze e Guattari oferecem os conceitos, o plano de imanência, os personagens conceituais e a Geofilosofia, como proposta de um pensar dinâmico e criativo, que nos permita povoar outras terras e experimentar novas possibilidades.

Os conceitos deleuzianos, por sua vez, podem ser uma ferramenta fundamental para se construir um ensino mais criativo. Este ensino precisa envolver os alunos no exercício do pensamento. Eles podem ser trabalhados em consonância com a metodologia de Silvio Gallo, que a partir da concepção de Deleuze e Guattari, concebe a filosofia como uma oficina de trabalhando a partir dela a sensibilização, a problematização, a investigação e a conceituação. Com isso, pretende-se que os conceitos deleuzianos possam ser melhor vivenciados e experienciado durante as aulas de filosofia pelos alunos.

No entanto, sabe-se que transformar a sala de aula em um espaço para o exercício do pensamento não será uma tarefa fácil, particularmente, porque vivemos numa sociedade em que se prega a importância de obedecer. O que reflete muitas vezes em nossos alunos, que preferem chegar em sala de aula e encontrar atividades que se pautam na cópia e na repetição do que disse o professor. Por outro lado, tomar decisões e pensar são atividades que denotam muito trabalho, por isso, a maioria de nossos alunos preferem a passividade. Porém, se quisermos transformar a vida dos alunos, torná-los em sujeitos criativos e pensantes, devemos lembrar que a sala de aula pode ser o único espaço na vida desses alunos, capaz de ajudá-los a responder aos desafios que a vida lhes impõe. E apesar de toda a dificuldade, a disciplina de Filosofia poderá oferecer um exercício de aquisição e gosto pelo hábito de leitura e da leitura do mundo para além da memorização e repetição de informações.

A Filosofia pode oportunizar experiências do conceito aos alunos, ou seja, tornar possível o exercício do pensamento conceitual. Neste caso, se faz preciso ter o cuidado, tanto por parte do professor quanto do aluno, de não permitir que a atividade do pensar se resuma a uma simples repetição daquilo que já foi pensado. O professor precisa estar atento para não cair na tentação de se preocupar somente com o conteúdo, com informações, sem permitir motivar seus alunos a pensar. Por outro lado, ainda se faz necessário alertar os alunos para que eles não se acomodem, caindo também na tentação de querer encontrar tudo pronto, preparado, sem que

precise de um esforço de sua parte. Para isso, é preciso provocar o pensamento, conduzir o aluno para o centro do problema, para que ele possa sentir-se afetado, provocado, instigado e assim, consiga descobrir novas possibilidades, para que construa novas experiências, novas ideias e, quem sabe, aponte novas soluções, pelo menos para mudar de alguma forma a realidade na qual estar inserido. No entanto, para que isso se torne realidade, o aluno precisa se conectar ao texto, no caso do ensino de Filosofia, ele precisa ser apresentado ao texto filosófico.

A atividade filosófica implica no contato com os textos filosóficos, pois é neles “que se constituem problemas, vocabulários e estilos de fazer simplesmente Filosofia” (BRASIL, 2006, p. 27). Pois, no instante em que o aluno busca inspiração nos pensadores e nos conceitos elaborados no passado, ele tem a possibilidade de pensar, de problematizar sua realidade e elaborar seus próprios conceitos. Na verdade, o exercício da filosofia enquanto prática filosófica acontece à medida que ele, ao entrar em contato com aquilo que os pensadores do passado elaboraram, crie condições necessárias para pensar e elaborar suas próprias ideias ou seus próprios conceitos. Então, em sala de aula, o papel do professor consiste em mediar “a relação dos alunos com os conceitos, saindo de cena em seguida para que a relação com os conceitos seja feita por cada um e por todos” (GALLO, 2010, p. 164). E, neste caso, os textos filosóficos constituem uma ferramenta essencial. Porém, eles não devem ser absolutizados, pois, “compreender um texto é um passo no caminho da filosofia, e não o último”, afirma Cerletti (2009, p. 81). Ainda ressalta, Cerletti (2009), que a aula constitui o momento oportuno para o questionamento e não apenas para o professor expor suas explicações filosóficas. Além disso, cada pessoa filosofa a seu modo. Sendo assim, não tem como o professor assumir o papel do aluno no movimento pelo conhecimento filosófico, uma vez que o aluno irá refletir a partir de sua própria experiência com a realidade na qual está inserido.

Há um elemento, pelo qual precisamos ter um olhar mais atento, é justamente, o uso do texto filosófico em sala de aula. Sabe-se que ele é necessário, porém, seu procedimento não deve ser igual ao que se faz durante um curso de graduação, uma vez que é preciso levar em consideração, nesse nível da educação básica, a localização da escola, a realidade de vida em que se encontra o aluno naquela localidade, visto que muitos não possuem acesso algum a políticas públicas de qualidade, que os ajudem a superar suas dificuldades. No entanto, tais particularidades não podem indicar que se

pode ensinar e aprender melhor filosofia em um determinado lugar do que em outro, mas como destaca Cerlleti (2009, p. 8), “em função desses contextos, não será o mesmo em cada caso o que se pode – ou se deve – fazer em nome da filosofia”. Não se pode negar, todavia, a importância do uso do texto filosófico, nem tampouco negar ao aluno, mesmo que ele não tenha familiaridade com a leitura, seja ela filosófica ou não, o acesso a ela. Neste caso, a sala de aula pode ser uma ocasião para que a leitura possa realizar sua tarefa, através da qual, seja possível ao aluno, repensar e reconstruir o conhecimento adquirido por meio dela.

E, mesmo que a leitura não configure um exercício comum, para a maioria de nossos alunos, e até mesmo para a nossa cultura, ela deve ser ensinada, estimulada e provocada, pois, no que diz respeito à atividade filosófica em sala de aula, a leitura e a escrita constituem formas de mediações fundamentais que possibilitam o desenvolvimento do modo filosófico de pensar. Portanto, a leitura consiste em uma atividade fundamental para o processo reflexivo. Contudo, ela não se desenvolve por acaso, muito menos é inata na vida do ser humano, por isso, ela precisa ser exercitada, pois, só é possível aprender a ler, lendo. Sendo assim, para que se possa efetuar uma leitura correta da realidade, se faz necessário a leitura enquanto instrumento que possibilita o leitor a se relacionar com os diversos problemas que o envolvem, estabelecendo as relações possíveis de sua experiência cotidiana com o texto.

Por isso, a leitura deve também ser ensinada, estimulada, especialmente quando se fala em ensino de filosofia, que implica o contato com diversos filósofos, que de uma forma ou de outra, precisam ser compreendidos. Neste contexto, o diálogo entre Filosofia, Educação e Ensino, e em especial, o ensino de filosofia estão interligados, uma vez que “ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou construção” (FREIRE, 2011, p. 47). E a Filosofia, sob a perspectiva deleuzo-guattariana, é uma atividade que possui uma potência, que nos impulsionam sempre para a construção, para a invenção e, porque não dizer, para pensar diferente de tudo aquilo que já foi pensado.

Portanto, devemos considerar que o ensino de Filosofia precisa estar pautado na problemática vivida pelo aluno e esta, por sua vez, precisa estar conectada e relacionada ao texto. Por isso, problema e leitura estão de alguma forma relacionados mutuamente.

4 CONSIDERAÇÕES SOBRE A METODOLOGIA DA INTERVENÇÃO

A atividade escolar é uma realidade que constantemente necessita do exercício do pensamento, dada à sua complexidade, como também às situações adversas nas quais se revelam a qualidade do ensino. Sendo, portanto, necessário uma melhor compreensão dos aspectos positivos que favorecem a construção do conhecimento e dos aspectos negativos, pois, de certa forma, precisam ser revistos e repensados, para que sejam construídas alternativas que permitam amenizar as dificuldades e as deficiências de nosso ensino, especialmente em se tratando do ensino de Filosofia presente nas escolas da rede pública quanto na privada.

Por isso, a intervenção do professor nesse contexto é fundamental, pois pode contribuir para a participação ativa do estudante, tornando-o responsável pela construção de seu próprio conhecimento. Neste sentido, a intervenção constitui um momento de encontro que envolve o pensamento dos filósofos com a compreensão dos alunos, de tal forma que a percepção dos discentes no que se refere ao texto, precisa ser mediada com o auxílio do professor, de modo que possa provocar neles o despertar para o exercício do pensamento. Desta forma, sustentamos nossa intenção na possibilidade de motivar nossos jovens estudantes a se tornarem protagonistas do saber, dando a eles a responsabilidade de escolher os temas relacionados ao exercício filosófico, para que a partir deles cada discente possa elaborar suas questões e suas problemáticas, para de forma criativa, possam criar possíveis soluções aos problemas elaborados, tendo por objetivo desenvolver nos educandos uma atitude filosófica.

Nesta perspectiva, pensamos em um ensino de filosofia que coloque o aluno no centro de construção de seu saber. Para isso, pensamos um ensino de filosofia articulado entre problema e leitura, pautado na concepção de Deleuze e Guattari, que defendem a filosofia como criação de conceitos. A criação conceitual, nestes filósofos, necessita de certos elementos para ser produzida, os quais são plano de imanência, lugar onde os conceitos tomam forma, são articulados, e os personagens conceituais, que são os responsáveis em dá vida aos conceitos. Como o conceito é pensado a partir do problema, então, buscamos vincular problema com leitura, visto que será necessário um olhar para os textos da tradição filosófica, a fim de pensar formas de

como solucionar os problemas. Então, como aplicar isso ao ensino de filosofia? Para isso, buscamos uma ideia na metodologia de Silvio Gallo, que se afina com a concepção deleuzo-guattarriana. Nesta metodologia, Gallo aponta a sensibilização, a problematização, a investigação e a conceituação, como um caminho no qual o aluno pode sentir o passo a passo da produção conceitual, ou seja, como os conceitos foram construídos pelos filósofos, sem apegar-se a definições prontas, que não levam ao exercício do pensamento.

A contemplação desta metodologia, neste contexto, surge como possibilidade de auxiliar o ensino de filosofia e, com isso, também os alunos, a compreender como um conceito é criado e sentir como essa nova concepção de conceber filosofia (*Geofilosofia*) pode ser útil à construção de novos saberes. Mas será possível a um aluno, nesta fase, ou seja, cursando o Ensino Médio, realizar uma experiência filosófica ou criar conceitos? Como fazer isso? Certamente a um aluno, nesse nível de ensino, criar conceitos conforme os filósofos da tradição não será uma tarefa fácil tendo em vista as suas limitações, pois, para a criação conceitual se concretizar, se faz necessário um vasto domínio dessa tradição. Neste sentido, criar conceitos, não seria uma tarefa fácil, particularmente nesta etapa de ensino, mas não impossível. Por isso, não descartamos tal possibilidade, pois, possa ser que algum aluno, ao longo de seu aprendizado, mesmo com suas limitações, possa, a partir de sua experiência de pensamento, realizar em alguma medida, tal exercício. Logo, não devemos negar-lhe tal possibilidade. Sendo assim, nosso desejo consiste em possibilitar a este aluno o início de uma experiência do pensamento, ajudando-o a conhecer como os filósofos conseguiram construir seus conceitos. Isso, na verdade, já seria o começo de uma experiência filosófica, porque vendo o passo a passo dessa construção, ele pode, com isso, desperta-se para o pensar filosófico. Desta forma, pretendemos com a metodologia escolhida, permitir que o aluno percorra esse caminho de construção de forma ordenada vendo como, quando e porque- os conceitos foram criados.

A intervenção se volta, portanto, para a necessidade de construir uma metodologia que venha ajudar ao ensino de Filosofia a ser tornar uma atividade que se torne ao mesmo tempo interessante e motivadora, tendo o aluno como protagonista, ou seja, como sujeito responsável pela construção do conhecimento, sendo ativo e participativo nesta construção. O mais importante, neste processo, que desejamos construir e fazer parte, consiste em tornar evidente o exercício criativo da

filosofia, possibilitando aos alunos do Ensino Médio experimentar um pouco dessa criação.

4.1 ESTRATÉGIA DA INTERVENÇÃO

O Educandário Santa Teresinha situa-se à Rua Visitador Fernandes, nº 78, no Centro da cidade de Caicó / RN. Ele foi fundado no dia primeiro de fevereiro de 1926, com apenas 72 (setenta e duas) alunas. O colégio recebeu o nome de Santa Teresinha porque sua abertura coincidiu com o ano da canonização da Santa francesa. Atualmente, a escola apresenta as seguintes modalidades de ensino: Educação Infantil, Fundamental (Anos Iniciais e Finais) e Ensino Médio. No Educandário também funciona o ensino superior, com o nome de Faculdade Católica Santa Teresinha, que conta com os seguintes cursos: Administração, Ciências Contábeis, Turismo e Serviço Social. A escolha do Educandário Santa Teresinha se deu pelo fato de o pesquisador lecionar a disciplina de Filosofia na referida instituição de ensino desde o ano de 2017.

No Educandário, o ano letivo tem suas atividades desenvolvidas durante três trimestres, iniciando em fevereiro e finalizando no início do mês de dezembro. No entanto, a intervenção proposta a ser realizada junto à disciplina de Filosofia, ocorreu no terceiro trimestre, tendo seu início no dia 30 de agosto de 2019 e seu término na primeira semana de dezembro do mesmo ano. A disciplina de Filosofia possui somente uma aula por semana, sendo realizada na Terceira Série do Ensino Médio no primeiro horário, contando apenas com 50 minutos de aula, somando, portanto, um total de 14 aulas, reservadas para a intervenção. No entanto, foram reservadas três aulas extras, para que as etapas da intervenção fossem melhor aproveitadas.

Nossa primeira ação consistiu em apresentar aos pais e aos respectivos responsáveis pelos alunos o projeto de pesquisa. Para este ato foram convidados todos os pais ou os responsáveis, contabilizando um total de 27 (vinte e sete) participantes. No entanto, somente estiveram presentes, entre pais ou responsáveis, somente 10 (dez) participantes, pois, segundo os mesmos, a maioria trabalha o dia inteiro, o que dificultou a participação de todos. Todavia, os que se fizeram presentes,

concordaram que os alunos não seriam prejudicados, uma vez que as intervenções seriam realizadas durante as aulas, relacionando os temas escolhidos pelos alunos dentro da temática proposta pelo livro didático, o que não traria prejuízo para os mesmos. Concordaram, também, que seria interessante comunicar àqueles que não se fizeram presentes no dia da apresentação do projeto, como se daria o desenvolvimento da intervenção. Sendo assim, foi enviado um pequeno comunicado aos pais e responsáveis, explicando como seriam realizadas as ações propostas pelo projeto. Durante a explicação do projeto, foi deixado bem claro que os alunos não sairiam prejudicados, uma vez que os trabalhos de intervenção aconteceriam no curso normal das aulas, nem tampouco os mesmos seriam prejudicados em relação ao conteúdo a ser estudado para o ENEM, o que causava certa preocupação e inquietação na turma inteira, pois seguiríamos normalmente o curso das aulas, tendo como referência o livro didático, através do qual os discentes escolheriam os temas para serem trabalhados¹². Terminada a apresentação, tanto os pais quanto os responsáveis presentes, assinaram o termo (TALE), autorizando os alunos menores de idade na intervenção a participarem da intervenção. Aqueles que são maiores de idade assinaram o termo de participação em um outro momento.

Depois de realizada a explicação aos pais e responsáveis, deu-se início ao segundo momento, desta vez somente com a turma da Terceira Série, pois seria o momento para a escolha dos temas a serem trabalhados em sala de aula durante a intervenção. Os temas foram escolhidos a partir da temática trabalhada no livro didático adotado pela escola. E a escolha se deu tomando como referência os temas mais relevantes e os que estavam em consonância com o interesse de cada estudante. Não houve interferência por parte do professor, para que a escolha não fosse vista como uma imposição. Também para despertar nos alunos o interesse pelo trabalho a ser desenvolvido. Os temas escolhidos foram: Filosofia, Felicidade, Honestidade, Preconceito e Meio Ambiente. Em seguida, foi realizada a divisão da turma em grupos de estudos, que ficou estruturada da seguinte forma: Grupo 1 (05 alunos), Grupo 2 (05 alunos), Grupo 3 (05 alunos), Grupo 4 (05 alunos), Grupo 5 (06 alunos). Foi pensado a possibilidade de acrescentar mais temas. Porém, os alunos

¹² Mesmo que o professor da disciplina de Filosofia ou de outra disciplina cumpra com as metas estabelecidas, a associação do Ensino de Filosofia com os modelos de provas e de conteúdos das políticas educacionais, como o ENEM, por exemplo, amarra e engessa um maior desenvolvimento livre da Filosofia.

concordaram que não seria conveniente, pelos seguintes motivos: o pouco tempo disponível, ou seja, a disciplina conta com 50 minutos, descontando o tempo de oração, a realização da chamada, então, sobraria pouco tempo para se trabalhar; durante o trimestre a disciplina teve menos dias disponíveis, devido a ocorrência de alguns eventos e feriados nos dias em que ocorre as aulas de Filosofia, reduzindo sua carga horária; a realização das avaliações previstas para o trimestre, ocupando todo o horário disponível (das sete horas às 12 horas e trinta minutos). E, após a divisão da turma em grupos, restava a distribuição dos temas, que aconteceu por meio de um sorteio, cuja ideia partiu dos próprios alunos, a fim de evitar choque de interesse entre os mesmos. A distribuição dos temas ficou do seguinte modo: Filosofia (Grupo 1), Felicidade (Grupo 2), Política (Grupo 3), Preconceito (Grupo 4) e Meio Ambiente (Grupo 5).

A maior dificuldade para a realização da ação consistiu, justamente, na falta de compromisso de uma boa parte da turma, pois, alguns alunos, devido à proximidade do ENEM, deixava de comparecer as aulas que aconteciam nos primeiros horários, pois argumentavam que devido o exame está próximo, muitos participavam à noite de cursinhos e ficavam muito cansados e exaustos, fazendo com que perdessem as primeiras aulas do dia. A turma era formada por 27 alunos, mas uma aluna precisou ausentar-se da escola, contando, portanto, com um total de 26 alunos, dos quais durante as aulas, contávamos sempre com a presença 20 participantes, nunca menos que isso.

Devido a disciplina de Filosofia ter somente uma aula por semana, contando somente com 50 minutos de aula, reservamos duas aulas para realizarmos o processo de sensibilização, conforme a metodologia de Silvio Gallo. Nesta etapa, tivemos o cuidado para que os alunos pudessem aproveitar bem o tempo, visto que o mesmo é curto, e esta etapa é importante, pois será a partir dela que os discentes poderão motivar-se e dedicar-se ou não à proposta de trabalho. De certa forma, as outras etapas só serão realizadas à medida que eles realmente se sentirem afetados nesta etapa primeira. Por isso, os alunos durante a etapa de sensibilização, tinham a compreensão de que não contavam com muito tempo, haja vista que o tempo reservado era de 50 minutos. Com isso, eles se responsabilizaram por pesquisar textos e vídeos pequenos para serem usados durante a primeira etapa. E realmente eles se comprometeram com a ideia, pois, sempre que sentiam qualquer dificuldade

em encontrar um texto que fosse adequado aos temas escolhidos, eles buscavam a ajuda do professor-pesquisador.

Dada a importância da sensibilização, por ser o primeiro momento em que os alunos precisam ser motivados e provocados, quanto à proposta de trabalho, mas devido ao pouco tempo reservado para cada aula de Filosofia, não foi possível exibir um filme completo, sendo, portanto, os discentes orientados assistirem aos filmes fora do horário da escola. Por isso, durante a realização desta etapa, tivemos a preocupação de trabalhar com elementos do universo cultural dos discentes, como vídeos, músicas, poemas, imagens, fotografias, para que os mesmos pudessem se sentir motivados e sensibilizados com a proposta de trabalho, ou seja, fazer com que eles se sentissem comprometidos com os temas escolhidos, pois os mesmos precisam ser problematizados na segunda etapa do método. Tendo, então, como referência os recursos disponibilizados, os alunos puderam refletir, analisar, levantar questões, como também se posicionar sobre o contexto social, histórico e filosófico, contextualizando as situações percebidas por meio do material com a realidade em que estavam inseridos. E, desta forma, estávamos dando início, mesmo que de forma implícita, à segunda etapa do método, ou seja, a problematização, que tem por objetivo estimular os jovens a formular questões e problemas sobre a temática por eles escolhida.

No entanto, antes do início do segundo momento, entendida como problematização, se fez necessário mostrar o que significa um problema filosófico, para que os alunos pudessem ter condições de problematizar os temas escolhidos na etapa anterior. Então, foi-lhes mostrado que mesmo não sendo fácil compreender a natureza dos textos filosóficos, pois os mesmos se revestem de uma linguagem que exige um pouco mais de esforço e determinação para compreendê-la, é possível encontrar neles problemas e soluções que possam servir de base para a construção de propostas visando a resolução dos mesmos. E, sendo de natureza conceitual, o problema se constitui fundamentalmente de questões abertas, podendo provocar uma variedade de respostas. No entanto, estas respostas não podem ser compreendidas como definitivas, uma vez que podem suscitar novas possibilidades de solução aos problemas em questão. Então, para que eles entendessem melhor essa questão, tomamos como referência, imagens que retratam situações vividas durante nosso cotidiano. E dentre elas, foi utilizada uma retratando a situação de pessoas enfrentado

enormes filas à procura de emprego, assim como, imagens que revelam o sofrimento das pessoas causadas pela fome. Nosso objetivo, com isso, era mostrar que essas situações poderiam ser problematizadas de diversos modos, podendo ser transformadas em problemas de natureza política.

A problematização é uma etapa de grande importância para o processo de criação conceitual, pois ela permite a saída de nosso lugar comum, do nosso comodismo e, de certa forma, estimula e provoca o pensamento, nos conduzindo a refletir e a pensar de forma criativa. Para Deleuze e Guattari, a Filosofia é criação e “toda criação remete a um problema” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 24) e, aquilo que se cria é a forma de enfrentar o problema, mas, não necessariamente sua solução. Silvio Gallo, na mesma esteira, sustenta que “não se produz filosofia sem um problema, o que nos leva a afirmar que o problema é o motor da experiência filosófica do pensamento” (GALLO, 2012, p. 70). Sendo assim, pode-se dizer que o problema se torna essencial para provocar o movimento do pensamento e, no caso do aluno, ele pode impulsioná-lo a criar conceitos.

Por outro lado, se faz necessário compreender que não basta somente apresentar uma ou mais situação-problema durante as aulas, como se isso fosse suficiente para motivar os alunos a pensar e a produzir suas ideias. É importante, ainda, fazer com que os jovens percebam tal situação como problema, o qual possa estar relacionado com a própria vida ou realidade, senão, eles não se sentirão motivados a problematizá-las, caso perceba que as situações apontadas estejam fora do contexto de suas vidas.

Por isso, nossa proposta se preocupa em deixar que a escolha dos temas seja feita pelos próprios estudantes. No caso daquelas escolas que adotam uma apostila ou um livro didático, a seleção de tais temas pode ser realizada tomando como referências esses materiais, uma vez que eles podem oferecer instrumentos que sirvam de inspiração aos discentes para desenvolver a problematização dos temas por eles selecionados. E, para a realização desta etapa, foram também destinadas duas aulas, para que os discentes pudessem trabalhar a partir do que eles haviam observado durante o momento de sensibilização. A etapa de problematização, portanto, seguiu a estrutura de divisão da turma em grupos de estudos, a qual foi realizada antes do processo de sensibilização, logo depois da escolha dos temas pelos alunos. E, como os temas foram selecionados antes, restava aos alunos, por

sua vez, lançar um olhar sobre tudo o que eles haviam observado na etapa anterior e iniciar o processo de problematização, no qual são elaborados questionamentos tendo como referência os temas selecionados, para que num momento posterior possam ser investigados. Então, durante estas duas primeiras etapas os discentes são motivados a buscar compreender a realidade, a pensar sobre ela e construir um ambiente favorável que lhes permitam enxergar o mundo com um novo olhar, de tal forma que possam aprender a lidar com situações diferentes de forma diferente. Segundo Silvio Gallo, a problematização acontece quando:

[...] estimulamos o sentido crítico e problematizador da filosofia, exercitamos seu caráter de pergunta, de questionamento, de interrogação. Desenvolvemos também a desconfiança em relação às afirmações muito taxativas, em relação às certezas prontas e às opiniões cristalizadas. Quanto mais completa a problematização, mais intensa será a busca por conceitos que possam nos ajudar a dar conta do problema (GALLO, 2006, p. 28).

Problematizar, então, consiste em fazer com que o problema se torne visível, ou seja, é preciso evidenciá-lo. Neste caso, ele precisa ser transformado em questão, para poder ser investigado, procurado e, assim, seja possível descobrir uma solução para o mesmo. Nesta etapa, o professor tem um papel essencial, uma vez que o mesmo precisa fazer com que seus discentes não percam a motivação que alcançaram durante o momento de sensibilização. E, quando se escolhe um determinado tema, se faz necessário que o docente possa delimitar, juntos aos alunos, um problema, pois, isto servirá como porta de entrada aos textos filosóficos, como também para a história da filosofia. Então, no momento da problematização, será necessário que os alunos pesquisem, ou melhor, investiguem como os filósofos da tradição filosófica procederam em relação aos mais variados problemas que os inquietavam em sua época.

Estando, então, tudo organizado e pronto, os grupos deram início aos trabalhos, na qual cada componente tinha conhecimento e estavam cientes do que era preciso realizar e se debruçaram sobre os temas escolhidos, o que foi feito com leituras e discussões entre si, tendo como referência os materiais utilizados durante a primeira etapa. E, partir desse momento, passaram, então, a transformar os temas em problemas, os quais em um terceiro momento, passaria por um outro processo, ou seja, o de investigação. Nesta etapa, os jovens buscam relacionar o problema a um

filósofo da tradição, cuja finalidade consiste em encontrar possíveis soluções aos questionamentos e aos problemas, tendo como referência o pensamento de um determinado filósofo da tradição. Por exemplo, caso algum grupo resolva transformar os temas relacionados à política, ao amor, à felicidade, a ética em problemas, ele precisa fazer com que estes problemas estejam relacionados a um determinado pensador ou pensadores da tradição filosófica, que em diferentes épocas refletiram sobre tais problemas, buscando estabelecer conexões entre o que foi pensado por estes filósofos com a realidade na qual estão inseridos. Estas conexões, por sua vez, devem ser realizadas a partir de um fragmento de texto do próprio filósofo. Não é possível, nem cumpriria com nossa finalidade querer entulhar os alunos de textos de muitas extensões. Uma, duas ou três laudas, ou a depender do contexto, um, dois ou três parágrafos gramaticais. O que importa é que os alunos tendo sido afetados pelo problema sejam capazes de interagir com o texto do filósofo entrando no movimento do partejamento do conceito.

Esta etapa, porém, é a mais longa, pois ela consiste no estudo e na pesquisa, pautada na história da filosofia, para qual podem ser aproveitadas materiais de estudos diversificados. Para Silvio Gallo, a investigação é uma etapa que consiste na busca por “elementos que permitam a solução do problema. Uma investigação filosófica busca os conceitos na história da filosofia que podem servir como ferramentas para pensar o problema em questão” (GALLO, 2006, p. 28). Para este momento, se faz necessário a utilização de diversas fontes, como textos filosóficos, como também o próprio livro didático adotado pela escola, pois o mesmo pode oferecer elementos importantes, permitindo investigar os vários problemas e os questionamentos levantados durante a problematização. Por outro lado, por ser a etapa mais longa, ela pode ser enriquecida com outros textos, como por exemplo, trechos de textos de filósofos ou textos filosóficos completos, levando em consideração, é claro, o que o professor julga ser adequado a seus alunos durante esse momento.

Todavia, é preciso estar atento para não permitir que os textos utilizados durante a investigação estejam distantes da aula de filosofia nem tampouco da realidade do aluno. Desta forma, uma das preocupações foi a de construir o diálogo com os pensadores, como também com a história da filosofia, visto que o objetivo dos alunos no decorrer desta terceira etapa, seria encontrar elementos conceituais que

servam de suporte para enfrentar os problemas que foram elaborados durante o momento da problematização. Por isso, foram reservados, para este momento, seis encontros, sendo quatro deles, destinados para a pesquisa e dois para momentos de debates, discussões e esclarecimentos de dúvidas surgidas durante a investigação. Além disso, os estudantes durante o momento de investigação e pesquisa, tiveram à sua disposição a biblioteca e a sala de informática da escola, como também uma grande diversidade de material didático, fornecidos tanto pelo professor quanto pela escola, bem como materiais didáticos dos próprios alunos, como por exemplo, livros, apostilas, textos, etc., usados para busca os principais conceitos elaborados pela tradição filosófica e também para escolher um ou mais pensador para nortear melhor a compreensão dos temas a serem pesquisados.

Em relação aos temas, cada grupo ficou responsável por trabalhar um determinado assunto. Então, como os temas eram diversificados, sendo selecionados a partir do interesse dos alunos, os filósofos que seriam utilizados para conduzir a investigação, também foram escolhidos seguindo o critério dos componentes de cada grupo, com o devido cuidado de relacionar cada pensador com o tema a ser investigado. Sendo assim, para o tema felicidade, o grupo responsável deu preferência aos filósofos Aristóteles e Epicuro, pois os alunos se sentem identificados com a forma pela qual estes dois filósofos concebem a ideia de felicidade, pois sentem que tal concepção tem relação com o modo pelo qual eles entendem a felicidade. No que diz respeito ao tema Filosofia, o grupo responsável por investigá-lo, pautará sua reflexão sobre a concepção deleuzo-guattarriana, a qual sustenta ser a Filosofia uma atividade cuja característica consiste essencialmente em criar conceitos. Tal escolha se deu devido a proposta da intervenção girar em torno da busca por construir uma didática de ensino pautada na criatividade e na problematização, tendo o aluno como o sujeito principal desta construção, o que aproxima a proposta da concepção deleuzo-guattarriana.

Em relação ao tema honestidade, os discentes que têm a responsabilidade de investigá-lo, vão pautar sua investigação no pensamento do filósofo Immanuel Kant, especialmente na ética do dever, buscando refletir sobre a importância de se desenvolver a prática deste valor, que consiste em um dos princípios essenciais da vida humana. A investigação envolvendo o tema preconceito será realizada a partir

das reflexões de Agnes Heller¹³ e de Roberto Bobbio¹⁴, mostrando a importância de pensar e refletir sobre este mal que se faz presente em nossa sociedade, o qual trata o ser humano como mero objeto das relações sociais e não como sujeito dessas relações. Sendo assim, uma compreensão acerca deste problema poderá nos ajudar a cada vez mais nos aproximar um dos outros, buscando superar as diferenças, em vez de eliminá-las. Enfim, o tema natureza e meio ambiente, no qual os responsáveis por sua investigação, terão a responsabilidade de investigar os problemas que envolvem a degradação do meio ambiente, refletindo como os impactos negativos oriundos do desenvolvimento tecnológico, como o uso de inseticidas, a contaminação da água e do ar, somado aos problemas causados pelo desmatamento e pelas queimadas, vêm provocando estragos ao meio ambiente. Eles buscaram, então, fontes de investigação em artigos, revistas, noticiários televisivos, internet, reportagens, entre outras. Para pensar os problemas ambientais atuais, os componentes pautaram-se num texto de Michel Serres¹⁵, que discute o afastamento do ser humano em relação à natureza, baseados em problemas ecológicos vividos na atualidade.

O último passo ou etapa da investigação consiste no momento da conceituação, na qual os alunos terão a incumbência de tomar para si os conceitos encontrados durante o momento de investigação e relacioná-los com a própria realidade. Durante seu desenvolvimento, eles terão que desenvolver atividades escritas, tendo como referência o processo realizado durante a sensibilização, a problematização e a investigação, especialmente este último, a partir do qual foi construído e acumulado certo conhecimento. Os grupos tiveram, então, quatro aulas para realizar esta etapa, incluindo a apresentação dos trabalhos realizados neste último processo.

¹³ Agnes Heller filósofa e socióloga húngara. Nasceu no ano de 1929 em Budapeste. Foi discípula do filósofo marxista Georg Luckács (1885-1971). Ela dedica-se, atualmente, à filosofia hegeliana, à ética e ao existencialismo.

¹⁴ Norberto Bobbio foi um filósofo político, historiador do pensamento político, escritor e senador vitalício italiano. Nascido em Turim, Itália, é conhecido por sua ampla capacidade de produzir escritos concisos, lógicos e, ainda assim, densos. Faleceu em 2004.

¹⁵ Michel Serres nasceu em 1930, na cidade de Agen, França. Filósofo e membro da academia Francesa. Graduado em matemática e filosofia. Escreveu várias obras, dentre as quais destacam-se: *O sistema de Leibniz e seus modelos matemáticos* (1968), *Hermes* (vários volumes, publicados entre 1969 e 1980), *Os cinco sentidos* (1985), *O contrato natural* (1990), *O mal limpo: poluir para se apropriar* (2008) e *A guerra mundial* (2008). Faleceu em Paris em 2019.

A presente intervenção foi pensada e organizada com o objetivo de encontrar uma prática de ensino voltada para o interesse cognitivo do aluno, uma prática distinta daquela voltada somente para a mera transmissão de conteúdos, desvinculada de seu interesse, que não o envolve e nem o estimula a viver uma experiência de pensamento, ou seja, experimentar uma forma diferente de pensar as coisas, o mundo, a vida, enfim, fugir de sua rotina, saindo do tempo presente para aventurar-se em outras temporalidades. Portanto, a estrutura da intervenção foi inspirada na metodologia de Gallo (2012), em virtude deste utilizar justamente os mesmos Referenciais Teóricos que utilizamos, o qual sugere fazer das aulas de Filosofia como oficinas de conceito e, por causa disso, escolhemos os quatro momentos didáticos, isto é, a sensibilização, a problematização, a investigação e a conceituação, para ser desenvolvida, cuja finalidade consiste em encontrar uma didática que desperte e motive o aluno a construir uma atitude filosófica. Então, para que isso possa se tornar realidade, compreendemos que o aluno precisa se comprometer com a construção do próprio saber. Desta forma, defendemos que o mesmo, durante seu tempo de formação, tendo como ponto de referência seu cotidiano, pensar sobre os diversos problemas que foram refletidos no passado e problematizá-los no presente, propondo possíveis soluções aos mesmos.

4.2 DESCRIÇÃO DA METODOLOGIA

Foram escolhidos cinco temas para o trabalho de investigação, que constitui a terceira etapa do processo metodológico. Os alunos pautaram a escolha tendo como referência os conteúdos presentes no livro didático que o Educandário Santa Teresinha adota, como também outros temas relacionados aos seus próprios interesses. Então, dentre todos os temas disponíveis, eles selecionaram cinco: Filosofia, Felicidade, Política, Preconceito e Meio Ambiente, os quais deverão passar antes por um processo de problematização, tendo como ponto de partida o problema até chegar ao trabalho conceitual.

Em relação à Filosofia enquanto tema a ser investigado, foi visto pelos alunos como uma oportunidade de compreender melhor sua relevância para o ensino de

Filosofia, uma vez que pensá-la a partir de uma concepção diferente daquela tradicional, tendo como referência concepção dos filósofos franceses, pode levar os discentes a perceber a atividade filosófica como uma tarefa fundamental que se faz necessária realizar. A investigação sobre o tema envolvendo a felicidade, será pautada na concepção aristotélica e, para isso, os alunos buscarão nortear suas reflexões num fragmento de Aristóteles que está em sua obra *Ética a Nicômaco*, a qual defende a felicidade como uma atividade racional. A reflexão sobre o preconceito, por sua vez, o grupo responsável colherá informações nas discussões da filósofa Agnes Heller e de Norberto Bobbio, pautadas em fragmentos dos autores, para que possam pensar em alternativas que venham servir de alicerce para que se desenvolva atitudes para combater os diversos tipos de preconceitos presentes em nossa sociedade. Para pensar a política, os componentes do Grupo buscaram nortear sua reflexão no pensamento de Aristóteles. Tomaram, então, como ponto de partida a concepção aristotélica que diz ser o homem um animal político. Para isso, utilizaram um texto da obra de Aristóteles, a *Política*, que sustenta ser o homem um animal político. Os alunos, então, buscam compreender o significado de política, como um exercício fundamental para a vida cotidiana de cada estudante, pensando a política para além dos próprios preconceitos.

O quarto tema, preconceito, foi pensado a partir das reflexões de Agnes Heller e Norberto Bobbio. O grupo responsável por trabalhar esse tema, buscou nortear sua reflexão, além dos autores mencionados, em fatos noticiados nas redes sócias, televisão, em situações concretas, muitas vezes, vivenciadas cotidianamente, na escola, no bairro, na cidade, etc. E, por último, o tema sobre o meio ambiente, que será pensado e investigado a partir de notícias em revistas, artigos de internet, notícias de TV, etc. Será descrito, a partir de agora, como se procedeu o passo a passo metodológico da intervenção que se procedeu através da sensibilização, problematização, investigação e conceituação. Portanto, a seguir serão descritas as etapas que compõem a intervenção.

4.2.1 Sensibilização e problematização

Sensibilização e problematização são dois momentos importantes da metodologia. A sensibilização porque visa despertar o interesse do aluno como

também seu comprometimento com o tema a ser desenvolvido. A problematização porque torna possível o discente a envolver-se com a temática, problematizá-la, fazendo com que o problema construído se torne uma extensão de sua vida, de sua realidade.

4.2.1.1 *Trabalhando com a sensibilização*

Na primeira etapa da metodologia de intervenção, conhecida como sensibilização, as ações foram realizadas em três encontros, ou seja, três aulas, nas quais o professor responsável pela disciplina, disponibilizou para esse momento músicas, textos, imagens, pequenos vídeos, indicação de filmes para que os discentes pudessem assistir em suas casas, com a finalidade de provocar neles uma discussão acerca da temática a ser trabalhada. A sensibilização, por sua vez, é uma tarefa exclusiva do professor. E, para promover um clima de motivação dos alunos com a temática escolhida, foram disponibilizados estes instrumentos, cuja finalidade era provocar, motivar e estimular os alunos a estabelecerem uma empatia com a proposta de trabalho. O primeiro momento de sensibilização em duas aulas, com duração de uma hora e quarenta minutos, pois para a realização deste momento, a disciplina contou com uma aula extra. Na primeira aula, então, o tema trabalhado com a sensibilização foi *Filosofia*. Para esse momento, foram disponibilizadas uma videoaula, na qual é trabalhada as características da filosofia, e um texto de Marilena Chauí, que trabalha a atitude filosófica. Na segunda aula, continuamos com a etapa de sensibilização, desta vez, a motivação girou em torno dos temas *Felicidade* e *Meio Ambiente*. Para isso, fora disponibilizada a música do cantor Daniel, “Pra ser feliz”, além de imagens retratando momentos de felicidade de pessoas, reportagens sobre os desastres em nosso meio ambiente, imagens mostrando os impactos negativos provocados pela irresponsabilidade do ser humano para com a natureza. A ideia era provocar entre os discentes um clima de discussão sobre o assunto em questão, a saber, a felicidade e o meio ambiente, relacionando tudo o que foi mostrado com a realidade na qual cada jovem está inserido.

Na terceira aula, o momento de sensibilização voltou-se para os temas *Política* e *Preconceito*. Para despertar o interesse pela política, foi disponível um pequeno vídeo, no qual se trabalha o que é política, sua relação com a vida cotidiana

e sua origem em nossa história. Em relação ao tema preconceito, foram disponibilizadas cenas de pessoas enfrentando situações preconceituosas. A ideia, portanto, era favorecer uma discussão sobre a compreensão do contexto social, político e filosófico, revelado a partir das cenas disponibilizadas nos vídeos, para que os alunos descubram como lidar com essa realidade que não é tão diferente de nosso cotidiano.

Este momento, portanto, os estudantes sentiram a importância de comprometerem-se com a intervenção. Isso favoreceu e permitiu bons momentos de discussões e troca de ideias. E como a turma é formada por discentes de várias cidades circunvizinhas, foi possível colher informações e ideias bastante diversificadas sobre política, felicidade, preconceito, meio ambiente e como eles percebem os problemas que o meio ambiente sofre devido as ações irresponsáveis por parte do ser humano.

Finalizada, portanto, a primeira etapa, a turma estava disposta, motivada e preparada para dar sequência ao segundo momento do processo metodológico, ou seja, iniciar a etapa de problematização, com a finalidade de transformar os temas escolhidos em problemas.

4.2.1.2 Trabalhando com a problematização

A segunda etapa foi realizada em duas aulas, nas quais cada grupo buscou transformar seu tema em problema, ou seja, construir questionamentos que permitam os estudantes colocarem o pensamento em movimento, buscando estabelecer relações entre os problemas levantados com a realidade na qual estão inseridos, direcionando o pensamento do aluno para a construção de problemas, permitindo que ele dê um primeiro passo em direção a uma experiência filosófica, mesmo que singela.

Então, todos os Grupos, com seus componentes apostos, se dispuseram a realizar as atividades de problematização em sala de aula, buscando tornar evidente em cada tema os problemas para serem investigados e refletidos, tendo em vista a solução dos mesmos. Então, cada grupo juntamente com seus respectivos representantes, estando cientes dos objetivos que precisavam alcançar, deram início aos trabalhos.

O Grupo 1 que teve como tema de investigação a Filosofia, buscou refletir o que seria Filosofia, tendo como referência a concepção construída pelos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari, que pensam a Filosofia como uma disciplina que consiste em criar conceitos. E, para tanto, o grupo buscando construir uma melhor compreensão sobre o que é Filosofia e como se daria essa construção conceitual, levantou as seguintes questões: “se ela não é comunicação, não é reflexão, não é contemplação, então, o que é Filosofia? É possível a um aluno que não tem familiaridade com a leitura nem com o texto filosófico, aprender Filosofia como construção conceitual? Como realizar tal proeza?” Foram estas as questões que o Grupo 1 buscou construir, tendo em vista realizar uma boa investigação sobre elas, para desenvolver uma compreensão diferente do que seja Filosofia, que tenha por finalidade construir uma metodologia ou uma didática que permita aos nossos estudantes de Filosofia da rede básica de ensino realizar uma experiência que atravesse suas vidas, deixando marcas que possam despertá-los para o filosofar para a filosofia.

A *Felicidade*, por sua vez, consiste também num tema essencial para a vida em sociedade. Compreender o que significa felicidade não é uma tarefa fácil, pois diversos filósofos em diversas épocas se esforçaram por refletir esse assunto e não chegaram a um consenso e muito menos a uma resposta definitiva, embora existe o senso comum de felicidade que busca guiar as pessoas ensinando que ser feliz significa ter saúde, dinheiro, amor, poder, fama, etc. No entanto, tal resposta não é suficiente para saciar a curiosidade de tantas pessoas que buscam saber o significado desta palavra. Então, o Grupo 2 que teve a missão de investigá-la elaborou os seguintes questionamentos: “o que é felicidade? Será que ela pode influenciar na escolha de nossas ações? A concepção de filosofia pensada por Aristóteles pode nos ajudar a compreender o que venha ser felicidade em nossa vida cotidiana?” De algum modo, qualquer pessoa que deseja responder o que significa felicidade, certamente não dará uma resposta única, pois cada um traz consigo sua própria experiência do que é ser feliz e, por sua vez, nem todos comungam da mesma experiência, pois a forma como lidamos com a felicidade é individual, sendo, portanto, diferente para cada ser humano.

A *política*, tendo o Grupo 3 como responsável, buscou compreender o significado e a importância da política para a vida em sociedade, se esforçando para

corrigir as falsas opiniões que cada componente construiu sem bases sólidas, feitas por meio de julgamentos ou generalizações precipitadas, que, de certa forma, dando a política uma conotação negativa. Em segundo lugar, o Grupo também se propôs a mostrar que a história é testemunha de que a política pode ser um exercício importante para a vida das pessoas, pois toda vez que um povo ou uma comunidade se esforça por construir a unidade, como também a direcionar suas escolhas e ações tendo em vista o bem comum, estão, na verdade, construindo verdadeiros cidadãos comprometidos com a coletividade. Por isso, os alunos construíram para a compreensão do que seja política, as seguintes questões: “o que é política? De onde vem a visão negativa de que política não presta? Os políticos são todos iguais? Que importância tem a filosofia ao ensino de filosofia discutir política em sala de aula com os alunos?” Portanto, foram estes os problemas levantados pelo Grupo para possam serem investigados.

Em nossa sociedade o *preconceito* está tão disseminado e tão presente que se faz necessário refletir e repensar certas atitudes, muitas das vezes praticadas inconscientemente, mas que podem provocar danos irreversíveis entre crianças, adolescentes jovens e adultos. Sendo, portanto, necessário pensar sobre o preconceito, pois ele também se faz presente no ambiente escolar e a escola deve, por sua vez, se esforçar para desconstruir qualquer tipo de preconceito, buscando construir o respeito e defender a dignidade das pessoas. Então, foi pensando nesta realidade, que alguns alunos sentiram a necessidade de apontar o tema do preconceito como um assunto a ser problematizado e investigado, uma vez que ele tem despertado também o interesse durante as discussões nas aulas de Filosofia. Tendo em vista, portanto, uma melhor compreensão sobre este assunto, as questões que foram colocadas são as seguintes: “o que é ou no que consiste o preconceito? É possível acabar com ele? Que ações podemos realizar para evitar este mal em nossa vida?” Então, o Grupo 4, responsável por sua investigação tomará como referência o texto de Agnes Heller, – socióloga e filósofa húngara, nascida em Budapeste, no ano de 1929 –, que fala sobre o preconceito e sua ação no cotidiano. Desta forma, os alunos responsáveis pela investigação deste problema terão como meta compreender o que significa o problema que envolve o preconceito e buscar soluções que possam ser utilizadas a fim de combater e conscientizar as pessoas, mostrando que atitudes preconceituosas constituem um mal que precisa ser superado, como por exemplo, o

preconceito social, o preconceito racial, o preconceito envolvendo a orientação sexual, o religioso, e todas elas precisam ser combatidas.

Por fim, o tema relacionado às *questões ambientais*, também esteve presente durante as discussões e investigações em sala de aula, visto que esse assunto tem grande interesse por parte dos alunos, pois o mesmo faz parte do cotidiano de nossos jovens e alunos. A escolha de investigar o meio ambiente se deu pelo fato de que esse tema seria desenvolvido pela escola durante a *Mostra Cultural Científica*, então, um dos grupos envolvido na intervenção mostrou interesse em pesquisar e investigar os problemas ambientais que afetam nossa sociedade. Para orientar a investigação, o Grupo 5 buscou referências em diversos instrumentos disponíveis, como internet, notícias de jornais e televisão, artigos científicos, materiais didáticos, reportagens e em observações do ambiente local no qual os jovens estão inseridos. Na verdade, a preocupação do grupo visa responder aos seguintes problemas: “de que forma estamos nos relacionando com a natureza? Por que é necessário preservá-la? É possível tirar dela o sustento sem destruí-la? A reflexão filosófica sobre os fenômenos naturais pode ajudar a enfrentar os problemas ambientais pelos quais enfrentamos em nossa sociedade?”

Nesta etapa, portanto, os discentes devem se colocar diante de uma postura filosófica. Logo, precisam entender que aprender Filosofia não se resume simplesmente a receber conteúdos e que ela pode se transformar em uma atividade criativa, que permita a experiência do pensamento, fazendo com que cada um possa exercer seu pensamento e sua reflexão com criatividade. Por isso, defendemos um ensino de Filosofia como espaço para a análise e a criação de conceitos, conforme o pensamento de Deleuze e Guattari (2010), que permita aos nossos discentes criar ou recriar conceitos, relacionados com os problemas e as dificuldades de seu cotidiano. Esta etapa não deve somente incomodar os alunos lhes suscitando uma discussão passageira. Na verdade, eles devem se sentir parte deste processo, opinando, discutindo tanto com os demais colegas quanto como o professor, pensando nos diversos pontos de vistas desenvolvidos durante a realização da etapa anterior.

Tendo, portanto, concluído este momento de problematização, os alunos estavam preparados para seguir com a terceira etapa, a da investigação, na qual eles deverão pesquisar e investigar os temas escolhidos por eles no começo da intervenção.

4.2.2 Etapa de investigação

A terceira etapa consiste no processo de investigação, na qual os grupos pesquisam e investigam sobre os temas selecionados, buscando responder aos problemas e questões levantadas pelos alunos durante a problematização, buscando propor soluções às questões elencadas na segunda etapa. Deste modo, os grupos iniciaram seus trabalhos, primeiramente, buscando levantar os materiais por meio dos quais seria possível realizar uma pesquisa na qual compreendessem melhor os problemas levantados na etapa anterior, como também descobrir os possíveis filósofos que norteasse a reflexão acerca dos temas selecionados. E isto nos leva a compreender que o processo em desenvolvimento está de acordo com a metodologia de Silvio Gallo, que diz ser a investigação a busca por “elementos que permitam a solução do problema” (GALLO, 2006, p. 28). Para esta etapa, foram utilizadas cinco aulas. Dentre elas, três foram reservadas para a investigação dos problemas levantados anteriormente. Neste momento, cada grupo, com seus respectivos representantes, toma posse da leitura dos textos dos filósofos referentes a cada tema escolhido. A ideia consiste em fazer com que primeiramente os jovens compreendam a temática, a partir do fragmento, para que tenham condições de relacioná-la com a própria realidade. As duas aulas restantes foram destinadas para momentos de discussões, isto é, pensar ou repensar ideias que não foram compreendidas durante o processo.

Foram, então, cinco os temas selecionados, dentre os quais, temos: Filosofia, Felicidade, Política, Preconceito e Meio Ambiente. A investigação envolvendo o tema Filosofia foi pautada na concepção dos pensadores franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari. E, para isso, o Grupo responsável buscou fundamentar sua pesquisa tomando como referência um fragmento da obra *O que é a Filosofia?*, de autoria destes mesmos autores¹⁶. Portanto, a partir deste pequeno fragmento, o grupo buscou investigar o sentido de Filosofia na concepção desses pensadores, uma vez que a noção até então lhes ensinada era diferente daquela ensinada e defendida por Deleuze e Guattari, o que motivou mais ainda ao grupo a investigar esta nova concepção, visto que lhe interessava pelo fato de propor uma nova perspectiva de

¹⁶ DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 12-13.

ensino quanto de conhecimento acerca da Filosofia. E, além do fragmento, os alunos também buscaram outras fontes, como livros didáticos, as redes sociais, bem como outros materiais disponíveis, a fim de nortear a investigação e as reflexões sobre o referido tema. Também foi indicado aos alunos o filme *O Show de Truman*¹⁷, que narra a vida de um homem que leva uma vida simples, cujos dias são sempre iguais. Com o passar do tempo, ele começa a desconfiar que existe algo de errado acontecendo em sua vida cotidiana. Na verdade, sua vida estava sendo monitorada por câmeras para um programa de televisão e muitas pessoas olhavam aquilo como uma forma de divertimento. O filme questiona tanto a atitude do produtor quanto a do público, que não buscam problematizar a situação. No entanto, foi orientado aos alunos assisti-lo num horário diferente do da escola, uma vez que em sala de aula não é possível, por causa do pouco tempo disponível.

A temática da *felicidade* teve sua pesquisa desenvolvida tendo como referência o filósofo grego Aristóteles, especificamente, em sua obra *Ética a Nicômaco*, que aponta ser a felicidade uma atividade racional. Deste modo, os alunos do Grupo *Felicidade*, partindo da leitura de um fragmento desta obra, deram o primeiro passo em direção da compreensão do referido texto. E, somente após eles compreenderem a temática, passaram, então, a relacioná-la com ao contexto da própria realidade. Os componentes também pesquisaram sobre o assunto em outras fontes, com a tentativa de clarear melhor as informações colhidas, como também para fundamentar a compreensão do texto. Isso porque depois, num outro momento, toda a informação colhida será utilizada para a produção de um texto, no qual eles precisam relacionar a concepção de felicidade com a noção ou a compreensão do tema para o Grupo (Conceituação).

O grupo responsável por investigar o tema ligado ao preconceito buscou inspiração no texto de Agnes Heller e no fragmento de Norberto Bobbio. A ideia, na verdade, consiste na leitura dos fragmentos, para colher informações, ideias, nas quais possam construir uma compreensão melhor de como se forma o preconceito em nossa sociedade. E, ainda, lançar um olhar sobre as ideias dos filósofos investigados para que se possa construir possíveis soluções que venham somar a

¹⁷ The Truman Show (Show de Truman) foi produzido em 1998. Dirigido por Peter Weir, com uma duração de 103 minutos, o filme relata a vida de um vendedor (Jim Carrey), que leva uma vida tranquila, mas que de repente vira de cabeça para baixo ao descobrir que é um astro, desde seu nascimento, de um show de TV, que acompanha seus passos no decorrer de sua vida.

outras iniciativas da vida cotidiana, tendo em vista melhorar as relações entre as pessoas e, quem sabe, solucionar o problema. É nesta perspectiva que o aluno começa a exercitar o pensamento, construindo pontes entre leitura e realidade, possibilitando a criação.

O tema *política* teve sua investigação pautada na leitura de um texto de Aristóteles, do livro *A Política*, no qual o filósofo grego define o ser humano como animal político. E, além deste texto, os discentes ainda buscaram algumas ideias sobre o assunto no filme *Vocação do Poder*, a fim de nortear melhor a ideia de política e responder aos questionamentos que eles realizaram durante a etapa de problematização¹⁸. Na verdade, a investigação deste tema, tem por objetivo fazer com que o grupo ou os estudantes compreendam a concepção de política em Aristóteles, como também descobrir seu papel político na sociedade, permitindo-os pensar uma atividade política fundamentada na preocupação da sociedade como um todo. Para isso, devem tomar como referência a própria realidade, pensar quais os problemas, os desafios, que mais afetam, gerando muitas vezes uma ideia distorcida do significado de política. Seguir, então, os passos metodológicos, será fundamental, como ler, compreender, relacionar, pois sem esses três caminhos, o processo de construção se torna frágil. Portanto, partir da realidade, pois ela consiste no solo, no terreno, ou seja, o plano, no qual os problemas se encontram e precisam ser pelos alunos tratados.

Os problemas envolvendo o *meio ambiente* também se tornaram alvo de investigação, pois envolve problemas ligado ao cotidiano, e, portanto, também precisam ser pensados. Nesta etapa, os componentes podem buscar referências em diversas fontes, tais como: livros, artigos, reportagens, noticiários de televisão, internet, no próprio material didático, entre outros. Com isso, se faz necessário discutir a preservação da natureza, como espaço de sobrevivência da humanidade, como também indicar possíveis ações que permitam corrigir certos erros que se tem praticado em nossa realidade. Para nortear melhor a investigação, os jovens

¹⁸ É um filme produzido no Brasil, em 2005. É um documentário dirigido por Eduardo Scorel e José Joffily. Com uma duração é de 110 minutos, o documentário busca, responder, então, à seguinte pergunta: qual o atrativo de uma carreira política? Para isso, a equipe acompanhou a carreira de seis candidatos à carreira de vereador, no Rio de Janeiro, em 2004. O documentário descreve o cenário das campanhas de cada personagem e do processo eleitoral – desde as convenções partidárias, passando pelo trabalho nas ruas, a apuração dos votos, até a reação dos eleitos e dos derrotados depois da divulgação dos resultados.

responsáveis pela investigação do tema, fizeram uso de um pequeno fragmento de texto do *Contrato Natural*, do francês Michel Serres¹⁹, que reflete sobre o afastamento do ser humano em relação à natureza, visto como a base dos problemas ecológicos atuais.

Nesta etapa, todos os Grupos, com seus respectivos componentes, devem pautar suas investigações em problemas da realidade. Por isso, na etapa anterior, isto é, na problematização, eles transformaram os temas em problemas, para que em um outro momento estes mesmos temas fossem investigados. Entretanto, não basta somente ler ou refletir sobre o texto. É preciso ler o texto, compreender, relacionar com os problemas da realidade, produzir textos (conceituar). Deve seguir, então, a seguinte sequência: leitura, compreensão, relação e conceituação.

Portanto, finalizada a terceira etapa, os alunos junto a seus respectivos Grupos, estavam prontos para continuar a próxima etapa da metodologia, a conceituação, na qual eles deverão trabalhar na construção de conceitos, os quais são criados a partir de problemas, que por sua vez, devem estar voltados para o tempo e o lugar no qual estamos inseridos.

4.2.3 Etapa da Conceituação

Nesta etapa, os discentes junto a seus Grupos de estudos terão a oportunidade de trabalhar com os conceitos adquiridos durante o desenvolvimento da etapa anterior, a investigação. Ela consiste, então, no grande momento por meio do qual os discentes tomando por referência o problema investigado, sob o olhar da leitura filosófica dos textos, tentam expressar sua própria visão filosófica. Eles tiveram à disposição quatro aulas, nas quais, duas seriam para produção de textos e outras duas para discussões, trocas de ideias, entre os componentes, com a finalidade de solucionar qualquer dúvida e melhorar a produção dos textos. Desta forma, como todos os discentes estavam inteirados dos trabalhos uns dos outros, uma vez que as atividades eram realizadas por todos na mesma sala, suscitava discussões, trocas de ideias, fazendo com que todos tivessem ciência dos trabalhos um do outro. E, como

¹⁹ Michel Serres, nasceu na cidade de Agen, na França, em 1930. Escreveu entre outras obras "O terceiro instruído" e "O contrato natural". Atuou como professor visitante na Universidade de São Paulo. Desde 1990 ele ocupou a poltrona 18 da Academia francesa. Faleceu em 1918, na cidade de Paris.

os temas fazem parte da vivência cotidiana dos estudantes, facilitou a discussão e o envolvimento de todos durante a realização das atividades.

Para o trabalho com os conceitos, cada grupo ficou responsável por produzir um texto, o qual poderia estar relacionado ao próprio tema desenvolvido durante o momento de pesquisa e investigação. Por outro lado, os componentes também estariam livres para escolher algum assunto de interesse próprio, desde que estivesse relacionado aos temas investigados. A produção textual precisava ser realizada em sala de aula, mas devido a disciplina de Filosofia contar apenas com uma aula por semana, com cinquenta minutos de duração, os alunos precisaram trabalhar com a produção de textos fora da sala de aula, sendo orientados, é claro, pelo professor-pesquisador²⁰, que os auxiliavam por meio das redes sociais, conforme as dúvidas e as dificuldades iam surgindo. E o que eles produziam durante a semana eram socializados em sala, para que pudessem dar sequência às construções de seus respectivos textos, até finalizá-los. Então, a produção de texto consiste na última etapa do método, depois de feitas a leitura, a compreensão e as possíveis relações entre as possíveis informações colhidas da pesquisa e investigação com a realidade de cada discente.

Para o trabalho com a produção conceitual, as discussões e as atividades realizadas na etapa anterior, ou seja, na investigação, foram de grande relevância para os discentes, permitindo entre eles o compartilhamento de novas ideias e a partilha de conhecimentos, que de certa forma, lhes ajudaram a desenvolver melhor seus trabalhos. E isso foi muito importante, uma vez que ampliou o horizonte de percepção de cada aluno envolvido.

4.3 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES

As atividades realizadas durante a investigação foram organizadas em etapas com a finalidade de facilitar a compreensão dos alunos no tocante aos temas por eles investigados. Elas foram avaliadas tendo como referência à participação em sala, aos

²⁰ O uso da expressão professor-pesquisador, nesta dissertação, busca evidenciar o papel do professor que pensa e buscar ensinar o conhecimento, mas, que ao mesmo tempo, também investiga. E, por sua vez, sua investigação objetiva construir alternativas para aprimorar sua prática docente.

conhecimentos dos conceitos investigados, a capacidade de exposição das ideias desenvolvidas e a produção textual, tanto a produção realizada em grupo quanto a que foi desenvolvida individualmente.

O trabalho realizado em grupo aponta que os componentes conseguem um melhor resultado em suas investigações, reflexões e análises quando o esforço acontece em conjunto. Deste modo, tal percepção nos leva a inferir que o esforço realizado coletivamente ajuda os integrantes a compreender melhor os conceitos trabalhados pelos filósofos nos textos com os quais tiveram contato em sala de aula. Além disso, fortalece a discussão em torno da temática investigada e estimula os que não sentem motivação para exercitar a atividade de pensamento, preferindo esperar os resultados do esforço de seus colegas de grupo. E, quando o esforço é compartilhado por todos ele permite que os discentes possam estabelecer uma boa conexão com a reflexão dos filósofos da tradição filosófica, trazendo para a própria vida e para a realidade na qual estão inseridos as discussões, os problemas e as questões que no passado foram levantadas, para que na realidade presente estes elementos sirvam como alicerce para a construção de possíveis soluções às questões e indagação construídas por eles durante as investigações em sala de aula.

Sendo assim, os temas que foram escolhidos para serem investigados, discutidos e analisados, como por exemplo, *Filosofia, Felicidade, Política, Preconceito e Meio Ambiente*, puderam acenar para uma realidade que no passado fora pensada dentro de um contexto totalmente diferente da realidade em que atualmente vivemos, mas que de certa forma encontra eco nos dias atuais, uma vez que durante o processo de intervenção possibilitou aos discentes encontrar semelhanças entre o que eles pensam e a visão ou as percepções que os filósofos construíram por meios de suas reflexões em suas épocas. Visto por este ângulo, os problemas que foram levantados durante a segunda etapa, mostram ser relevante motivar os discentes para que se sintam abertos à necessidade de um contato constante com os textos da tradição filosófica, pois eles constituem a memória filosófica do Ocidente. Eles também revelam que não se deve permitir a separação entre problema e leitura, especialmente quando se trata de textos filosóficos, pois ler constitui uma atividade essencial, pois desperta a curiosidade e estimula a criatividade, possibilitando o leitor problematizar as mais variadas situações, estimulando ainda o desenvolvimento de soluções aos problemas que precisam ser enfrentados e solucionados. Então, percebe-se com isso,

que o ensino de Filosofia passa de alguma forma pelo contato com o texto filosófico, no qual se torna possível o aluno encontrar nele elementos para problematizar as diversas situações da vida cotidiana.

Com isto, também, asseguramos uma consistência com os Referenciais Teóricos adotados, a saber, Deleuze e Guattari, segundo os quais, a criação dos conceitos, algo especificamente da Filosofia, acontece através dos textos produzidos pelos filósofos. Com efeito, o ensino de filosofia, melhor, a filosofia do ensino de filosofia pensada à luz de Deleuze e Guattari, não pode ser pensada sem o recurso ao texto filosófico, pois só nele encontramos como este ou aquele filósofo criou determinado conceito. Sem isto recairemos na esfera ou âmbito de outro pensamento, como, por exemplo, as ciências (criação de funções), ou nas artes (criação de perceptos e afetos). A Filosofia não pode ser enquadrada num julgamento moral de melhor ou pior que as ciências ou artes. Não há, como já desenvolvemos, uma hierarquia, mas para Deleuze existe distinções entre elas e, assim, a especificidade da Filosofia encontra-se na criação e fabricação de conceitos que acontece nos textos de filosofia. Por isso o magistério de Deleuze, por exemplo, acontece na confrontação com os conceitos de outros filósofos: Nietzsche, Bergson, Spinoza etc.

A seguir, serão descritas algumas ideias trabalhadas pelos estudantes durante o desenvolvimento dos trabalhos realizados nos Grupos temáticos, por meio das quais os discentes serão avaliados.

4.3.1 Grupo 1 (Filosofia)

Os componentes deste grupo investigaram a concepção de filosofia criada ou fabricada pelos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari, analisando, além disso, a importância que esta concepção representa para o Ensino de Filosofia em nossa atualidade, visto que nossa proposta é pensar um Ensino de Filosofia pautado numa atividade criativa. Por esta razão, o título de nossa pesquisa tem como título não só o ensino de filosofia, mas a Filosofia do Ensino de Filosofia: uma articulação entre problema e leitura a partir de Deleuze e Guattari.

Neste contexto, então, de investigação e exercício do pensamento, tendo por base o pensamento deleuzo-guattarriano, os discentes puderam confrontar sua própria concepção de Filosofia com aquela desenvolvida pelos pensadores franceses

e concluíram que o conceito de Filosofia presente em Deleuze e Guattari traz um significado que explica melhor o que realmente significa Filosofia. Aliás, sobre isso, disseram os discentes:

[...] vimos que a noção de filosofia que a gente tinha não batia com a desses pensadores. Isso nos ajudou a trabalhar melhor nossa maneira de pensar. Muitas vezes somos ensinados a repetir ideias. A intervenção fez com que a gente experimentasse um modo diferente de entender o que é filosofia. Isso foi um ponto muito positivo desse trabalho. Então, foi a partir deles que começamos a entender melhor o que é filosofia e também o conceito. Desta forma, melhoramos nossa compreensão sobre a filosofia, porque antes de estudar Deleuze e Guattari a gente tinha uma ideia diferente de filosofia. Hoje graças a eles, sabemos que filosofia não é contemplação, reflexão e nem comunicação. Sua tarefa é outra, significa criar conceitos. Isso conseguimos aprender graças a sua filosofia. Talvez seja esse um dos defeitos de ensinar filosofia por parte de certos professores, querer que a gente aprenda um monte de informações fora do contexto de nossa realidade. Às vezes muitos professores não valorizam o que já sabemos e impõe informações como se os conhecimentos que nós construímos não servem. Além disso temos que cumprir uma série de conteúdos com tantas informações, com somente uma aula por semana, com um tempo insuficiente, no caso da disciplina de filosofia, que na maioria das vezes não conseguimos aproveitá-las em nossa vida cotidiana (GRUPO 1).

Portanto, trabalhar uma aula construindo o passo a passo da criação do conceito, sem a pretensão de forçar o estudante a memorizar definições, pode despertar nele o interesse pela filosofia, colocando em prática sua potencialidade, vindo a se interessar e despertar-se para a uma atitude filosófica. Não significa com isso, que devemos deixar de lado os conhecimentos que os alunos construíram em suas vidas. No entanto, em relação a este fato, disseram o seguinte, os componentes: o grupo: “muitos professores não valorizam o que já sabemos e impõe informações como se os conhecimentos que nós adquirimos não servem”. Na atividade filosófica, é possível partir do conhecimento que eles desenvolveram, de tal forma que este saber presente neles, pode ajudá-los a desenvolver melhor suas ideias e percepções, tomando como referência aquele exercício que deve ser experimentado de forma criativa.

Os discentes, portanto, no exercício de sua capacidade investigativa, conseguiram alcançar as metas que eles se propuseram a alcançar, dentre as quais, a participação ativa nas atividades, nas discussões, no esforço por compreender os

conceitos pensados pelos filósofos da tradição, na capacidade de expor suas ideias de forma coerente e na capacidade de colocar por escrito, ou seja, em produzir um texto no qual esteja presente suas ideias e suas investigações. No entanto, eles confirmam que sentiram muitas dificuldades durante a realização da etapa de investigação e de conceituação durante a intervenção. Vejamos, então, o que eles externaram:

Sentimos dificuldades no início quanto a compreensão do texto e de relacionar ele a nossa realidade. A leitura do texto de filosofia não é fácil, conforme dissemos antes. A linguagem é diferente. Exige paciência e tempo para se acostumar com ela (GRUPO 1).

Nas socializações eles não sentiram tanta dificuldade. Eles socializaram suas descobertas por meio de slides, tendo, portanto, a participação de todos os envolvidos, que puderam expor suas ideias e seus argumentos, mostrando a importância da Filosofia para a vida das pessoas, como instrumento capaz de nos ajudar a compreender melhor a realidade e os problemas nos quais estamos envolvidos. “A Filosofia pode ser um valioso instrumento capaz de nos apontar caminhos para que possamos construir uma sociedade melhor”, sinalizaram os discentes.

4.3.2 Grupo 2 (Felicidade)

Este tema foi escolhido devido sua importância para a vida das pessoas. Também porque muitos filósofos discorreram sobre ela, como, por exemplo, Aristóteles, Epicuro, entre outros. Investigá-la, no entanto, despertou novas ideias clareando a concepção que cada um construiu ao longo de suas vidas, uma vez que sua discussão tem sido um exercício constante nas rodas de conversas, em sala de aula, pois muitos alunos estão sempre buscando novas informações sobre ela, preocupados com o futuro que lhes reserva, como por exemplo, trabalho, sucesso, universidade, dinheiro, enfim, com coisas que estão na mira dos interesses particulares de cada um. Então, para o grupo, refletir sobre a felicidade trouxe novas perspectivas, visto que muitos julgam que acumular riquezas, dinheiro, prazeres, faz com que as pessoas sejam mais felizes, ao passo que outros julgam tais coisas como desnecessárias para ter uma vida feliz. Eles perceberam, a partir das leituras realizadas, que nada disso traz a felicidade verdadeira, pois riqueza, dinheiro ou qualquer outro bem material consiste no meio pelo qual podemos alcançar a felicidade. Esta, por sua vez, não está na riqueza, não está nos

prazeres, não está na fama. Mas como ser feliz? Onde estaria a felicidade? Ser feliz não significa acumular riquezas nem bens materiais. Então nos dizeres dos alunos, felicidade seria:

[...] todo o conjunto de nossas ações. Nisto concordamos com o filósofo. Ter dinheiro, fama, poder, bens materiais, nada disso constrói felicidade. Há pessoas que são felizes levando uma vida simples, calma, tranquila, vivendo com pouco, mas sendo feliz (GRUPO 2).

Dizer que a felicidade consiste na somatória de nossas ações, significa que todas as ações que realizamos ao longo de nossa existência, possui uma finalidade última, que segundo o pensamento aristotélico não é ter fama, riqueza ou poder, mas sim a felicidade. E, para alcançá-la, é preciso ter uma vida equilibrada. A investigação realizada por este Grupo, pautou suas reflexões no pensamento de Aristóteles, no texto da *Ética a Nicômaco*, que defende ser a felicidade uma atividade racional. E, ao buscar no filósofo grego uma explicação para o que venha ser felicidade, eles descobriram que ela é o bem maior desejado por todos os homens, e, portanto, suas ações devem ser realizadas para este fim. Para alcançar, então, a felicidade, o ser humano deve fundamentar suas ações na prática da virtude, às quais devem ser definidas por meio do exercício do pensamento, uma vez que o ser humano, dotado da faculdade de pensar, possui a capacidade de examinar suas ações e determinar o que é correto ou não para sua vida e, portanto, tornar-se feliz.

Enfim, para ser feliz, sustentam os discentes:

[...] não precisamos negar os desejos e vontades que pretendemos alcançar, como por exemplo, se esforçar para ter uma vida melhor, ter sucesso, fama, um bom trabalho, pois tudo isso faz parte do caminho para se chegar à felicidade e, nisto nós concordamos com o filósofo grego, pois só faz sentido ser feliz quando somos capazes de educar nossas vontades, para que elas não venham exercer domínio sobre nossas vidas. Meditar, portanto, sobre o que a felicidade pode nos proporcionar, pode ser um bom caminho para que possamos construí-la em nossas vidas (GRUPO 2).

Ler e investigar são duas coisas importantes para o exercício do pensamento, pois possibilita descobertas novas. Para os componentes que pesquisaram sobre felicidade, tal tarefa foi fundamental, porque descobriram que o pensamento aristotélico não traz uma definição satisfatória sobre o que realmente seja felicidade.

Isso se descobre, talvez, ao longo de toda nossa existência: Vejamos o que eles disseram:

[...] o pensamento de Aristóteles não traz uma definição satisfatória que defina o que seja realmente a felicidade, mas podem servir de parâmetro para nossa vida, para pensarmos melhor no que consiste a nossa felicidade (GRUPO 2).

Percebe-se que ao tratarmos o ensino de filosofia de um modo diferente, ou seja, quando permitimos que o aluno participe da aula, construa suas ideias, permita que sua potencialidade flua, a aula deixa de ter uma conotação negativa, passando a ser mais significativa. A aula se torna mais proveitosa, de modo que o que eles compreenderam na investigação, no contanto com o texto, conseguem conectar com a própria realidade. Então, com certeza, estamos conseguindo realizar nossa proposta, de pensar uma filosofia que dialoga com a vida, com a realidade de nossos alunos. Daí a importância de traçarmos um bom plano de imanência, no qual as ideias conseguem transitar, fluir, porque sem este solo, este chão, nosso esforço não será em vão.

O testemunho dos alunos evidencia isso. O ensino precisa despertá-los para a vida e, neste sentido, ir ao encontro de seus anseios. Vejamos, então, o que eles disseram:

A experiência foi bastante interessante, pois, com a mediação do professor pudemos experimentar como os conceitos são elaborados pelos filósofos. Além disso, conseguimos compreender que a filosofia não consiste em definir conceitos, mas sim criá-los. Passar pelas etapas da metodologia, da sensibilização à construção de conceitos, fez com que a aula não se tornasse um peso ou desagradável. Nela, mesmo com nossas limitações, conseguimos ler, exercitar nosso pensamento, expor nossas ideias, ouvir nossos colegas com atenção, produzir textos, conectar o que nós compreendemos da temática trabalhada com nossa própria realidade, coisas que antes não conseguíamos. Precisamos de um ensino que venha de encontro aos nossos anseios, que não nos encha de informações, que na verdade, não nos preenche, pois, informação não significa conhecimento (GRUPO 2).

Portanto, a sala de aula precisa se transformar num espaço no qual se permita o diálogo. Pois é por meio do diálogo que se constrói filosofia. A cada pergunta, uma nova pergunta. O diálogo deve permitir o confronto de ideias e desse confronto, com

certeza, novas ideias e novos conhecimentos brotarão. E não tem sentido simplesmente transmitir dados filosóficos sem antes traduzi-los na vida e no perguntar dos alunos.

4.3.3 Grupo 3 (Política)

Neste grupo, o interesse de investigação voltou-se para o tema sobre a política. O Grupo, então, buscou refletir sobre o significado de política na Grécia Antiga, pautando sua reflexão sobre o filósofo Aristóteles, tentando relacionar a concepção de política daquela época com a compreensão de política que temos em nossa realidade.

O processo investigativo tem começado, a princípio, com a leitura do fragmento de texto. Porém, os componentes desse Grupo, decidiram primeiro pesquisar o que é política, os significados que seu conceito carrega, sua origem, qual sua importância para a vida em sociedade. Então, o grupo se dividiu para a pesquisa: enquanto uns foram à biblioteca buscar outras fontes, outros utilizaram a sala de informática para fundamentar melhor a pesquisa e a investigação. E, em um segundo momento, ou seja, na aula seguinte, eles se debruçaram no texto escolhido para compreender a concepção de política em Aristóteles. Então, somente depois de compreendida a temática, eles poderiam estabelecer as devidas conexões entre a concepção de política, pensada em Aristóteles, com a concepção de política do Grupo.

Para o grupo, o tema foi uma ótima oportunidade para repensar a própria concepção política, como também lhe foi possível entender que política se constrói cotidianamente.

Vejamos como o Grupo evidencia isso:

A investigação, para nós do Grupo política, possibilitou uma nova compreensão sobre política e também sobre nossa perspectiva enquanto ser político, pois querendo ou não, vivemos em sociedade. Então, mesmo sem perceber, nossas atitudes cotidianas por mais simples que sejam, estão todas permeadas de ações políticas. Desta forma, entendemos, hoje, que política não se restringe somente aos que atuam na política e que estão associados a determinados partidos, pois, quando desejamos conseguir alguma coisa de nossa família ou de nossos amigos, estamos de alguma forma exercendo uma ação política. Ter essa compreensão, foi possível graças ao encaminhamento metodológico durante a pesquisa, que facilitou nossa compreensão de como os conceitos são criados na tradição filosófica. (GRUPO 3).

Nossa proposta foi possibilitar um ensino que permita o estudante a se envolver com a construção de seu conhecimento. Pensar um modo de ensinar filosofia tendo por referência a concepção de filosofia proposta por Deleuze e Guattari não é uma tarefa fácil. Na Graduação ou no Mestrado isso configura uma imensa dificuldade, imagina no ensino médio. Nesta fase, os discentes carregam consigo certas dificuldades, que, certamente, não lhes ajudaria nesta construção, pois lhes faltam experiência, leitura, conhecimento da tradição filosófica. Mas, podemos, por outro lado, talvez não fazer com que eles construam conceitos, mas podemos, por exemplo, ensinar-lhes o passo a passo de como os filósofos da tradição filosófica criaram seus conceitos. E isso, portanto, é fazer filosofia. Não ensinar fórmulas prontas. Os alunos precisam aprender a pensar. Por isso, a ideia de trabalhar uma Geofilosofia, em Deleuze e Guattari, trazendo-a para a realidade do aluno, para que ele sinta que o exercício do pensamento se faz no tratamento dos problemas que enfrentamos em nossa realidade. Não podemos fugir deles! A escola, o ensino de filosofia, deve, entretanto, permitir que isso aconteça e quando isso acontece, o resultado é diferente.

Durante o processo de investigação, o professor nos mostrou como os conceitos são criados, ou seja, como os filósofos criam seus conceitos. Isso foi importante, porque nos foi mostrado de uma forma mais interessante, porque assim não necessitamos de decorar uma definição, uma vez vendo o passo a passo, ou seja, como eles foram criados, nossa de forma de aprender se tornou mais significativa e menos cansativa (GRUPO 3).

Então, precisamos possibilitar aos nossos estudantes um ensino criativo, a exemplo da própria filosofia, que não lida com fórmulas ou definições prontas, mas ensinar a nossos jovens estudantes a se reinventarem, pois, os problemas estão sempre em nosso cotidiano, prontos para serem enfrentados com um pensamento dinâmico e criativo. Eles desejam um ensino significativo, criativo, envolvente, que possibilite a discussão, o diálogo, ou seja, o pensamento criativo. Vejamos, o que eles exigem:

[...] concordamos que as aulas precisam ser mais significativas. Durante todo o processo, nós do Grupo, percebemos como nossa forma de captar o conhecimento se tornou mais eficaz. O modo como o professor conduziu as aulas foi muito bom, porque todos se envolveram. Permitiu o diálogo, a discussão, o compartilhamento de ideias. Houve dificuldade, certamente, mas no final deu tudo certo. Não conseguimos criar conceitos, conforme os filósofos, mas conseguimos compreender como eles os criam. E isso para nós valeu muito. Pois não queremos decorar conceitos, mas ter as ferramentas que nos permita solucionar nossos problemas. E mesmo não gostando de estudar filosofia, hoje, compreendemos que ela pode ser um instrumento importante em nossa vida (GRUPO 3).

A construção do diálogo também foi um diferencial no entender dos alunos. Segundo eles, “o modo como o professor conduziu as aulas foi muito bom, porque todos se envolveram. Permitiu o diálogo, a discussão, o compartilhamento de ideias” (GRUPO 3). A filosofia, como se sabe, se constrói no diálogo, que permite construir pontes, discutir ideias, cria vínculos. Portanto, diante do cenário político em que vivemos, a escola tem um papel importante, pois ela precisa compartilhar com os estudantes a real função da política em um país, mostrando que durante toda a história da humanidade houveram divergências de opiniões, mas que a sabedoria consiste justamente em respeitar o pensamento do outro, sendo ele diferente ou não. Abordar a política em sala de aula é algo extremamente importante para que os alunos se apropriem dos seus deveres e direitos enquanto cidadãos. O diálogo, neste sentido, pode ser uma boa ferramenta e a Filosofia, certamente, pode ser a ponte para que isso aconteça.

4.3.4 Grupo 4 (Preconceito)

Os alunos elegeram esse tema porque faz parte do conteúdo livro adotado pela escola, como, também, para eles, o tema constitui um assunto de interesse por estar relacionada com a própria realidade. Além disso, o mesmo tem se tornado muito discutido em nossos dias, tendo em vista as evidências de casos envolvendo o preconceito em diversas situações da vida cotidiana. Para isso, buscaram iluminar sua investigação e reflexão a partir de um fragmento de texto da filósofa húngara Agnes Heller, “*O cotidiano e a história*” e no fragmento de texto de Norberto Bobbio, “*Elogio da serenidade*”.

Para socializar as reflexões sobre o preconceito, o grupo realizou sua apresentação em forma de noticiário, por meio do qual apresentaram e comentaram cenas da vida cotidiana envolvendo situações preconceituosas. A partir das cenas teciam comentários sobre o que alguns pensadores, como, por exemplo, Agnes Heller, Norberto Bobbio, concebiam e enfrentavam tais problemas em sua época. De acordo com Heller, não existe receita, nem algum esquema ou até mesmo conselho, que nos permita libertar-nos dos preconceitos, sustenta a filósofa Heller. Desta forma, afirma o Grupo:

[...] cada um precisa compreender as ideias erradas que estão nas atitudes preconceituosas, pois são atitudes que matam e ferem as pessoas na sua dignidade. E, com isso, não se deve jamais aceitar como verdadeira qualquer opinião ou comentário de natureza preconceituosa, sem antes ser realizada uma reflexão crítica sobre os mesmos, para que se evite qualquer situação constrangedora. [GRUPO 4].

Neste sentido precisamos ser prudentes, uma boa reflexão antes de fazer comentário pode evitar danos desagradáveis tanto por parte de quem age de forma preconceituoso quanto por parte de quem sofreu insinuações de caráter preconceituoso. O preconceito para Norberto Bobbio está na cabeça dos homens, pois é nela que nascem ou se originam os preconceitos e, para que isso possa se tornar realidade. E como se combate o preconceito? A filósofa Agnes Heller disse que não existe uma receita pronta. Mas o que dizem os jovens?

Embora não tendo uma receita pronta, conforme diz Heller, a gente não deve desistir de encontrar alguma forma para diminuir o sofrimento que as atitudes preconceituosas causa na vida das pessoas. No entanto, Bobbio nos mostrou que a educação pode ser o caminho. De que forma? A escola e família podem participar dessa construção. Elas têm um papel importante nesse processo. A escola pode criar momentos de discussão entre as crianças, os adolescentes, os jovens para orientar sobre esse problema. E a família vai ensinando em casa, mostrando a importância de respeitar as pessoas, as diferenças, porque o preconceito é um mal para toda a sociedade (GRUPO 4).

Neste sentido, tanto a escola quanto as famílias podem conscientizar as crianças. Quanto mais cedo elas compreenderem a importância de respeitar as diferenças, a probabilidade de termos menos relações preconceituosas se torna

possibilidade. Neste sentido, a filosofia também pode auxiliar nesta tarefa, pois segundo nos dizeres dos jovens permite “falar da vida nossa vida com a nossa vida, da nossa realidade na nossa própria realidade” (GRUPO 4). Daí a importância da presença do exercício filosófico nas escolas. Quando propomos trabalhar uma concepção de filosofia nos moldes deleuzo-guattarriano, uma filosofia que se relaciona com a realidade, permitindo que nossos adolescentes, nossos jovens possam experimentar nas escolas um ensino criativo, dinâmico, deseja-se com isso, que o ensino de filosofia lhes dê condições de dialogar com a vida, com a realidade, com o mundo, com os problemas, construindo possíveis soluções para enfrentar as questões que mais lhes inquietam. Nos textos filosóficos eles podem encontrar elementos nos quais precisam traduzir para a vida, estabelecendo relações com a própria realidade, vendo que os conceitos presentes nestes textos podem servir de instrumento para pensar o presente, embora tenham sido escritos em outra época eles podem ajudar a construir nossos próprios conceitos e a nortear nossas escolhas e decisões. Por isso, a leitura é importante, não só de textos filosóficos, mas também de outros textos, pois na leitura podemos “pensar os problemas e encontrar possíveis soluções”, disseram os jovens.

4.3.5 Grupo 5 (Meio Ambiente)

As discussões sobre o meio ambiente estão diariamente presentes nos meios de comunicação, que muito têm auxiliado no combate aos problemas que mais afetam a natureza. Este tema possui um campo muito amplo, pois, o mesmo pode ser tratado sobre um ponto de vista global, quanto num plano mais reduzido, como, por exemplo, uma determinada localidade, uma região, que tem seu ambiente natural ou seu espaço ameaçado. Por exemplo, pode-se trabalhar um plano de imanência voltado para a discussão e a investigação sobre os impactos que sofre a caatinga em nossa região.

Para isso, o Grupo fundamentou sua pesquisa no texto da obra “*O contrato natural*”, de Michel Serres, como também em outras fontes que estiveram ao alcance, como forma de compreender melhor a temática investigada. Os estudantes, então, nortearam a pesquisa, conforme lhes fora ensinado, seguindo a metodologia que lhes foi proposta. Realizaram a leitura do texto, buscando compreendê-lo, para poder

relacionar as informações colhidas do fragmento, para enfim trabalhar a produção textual. Segundo os componentes,

O autor nos fez voltar ao passado ao nos mostrar que antigamente as pessoas dependiam do tempo e a natureza era sua aliada. Elas esperavam o tempo da chuva para plantar ou o tempo melhorar para se navegar sobre as águas. Então, percebemos com isso, que a humanidade perdeu esse vínculo com a natureza, pois com o domínio da técnica o homem passou a controlar o tempo, mas não aprendeu a cuidar, a zelar, a preservá-la (GRUPO 5).

Desta forma, se faz necessário que todos compreendam que preservar o meio ambiente, ou seja, o espaço no qual vivemos, consiste numa tarefa na qual todo cidadão deve assumir e se comprometer. E, por causa disso, deve-se pensar numa conscientização ecológica capaz de despertar ou estimular atitudes individuais e coletivas com a finalidade de garantir o equilíbrio de nosso planeta, bem como a preservação de nossa riqueza natural, uma vez que os problemas ambientais podem causar danos prejudiciais para a saúde de todos, como por exemplo, a poluição do ar, que pode gerar problemas graves ao nosso sistema respiratório. Para os alunos as soluções não caem do céu. Sendo assim,

Cada um pode de alguma maneira ajudar nessa tarefa de proteger nosso espaço natural. E toda a sociedade também pode entrar nesta dinâmica de proteção ao nosso planeta. Neste caso, as escolas, podem ter um papel fundamental. Elas podem criar momentos de discussões, especialmente em sala de aula, motivando os professores a orientar as crianças, os adolescentes, os jovens, a criarem valores de estima, mostrando que cada um pode contribuir para a proteção e o cuidado de nossa natureza (GRUPO 5).

A Filosofia, neste sentido, pode ser um instrumento aliado nesta tarefa. Os alunos podem elaborar pequenas reflexões com orientações mostrando a importância do cuidado e do zelo que se deve oferecer ao meio ambiente, pois, quando o prejudicamos também estamos de certa forma nos prejudicando, porque também somos parte dele. O Grupo conseguiu, portanto, caminhar sobre o plano de imanência. Os conceitos, os problemas, as criações somente acontecem caminhando sobre este plano. A realidade na qual cada aluno está inserido, permite o caminhar, o pensar, pois nela os problemas vão se formando, como também nela as soluções devem ser construídas. Nada deve ser pensado ou construído fora desse plano,

mesmo que no final não tenhamos conseguido construir conceitos, conforme os filósofos. Quem sabe, um dia, parafraseando Deleuze e Guattari, talvez em nossa velhice, possamos ouvir de nossos alunos: “consequimos construir nossos próprios conceitos”. No momento, estamos todos tentando.

Portanto, a filosofia possibilita um olhar atento sobre a realidade. Neste sentido, ela é criativa. O Ensino de Filosofia também precisa revestir-se dessa criatividade. Por isso, seguir o passo a passo da metodologia que a intervenção propõe, permite o aluno a compreender dinâmica do texto filosófico, porque se propõe uma sequência que se inicia com a leitura. Cada passo conduz o estudante a outro e assim no final ele consegue alcançar o resultado desejado. É importante, por exemplo, só começar a produzir o texto, se antes ele consegue compreender o que leu e estabelece as devidas relações com o plano de imanência traçado para ele, ou seja, a própria realidade, com os problemas que ele investigou e que precisam ser de alguma maneira solucionados. Depois de feita a análise das atividades coletivas e de descrever alguns dos trabalhos realizados em sala de aula pelos discentes, será realizado a seguir a análise da metodologia adotada durante a intervenção, por meio da qual as aulas de Filosofia serão norteadas, como também será feita a avaliação das atividades e dos resultados obtidos durante a realização do processo de intervenção.

5 AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES E DOS RESULTADOS

Antes de dar início a análise dos trabalhos e das atividades desenvolvidas durante a intervenção, se faz necessário que discorramos sobre que metodologia nosso trabalho foi fundamentado, para que se tenha um melhor esclarecimento e compreensão sobre o processo no qual foi desenvolvida nossa pesquisa. Escolhemos, então, pautar nossa intervenção prática na pesquisa-ação, porque julgamos ser importante devido a afinidade que se constrói durante seu desenvolvimento entre professor-pesquisador e os envolvidos, no caso, os estudantes, para os quais a intervenção se destina. No que diz respeito à pesquisa-ação, Thiollent a define como sendo:

Um tipo de investigação social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução e um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1998, p. 14).

A pesquisa-ação, desta forma, deve ajudar o pesquisador no contexto de uma problemática social, examinando e, ao mesmo tempo, apontando seus principais objetivos buscando mobilizar os participantes, a fim de que possam construir e desenvolver juntos, novos conhecimentos. Então, a partir da pesquisa-ação o professor poderá fortalecer sua capacidade de reflexão crítica acerca de seu trabalho docente, para que todos os envolvidos durante a pesquisa possam participar de forma colaborativa e alcancem os resultados necessários dessa ação. Sua utilização, portanto, como forma metodológica torna-se importante, uma vez que favorece aos participantes, tanto o pesquisador quanto os investigados, reavaliar suas práticas com um olhar crítico e reflexivo para que encontrem soluções para os possíveis problemas apresentados.

Neste caso, o pesquisador, especialmente o professor, que está envolvido diretamente na pesquisa ao lado dos investigados, os alunos, poderá realizar uma revisão de sua atividade docente por meio de um trabalho coletivo, pois, na verdade, é importante que exista uma relação próxima e interativa entre pesquisador e investigados, a fim de que teoria e prática possam estar lado a lado bem

harmonizados. Por isso, tomamos a iniciativa de nortear nossa intervenção tomando como referência a pesquisa-ação, pois a mesma poderá apontar condições necessárias para ações e transformações de situações dentro do ambiente escolar, conforme atesta Thiollent (2002, p. 75 apud VAZQUEZ e TONUZ, 2006, p. 2): “com a orientação metodológica da pesquisa-ação, os pesquisadores em educação estariam em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive ao nível pedagógico”.

Na verdade, nosso desejo consiste em compreender, dentro do contexto de sala de aula, as dificuldades que levam grande parte dos alunos do ensino básico a demonstrarem pouco interesse pela leitura de textos filosóficos e, conseqüentemente, pela própria filosofia, especialmente quando o tempo é curto e limitado o que impede, na maioria das vezes, aprofundar de forma eficiente o pensar filosófico, que de uma forma ou de outra, passa pelo contato com o texto. Por isso, na pesquisa-ação objetiva-se resolver ou, pelo menos, buscar de alguma forma esclarecer os problemas da situação observada. Além disso, configura-se como nosso desejo, fomentar o conhecimento de quem está pesquisando, assim como desenvolver tanto o conhecimento como o nível de consciência dos alunos que estarão envolvidos diretamente na pesquisa.

A referida pesquisa será desenvolvida a partir de uma metodologia da pesquisa-ação, na qual professor e alunos estão envolvidos de forma interativa e participativa. Na verdade, os pesquisados ou os destinatários do projeto não devem ser considerados objetos de pesquisa, mas sim como sujeitos ativos, porque eles contribuirão tanto para o conhecimento próprio quanto para a transformação da realidade em que estão inseridos. Para isso, é importante que exista uma boa interação entre pesquisador e investigados, pois a socialização do saber metodológico e do conhecimento será fundamental para que todos aqueles que estão envolvidos possam participar de forma ativa.

A intervenção prática será realizada na turma da Terceira Série do Ensino Médio no Educandário Santa Teresinha, que está localizado na cidade de Caicó – RN. A escolha da referida turma se deu pelo fato de que a mesma vem sendo acompanhada pelo professor-pesquisador, que desde 2017 leciona a disciplina de filosofia, tendo, neste sentido, desenvolvido certa afetividade junto aos alunos, o que facilita, de certo modo, interagir e trabalhar de forma mais efetiva. Durante a

intervenção nos serviremos de pequenos grupos de estudos, por meio dos quais o trabalho com a leitura de texto será desenvolvido, a fim de que alunos que tenham dificuldades de compreensão e interpretação possam ser auxiliados durante a leitura por aqueles que possuem uma maior afinidade com a mesma. Assim, o objetivo de nosso estudo é conscientizar, aprofundar, propor solução para as dificuldades e avaliar os alunos quanto ao avanço durante a intervenção. Através da intervenção prática busca-se compreender como podemos relacionar a compreensão de filosofia a partir de Deleuze com a possibilidade de se construir um pensar filosófico com os alunos do Ensino Médio, que apresentam dificuldades em compreender problemas filosóficos.

A escolha de se trabalhar um pensador como Deleuze se dá devido a importância de sua reflexão acerca de sua compreensão do que seja Filosofia, pois o mesmo a concebe como uma disciplina que tem como tarefa a criação de conceitos, o que revela que em sua essência a Filosofia deve ser uma atividade criativa. Tal característica está presente não só na atividade filosófica, mas também na arte, na música, na ciência, bem como em todas ou em qualquer atividade que se deseja sair da inércia do pensamento a fim de colocá-lo em pleno movimento. Na concepção deleuziana, alguns elementos são essenciais à atividade filosófica, como o conceito, o plano de imanência, os personagens conceituais. A Filosofia, então, na visão do filósofo francês, se dá ou acontece a partir dessas três instâncias que estão correlacionadas entre si e, que sem elas, fica inviável a existência do filosofar. Portanto, podemos perceber que em Deleuze podemos vislumbrar três verbos, que são essenciais: traçar (plano de imanência), inventar (personagens conceituais) e criar (os conceitos). Estes são os verbos fundamentais que constituem o ato filosófico, não os verbos contemplar, refletir e comunicar. Para ele, a filosofia não contempla, não reflete e, muito menos, comunica. Ela, na verdade, passa necessariamente por estas três instâncias que se relacionam entre si: o plano de imanência que ela precisa traçar, os personagens conceituais que ela precisa elaborar e os conceitos que deve criar. Por isso, na concepção de Deleuze a Filosofia tem como característica essencial ser uma atividade criativa e, portanto, a atividade do professor, em sala de aula, precisa ser de alguma forma uma ação criativa.

Portanto, a intervenção prática versa sobre “A Filosofia do Ensino de Filosofia: uma articulação entre problema e leitura a partir de Deleuze e Guattari”, será realizada

durante as aulas de Filosofia na turma da 3ª Série, no horário matutino, do Educandário Santa Teresinha, na cidade de Caicó/RN. Durante as aulas, faremos uso de textos filosóficos que serão escolhidos pelos próprios discentes, pois estes textos serão analisados a partir do interesse e do gosto de cada aluno em relação à proposta da pesquisa, para que a intervenção não seja entendida como uma imposição da vontade do professor-pesquisador, visto que este trabalho se pauta na pesquisa-ação, a qual se caracteriza como uma interação entre pesquisador e investigados, por isso, se faz necessário que ela tenha como base o interesse daqueles que serão o alvo de investigação da mesma. Depois de descrita e explicada a metodologia utilizada durante nosso trabalho de pesquisa, partiremos para descrever a análise dos trabalhos ou atividades desenvolvidas junto aos alunos na aplicação da intervenção prática em sala de aula.

5.1 Análise das atividades

A intervenção foi pensada e estruturada para que durante sua realização fosse possível encontrar uma prática de ensino por meio da qual as aulas de Filosofia possam ser mais atrativas e criativas, permitindo aos diversos estudantes da rede básica de ensino, especialmente os que estão concluindo o Ensino Médio, vivenciar ou se aproximar de uma experiência filosófica. Então, a preocupação deste trabalho visa justamente encontrar esta metodologia. E, depois de analisar algumas delas, julgamos ser relevante trabalhar com a didática proposta por Silvio Gallo, pois está refinada com os Referenciais Teóricos por nós adotado. Gallo defende ser as aulas de Filosofia ministradas como oficinas de conceito, tornando possível ao aluno construir suas próprias ideias de forma prazerosa e criativa. E, depois de analisar algumas delas, julgamos ser relevante trabalhar com a didática proposta por Silvio Gallo, pois está refinada com os Referenciais Teóricos por nós adotado. Gallo defende ser as aulas de Filosofia ministradas como oficinas de conceito, tornando possível ao aluno construir suas próprias ideias de forma prazerosa e criativa.

O que Gallo, porém, não enfatiza ou evidencia é que o ensino de filosofia não está relacionado apenas a relação problema-conceito. De acordo com Deleuze e Guattari é preciso uma *Geofilosofia* para que a experiência do conceito aconteça. Existem outros elementos ou componentes, como, por exemplo, plano de imanência

e personagens conceituais para que seja possível a fabricação do conceito. Logo, é preciso isso destacar nas etapas da metodologia ou didática do ensino de filosofia proposta por Gallo. Nós, ao aplicarmos essa metodologia ou didática, em nossa intervenção, após um período de leitura e aprofundamento da ideia de filosofia em Deleuze, sentimos a necessidade de fazer essa crítica a Gallo. Os elementos parecem estar presentes, mas não ganham os destaques devidos. Então, em nossa intervenção, nas etapas propostas por Gallo, onde situar o plano de imanência e os personagens conceituais?

As atividades foram, então, realizadas em etapas, tendo a investigação e a construção de conceitos, entre as etapas mais longas do processo, pois demandava mais cuidado e atenção da parte dos discentes, pois era preciso investigar na tradição filosófica as temáticas escolhidas, para que os autores da investigação pudessem construir suas ideias ou seus conceitos, tomando como referência o que fora pensado anteriormente, estabelecendo uma relação com a realidade atual de cada aluno envolvido no processo de intervenção. Pensar os problemas e os conceitos a partir da realidade do aluno, se faz necessário, porque, desse modo, nos situamos na concepção dos filósofos franceses, na qual o conceito se remete ao problema e, por sua vez, o conceito se faz no plano de imanência, que, neste caso, se concretiza na vida cotidiana de nossos estudantes. Trabalhar, então, filosofia, felicidade, política, preconceito, meio ambiente, só tem sentido se forem pensados na imanência, tocando o chão de nossa realidade, pois somente nela eles poderão ser articulados e pensados.

A metodologia de Gallo, mesmo com as dificuldades inerentes aos alunos, possibilitou os discentes entrar em contato com o texto. Também permitiu que eles conseguissem relacionar o que pensaram os filósofos em sua época com a realidade cotidiana. E, ainda, foi possível experimentar o passo a passo de como os filósofos pensaram e construíram seus conceitos, uma vez que estes não surgem do nada, mas estão relacionados com a vida, a realidade, ao mundo, de tal forma que precisam ser criados. Então, foi possível perceber que filosofia não consiste em definir conceitos. Ela inventa, fabrica, cria-os. Por isso a importância de compreender o passo a passo de sua criação.

De início, houve dificuldades, como por exemplo, falta de interesse, cansaço, pois muitos participam de cursinhos, celebrações. Mas, com esforço e empenho de

todos, foi possível contorná-las. A metodologia facilitou os trabalhos, permitindo que a intervenção fluísse, promovendo bons debates com discussões calorosas e enriquecedoras, o que revela ser necessária que se pense um ensino de Filosofia pautado numa atividade que estimule a criatividade e a participação dos alunos, de tal forma que eles se sintam responsáveis e comprometidos com a construção de seu próprio conhecimento. Para isso, pensar uma didática na qual o estudante esteja no centro de seu aprendizado torna-se necessária e urgente, pois no período de sua formação o processo de ensino e aprendizagem precisa acontecer de forma significativa, de tal maneira que a aquisição do conhecimento não possa prescindir do nada, mas que precisa estar pautada no conhecimento prévio dos interesses e das experiências dos alunos. Desta forma, deseja-se que o conteúdo ou os temas propostos para as aulas de Filosofia estejam relacionados aos interesses dos próprios estudantes, para eles possam analisá-los, refleti-los e problematizá-los à luz de suas realidades. Todavia, não se pretende, com isso, minimizar o papel do professor, pois este exerce um papel essencial como mediador entre o discente e a busca por novos conhecimentos.

Dito de outra forma, o que se deseja é que os alunos percebam que eles têm um papel fundamental na construção do próprio saber, e, portanto, eles não devem se contentar em receber tudo pronto, mas que durante as aulas de Filosofia, os conteúdos e as investigações propostas pela disciplina possibilitem uma interação, um diálogo com as questões do cotidiano que, por sua vez, precisam ser problematizadas por eles, para que venham a descobrir possíveis soluções às mais variadas questões que permeiam a nossa realidade. Então, preocupados com a forma pela qual a Filosofia tem sido ensinada em nossas escolas de Ensino Médio, particularmente sentindo também ser afetado por ela, tomamos por modelo a compreensão de filosofia de Deleuze e Guattari, assim como a metodologia utilizada por Silvio Gallo, que vem sendo utilizada por muitos professores da rede básica de ensino, que se pauta na sensibilização, na problematização e conceituação. Com isso, pretende-se que os discentes consigam construir uma concepção de filosofia concretizada na realidade. E deve ser neste plano que os problemas e os desafios precisam ser enfrentados. Elementos deleuzo-guattariano, como plano de imanência, personagens conceituais, devem ser ferramentas com as quais os conceitos de

política, felicidade, filosofia, preconceitos, possam transitar no plano de imanência, ou seja, em nossa realidade.

Espera-se, contudo, que a sensibilização, a problematização, a investigação e a conceituação venham a se tornar um caminho favorável por meio do qual o aluno possa estimular o próprio pensamento e, ao mesmo tempo, possa alcançar os meios necessários a fim de organizar melhor seus argumentos e suas ideias. No entanto, nossa pretensão fazer com que ele construa conceitos novos, mas sim favorecer o mesmo a ter uma relação diferente com os conceitos, permitir que ele se sinta capaz de pensar por si mesmo, de ter autonomia para pensar, de estabelecer uma forma de diálogo com o texto filosófico e de encontrar nele as ferramentas necessárias para enfrentar os problemas que irá investigar ao longo de sua vida. De acordo com Gallo (2006, p. 26),

[...] o que queremos é que os estudantes possam vivenciar a experiência de pensamento. E é isso que deverá ser avaliado: a qualidade da experiência, e não o fato de um conceito absolutamente novo ter sido ou não criado, e não a qualidade do conceito criado ou recriado ou apropriado.

Ora, tomando como ponto de partida o que foi dito na citação acima, pode-se dizer que os alunos se aproximaram de uma experiência filosófica, pois entraram em contato com os conceitos da tradição filosófica, estabeleceram com ele uma relação de proximidade, por meio da qual puderam visualizar o que eles têm em comum com o que fora pensado pelos inúmeros pensadores, tomando como parâmetro para pensar e refletir sobre as diversas situações com as quais temos dificuldades em apontar possíveis soluções. Na verdade, espera-se com isso, que estes alunos possam experimentar, mesmo de forma singela, um contato com os conceitos da tradição filosófica, para que possam ter a oportunidade embora pequena, de experimentar o exercício do pensamento, saindo de “seu lugar comum”, para percorrer novos caminhos, despertar novas atitudes, observar com o olhar atento as diversas situações que mais lhes afetam e incomodam, propor possíveis soluções aos problemas, que muitas vezes são ignorados, embora sejam relevantes para que se compreenda melhor a vida e a realidade.

Então, diante do que foi exposto, pode-se dizer que aquilo que se desejava com a intervenção foi alcançado, como por exemplo, descobrir uma metodologia que

permita um ensino de Filosofia mais criativo. E com isso, todos concordam que a metodologia escolhida cumpriu seu papel, embora ela não tenha ofuscado as dificuldades e as deficiências tanto da parte dos discentes quanto da qualidade do ensino e da prática filosófica em sala de aula, pois tudo isso exige uma caminhada longa, paciência e persistência, pois cada aluno carrega consigo dificuldades e deficiências, próprias de sua realidade sociocultural na qual estão inseridos, como também o professor.

Em cada etapa realizada foi possível perceber o grau de responsabilidade e de comprometimento, o que nos permite dizer que os alunos estavam interessados e motivados, pois viram ser possível estudar Filosofia fora dos moldes tradicionais, nos quais eram vistos somente como simples receptores de conteúdos e, agora, eles podem estabelecer uma relação saudável com a reflexão filosófica e com os diversos conceitos nela contidos. E, sempre que iniciavam outra etapa, o que havia sido construído anteriormente, permaneciam latentes em suas mentes, de forma que não sentiam dificuldades em dar continuidade aos trabalhos nas etapas que se seguiam, o que possibilitou aos envolvidos colher bons resultados, tanto coletivamente quanto a individualmente, fruto da metodologia adotada, ser que, portanto, negar a existência de qualquer dificuldade experimentada durante sua realização.

A sensibilização, de certa forma, permitiu que os componentes se concentrassem melhor, facilitando encontrar um caminho que lhes ajudassem a pensar melhor como seria possível problematizar os temas a serem desenvolvidos e investigados, o que desencadearia num bom funcionamento da etapa de problematização. Por outro lado, problematizar bem os temas fez com que eles aproveitassem melhor o momento de investigação, que aliás, consistiu na etapa mais longa e, de certa forma mais exigente, pois por meio dela, o contato com os conceitos da tradição filosófica, durante o momento de conceituação, resultou numa maior aproximação entre a realidade dos discentes com as questões por eles levantadas, fazendo com que se apoderassem dos conceitos para adaptá-los e relacioná-los às suas experiências cotidianas.

Todavia, na conceituação nos deparamos com a difícil tarefa de avaliar a compreensão dos alunos em relação ao tema proposto, ou seja, julgar positivamente ou negativamente a apreensão dos discentes ao longo das atividades desenvolvidas. Na verdade, os conceitos são criados a partir de problemas, levando

em consideração o tempo, o lugar no qual estamos inseridos, a carga cultural que acumulamos e também nossas leituras. Por isso, construí-los não é tarefa fácil, uma vez que os mesmos não são encontrados de forma pronta e acabada, mas precisam ser criados e recriados e, para isso, dependem dos problemas enfrentados no dia a dia. E isso não é uma tarefa fácil, nem para o filósofo que está acostumado com a atividade do pensamento, que pensa a filosofia, imagina um aluno da rede básica de ensino, que carrega consigo uma forte carga de dificuldades.

E durante as atividades foi possível visualizar tais dificuldades tanto nos trabalhos realizados coletivamente quanto naqueles que foram desenvolvidos individualmente. E, não seria correto de nossa parte, portanto, elencar somente os pontos positivos da ação prática, sem lançar um olhar crítico e reflexivo sobre os problemas e as dificuldades enfrentadas, pois para superá-las será necessário manter vivo o desejo de buscar novas possibilidades de solução para as situações adversas da vida cotidiana. Detectou-se durante a ação prática certo desinteresse entre os alunos pelas questões que envolvem a reflexão filosófica. Além disso, eles apresentaram dificuldades para registrar ou expor seus pensamentos, como também na organização e no desenvolvimento da argumentação, talvez por causa da pouca familiaridade com o texto filosófico, o que não deve ser visto como desculpa, uma vez que tanto na rede pública quanto na rede privada, os textos estão presentes no livro didático, adotado pelas escolas. Em algumas aulas também se presenciou certos momentos de oscilação, nos quais houve pouca produtividade, pois às vezes as aulas se tornavam monótonas e pouco empolgantes. Mas, também houve momentos em que as aulas resultaram em muitos diálogos, discussões, reflexões e atividades diversas, que de certa forma, trouxe muitos conhecimentos para os alunos. Contudo, muitas dessas dificuldades têm origem na heterogeneidade cultural, social e cognitiva presente em grande parte de nossos estudantes que frequentam a rede básica de ensino, tanto na rede pública quanto na rede privada.

A iniciativa de oferecer aos alunos do Ensino Médio a oportunidade de serem os protagonistas do próprio conhecimento, bem como de poderem realizar ou se aproximar de uma experiência de pensamento, tendo o cuidado de não transformar as aulas de Filosofia em momentos de repetição de ideias, mas de possibilitar uma forma diferente, porém criativa de se relacionar com o pensamento filosófico, de algum modo nos diz que a nossa meta foi de alguma forma alcançada. Foi possível,

então observar durante toda a pesquisa, que buscar ensinar Filosofia tendo como ponto de partida a problemática do aluno, ou seja, deixar que ele seja o agente problematizador, sem a interferência direta do professor, sendo este apenas o mediador, pode ser um grande aliado na construção do conhecimento e do despertar filosófico do aluno. Por outro lado, o professor deve ter em mente que tipo de conceito de Filosofia ele deve assumir, visto que tal escolha feita de forma consciente é essencial, uma vez que ela lhe permite definir tanto para si mesmo quanto para os seus alunos, a identidade e a perspectiva filosófica com a qual está disposto a trabalhar. E, pensando nisso, nos dispomos antes de iniciar nossa intervenção, mostrar aos discentes que nossa perspectiva de compreensão de Filosofia se pautava na concepção de uma Filosofia criativa, que tem como pano de fundo a identidade dos pensadores franceses, conhecidos por Deleuze e Guattari.

Sendo assim, nos propusemos a partir da metodologia escolhida, descobrir uma didática de ensino que esteja relacionada aos interesses do aluno, no que diz respeito à construção do conhecimento, pois julgamos ser relevante, que as aulas de Filosofia devam partir da problemática produzida pelos alunos em sala de aula, para que os mesmos pudessem despertar para o exercício do pensamento, vindo a perceber que a Filosofia pode abrir novas possibilidades e novos caminhos para dar sentido à vida. Por isso, nossa preocupação primeira consistiu em refletir sobre as dificuldades que são comuns ao dia a dia do ensino de Filosofia entre os alunos do Ensino Médio, para que pudéssemos pensar uma metodologia que permita o professor trabalhar em sala de aula minimizando as dificuldades apresentadas tanto pelos discentes quanto pelo próprio ensino de Filosofia.

Diante disso, buscou-se repensar e rever os métodos utilizados no Ensino de Filosofia entre os alunos da rede básica de ensino. Contudo, é inevitável que os alunos venham demonstrar dificuldades, como por exemplo, ao tratar um texto em sala de aula, fica evidente de início, que eles não vão conseguir perceber os problemas filosóficos envolvidos nas discussões, justamente porque lhes faltam o conhecimento e a proximidade com os filósofos da tradição filosófica, uma vez que não estão familiarizados com o hábito da leitura. No entanto, não podemos negar-lhes a possibilidade de entrar em contato com o pensamento dos filósofos, como também de motivá-los para a leitura de textos filosóficos, mesmo que venham na maioria das vezes, resistir. Desta forma, o professor terá a missão de despertar os

jovens e adolescentes para a experiência do pensamento, da Filosofia em si mesma, buscando, então, fazer com que eles venham a se preocupar não somente em encontrar respostas aos diversos problemas da realidade, mas que também possam construir, de forma criativa, suas próprias interrogações.

Portanto, por meio das atividades desenvolvidas no processo de intervenção, envolvendo os alunos do Educandário Santa Teresinha, particularmente os que estavam ingressados na turma da Terceira Série do Ensino Médio, é possível afirmar que os discentes conseguiram trabalhar as ideias ou conceitos dos filósofos que haviam escolhidos para investigar. Eles, partindo, então, da metodologia adotada, buscaram entrar em contato com os diversos conceitos presentes na História da Filosofia, tendo como referência os momentos de sensibilização, problematização, investigação e conceituação, que os ajudaram a compreender melhor as diversas questões refletidas pelos filósofos da tradição filosófica, se esforçando para relacioná-las com as inquietações que eles enfrentam em suas vidas cotidianas.

Contudo, se faz necessário explicar que os alunos não criaram novos conceitos, uma vez que não era o objetivo principal da ação desenvolvida em sala de aula, mas sim, permitir que eles pudessem se tornar os agentes do próprio conhecimento, buscando problematizar as diversas situações da realidade, tendo como referência os conceitos já trabalhados na Filosofia. Pode-se dizer, portanto, que o caminho escolhido trouxe novas perspectivas aos envolvidos, uma vez que possibilitou-lhes realizar o movimento de buscar conhecer melhor tanto a si mesmo quanto ao mundo, tendo como norte a Filosofia e, de certa forma, o pensamento daqueles que mesmo diante das incertezas não tiveram medo de aventurar-se no pensamento. A cada etapa realizada, um novo aprendizado, e a certeza de que pensar pode não ser uma tarefa fácil, mas que ao realizá-la, nos damos conta de que não somos mais os mesmos, dada as grandes transformações que o pensamento nos provoca. E, no que diz respeito às atividades desenvolvidas individualmente, pode-se dizer que nelas as dificuldades são percebidas de forma mais acentuadas, particularmente entre os alunos que apresentam mais dificuldades. E estas deficiências são mais presentes entre os que têm menos afinidades com o texto filosófico ou que evitam manter qualquer tipo de contato com ele, dificultando a compreensão e a interpretação das ideias nele contidas, o que

dificulta na maioria das vezes, estabelecer a relação com o que foi pensado pelos autores com a realidade a qual pertencem. E, ainda, tal deficiência prejudica o desenvolvimento da problematização, pois o aluno não tendo desenvolvido o costume da leitura, dificulta, por exemplo, o momento de problematizar as situações adversas em que ele precisa enfrentar.

Então, diante de todo o processo realizado, mesmo com as dificuldades ao longo do caminho, os discentes, cada um a seu modo e com suas limitações, foram capazes de ler, de pensar e de perceber que os conceitos e as ideias trabalhadas pelos filósofos da tradição, não estão tão distantes da realidade na qual estão inseridos. E alguns foram capazes de estabelecer uma relação maior com o pensamento dos filósofos, outros não. No entanto, não se deve dar menos valor aos que tiveram dificuldades. Muito pelo contrário, o esforço deles é louvável, pois também se esforçaram e, apesar das limitações e deficiências, buscaram interagir e participar da construção dessa prática de ensino, a qual deve favorecer não somente a eles, mas também a outros que algum dia venham dela se utilizar. E, mesmo não conseguindo criar conceitos como fizeram, por exemplo, Platão, Aristóteles, Nietzsche, Descartes, entre outros, podemos dizer que eles conseguem estabelecer uma boa conexão com os problemas pensados ao longo da tradição filosófica, fazendo com que tais problemas possam ser experimentados e sentidos, de modo que possam reconhecer que aprender Filosofia pode se um exercício prazeroso e construtivo.

5.1.1 Análise das atividades coletivas

As atividades realizadas em grupo apontam que os componentes conseguem um melhor resultado em suas investigações, reflexões e análises quando trabalham em conjunto. Deste modo, tal percepção nos leva a pensar que o esforço realizado de forma conjuntamente ajuda os integrantes a compreenderem os conceitos trabalhados pelos filósofos nos textos com os quais tiveram contato durante as atividades realizadas em sala de aula. Além disso, percebe-se também que trabalhar em grupo fortalece a discussão em torno da temática investigada e, por outro lado, consegue motivar aqueles que não sentem motivação para exercitar o pensamento, preferindo esperar os resultados do esforço daqueles que dispõem a produzir o

conhecimento. E, quando todos buscam realizar um exercício de pensamento em conjunto, tal esforço permite que os discentes possam estabelecer uma boa conexão com a reflexão dos filósofos da tradição filosófica, trazendo para a própria vida e para a realidade na qual estão inseridos as discussões, os problemas e as questões que no passado foram levantadas e que podem servir de elementos para que no presente se construam possíveis soluções às diversas questões e indagações construídas por eles em sala de aula.

Sendo assim, os temas que foram escolhidos para serem investigados, discutidos e analisados, como por exemplo, a felicidade, o preconceito, o meio ambiente e a ética, puderam acenar para uma realidade que no passado fora pensada dentro de um contexto totalmente diferente da realidade em que atualmente vivemos, mas que de certa forma encontra eco nos dias atuais, uma vez que durante o processo de intervenção possibilitou aos discentes encontrar semelhanças entre o que eles pensam e a visão ou as percepções que os filósofos construíram por meios de suas reflexões em suas épocas.

Os alunos compreenderam, então, que estas reflexões anteriormente realizadas por tais pensadores, podem servir de fundamento para a reflexão envolvendo as dificuldades e as questões levantadas sobre a vida, os problemas e as atitudes que se esperam de nossa parte, nos capacitando a encontrar soluções possíveis e plausíveis aos desafios com os quais nos deparamos cotidianamente, de modo que, por meio da Filosofia, pautado na reflexão dos diversos pensadores que tiveram a coragem de exercitar o pensamento e encontrar novas ideias, possibilitando novos caminhos e novas soluções em busca de um mundo melhor para todos.

A ideia de dividir os alunos em grupos de estudos para que as atividades fossem realizadas teve por objetivo ajudá-los a construir uma melhor compreensão acerca dos conceitos com os quais teriam contato durante o processo de investigação. Por outro lado, visava auxiliá-los a realizar uma leitura mais precisa dos textos escolhidos para os momentos de discussão, de investigação e de reflexão, como também de facilitar a compreensão dos mesmos, melhorar a capacidade de argumentação e do desenvolvimento da escrita dos textos que eles precisavam produzir tanto no âmbito da coletividade quanto no âmbito da individualidade. O trabalho realizado de forma coletiva tem, neste sentido, o desejo de construir novas ideias, bem como de permitir que aqueles alunos que demonstram alguma deficiência

possam ter condições de interagir e de exercitar o pensamento, para colaborar também nas atividades.

Então, quanto aos trabalhos desenvolvidos coletivamente, pode-se afirmar que os alunos conseguem expor com facilidade suas ideias, sabem relacionar o que o autor pensa com a realidade em que estão inseridos. Os discentes realizaram com seriedade as tarefas a eles incumbidas, problematizar, investigar e conceituar. Esta última eles a realizar a partir da produção trabalhos escritos, nos quais expõem suas ideias e reflexões, pautadas em pensadores que pensaram e construíram conceitos para responder aos problemas da realidade. Eles conseguiram demonstrar um bom domínio em relação aos temas investigados, – política, filosofia, felicidade, preconceito e meio ambiente –, evidenciando, com isso, que eles tinham relação com o cotidiano de suas vidas. Em relação às argumentações, foi possível constatar que uns conseguiram justificativas melhores que outros, sem tirar o mérito destes últimos, pois em todas as equipes foi possível visualizar o empenho e a dedicação de todos os envolvidos durante as etapas realizadas.

Não se deve negar, entretanto, as dificuldades durante os exercícios do pensamento. Elas podem ser encontradas, na maioria das vezes, nos educandos que demonstram uma leitura ainda insipiente, dificultando sua capacidade de desenvolver bons argumentos. No tocante à produção de textos, eles conseguem escrever de forma correta, mas falham na organização do texto, especialmente quando se trata da organização das ideias, uma vez que se faz necessária certa coerência na parte argumentativa. No entanto, as deficiências são menos evidentes em comparação com os trabalhos individuais, pois os alunos que denotam certa familiaridade com a leitura, conseguindo de certa forma compreender e interpretar os textos, conseguem auxiliar aos colegas com mais dificuldades, facilitando, com isso, o desenvolvimento das atividades.

5.1.2 Análise das atividades individuais

Não foram somente atividades coletivas desenvolvidas. Além dessas, os discentes também buscaram desenvolver textos individuais, para que fosse possível realizar uma avaliação entre o que foi produzido de forma coletiva com a produção desenvolvida por cada aluno. Isso permite que possamos perceber o potencial de

cada aluno. Realizar essa comparação possibilita com que possamos, por exemplo, numa turma, criar pequenos grupos de estudos, colocando um ou dois alunos que conseguem ter um melhor rendimento com outros que sentem mais dificuldades. A ideia consiste em fazer com que os que possuem mais dificuldades possam ter um rendimento e um aprendizado melhor.

Em relação às atividades desenvolvidas individualmente, pode-se dizer que as dificuldades são percebidas de forma mais acentuadas do que os trabalhos que foram realizados em grupos, particularmente entre os alunos que apresentam mais dificuldades. E estas deficiências estão mais presentes entre os discentes que têm menos afinidades com o texto filosófico, que na maioria das vezes hesitam em manter algum tipo contato com o texto, dificultando a compreensão e a interpretação das ideias neles contidas, o que dificulta na maioria das vezes, estabelecer a relação com o que foi pensado pelos autores com a própria realidade na qual estão envolvidos. Então, tal deficiência prejudica o desenvolvimento da capacidade de problematizar, pois o aluno não tendo desenvolvido o costume da leitura dificilmente terá condições em problematizar as situações adversas com as quais precisa lidar.

A leitura permite a imaginação, potencializa a interpretação dos fatos cotidianos, estimula o exercício do pensamento, aprimora a capacidade de argumentação, fundamenta o saber e estimula a criatividade. Desta forma, as diversas dificuldades identificadas entre alguns alunos estão relacionadas à pouca familiaridade com ela, uma vez que se percebe entre eles, certas dificuldades quando surge a necessidade de enfrentar os problemas e relacioná-los aos fatos da realidade, visto que lhes faltam certa sensibilidade em realizar uma leitura de mundo, que precisa ser feita a partir do texto, no caso dos alunos que participaram da intervenção, lhes faltam uma aproximação com o texto filosófico. Se lhes faltam esse contato com o texto, com certeza, também lhes faltará a capacidade de desenvolver qualquer tipo de problematização da realidade, além de limitá-los no que diz respeito à construção de suas próprias opiniões. No entanto, tal deficiência foi percebida não somente entre os trabalhos realizados de forma individual, mas também entre aqueles que foram desenvolvidos nos grupos de estudos durante a intervenção, mas que se torna mais visível nos textos produzidos individualmente.

Participaram da intervenção, desde o início, vinte e sete alunos. Porém, uma aluna precisou ausentar-se da escola, pois necessitou retornar para junto de sua

família que reside na Europa, restando, portanto, 26 alunos participantes. Além dessa, outras ausências foram constatadas, visto que alguns componentes deixavam de participar das aulas devido o envolvimento com o Enem, de tal forma que em alguns encontros a participação dos estudantes nas atividades teve uma baixa significativa, mas que não prejudicou o andamento da intervenção, pois durante a realização dos trabalhos em sala de aula sempre contávamos com a participação de um total de vinte alunos. Então, pensando nessa possibilidade de ausência de alguns alunos, a turma foi dividida em cinco grupos, ficando quatro grupos com cinco alunos e um grupo com seis. E, mesmo constatando a ausência de parte dos discentes nas atividades, foi possível perceber entre os que frequentavam as aulas uma boa interação durante as investigações, por meio das discussões, das reflexões e nas construções dos trabalhos.

É importante lembrar que depois da realização do Enem, os faltosos retornaram às suas atividades normais e, para não ficarem de fora, pediram para acompanhar em sala de aula, os trabalhos que estavam sendo desenvolvidos. E, mesmo não tendo participado ativamente de todos os encontros, eles deram suas contribuições nas atividades finais, pois sempre buscavam informações sobre as atividades que estavam sendo construídas. Todavia, os mesmos não tiveram sua participação avaliada durante o processo, o que foi combinado com eles, sendo, portanto, avaliado apenas as atividades que foram acompanhadas pelos componentes desde o início do processo, sem prejuízo algum no que diz respeito ao processo avaliativo da escola.

A intervenção teve como meta descobrir uma prática de ensino de Filosofia que desperte o interesse do aluno para as questões e os problemas que envolvem a reflexão filosófica. Por isso, pautamos tal prática na ideia de construir uma didática que seja criativa, conforme pensam os filósofos franceses e também o professor Silvio Gallo, que pensam a Filosofia como uma atividade criativa, como possibilidade de despertar a criatividade do aluno, fazendo com que ele tenha motivação para exercitar sua capacidade de reflexão. Então, sugerimos uma didática organizada em quatro etapas, por meio das quais os alunos possam realizar a sua própria experiência do pensamento, podendo criar ou recriar os conceitos filosóficos. A ideia é permitir aos discentes produzir textos com natureza filosófica e expô-los, compreendendo como os conceitos trabalhados por um determinado pensador se constitui no texto,

estabelecendo a relação entre o que foi pensado pelo autor com os problemas e as questões em que cada um está envolvido na vida cotidiana.

No tocante às atividades individuais realizadas pelos discentes podemos dizer que existem produções muito boas, com bons argumentos, com ideias bem desenvolvidas, as quais revelam que eles tinham uma boa compreensão em relação aos assuntos trabalhados. As deficiências, entretanto, se tornam mais evidentes, neste contexto. A análise dos trabalhos individuais detectou em alguns deles certas deficiências relacionadas à escrita, como também na parte de argumentação, organização de ideias, além de não ser desenvolvida uma reflexão de natureza filosófica, e sim, uma produção de texto com características de opiniões próprias, sem ser fundamentadas por uma autoridade filosófica. No final deste trabalho, na parte em que contam os anexos, podem ser encontrados textos²¹ que os alunos produziram individualmente. De cada tema investigado durante nossa pesquisa, selecionamos dois, para que possamos ter uma ideia mesmo que simples de como eles desenvolvem o pensamento e como tentam concretizá-lo por meio do exercício da escrita.

5.2 AVALIAÇÃO DA METODOLOGIA PELOS ALUNOS

Depois de concluídas as quatro etapas – sensibilização, problematização, investigação, conceituação – cada grupo buscou socializar seus trabalhos, ou seja, compartilhar as ideias desenvolvidas. Então, depois que todos apresentaram seus trabalhos, eles foram convidados a responder quatro perguntas, como forma de avaliar a intervenção, pensar sobre os trabalhos realizados, a importância de aprender Filosofia e de saber se a metodologia que permitiu essa experiência. E, por fim, responder o que esperam de mudanças depois dessa experiência de intervenção. As perguntas foram as seguintes: é inútil aprender Filosofia? Para que serve, então, a Filosofia? A metodologia ajudou a compreender melhor o que significa Filosofia?

²¹ Foi acordado com os alunos que os trabalhos individuais não seriam todos disponibilizados em anexo neste trabalho. Mas, chegamos a um acordo que escolheríamos dois textos de cada tema trabalhado, para que pudessem ser analisados como forma de pensar uma possível solução para resolver problemas futuros envolvendo a produção textual. O que seria bom para desenvolvermos um trabalho que melhore, aprimore, o modo de tratar o texto filosófico em sala de aula, como também sua produção pelos alunos.

Depois da intervenção, que mudanças são esperadas, em relação ao Ensino de Filosofia?

A intervenção iniciou seus trabalhos com vinte e sete alunos, mas nem todos conseguiram acompanhar todo o seu processo. É bom lembrar que eles tiveram suas presenças nas etapas de sensibilização e problematização, não participando da investigação nem da etapa de conceituação. Em relação a esta última, os ausentes não realizaram as atividades em grupo, mas no final eles demonstraram o desejo de contribuir com a avaliação proposta e, juntando-se aos demais, participaram da construção de um pequeno texto, referente às questões anteriormente descritas e por eles respondidas.

5.2.1 Avaliação do Ensino de Filosofia

Que Filosofia nós desejamos ensinar aos alunos da rede básica de ensino? Que ensino de Filosofia pretendemos, – a partir da concepção de Filosofia escolhida –, ensinar? A intervenção teve como proposta possibilitar um ensino de Filosofia que possa estar voltado para os interesses de nossos alunos, ou seja, um ensino que não se volte somente para a transmissão de conhecimentos, sem permitir que eles venham participar de sua construção. Neste sentido, adoramos como concepção de Filosofia aquela defendida pelos filósofos franceses, Deleuze e Guattari, que pensam a Filosofia como uma disciplina que tem por finalidade criar conceitos. E, com isso, desejamos um ensino dinâmico e criativo, que permita a nossos estudantes realizar uma experiência do pensamento. E que não se contente em buscar respostas prontas e definitivas, mas que busque com criatividade e com esforço, por meio do exercício do pensar, respostas que possam solucionar os possíveis problemas de sua vida cotidiana. Desta forma, queremos uma Filosofia que permita o exercício do pensamento, o qual possa acontecer na realidade de cada aluno, conforme pensa Deleuze e Guattari, uma Filosofia que se faça na vida, na terra, no solo, na imanência da realidade.

Então, A intervenção teve como proposta possibilitar um Ensino de Filosofia que viesse ao encontro dos interesses do aluno, na tentativa de fugir de um ensino que se preocupa somente com a transferência de conhecimento, sem que o aluno participe de sua construção. A ideia consiste em fazer com que as aulas de Filosofia

se tornem criativas, dinâmicas, que estimule a criatividade do professor e, este, por sua vez, provoque os discentes a descobrirem as potencialidades que carregam consigo e que precisam ser despertadas. Neste sentido, então, mostrar que o Ensino de Filosofia se faz necessário, porque ele pode ser uma ferramenta importante na construção de novos conhecimentos, permitindo ao aluno enxergar de forma diferente a vida, a realidade e o mundo a seu redor. E, ainda, fazer com que muitos reconstruam a falsa compreensão de Filosofia, visto que grande parte de nossos estudantes sustenta a ideia de que ela não possui uma utilidade prática, ou seja, porque não oferece respostas de imediato para a vida.

Sobre o Ensino de Filosofia, os alunos reconhecem que ele precisa ser mais dinâmico, criativo, “sem a preocupação de trabalhar somente o conteúdo” (ALUNO B). E, ainda, disse outro aluno: “como a filosofia é criativa, como vimos com Deleuze e Guattari, o ensino de filosofia precisa ser mais criativo, neste sentido, acho que o professor precisa trabalhar melhor” (ALUNO F). Então, como podemos observar, por meio dos trabalhos realizados no último trimestre de 2019, os alunos perceberam que se faz necessário repensar o modo como o Ensino de Filosofia tem sido aproveitado em sala de aula. Eles identificaram o problema, que talvez, por causa dele, tenham perdido o interesse em estudar Filosofia, de pensar que ela não possui uma utilidade e, portanto, considerá-la uma disciplina não importante. Este problema precisa ser enfrentado, para que o Ensino de Filosofia permita nossos alunos se transformarem em sujeitos de construção.

Neste sentido, sabe-se que se faz urgente pensar sobre esta realidade sinalizada por esses alunos. Então, rever como o conteúdo estar sendo trabalhado, ter o cuidado de não permitir que as aulas de Filosofia se resumam somente a repetição de ideias, descontextualizadas da vida, é uma tarefa que precisa ser pensada. Mas como tornar o ensino de Filosofia mais dinâmico, criativo e envolvente? Como fazer isso? A aula conta com cinquenta minutos, sendo ministrada somente uma vez por semana. E a isso soma-se a preocupação com o conteúdo a ser ensinado, pois, a escola exige, os alunos muitas vezes reclamam que o assunto está atrasado, os pais reclamam que o conteúdo não foi suficiente para o filho adquirir o conhecimento necessário para ingressar na Universidade. Por isso, nossa proposta foi trabalhar uma metodologia, com a qual se torne possível envolver o discente com sua realidade, para que ele possa enxergar nela seus problemas, suas inquietações,

buscando com a Filosofia possíveis respostas a estes problemas. Na intervenção, os alunos puderam experimentar este envolvimento, por meio da leitura de fragmentos de textos filosóficos, seguindo o passo a passo, leitura, compreensão, investigação e produção textual. Cada etapa leva a outra, de modo a permitir que o aluno se envolva cada vez mais com o problema que ele investiga, para que as respostas a ele possam ser encontradas e relacioná-las com sua própria realidade.

Portanto, pensar um ensino criativo se faz necessário, porque Filosofia é construção, criação, logo, ela carrega consigo uma potencialidade criadora, que nos faz sair de nossa comodidade e nos instiga a pensar e a não acolher como definitivas certas verdades tidas como definitivas. Precisamos, neste sentido, estar em sintonia com os filósofos franceses, repensar nosso modo de ensinar e nos esforçarmos para que se construa um ensino dinâmico e criativo. A metodologia que propomos possibilita de certa forma um pouco mais de envolvimento do aluno com o conteúdo a ser ensinado, porque segue alguns passos, permitindo uma sequência de ações que favoreça a compreensão da temática trabalhada.

5.2.2 Avaliação das aulas de Filosofia

Se o ensino precisa ser criativo as aulas, por sua vez, também precisam entrar neste processo de dinamicidade, uma vez que o ensino se materializa por meio delas. E, neste sentido, devemos ter claramente em nosso pensamento a forma pela qual Deleuze e Guattari concebem a Filosofia. Por isso, se faz necessário que todo professor antes de iniciar sua atividade docente tenha consciência de construir a concepção de filosofia com a qual ele precisa trabalhar, pois, a partir dela, o exercício de ensinar se torna mais eficiente. Foi pensando nesta possibilidade que este trabalho buscou inspirar-se nos filósofos franceses, pois, quando pensam em uma Filosofia criativa, que tem por finalidade criar conceitos, eles estão de alguma forma nos provocando a pensar um ensino criativo, com aulas criativas, que possam despertar a curiosidade e a criatividade de nossos alunos. Mas, como tornar, então, as aulas de Filosofia mais criativas? Como permitir que elas possam garantir um ensino construtivo, no qual o aluno possa participar desta construção? Como, por meio dessas aulas, o aluno possa experimentar uma experiência do pensamento e, de certa forma, construir conceitos?

Na verdade, pensado nesta possibilidade, compreendemos que nossos alunos não têm, nesta fase de ensino, condições de construir conceitos, conforme os filósofos da tradição, nem como pensam Deleuze e Guattari, pois, realizar tal exercício exige muito conhecimento da tradição filosófica. Mas, podemos pelos menos, possibilitar que nossos jovens alunos possam experimentar como os conceitos foram criados. Por isso, escolhemos a metodologia de Silvio Gallo, uma vez que ela oferece elementos que podem auxiliar nossos alunos neste exercício. A ideia é justamente trabalhar a sensibilização, a problematização, a investigação e a conceituação. Assim, em cada uma dessas etapas, os estudantes poderão exercitar seu pensamento, por meio da leitura de fragmentos de textos de filósofos. Com isso, eles poderão problematizar a realidade em que vivem, olhando nela os diversos problemas nos quais estão envolvidos, buscando compreendê-los à luz desses filósofos, para poder relacionar o que compreenderam com própria realidade.

Estamos buscando, com isso, construir uma didática de ensino para o ensino de Filosofia, por meio da qual, nossos discentes possam experimentar um ensino de Filosofia criativo, com o qual possam compreender melhor sua realidade, tendo na Filosofia o instrumento que lhes permitam pensar, construir, criar novas ideias, sem a necessidade de ficar repetindo informações ou memorizando conceitos, tendo a capacidade de construir seus próprios problemas e suas próprias respostas. É, possível, partindo da realidade de cada aluno, pensar uma Filosofia concreta que conduza nossos alunos a pensar, mostrando a eles que por meio da história da Filosofia, podemos encontrar os elementos necessários para construir novas ideias exercitando o pensar criativo e, de certa forma, fazer Filosofia²².

Reconhecemos, no entanto, que a forma pela qual temos buscado ensinar Filosofia não vem atingindo nossos alunos, por isso, buscamos pensar em uma nova forma de ensinar e acreditamos que esta metodologia possa ajudar nossos jovens nesta tarefa. E, durante a intervenção, foi possível observar que os alunos envolvidos sentiram a necessidade de repensar o ensino e a forma como vem sendo tratada as aulas de Filosofia. A Filosofia consiste numa atividade que envolve leitura de textos filosóficos, compreensão, estabelecer relações entre leitura e realidade, exigindo, com

²² De acordo com o pensamento de Silvio Gallo, "Trata-se, portanto, de produzir filosofia a partir da história da filosofia, mas não ficando confinado a ela, apenas reproduzindo o pensamento, mas criando novos conceitos. A história da Filosofia é a base da qual se parte, não mais o ponto de chegada" (GALLO, 2003, p. 29).

isso, um pouco mais de esforço. Neste sentido, nossos discentes consideram a atividade filosófica um exercício bastante complicado, visto que, segundo eles, lhes faltam certa intimidade com a Filosofia, especialmente no que diz respeito ao contato com o texto filosófico. Esta falta de familiaridade com o texto, dificulta de certa forma sua compreensão. Por isso, consideram a Filosofia uma disciplina complicada. Vejamos, então, o que eles dizem:

Não é fácil desenvolver um pensamento filosófico. A filosofia possui uma linguagem muito complicada, os textos são difíceis de ser compreendidos e quando tento produzir e colocar minhas ideias por escrito a coisa complica porque não consigo organizar meus argumentos (ALUNO E). [...] além de não ver utilidade prática da filosofia, considero os textos muito difíceis de serem compreendidos, o que desestimula. Tenho que fazer um esforço muito grande para compreender um texto pequeno, imagina um texto maior (ALUNO G). Não gosto de ler filosofia porque os textos são um pouquinho difíceis, mas compreendo que sua leitura deve ser motivada porque nos dá uma compreensão melhor da nossa realidade (ALUNO J).

Nesta fase, para um aluno não é fácil lidar com o texto filosófico. Então, se ele não estiver acostumado com a natureza desse tipo de leitura, certamente terá muitas dificuldades para compreender o mesmo, porque também se faz necessário que se possua um mínimo de conhecimento de Filosofia. Por exemplo, não seria correto que ao iniciar o ano letivo, o professor trabalhasse o texto de Kant que trata sobre o *Esclarecimento*, numa turma que não teve contato ainda com a Filosofia. Seria isso uma atitude tola. Neste caso, precisa-se fazer todo um trabalho com a turma, familiarizando-a com a Filosofia. Por isso, a metodologia que adotamos pode facilitar este processo, porque permite que o discente possa realizar o passo a passo da construção do conceito, pois não basta defini-lo, também é preciso conhecer como ele se formou. Isso torna diferente um ensino criativo daquele que se preocupa somente com informação, mas que não tem responsabilidade por construir junto com o aluno o seu conhecimento. O aluno precisa primeiro ser iniciado no conhecimento da Filosofia, depois vem o processo do filosofar, seguindo o caminho da leitura, compreensão, relação do texto com a realidade, depois buscar construir seus conceitos e suas ideias. Mas primeiro precisa que o aluno consiga um pouco de

experiência, pois “nenhuma criação existe sem experiência”²³, sustentam Deleuze e Guattari.

As preocupações apontadas por estes alunos precisam ser levadas em consideração, negá-las seria a mesma coisa que dizer que todo o trabalho de intervenção realizado foi uma mentira, uma ilusão. Por isso, elas serão pensadas, para que o ensino se torne transformador e as aulas permitam que nossos alunos possam colocar em exercício o seu pensamento, trabalhando as potencialidades cada um carrega consigo, para possam construir um futuro melhor, no qual a Filosofia tenha seu lugar garantido. A Filosofia pode contribuir bastante para o crescimento intelectual desses alunos, mas se faz necessário que eles sejam estimulados. E, para que isto aconteça, podemos propor diversas atividades, durante cada trimestre, para que por meio delas, estes alunos possam desenvolver melhor suas potencialidades.

Na intervenção, um dos pontos positivos, por eles sinalizado, foi a investigação, ou seja, quando, durante as aulas, eles tiveram a oportunidade de investigar ou pesquisar as temáticas propostas. Isso para eles foi uma experiência muito positiva. De acordo com um aluno, esse momento foi importante porque não só permitiu desenvolver suas ideias, como também “melhorar minha argumentação e praticar a escrita, visto que vou precisar muito dessa parte quando for prestar as avaliações do ENEM, particularmente a redação” (ALUNO A). Segundo outro aluno, investigar foi essencial porque lhe permitiu pesquisar outras fontes, coisa que ele “nunca tinha feito com assuntos ligados a filosofia” (ALUNO E). E ainda: “é preciso que exista momentos de pesquisas, para que se aprofunde mais o conhecimento filosófico (ALUNO I). Na verdade, cada etapa da investigação tinha por objetivo conduzir o aluno para uma experiência. A sensibilização, por exemplo, teve por objetivo mobilizar o discente entorno do problema que ele precisa solucionar. De acordo com uma aluna, este momento foi para ela muito importante porque lhe “motivou voltar a estudar Filosofia” (ALUNO H). Então, esse passo a passo foi trabalhado com os alunos. Neste sentido, eles seguiram essa metodologia, buscando ler o texto, compreender o texto, relacionar as ideias compreendidas com a própria realidade e, finalmente, colocar as ideias por escrito. Desta forma, nosso esforço consistiu em transformar a sala de aula num espaço criativo, não permitindo que nossas aulas e nossas atividades se resumissem numa mera transmissão de

²³ Cf. DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 153.

informação, sem que nossos jovens e adolescentes pudessem se tornar sujeitos ativos dessa construção e, assim, acabaríamos transformando nosso trabalho e esforço sem sentido e inútil.

As atividades realizadas mostram que nossos alunos quando instigados e motivados conseguem criar gosto pelo estudo, que se atualiza na leitura, na pesquisa e na investigação. Então, pensar em atividades que permita o aluno desenvolver melhor sua leitura, por que ler é um exercício que torna possível compreender melhor “o mundo e a nossa realidade” (ALUNO F). Temos diversos elementos culturais que servem de apoio para realizarmos diversas atividades, tais como: músicas, cenas de filmes, poemas, etc. E, quem sabe, por meio delas, nossos alunos sintam-se afetados, admirados ou até mesmo espantados. E, talvez, o pensamento flua, a criatividade desperte, e eles, então, consigam materializar o pensamento em suas próprias criações. Existem algumas propostas indicadas nos textos que os alunos elaboraram, pautadas nas questões anteriormente descritas, mas que não foram aqui contempladas. No entanto, elas não serão esquecidas, pois serão certamente aproveitadas com outras turmas, que possivelmente também poderão participar dessa mesma experiência.

Enfim, podemos perceber que estamos afinados com a Filosofia de Deleuze e Guattari, pois, a Filosofia se constrói na realidade, na vida, na imanência, o que nos leva a pensar na realidade de cada aluno, que precisa encontrar sentido para sua vida, sua existência. E, muitas vezes, é na escola, na sala de aula, que muitos tentam encontrar sentido para tudo isso, pois na família ou na realidade em sua volta, não conseguem encontrar inspiração para descobrir possíveis soluções para seus problemas. Nossa proposta, portanto, consiste em tornar nossas aulas clara, sucinta e metódica, para que através da Filosofia, quem sabe, eles possam encontrar as respostas que tanto procuram.

5.2.3 Avaliação da Metodologia

Deleuze e Guattari foram nosso referencial teórico que fundamentou todo nosso trabalho. No entanto, buscamos alinhar ao nosso referencial a proposta de Gallo, que propõe a sensibilização, a conceituação, a investigação e a conceituação, visando tornar possível o ensino de Filosofia e as nossas aulas mais criativas e dinâmicas. A ideia, na

verdade, visa fazer com que a concepção dos filósofos franceses de pensar a Filosofia como construção de conceitos se torne possível aos discentes do Ensino Médio. Embora sabendo que nossos jovens estudantes, nesta fase de aprendizado, não têm condições e nem experiência para tal exercício, não podemos, entretanto, negar-lhes a experiência de sentirem o passo a passo da construção conceitual. Com isso, buscamos construir um ensino que permita a criatividade, evitando, então, um ensino em que o discente se torna passivo, mero espectador, que não participa ativamente da construção do seu conhecimento. Este tipo de ensino não nos interessa, porque não favorece nem estimular nossos jovens estudantes a pensar, travando, portanto, sua capacidade criativa. Eles têm muita criatividade, porém, precisam ser estimulados motivados para despertar suas potencialidades. Escolhemos, então, os filósofos franceses para pensar uma Filosofia do ensino de Filosofia que seja criativa, buscando na metodologia da didática do ensino de Filosofia de Gallo, uma forma dessa criatividade se tornar concreta, por meio de aulas dinâmicas, criativas, que promova o despertar das potencialidades de nossos discentes. Mas, como a metodologia adotada pode ajudar o aluno a ter uma melhor compreensão sobre a Filosofia e como ela pode permitir o discente a vir criar seus próprios conceitos?

Na verdade, nosso trabalho se esforçou em construir uma nova compreensão de Filosofia, diferente da concepção que nossos discentes construíram, segundo a qual julgam ser ela uma disciplina que tem por finalidade somente realizar uma reflexão sobre os problemas da vida cotidiana, sem lhes permitir agir para transformar sua realidade. Desta forma, desejamos que eles possam experimentar uma Filosofia que seja criativa e provocadora, possibilitando o exercício do pensamento, motivando-os para o pensar criativo, sem precisar repetir informações ou memorizar conceitos, mas que possam experienciar o passo a passo desta construção. Não consiste enquanto finalidade esta metodologia fazer com que os alunos construam conceitos como fizeram os filósofos, mas em conhecer como eles conseguiram construir seus conceitos. Talvez pequenas ações, como por exemplo, ler, compreender um pequeno texto filosófico, estabelecer relação entre o texto e a realidade em que se vive, produzir um texto, possam fazer a diferença, permitindo enxergar o potencial que possui. E, assim, poder agir para transformar a si mesmo e sua realidade.

Então, este trabalho consistiu para muitos desses discentes o momento em que puderam experimentar desta criatividade. E, mesmo não conseguindo elaborar

conceitos conforme defendem Deleuze e Guattari, eles puderam ao menos sentir, como os filósofos, partindo de problemas da realidade conseguem produzir suas ideias e seus conceitos. Para alguns, esse momento foi importante, porque a metodologia permitiu percorrer “um caminho que facilitou compreender melhor nossa realidade, a partir do que pensaram os filósofos” (ALUNO H). Além disso, ponderou um outro aluno: a metodologia me possibilitou “ler um texto de Filosofia e compreendê-lo, algo que antes tentava e não conseguia (ALUNO I).

Nossa preocupação sempre foi em permitir o aluno a se tornar o sujeito da construção do próprio conhecimento. A metodologia buscou favorecer essa construção, mesmo sabendo que tal exercício carrega consigo muita dificuldade, pois para um estudante que faz graduação, por exemplo, em Filosofia, não é possível realizar tal exercício, imagine para um aluno do Ensino Médio, que não possui familiaridade com a tradição filosófica. Por isso, disseram alguns alunos:

A metodologia me possibilitou experimentar como o conceito é formado. Porém, reconheço a dificuldade de construí-lo, porque certamente não conseguiremos fazer isso somente com o pouco de conhecimento que nós temos da filosofia, do mundo, da vida e da realidade (ALUNO A). Ela me ajudou a compreender melhor a finalidade da filosofia, mas não aprendi a criar conceito, o trabalho não é fácil, pois será preciso muito conhecimento” (ALUNO C). Definir as coisas não para mim não é muito difícil. Acredito que um filósofo não deve ter dificuldade para criar um conceito porque possui um vasto conhecimento da filosofia, mas para mim, criar conceito é praticamente impossível, porque tenho dificuldade até de compreender a finalidade da filosofia (ALUNO D).

Não consistiu como objetivo desta intervenção fazer com que os discentes construíssem conceitos, como se os mesmos fossem filósofos experientes, com um vasto domínio da tradição filosófica. Não foi essa nossa pretensão. Com isso, buscamos descobrir um modo de como nossos jovens e adolescentes pudessem ter uma maior interação com as aulas de Filosofia. Então, sabendo das dificuldades que se têm durante as aulas, como concentração, falta de interesse, pouco tempo para ministrar as aulas, sem contar com as limitações da própria prática docente, foi pensada uma metodologia que permitisse ao professor manter com os alunos uma boa relação em sala de aula. Então, escolhemos a metodologia de Silvio Gallo, que alinhada à concepção dos filósofos franceses, permitiu pensar aulas de Filosofia mais

criativas e interessantes, nas quais os alunos puderam ter uma participação mais ativa na construção do conhecimento, partindo da própria realidade.

Portanto, nos esforçamos para que o Ensino de Filosofia se tornasse mais dinâmico, pois acreditamos que o exercício filosófico precisa motivar o discente a pensar. E que esta motivação que permita o pensar possa surgir de um estranhamento provocado por uma música, um poema, um filme, que motive nossos alunos a exercitarem o pensamento. Na verdade, quando se pensa no trabalho com os conceitos, especialmente em sala de aula, estamos pensando não somente despertar no jovem ou no adolescente o interesse pela Filosofia, mas também pela vida cotidiana.

5.3 AVALIAÇÃO DO TRABALHO PELO PROFESSOR

O professor, neste momento, terá a oportunidade de lançar seu olhar sobre a experiência do trabalho de intervenção realizada junto aos alunos da Terceira Série do Ensino Médio. Ele poderá, então, avaliar a experiência realizada e os resultados alcançados, lançando um olhar crítico, mas também reflexivo, para que se faça justiça com o esforço de todos aqueles que se envolveram e participaram ativamente deste processo. Julgamos que a tarefa com a qual nos propusemos a realizar foi concluída, uma vez que buscamos nos esforçar para construir um ensino mais dinâmico, permitindo que os alunos experimentassem uma forma diferente de se relacionar com a Filosofia e com os conceitos da tradição, para que, por meio deles, pudessem compreender melhor a realidade e os problemas que mais lhes afetam na vida cotidiana.

5.3.1 Avaliando a experiência de intervenção

A intervenção realizada em sala de aula junto aos alunos da Terceira Série do Ensino Médio nos possibilitou lançar um olhar não apenas crítico, mas também reflexivo, sobretudo em relação à forma pela qual o Ensino de Filosofia vem sendo ministrado. Esse olhar mais atento deve ser visto não como uma crítica negativa, mas como um elemento que vem permitir pensar e repensar a forma pela qual ele pode ser melhor aproveitado e ensinado. Com isso, nossa preocupação se coaduna com a

de Cerletti, pois, também concordamos com ele, no sentido de que “não tem sentido transmitir ‘dados’ filosóficos como se fossem peças de uma loja de antiguidades com a qual os jovens não teriam qualquer relação” (CERLETTI, 2009, p. 87). Sendo assim, nossa ideia consiste em pensar e repensar uma forma pela qual possamos construir um ensino que venha de encontro aos interesses de nossos discentes, de tal forma que eles possam ter condições de fazer com que tudo o que lhes possa ser transmitido tenha ressonância na própria realidade em que estão inseridos. Por isso, se faz necessário que o conteúdo filosófico possa ser sentido e tornar-se parte da vida de nossos estudantes.

Foi essa preocupação que nos motivou a pensar uma intervenção e, a partir dela, buscar construir um ensino que possa estabelecer uma boa relação entre aquilo que foi construído pelos filósofos ao longo da tradição filosófica com a própria realidade de nossos alunos. Na verdade, nosso ensino, antes da intervenção prática, estava um pouco distante desta realidade, embora nossos esforços mirassem nessa direção. As aulas não estavam de alguma forma tocando ou afetando nossos alunos, pois nosso método de ensino estava um pouco distante da realidade de nossos jovens e adolescentes e, ao invés aproximá-los dos problemas que envolvem sua realidade, na verdade, estávamos viciando-os a não colocar em exercício o próprio pensamento, uma vez que não permitíamos que eles se tornassem os sujeitos de seu próprio conhecimento. Durante as aulas buscava-se de uma forma ou de outra envolvê-los, no entanto, faltava alguma coisa a mais para que eles pudessem se sentirem afetados pelas questões filosóficas.

Então, a partir da intervenção, com a proposta de uma nova forma de conceber a Filosofia, especialmente com Deleuze e Guattari, foi possível adotar uma metodologia que estivesse afinada com o pensamento dos filósofos franceses, que pensam a Filosofia como uma disciplina criativa, que tem por finalidade criar conceitos. A metodologia adotada foi a de Silvio Gallo, que busca por meio da sensibilização, da problematização, da investigação e da conceituação realizar um envolvimento maior dos discentes com a Filosofia, permitindo que eles possam colocar em prática suas potencialidades. E, neste contexto, podemos dizer que “ensinar filosofia é dar um lugar ao pensamento do outro” (CERLETTI, 2009, p. 87), é permitir que o outro, no caso, o aluno ou os alunos possam praticar aquilo que eles possuem de mais precioso, ou seja, exercitar o pensamento, isto é, pensar e pensar

de forma criativa. Com a metodologia adotada tivemos uma maior participação e uma melhor interação de nossos alunos, de forma tal que eles criaram gosto pela proposta e conseguiram alcançar os objetivos propostos durante o início de nossa intervenção em sala de aula. Desta forma, as aulas se tornaram mais participativas, mais produtivas e mais dinâmicas. Com isso, eles conseguiram estabelecer uma boa relação com os filósofos da tradição, – embora continuassem insistindo não “gostar” de Filosofia –, foram capazes de relacionar os problemas da vida cotidiana com o pensamento dos filósofos. Não era nossa pretensão transformar os alunos do Ensino Médio em filósofos. Contudo, não podíamos lhes negar a possibilidade de realizarem uma experiência de pensamento, buscando na própria realidade partir dos problemas e tentar, de alguma forma, construir novas respostas.

A metodologia, neste sentido, foi de grande relevância, pois, a partir dela, foi possível compreender como os conceitos filosóficos foram criados. Isso permitiu aos nossos discentes percorrer o passo a passo da construção de conceitos realizada pelos filósofos, tornando-os capazes de entrar em contato com o texto, dialogar, de encontrar neles as ferramentas necessárias para enfrentar os problemas que eles estavam investigando. Sendo assim, a metodologia foi importante tanto para os alunos quanto para o professor. No que diz respeito ao exercício do magistério docente ela se tornou fundamental, porque lhe permitiu encontrar uma forma de fazer com que Filosofia e aluno pudessem entrar em sintonia, fazendo com que as aulas se tornassem mais prazerosas e mais interessantes, permitindo que eles venham a se transformar em sujeitos ativos do próprio conhecimento. Durante a intervenção, através das atividades, das pesquisas e dos momentos de investigações que realizamos, tornou-se possível perceber que nossos jovens e adolescentes possuem um bom potencial. Mesmo diante das dificuldades, dos limites presentes em cada aluno, como também das próprias limitações que muitas vezes pesam sobre a vida docente, podemos dizer que é possível realizar aulas de Filosofia mais criativas e envolventes, nas quais os alunos se sintam motivados, incentivá-los, afetá-los, de fazer com que possam superar suas dificuldades. Isso torna gratificante e faz com que busquemos cada vez mais forças para transcender nossas limitações. Tínhamos consciência das limitações, mas fomos em frente, conseguimos fazer com que nossos discentes problematisassem, investigassem, pesquisassem, estabelecessem

relações com o texto filosófico, buscassem no texto possíveis respostas aos seus questionamentos e construíssem suas próprias ideias.

Neste sentido, a intervenção desempenhou um papel fundamental no que se refere ao Ensino de Filosofia, particularmente no último trimestre de 2019, uma vez que possibilitou pensar e repensar a concepção que se tinha até o momento acerca do seja Filosofia, como também, a forma pela qual esta disciplina vinha sendo ministrada junto aos alunos da Terceira Série do Ensino Médio. Desta forma, ela permitiu que pensássemos numa forma de tornar as aulas mais interessantes, o que realmente aconteceu quando relacionamos a metodologia de Silvio Gallo com a concepção de Deleuze e Guattari, o que tornou possível elaborar e desenvolver aulas voltadas para a realidade de nossos jovens e adolescentes, colocando-os no centro da construção de seus conhecimentos, de tal forma que eles pudessem exercitar a sua capacidade de pensar e de construir novas ideias.

Por outro lado, a metodologia adotada durante as aulas de Filosofia favoreceu uma boa interação entre discentes e a atividade docente. Isso permitiu que os estudantes se colocassem como protagonistas, pois, eles mesmos se dispuseram a levar adiante a proposta de intervenção e juntamente com o professor construíram as etapas da aplicação da ação prática em sala de aula. Então, desde as escolhas dos temas passando pelas divisões de trabalho, tivemos o esforço dos alunos em parceria como o professor. E, deste modo, podemos perceber que tal interação se coaduna com a ideia de se trabalhar com a pesquisa-ação, favorecendo e fomentando o trabalho em conjunto, que enriquece e desperta o esforço participativo e o impulso democrático, contribuindo para que exista uma boa interação entre professor e discentes. Em relação ao Ensino de Filosofia, pode-se dizer que a metodologia certamente cumpriu com as expectativas esperadas. Os alunos, mesmo enfrentado grandes dificuldades, conseguiram responder de forma consistente aos desafios surgidos durante o desenvolvimento da intervenção. Na verdade, tais dificuldades eram previstas, no entanto, não se sabia como eles iriam se comportar diante de uma atividade dessa natureza, de modo que de início, houve um certo desconforto, um certo receio, pois se temia que os alunos não conseguissem chegar ao final do processo. Mas, o resultado foi bastante proveitoso, visto que conseguimos realizar ações e atividades que antes não conseguíamos realizar, como por exemplo, trabalhar um fragmento de texto filosófico, de forma que eles pudessem ler e compreender.

Com a metodologia, os discentes conseguiram realizar pesquisas, investigações, discutir em grupos e socializar as ideias construídas. Embora o tempo não fosse suficiente, pois a aula conta apenas com 50 minutos, eles foram capazes de realizar seus trabalhos e suas atividades com muito esforço e dedicação.

A nossa ideia era fazer com que as aulas de Filosofia pudessem se tornar mais atraentes, de tal forma que fosse possível sensibilizar, afetar, provocar, estimular os jovens e adolescentes a pensar. Tivemos, então, o cuidado para que durante as aulas não caíssemos na tentação de voltar àquele “famoso” ensino tradicional, no qual não se permite criar espaço para o diálogo e a interação, no qual aluno se torna passivo, sem participar da construção de seu conhecimento. Por isso, a aula de Filosofia “precisa ser um espaço no qual os alunos não sejam meros espectadores, mas sim ativos, produtores, criadores” (GALLO, 2012, p. 93). Nesta perspectiva, a metodologia, permitiu que os estudantes pudessem experimentar como os filósofos construíram seus conceitos, vendo o passo a passo de sua construção, de forma que experimentassem na prática suas potencialidades, tornando-os sujeitos ativos, criadores, em vez de se colocarem como simples receptores de conteúdos. Certamente, a concepção de Filosofia proposta por Deleuze e Guattari, possui elementos favoráveis que permite um ensino de Filosofia mais dinâmico, que com o auxílio da metodologia proposta por Silvio Gallo, como a sensibilização, problematização, investigação e conceituação, contém elementos favoráveis para que nossa prática de ensino tenha condições de contribuir para a construção de novos conhecimentos de nossos discentes. Em cada etapa realizada os estudantes puderam construir uma nova compreensão do que venha ser a verdadeira tarefa da Filosofia, que se concretiza nas diversas atividades e trabalhos realizados em sala de aula, como leitura de textos filosóficos, elaboração de problemas, momentos de pesquisas, investigações e produção textual.

A metodologia possibilitou aos jovens estudantes estabelecer uma relação saudável com a Filosofia. Isso foi possível porque cada etapa conduzia a uma experiência nova, de tal modo que as dificuldades se tornaram menos problemáticas, uma vez que cada um tinha condições de superá-las na etapa seguinte. Então, pode-se dizer, com isso, que a experiência da intervenção provocou mudanças significativas tanto no modo de ensinar Filosofia quanto na forma dos alunos de se relacionarem com ela, como também na maneira de construir novos conhecimentos. Pensar,

portanto, um ensino de Filosofia mais criativo e permitir que nossos alunos possam se tornar os sujeitos ativos dessa construção, reflete o sonho de tantos docentes e de tantos alunos que se esforçam no dia a dia para construir um ensino que venha ao encontro de nossa realidade.

Portanto, a intervenção promoveu mudanças importantes tanto na prática do magistério docente quanto na vida dos estudantes. Dentre tais mudanças podemos evidenciar a forma pela qual as aulas de Filosofia passaram a ser ministradas, pois antes elas eram monótonas e não despertavam o interesse dos alunos por questões de natureza filosófica. Também se tornou visível uma interação maior entre professor e discente, de modo que a partir da metodologia tanto professor e aluno passaram a trabalhar com mais confiança. Então, as aulas ficaram mais atraentes e motivadoras, o que resultou num bom desempenho por parte dos alunos, mesmo com as dificuldades que cada discente carrega consigo, que de certa forma, trouxe alguns contratempos no começo, mas que não foram capazes de prejudicar ou impedir o desenvolvimento de nosso trabalho. Neste contexto, o Mestrado Profissional foi de suma importância, porque possibilitou ao professor-pesquisador pensar um Ensino de Filosofia que pudesse relacionar a Filosofia com a realidade de cada aluno, permitindo, desta forma, a experiência do filosofar. Havia uma ideia que consistia em construir uma prática de ensino voltada para a realidade de nossos estudantes, uma prática que despertasse nossos discentes para o exercício criativo do pensamento, envolvendo-os e motivando-os a lidar com questões de natureza filosófica. Este pensamento foi sendo amadurecido e construído no decorrer das aulas do Mestrado Profissional. Foi colocado em prática junto aos alunos da Terceira Série do Ensino Médio durante a realização da intervenção, cujo resultado final foi bastante positivo, tanto a nível de magistério docente quanto para a vida de nossos jovens e adolescentes, que certamente poderão colher os frutos deste trabalho durante toda a sua existência.

5.3.2 Avaliando os resultados alcançados

Deleuze e Guattari foram nosso referencial teórico que fundamentou todo nosso trabalho. No entanto, buscamos alinhar a este referencial a proposta de Silvio Gallo, que propõe a sensibilização, a conceituação, a investigação e a conceituação, visando tornar

possível o ensino e as aulas de Filosofia mais criativas e dinâmicas. A ideia, na verdade, visa fazer com que a concepção dos filósofos franceses de pensar a Filosofia como construção de conceitos se torne possível aos discentes do Ensino Médio. Embora sabendo que nossos jovens estudantes, nesta fase de aprendizado, apresentarão dificuldades para realizar tal exercício, nos esforçamos para que os mesmos pudessem experimentar o passo a passo da construção conceitual. Com isso, buscamos construir um ensino que permita a criatividade, evitando, então, um ensino em que o discente se torna passivo, mero espectador, que não participa ativamente da construção do seu conhecimento. Este tipo de ensino não nos interessa, porque não favorece nem estimula nossos estudantes a pensar, travando, portanto, sua capacidade criativa. Eles têm muita criatividade, porém, precisam ser estimulados motivados para despertar suas potencialidades.

Então, este trabalho consistiu para muitos desses discentes o momento em que puderam experimentar desta criatividade. E, mesmo não conseguindo elaborar conceitos, conforme defendem Deleuze e Guattari, eles puderam ao menos sentir, como os filósofos, partindo de problemas da realidade conseguem produzir suas ideias e seus conceitos. Para alguns, esse momento foi importante, porque a metodologia permitiu percorrer “um caminho que facilitou compreender melhor nossa realidade, a partir do que pensaram os filósofos” (ALUNO H). Além disso, ponderou um outro aluno: a metodologia me possibilitou “ler um texto de Filosofia e compreendê-lo, algo que antes tentava e não conseguia” (ALUNO I).

Nossa preocupação sempre foi em permitir o aluno a se tornar o sujeito da construção do próprio conhecimento. A metodologia buscou favorecer essa construção, mesmo sabendo que tal exercício carrega consigo muita dificuldade, pois para um estudante que faz graduação, por exemplo, em Filosofia, não é possível realizar tal exercício, imagine para um aluno do Ensino Médio, que não possui familiaridade com a tradição filosófica. Por isso, disseram alguns alunos:

A metodologia me possibilitou experimentar como o conceito é formado. Porém, reconheço a dificuldade de construí-lo, porque certamente não conseguiremos fazer isso somente com o pouco de conhecimento que nós temos da filosofia, do mundo, da vida e da realidade (ALUNO A). Ela me ajudou a compreender melhor a finalidade da filosofia, mas não aprendi a criar conceito, o trabalho não é fácil, pois será preciso muito conhecimento” (ALUNO C). Definir as coisas não para mim não é muito difícil. Acredito que um filósofo não

deve ter dificuldade para criar um conceito porque possui um vasto conhecimento da filosofia, mas para mim, criar conceito é praticamente impossível, porque tenho dificuldade até de compreender a finalidade da filosofia (ALUNO D).

Não consistiu como objetivo desta intervenção fazer com que os discentes construíssem conceitos novos, como se os mesmos fossem filósofos experientes, com um vasto domínio da tradição filosófica. Não foi essa nossa pretensão. Com isso, buscamos descobrir um modo de como nossos jovens e adolescentes possam realizar uma maior interação junto às aulas de Filosofia. Então, sabendo das dificuldades que se têm durante as aulas, como concentração, falta de interesse, pouco tempo para ministrar as aulas, sem contar com as limitações da própria prática docente, foi pensada uma metodologia que permitisse ao professor manter com os alunos uma boa relação em sala. Então, percebemos que a metodologia de Silvio Gallo, por estar alinhada à concepção dos filósofos franceses, teria condições de possibilitar aulas mais dinâmicas e criativas, permitindo que nossos alunos tivessem uma participação mais ativa na construção do conhecimento. Isso porque tal metodologia busca como ponto de partida trabalhar com a realidade, o que facilita uma boa relação do aluno com a Filosofia. Com isso, foi possível fazer com que os discentes da Terceira Série do Ensino Médio construíssem uma relação diferente com os conceitos elaborados pelos filósofos. Além disso, tomamos o devido cuidado de não permitir que nossos estudantes se limitassem a decorar ou a memorizar conceitos, conforme acontece na maioria das vezes, mas que pudessem, por meio deles, perceber a relação dos problemas que mais lhes afetam com a própria realidade, buscando neles elementos que os auxiliassem a construir possíveis respostas às inquietações que levam estes jovens a pensar.

A intervenção permitiu a construção de novas experiências, especialmente na vida de nossos estudantes. A própria concepção de Filosofia, como também sua finalidade, passaram a ser vista pelos jovens e adolescentes com um olhar diferente e renovado. Segundo eles,

A leitura feita em Deleuze e Guattari mesmo tendo sido superficial, pois usamos somente um pequeno trecho de sua obra, possibilitou a todos do grupo expandir e compreender de fato a finalidade da filosofia, como também nos ajudou a valorizá-la como uma disciplina que pode contribuir bastante para nossa formação tanto pessoal quanto profissional. [...] E apesar disso, mesmo não gostando conseguimos ler textos de filosofia, investigar, pesquisar, escrever. Tudo isso foi um aprendizado (Grupo 1 – Filosofia).

Isso faz com que o professor de Filosofia mesmo com as inúmeras dificuldades, a falta de reconhecimento ou incentivo para desenvolver um trabalho mais eficiente, vale a pena, porque são palavras como estas que faz com possamos continuar nos esforçando para construir e oferecer o melhor ensino para nossos estudantes. Para outros,

[...] a experiência foi bastante interessante, pois, com a mediação do professor pudemos experimentar como os conceitos são elaborados pelos filósofos. Além disso, conseguimos compreender que a filosofia não consiste em definir conceitos, mas sim criá-los. Passar pelas etapas da metodologia, da sensibilização à construção de conceitos, fez com que a aula não se tornasse um peso ou desagradável. Nela, mesmo com nossas limitações, conseguimos ler, exercitar nosso pensamento, expor nossas ideias, ouvir nossos colegas com atenção, produzir textos, coisas que antes não realizávamos (Grupo 2 – Felicidade).

O mais importante de tudo foi permitir que eles pudessem estabelecer uma relação saudável com a Filosofia, porque mesmo ela não sendo relevante para a vida profissional de muitos alunos, ela pode ao menos fazer com que eles possam pensar de forma criativa, enxergar o mundo e a realidade de forma mais positiva. Por isso, o mergulho nos textos filosóficos se fez necessário, mesmo que o aluno venha demonstrar dificuldades. Isso não deve ser motivo para ele se sentir desmotivado e, neste sentido, a experiência da intervenção mostrou a nossos discentes que é possível superar qualquer limitação. Então, o esforço em fazer com que eles construíssem uma relação diferente com os conceitos da tradição filosófica foi muito importante para o exercício do pensamento. Isso porque essa experiência faz com que todos se sintam e se tornem parte do problema que se deseja enfrentar. E a Filosofia pode ser uma ferramenta importante neste processo.

Sua finalidade não é nos proporcionar coisas práticas e imediatas, como bens materiais, felicidade, sucesso. No entanto, ela pode nos ensinar que tudo isso é importante, nos ajudando a enxergar que estas coisas não são adquiridas com facilidade, de imediato, mas com esforço, trabalho e dedicação (Aluno 2 – Filosofia).

A intervenção contribuiu para que os alunos lessem textos de natureza filosófica, realizar trabalhos de pesquisa e investigação, produzir textos e estabelecer relações entre os conceitos e a vida cotidiana. Ela ainda permitiu que eles pudessem construir uma nova concepção de Filosofia, como também de seu papel frente à realidade. Durante seu desenvolvimento, os discentes experimentaram como os filósofos construíram os conceitos, vendo na prática o passo a passo dessa construção. Com isso, eles foram capazes de realizar tarefas que antes não conseguiam realizar: ler, expor suas ideias com mais convicção, melhorar o nível de concentração, produzir textos, que certamente, foi fruto de uma metodologia que lhes permitiu estabelecer uma melhor interação e participação em sala de aula. A experiência realizada também despertou nos jovens e adolescentes a importância de cada tornar-se sujeito da construção do próprio conhecimento, que o saber não é um produto que pode ser encontrado facilmente, mas que deve ser construído. Então, como podemos perceber, a intervenção provocou mudanças e transformações tanto na forma de pensar quanto no modo de agir de nossos estudantes. Dentre elas, podemos destacar a forma pela qual a Filosofia passou a ser vista, uma vez que alguns possam considerá-la uma disciplina irrelevante, muitos a consideram, depois desta experiência, uma disciplina importante, por ser capaz de “falar da vida com a nossa vida, da nossa realidade na nossa própria realidade” (Grupo 4).

Desta forma, resta-nos a dizer, que a metodologia na qual nosso trabalho foi pautado contribuiu de forma positiva para que os resultados esperados fossem alcançados. Entretanto, durante o processo houveram muitas dificuldades, nas quais, muitas delas têm sua origem na heterogeneidade cultural, social e cognitivas de nossos discentes. Embora os alunos que participaram desta pesquisa, sejam na sua maioria de famílias um pouco mais estabilizadas economicamente, eles também apresentam as mesmas dificuldades e limitações dos alunos que frequentam a rede pública de ensino. Sendo assim, negar que não houve falhas ou dificuldades seria injusto de nossa parte. Existe uma certa carência de conhecimento da Filosofia por parte de nossos alunos. Porém, tal carência poder vir a ser superada, com a aproximação dos discentes, especialmente como o uso de textos filosóficos, que pode ser uma ótima ferramenta, permitindo que se construa uma boa relação com a Filosofia. Contudo, mesmo com estas limitações, podemos afirmar que a intervenção permitiu aos nossos jovens e adolescentes, em parceria com o professor-pesquisador,

construir bons resultados. Certamente, isso foi possível porque a pesquisa-ação, método pelo qual fundamentamos nossa experiência, possibilitou aos envolvidos, ou seja, “pesquisador e participantes”, trabalhar de forma cooperativa e participativa. Neste caso, entre os discentes e o professor-pesquisador essa interação tornou-se evidente, visto que, para alguns alunos, “não se deve esperar que o professor faça tudo, porque precisamos construir junto com ele nosso conhecimento” (Grupo 4). Além disso, a pesquisa-ação também foi importante para a aplicação da metodologia utilizada durante as aulas de Filosofia, pois permitiu que o trabalho fosse desenvolvido e realizado com a cooperação e a participação tanto dos discentes quanto do professor.

Nos propomos durante a intervenção fazer com que o aluno possa pensar os problemas e os conceitos a partir de sua realidade, porque desse modo, nos situamos e nos colocamos diante da concepção dos filósofos franceses, Deleuze e Guattari, os quais sustentam que os conceitos sempre se remetem ao problema e, que este, por sua vez, se faz no plano de imanência, que neste caso, se concretiza na vida cotidiana de nossos estudantes. Na verdade, o plano de imanência se estabelece no momento em que o problema é elaborado, pois o mesmo me afeta, tornando-se um problema meu e, neste sentido, precisa ser investigado. Não fazia parte de nossa pretensão fazer com que nossos jovens e adolescentes do Ensino Médio viessem a construir novos conceitos, mas sim, favorecer os mesmos a construírem uma relação diferente com os conceitos, tornando-os capazes de pensar por si mesmos, terem autonomia para pensar, estabelecer uma forma de diálogo com o texto filosófico e encontrar nele as ferramentas necessárias para enfrentar os problemas que serão investigados. Buscamos permitir aos discentes do Ensino Médio iniciar uma experiência de pensamento e, embora eles possam enfrentar dificuldades, pois, sabe-se que nesta fase de ensino, nossos discentes não possuem maturidade filosófica, não possuem familiaridade com a leitura e nem com questões de natureza filosófica. Apesar disso, nos colocamos à disposição para ajudá-los nesta iniciativa, ou seja, possibilitar-lhes o início de uma experiência de pensamento, fazendo com que experimentasse na prática como os filósofos conseguiram construir seus conceitos.

Acreditamos que nosso objetivo foi alcançado. Percebe-se no decorrer do trabalho que os discentes conseguiram, mesmo com as dificuldades inerentes a esta fase de ensino e aprendizagem, eles demonstraram interesse em estabelecer uma

relação diferente tanto em relação à própria filosofia quanto aos conceitos criados pelos filósofos da tradição. Isto se torna evidente quando alguns alunos relataram o tipo de relação que existia com a filosofia e com os conceitos antes de vivenciarem a intervenção. Para eles, este momento foi de grande importância, porque lhes permitiu uma melhor compreensão de como os conceitos são criados e de como os mesmos são importantes para se pensar a realidade e os problemas nela inseridos. O trabalho de intervenção permitiu aos alunos ler textos de filosofia, investigar, pesquisar, escrever, a desenvolver melhor a forma de pensar.

Tudo isso fez com que eles construíssem uma nova compreensão de Filosofia e estabelecessem com ela uma relação saudável (Grupo 1). Um elemento bastante positivo descrito pelos participantes da intervenção foi o fato de que as aulas de filosofia se tornaram mais dinâmicas e atrativas, visto que elas permitiram experimentar na prática como os conceitos foram criados, em vez de serem induzidos a recorrer ao recurso de memorização. Experimentar o passo a passo da construção conceitual, realizando a experiência de um artesão, que constrói devagar sua obra artística, os discentes puderam vivenciar uma experiência nova de construção, que os tornaram capazes de produzir coisas que antes não conseguiam realizar (Grupo 2), melhorando a forma de aprender, tornando-a mais significativa e menos cansativa (Grupo 3). Trabalhar, então, permitindo que se faça um exercício construtivo e criativo faz com que todos se envolvam no processo de aprendizagem, visto que para alguns alunos a experiência foi muito proveitosa, pois aprenderam a construir em vez de esperar por um conhecimento pronto e definitivo (Grupo 4). Diante de tudo o que foi exposto, resta-nos dizer, que a Filosofia, mesmo não sendo uma disciplina relevante para alguns alunos, ela, certamente, pode se tornar uma grande aliada tanto para a vida quanto para a construção do conhecimento. A intervenção também reacendeu nos jovens estudantes sua capacidade criativa, visto que a apresentação dos trabalhos e das ideias por eles construídas foram socializadas de forma criativa, na qual alguns grupos optaram pelo teatro, outros pelo telejornal e outros preferiram expor seus trabalhos da forma tradicional conforme o costume. A ideia era fazer com que os estudantes exercessem seu poder de criação, deixando suscitar naturalmente suas capacidades criativas, construindo situações significativas, relacionando-as com a própria realidade em que estão inseridos.

Portanto, todo o esforço voltado para a construção de um ensino dinâmico e criativo, direcionado para a realidade de nossos estudantes, permitindo que os mesmos construíssem uma relação diferente com os conceitos e, por sua vez, com a própria Filosofia, experimentando na prática como os filósofos construíram os seus conceitos, foi uma experiência bastante proveitosa. Nas atividades tanto em grupo quanto individual podemos visualizar nas palavras de nossos jovens e adolescentes, os momentos singulares do exercício do pensamento, nos quais cada um pôde se aventurar, saindo de seu lugar comum e colocar em prática suas potencialidades. A metodologia da pesquisa-ação, que norteou toda a pesquisa, assim como a metodologia que adotamos durante as aulas deixaram marcas profundas que permitiram muitas mudanças. Sem dúvida, estas transformações serão sentidas por muito tempo, especialmente, entre aqueles que vivenciaram um pouco dessa experiência. Podemos então dizer que nosso esforço, para construir um Ensino de Filosofia mais dinâmico não foi em vão, pois acreditamos que o exercício da atividade filosófica precisa de alguma forma despertar e conduzir o aluno a pensar. Não importa se tal motivação venha de um estranhamento provocado por uma música, um poema, um filme ou de alguma situação da vida cotidiana; o mais interessante é que nossos estudantes se sintam motivados a exercitar o pensamento. Na verdade, quando se pensa no trabalho com os conceitos, especialmente em sala de aula, estamos pensando não somente em despertar no jovem ou no adolescente o interesse pela Filosofia, mas também, pela própria vida cotidiana.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscar as possibilidades de construção de uma prática de ensino na qual a filosofia possa ser articulada e pensada como uma construção de conceitos, pautada na problematização, tendo na vida e na realidade dos alunos, o caminho para a experiência do pensamento, torna-se uma prática potente e eficaz para a formação de nossos estudantes. A pesquisa em nível de mestrado, por este trabalho realizada, teve por finalidade edificar uma nova compreensão de filosofia e de seu consequente ensino, colocando em questão o magistério tradicional em que prioriza a memorização e cópia de informações de uma diversidade de filósofos sem que os alunos se sintam envolvidos na discussão. Fizemos isto utilizando Deleuze e Guattari como Referenciais Teóricos e adotando a metodologia da didática do Ensino de Filosofia de Silvio Gallo. A pretensão da pesquisa pretendeu mostrar que o aluno por meio da Filosofia do Ensino de Filosofia pode atingir uma experiência do pensamento, e, então, a filosofia pode ser ensinada como uma atividade de construção, na qual o discente busca novos conhecimentos sem precisar memorizar os conceitos filosóficos presentes na tradição filosófica.

Este trabalho veio confirmar, então, a possibilidade de um ensino de filosofia dinâmico e atrativo, no qual o aluno perceba a importância da filosofia para a construção de seu conhecimento. Por isso, nossa proposta se fundamenta na concepção de Deleuze e Guattari, que pensam a filosofia como construção ou fabricação de conceitos. Deste modo, nossa primeira constatação a fazer sobre concepção deleuzo-guattariana, consiste na compreensão de que não podemos fazer filosofia nos apegando aos critérios estabelecidos pelo ensino tradicional, sem negar, com isso, que neste tipo de ensino não exista produção de saberes.

No entanto, nossa intenção consiste em possibilitar aulas criativas e envolventes, mas se desejamos fazer Filosofia de uma forma distinta, precisamos ser criativos, pois o pensamento filosófico é um exercício dinâmico, sempre em movimento, por isso os conceitos construídos pelos filósofos ao longo da história se relacionam com este dinamismo. Eles foram criados para oferecer uma resposta aos problemas enfrentados no cotidiano da vida e os problemas sempre vão e voltam em uma roupagem nova, por isso precisam ser enfrentados e os conceitos não são

elementos estáticos, eles são produzidos para ter esse caráter de transformação, para dar dinamismo a realidade, que por sua vez, também é dinâmica. Desta forma, problematizar tem a função de nos levar a perguntar sobre porque as coisas acontecem.

Deste modo, a intervenção proposta pela pesquisa, pretendeu contribuir neste esforço, ao possibilitar uma Filosofia do Ensino de Filosofia que permita nos discentes a atitude filosófica, que não é passiva, no sentido de esperar por um conhecimento, mas sim ativa, no sentido de ser ela mesma, a própria atividade do conhecimento. Nesta perspectiva, a escola passa a ser vista, como espaço essencial para a formação de nossos alunos e as aulas se tornam o local no qual os jovens e adolescentes se transformam em sujeitos ativos de seu próprio conhecimento. Talvez, os conhecimentos filosóficos não se tornem necessários aos estudantes, pois muitos defendem que a Filosofia não possui uma utilidade prática para suas vidas, porque não lhes proporciona nada de concreto que lhes chamem a atenção no momento, pois possuem outras prioridades. Mas, não deve ser por causa disso, que não se possa lhes oferecer uma Filosofia ou um ensino de Filosofia que venha de encontro aos interesses de nossa juventude. A Filosofia, embora não tendo uma utilidade prática, tem a capacidade para derrotar toda ou qualquer ignorância por meio de um pensamento livre e autônomo.

Buscou-se, por isso, com a intervenção, trabalhar uma perspectiva nova sobre a Filosofia. Isso foi possível por meio da proposta de pensar uma Filosofia criativa, tendo por referência os filósofos contemporâneos, Deleuze e Guattari, que concebem a Filosofia como criação. Trouxemos, então, esta ideia para o Ensino de Filosofia. Com isso, nosso esforço consistiu em mostrar que o pensamento precisa ser criativo, como criativa é a Filosofia. E, ainda, que a Filosofia se faz e acontece na realidade concreta, lugar no qual se encontram os mais diversos problemas, com os quais, o pensamento com o auxílio da Filosofia deve solucionar. E, assim, buscou-se, por meio de aulas criativas, permitir que o aluno exercitasse seu pensamento, construindo suas ideias e relacionando-as com a própria realidade, tornando-se, portanto, sujeito de seu saber.

A Filosofia carrega em sua essência uma potência criadora. Com isso, ela permite que o pensamento se torne criativo, porque de certa forma, carregamos conosco essa capacidade de criação, que precisa ser despertada, permitindo que o

conhecimento, com o exercício criativo do pensamento, seja fruto de um processo construtivo no qual professor e aluno participam e atuam em prol desta mesma construção. Então, para que este processo se concretizasse, pensamos e organizamos as aulas, dando a elas um caráter construtivo, sendo isso concretizado na construção de uma metodologia que desperte e atraia o interesse do estudante, possibilitando um ambiente favorável à construção de conceitos, permitindo, com isso, o exercício autônomo do pensamento. Neste exercício, o aluno precisa tomar consciência de que ele deve ser o sujeito principal desta construção, por isso, nosso esforço consistiu em favorecer, durante o processo, uma relação saudável e diferente dos alunos tanto para com a Filosofia quanto para com os conceitos. Assim, em sintonia com Deleuze e Guattari, mostramos aos nossos jovens e adolescentes, qual seria a verdadeira finalidade da Filosofia e que a mesma se faz a partir de uma experiência artesanal, ou seja, mostrando de forma concreta o passo a passo de sua confecção.

Neste sentido, buscamos pensar um ensino que esteja voltado para a realidade do aluno, por isso defendemos um ensino de Filosofia que busque fomentar o exercício da criatividade. Não importa, com isso, se o aluno tem ou não familiaridade com a Filosofia, com a leitura, pois o exercício do pensamento deve ser uma realidade concreta para todos. Para isso, o professor precisa ter em suas mãos ferramentas que permitam o pensar, tornando o ensino mais criativo e o aprendizado mais dinâmico. Nesta perspectiva, apontamos a metodologia de Silvio Gallo como possibilidade, e, com isso, permitir que os discentes possam pensar os problemas e os conceitos, tomando como referência a própria realidade; realizar uma experiência de pensamento, experimentando o passo a passo da construção conceitual, permitindo, com isso, exercitar o pensamento, como primeiro passo do exercício filosófico. No entanto, não foi nosso objetivo transformar estes alunos em filósofos nem lhes impor uma obrigação para criar conceitos novos, mas sim, despertar neles o interesse por construir uma relação diferente com os conceitos, pensar de forma autônoma, dialogar com os textos filosóficos e encontrar nestes textos elementos necessários, para então, terem condições de enfrentar os diversos problemas que mais lhes afetam na vida cotidiana.

Todavia, a tarefa de suscitar em nossos alunos o interesse por uma Filosofia criativa, que motive e desperte nossos estudantes para a construção conceitual não

será uma tarefa fácil, uma vez que muitas limitações rodeiam o exercício deste magistério, que nos direciona em certos momentos a caminhar na contramão do ensino de Filosofia, fragilizando o aprendizado dos alunos, enfraquecendo a qualidade do ensino, tornando-o fragmentado. Porém, a experiência realizada junto a eles, permitiu enxergar as fraquezas e as limitações que vinham enfraquecendo nossa capacidade de lidar com um ensino que exige criatividade e dinamicidade. E, com isso, é possível pensar e repensar o ensino, de modo que seja possível com uma prática mais criativa conduzir nossos estudantes a realizar uma experiência de pensamento, para que possam pensar a vida, a realidade e o mundo com um olhar renovado. Como a Filosofia não oferece respostas prontas nem definitivas, este trabalho possui um caráter contínuo, pois, certamente, ele poderá ser utilizado com outros alunos em outras turmas. A metodologia que utilizamos em sala de aula não teve por objetivo torná-la a única capaz de resolver os problemas que envolvem o Ensino de Filosofia, nem tampouco os problemas relacionados ao trabalho do magistério. O que se buscou com ela, foi fazer com que nossos jovens estudantes, realizassem uma experiência do pensamento, pautada na Filosofia do Ensino de Filosofia.

A Filosofia constitui uma atividade essencial à vida humana, pois possibilita àqueles que se abrem ao conhecimento uma melhor forma de utilizar sua capacidade crítica e reflexiva em benefício do encontro do homem com o mundo no qual está inserido. Porém, sua relevância dentro do contexto da educação básica não deve ser compreendida apenas como uma simples instrumentalização da reflexão ou do pensamento. Desta forma, a contribuição deste trabalho visa promover nos alunos uma experiência da Filosofia do Ensino de Filosofia a partir da realidade cotidiana de nossos estudantes, buscando relacionar os problemas que mais inquietam nossos jovens e adolescentes com o texto filosófico, de forma que, esta aproximação, desperte neles o interesse pela Filosofia, vendo-a não como uma disciplina a mais do currículo escolar, mas como um instrumento capaz de ajudá-los a construir uma nova compreensão de mundo, construindo condições de aprendizagem e conhecimento, tornando-os capazes de enfrentar as mais diversas dificuldades que poderão surgir em suas vidas. Ela deve então provocar no aluno o esforço por buscar de forma criativa a compreensão sobre os conceitos em sua totalidade e, uma vez compreendidos, possam auxiliá-los em sua formação integral. Destarte, o aluno deve

experienciar que as aulas de Filosofia ou os textos de Filosofia não são abstratos e nem desvinculados de suas vidas, mas absolutamente concretos porque tentam numa linguagem conceitual responder justamente aos seus problemas cotidianos. Além disso, não faz parte da Filosofia oferecer respostas prontas ou acabadas, mas possibilitar no ser humano um despertar para a vida, apontar novos caminhos ou possibilidades. Foi pensando nesta ideia que unimos problema e leitura, porque concordamos que a leitura de textos filosóficos pode incitar nossos alunos a uma melhor compreensão da realidade, como também estimulá-los a buscar possíveis respostas aos problemas de sua vida cotidiana. Por isso, se faz necessário fazer com que o aluno perceba na leitura o primeiro passo na busca do verdadeiro conhecimento ou do saber filosófico, pois aprender a ler é saber compreender o mundo que está à nossa volta. Embora o conhecimento não se reduza somente ao texto ou ao livro didático adotado pela escola, é importante ter a consciência e a certeza de que ambos são o primeiro passo de um longo caminho na busca pelo verdadeiro conhecimento. Desta forma, os discentes percebendo a conexão entre a leitura de um texto filosófico com os problemas reais de sua vida, de sua comunidade e do mundo, certamente, poderão se sentir estimulados e provocados a participarem de forma mais ativa das aulas de Filosofia.

Portanto, fica como proposta desta pesquisa, o esforço para construir uma Filosofia do Ensino de Filosofia mais criativa, com o qual seja possível um ensino que tenha na realidade do aluno o seu fundamento, para que todos os que dele participarem, possam experimentar o exercício do pensamento, contribuir e colher os frutos de um ensino dinâmico, criativo e transformador, assim como é transformadora e dinâmica a Filosofia. Concluímos nosso objetivo com muito esforço e dedicação. Cumprimos, então, a tarefa com a qual nos propomos no começo de nossa intervenção: tornar possível um ensino evolvente, que conduzisse os alunos a estabelecer uma relação saudável e diferente com a Filosofia e também com os conceitos da tradição, buscando conectar seus problemas cotidianos com aquilo que foi pensado e construído pelos diversos filósofos da tradição filosófica e, assim, construir possíveis soluções para as questões que mais lhes inquietam na vida cotidiana.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Felipe; CEPPAS, Felipe. **A aula de Filosofia como oficina de criação**. In: *Ideação: Revista do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas Filosóficas da Universidade Estadual de Feira de Santana - Feira de Santana – v. 1, n. 1 (1997) Edição Especial 2017*.
- BRASIL. Ministério a Educação e da Cultura. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.
- BRASIL. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Ciências humanas e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. Volume 3.
- CAVALCANTI, Adriane da Silva. **Filosofia e pintura em Gilles Deleuze / Adriane da Silva Cavalcanti**. -- Campinas, SP: [s.n.], 2006. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.
- CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CRUZ, Denise Viuniski da Nova; MOSTAFA, Solange Puntel. **Para ler a filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari**. Campinas: Alínea, 2009.
- CUNHA, Maria Helena Lisboa da. **Deleuze e a intensidade do pensamento**. Reflexão, Campinas, 32 (92). p. 99-109, jul./dez., 2007.
- DAMASCENO, Verônica. Personagens conceituais e personagens estéticos em Gilles Deleuze. **Trágica: estudos de filosofia da imanência**, Rio de Janeiro, Vol. 8, n. 3, p. 138-151, 3º quadrimestre de 2015. Disponível em: <<http://tragica.org/artigos/v8n3/damasceno.pdf>>. Acesso em: 16 julho. 2017.
- DANELON, Márcio. “Em torno da especificidade da filosofia: uma leitura das Orientações Curriculares Nacionais de filosofia para o Ensino Médio”. In: CORNELLI, Gabriele; CARVALHO, Marcelo; DANELON, Márcio (orgs.). **Filosofia: ensino médio**. (Col. Explorando o Ensino; v. 14). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.
- DELEUZE, G. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- _____. **Bergsonismo**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 1999.
- _____. **Espinosa: filosofia prática**. Trad. Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é a Filosofia?**. 3 ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

FERREIRA, Jean Pierre Gomes. **Máquina de Guerra e Aparelho de Estado: a Geofilosofia de Deleuze e Guattari em Mil Platôs**. Fortaleza, 2009. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico de Filosofia do Centro de Humanidades – CH da Universidade Estadual do Ceará – UECE, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Filosofia. Disponível em: <http://www.uece.br/cmef/dmdocuments/dissertacoes2009_maquina_guerra_aparelho_estado_geo-filosofia.pdf>. Acesso em 10 de junho de 2019.

_____. **Máquina de Guerra e Aparelho de Estado: a Geofilosofia de Deleuze e Guattari em Mil Platôs**. Theoria-Revista eletrônica de Filosofia. Faculdade Católica de Pouso Alegre. Volume VI – Número 16 – Ano 2014 – ISSN 1984 – 9052.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GALLO, Silvio. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. **A filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade**. ETHICA: Rio de Janeiro, 2006. v.13, n.1, p.17-35.

_____. A filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade. In: SILVEIRA, René José Trentin; Goto, Roberto (Orgs.). **Filosofia no Ensino Médio: temas, problemas e propostas**. São Paulo: Loyola, 2007.

_____. **Ensino de filosofia: avaliação e materiais didáticos**. In.: Coleção Explorando o Ensino, Filosofia – Volume 14, Brasília, 2010.

_____. **Metodologia do Ensino de Filosofia: uma didática para o ensino médio**. Campinas: Papirus, 2012.

JASPERS, Karl. **Introdução ao pensamento filosófico**. São Paulo: Cultrix, 1971.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Jan/Fev/Mar/Abr2002, n.19, pp.20-28.

MACHADO, Roberto. **Introdução**. In G. Deleuze: Sobre o teatro. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p. 07-23.

_____. **Deleuze, a Arte e a Filosofia**. Rio de Janeiro, Zahar, 2009.

PAGNI, P. A. Os limites e as discretas esperanças do ensino de filosofia: da questão da educação dos educadores aos temas relativos ao amor e à infância no pensamento contemporâneo. In: GALLO, S; DANELON, M; CORNELLI, G. **Ensino de filosofia: ensino e prática**. Ijuí: UNIJUÍ, 2004. p. 217-263.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. **Diretrizes da Educação Básica**. Filosofia. Paraná, 2008.

RONDON, Roberto. **Ensinar filosofia com os “bons livros” como prática de resistência.** Florianópolis, v. 13, n. 01, p. 73-87, jan. / jun. 2012.

SCHOPKE, Regina. **Por uma filosofia da diferença:** Gilles Deleuze, o pensamento nômade. São Paulo: Edusp, 2004.

SEVERINO, A. J. O ensino da Filosofia: entre a estrutura e o evento. In: GALLO; S., DANELON; M., CORNELLI, G., (Org.). **Ensino de Filosofia:** teoria e prática. Ijuí: Unijuí, 2004, p. 101-112.

SILVA, Franklin Leopoldo. A função social do filósofo. In: **A filosofia e seu ensino**, p. 9-22. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SILVA, Sônia Sena da. Estudos filosóficos no ensino básico: Quem se habilita a ministrar essas aulas? In: MATOS, Junot Cornélio; COSTA, Marcos Roberto Nunes (Orgs). **Ensino de filosofia: questões fundamentais.** Recife: Editora UFPE, 2014.

RODRIGO, Lídia Maria. **Uma alternativa para o ensino de filosofia no nível médio.** In: SILVEIRA, Renê J. T; GOTO, Roberto. Filosofia no ensino médio: temas, problemas e propostas. São Paulo: Loyola, 2007 (org).

TEZA, Rogério de Souza. Deleuze e a desformatação da escola. In: **Humanidades em diálogo**, p. 221-228. Volume VII, 2016.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação.** 14^a ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Metodologia da Pesquisa-ação.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 1988.

_____. **Metodologia da Pesquisa-ação.** 11^a. Ed. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção temas básicos de pesquisa-ação).

VASCONCELLOS, Jorge. Teatro e filosofia em Gilles Deleuze. **Arte-filosofia**, Ouro Preto, n.9, p. 101-108, out. 2010. Disponível em: <<http://www.aisthe.ifcs.ufrj.br/vol%20II/JORGE.pdf>>. Acesso em 15 julho de 2017.

VIEIRA, José Wilson; HORN, Geraldo Balduino. O sentido e o lugar do texto filosófico nas aulas de filosofia do Ensino Médio. **Revista Digital de Ensino de Filosofia** – Santa Maria – vol. 1., n. 2 – jul. / dez. 2015.

VITKOWSKI, José Rogério. Filosofia da diferença: interfaces educacionais. **Filosofia e Educação [RFE]** – Volume 9, Número 2 – Campinas, SP, junho-setembro de 2017 – ISSN 1984-9605 – p. 71-85.

XAVIER, Ingrid Müller. Filosofia em tempos de adrenalina. In: KOHAN, Walter (Org.). **Filosofia:** caminhos para seu ensino. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p. 133-15

ANEXOS

ANEXO A - TEXTOS TABALHADOS DURANTE A INTERVENÇÃO

Texto 1: O que é a Filosofia?

Vemos ao menos o que a filosofia não é: ela não é contemplação, nem reflexão, nem comunicação, mesmo se ela pôde acreditar ser ora uma, ora outra coisa, em razão da capacidade que toda disciplina tem de engendrar suas próprias ilusões, e de se esconder atrás de uma névoa que ela emite especialmente. Ela não é contemplação, pois as contemplações são as coisas elas mesmas enquanto vistas na criação de seus próprios conceitos. Ela não é reflexão, porque ninguém precisa de filosofia para refletir sobre o que quer que seja: acredita-se dar muito à filosofia fazendo dela a arte da reflexão, mas retira-se tudo dela, pois os matemáticos como tais não esperaram jamais os filósofos para refletir sobre a matemática, nem os artistas sobre a pintura ou a música; dizer que eles se tornam então filósofos é uma brincadeira de mau gosto, já que sua reflexão pertence a sua criação respectiva. E a filosofia não encontra nenhum refúgio último na comunicação, que não trabalha em potência a não ser de opiniões, /12/ para criar o "consenso" e não o conceito. A idéia de uma conversação democrática ocidental entre amigos não produziu nunca o menor conceito; ela vem talvez dos gregos, mas estes dela desconfiavam de tal maneira, e a faziam sofrer um tratamento tão rude, que o conceito era antes como o pássaro-solilóquio-irônico que sobrevoava o campo de batalha das opiniões rivais aniquiladas (os convidados bêbados do banquete). A filosofia não contempla, não reflete, não comunica, se bem que ela tenha de criar conceitos para estas ações ou paixões. A contemplação, a reflexão, a comunicação não são disciplinas, mas máquinas de constituir Universais em todas as disciplinas. Os Universais de contemplação, e em seguida de reflexão, são como duas ilusões que a filosofia já percorreu em seu sonho de dominar as outras disciplinas (idealismo objetivo e idealismo subjetivo), e a filosofia não se engrandece mais apresentando-se como uma nova Atenas e se desviando sobre Universais da comunicação que forneceria as regras de um domínio imaginário dos mercados e da mídia (idealismo intersubjetivo). Toda criação é singular, e o conceito como criação propriamente filosófica é sempre uma singularidade. O primeiro princípio da filosofia é que os Universais não explicam nada, eles próprios devem ser explicados (*DELEUZE*, Gilles; *GUATTARI*, Felix. *O que é a Filosofia?*. 3 ed. São Paulo: Editora 34, 2010, p. 12-13).

Texto 2 – A felicidade como atividade racional

A felicidade tem, por conseguinte, as mesmas fronteiras que a contemplação, e os que estão na mais plena posse desta última são os mais genuinamente felizes, não como simples concomitante, mas em virtude da própria contemplação, pois que esta é preciosa em si mesma. E assim, a felicidade deve ser alguma forma de contemplação. Mas o homem feliz, como homem que é, também necessita de prosperidade exterior, porquanto a nossa natureza não basta a si mesma e para os fins da contemplação: nosso corpo também precisa de saúde, de ser alimentado e cuidado. Não se pense, todavia, que o homem para ser feliz necessite de muitas ou de grandes coisas, só porque não pode ser supramente feliz sem bens exteriores.

A autossuficiência e a ação não implicam excesso, e podemos praticar atos nobres sem sermos donos da terra e do mar. Mesmo desfrutando vantagens bastante moderadas pode-se proceder virtuosamente [...]. E é suficiente que tenhamos o necessário para isso, pois a vida do homem que age de acordo com a virtude será feliz. [...] E assim, as opiniões dos sábios parecem harmonizar-se com os nossos argumentos. Mas, embora essas coisas também tenham certo poder de convencer, a verdade em assuntos práticos percebe-se melhor pela observação dos fatos da vida, pois estes são o fator decisivo. Devemos, portanto, examinar o que já dissemos à luz desses fatos, e se estiver em harmonia com eles aceitá-lo-emos, mas se entrarem em conflito admitiremos que não passa de simples teoria.

Ora, quem exerce e cultiva a sua razão parece desfrutar ao mesmo tempo a melhor disposição de espírito e ser extremamente caro aos deuses. Porque, se os deuses se interessam pelos assuntos humanos como nós pensamos, tanto seria natural que se deleitassem naquilo que é melhor e mais afinidade tem com eles (isto é, a razão), como que recompensassem os que a amam e honram acima de todas as coisas, zelando por aquilo que lhes é caro e conduzindo-se com justiça e nobreza. Ora, é evidente que todos esses atributos pertencem mais que a ninguém ao filósofo. É ele, por conseguinte, de todos os homens o mais caro aos deuses. E será, presumivelmente, também o mais feliz. De sorte que também neste sentido o filósofo será o mais feliz dos homens... (ARISTÓTELES. *Ética e Nicômaco*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984. p. 231 – 232 (Os pensadores)).

Texto 3 – O homem, “animal político”

A sociedade que se formou da reunião de várias aldeias constitui a Cidade, que tem a faculdade de se abastar a si mesma, sendo organizada não apenas para conservar a existência, mas também para buscar o bem-estar. Esta sociedade, portanto, também está nos desígnios da natureza, como todas as outras que são seus elementos. Ora, a natureza de cada coisa é propriamente seu fim. Assim, quando um ser é perfeito, de qualquer espécie que ele seja – homem, cavalo, família –, dizemos que ele está na natureza. Além disso, a coisa que, pela mesma razão, ultrapassa as outras e se aproxima mais do objetivo proposto deve ser considerada melhor. Bastar-se a si mesma é uma meta a que tende toda a produção da natureza e é também o mais perfeito estado. É, portanto, evidente que toda a Cidade está na natureza e que o homem é naturalmente feito para a sociedade política.

[....]

Assim, o homem é um animal cívico [político], mais social do que as abelhas e os outros animais que vivem juntos. A natureza, que nada faz em vão, concedeu apenas a ele o dom da palavra, que não devemos confundir com os sons da voz. Estes são apenas a expressão de sensações agradáveis ou desagradáveis, de que os outros animais são, como nós, capazes. A natureza deu-lhes um órgão limitado a este único efeito; nós, porém, temos a mais, senão o conhecimento desenvolvido, pelo menos o sentimento obscuro do bem e do mal, do útil e do nocivo, do justo e do injusto, objetos para a manifestação dos quais nos foi principalmente dado o órgão da fala. Este comércio da palavra é o laço de toda a sociedade doméstica civil.

O Estado, ou sociedade política, é até mesmo o primeiro objeto a que se propõe a natureza. O todo existe necessariamente antes da parte. As sociedades domésticas e os indivíduos não são senão as partes integrantes da Cidade, todas subordinadas ao corpo inteiro, todas distintas por seus poderes e suas funções, e todas inúteis quando desarticuladas, semelhantes às mãos e aos pés que, uma vez separados do corpo, só conservam o nome e a aparência, sem a realidade, como uma mão de pedra. O mesmo ocorre com os membros da Cidade: nenhum pode bastar-se a si mesmo. Aquele que não precisa dos outros homens, ou não pode resolver-se a ficar com eles, ou é um deus ou um bruto. Assim, a inclinação natural leva os homens a este gênero de sociedade (ARISTÓTELES. A política. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 3-5).

Texto 4 – Preconceito

Fragmento 1 – Sobre os preconceitos

O preconceito é a categoria do pensamento e do comportamento cotidianos. Os preconceitos sempre desempenharam uma função importante também em esferas que, por sua universalidade, encontram-se acima da cotidianidade; mas não procedem essencialmente dessas esferas, nem aumentam sua eficácia; ao contrário, não só a diminuem como obstaculizam o aproveitamento das possibilidades que eles comportam. Quem não se liberta de seus preconceitos artísticos, científicos e políticos acaba fracassando, inclusive pessoalmente.

[...]

A maioria dos preconceitos, embora nem todos, são produtos das classes dominantes, mesmo quando essas pretendem, na esfera na esfera do para-si, contar com uma imagem do mundo relativamente isenta de preconceitos e desenvolver as ações correspondentes. O fundamento dessa situação é evidente: as classes dominantes desejam manter a coesão de uma estrutura social que lhes beneficia e mobilizar em seu favor inclusive os homens que representam interesses diversos (e até mesmo, em alguns casos, as classes e camadas antagônicas). Com a ajuda dos preconceitos, apelam à particularidade individual, que – em função de seu conservadorismo, de seu comodismo e de seu conformismo, ou também por causa de interesses imediatos – é de fácil mobilização contra os interesses de sua própria integração e contra a práxis orientada no sentido do humano-genérico. O camponês húngaro que se lançou com entusiasmo na Primeira Guerra Mundial, ou o operário alemão entregue de corpo e alma a Hitler, foram tipos humanos manipulados através de sistemas de preconceitos. Não é casual que fossem manipulados: seus interesses imediatos, sua particularidade individual, foram mobilizados contra seu ser-humano genérico, e de um modo tal que passaram a aceitar como integração superior as formas ideais de serviço a uma “consciência por nós”.

[...]

A questão é esta: como libertamo-nos dos preconceitos? Há algum esquema, alguma receita, algum conselho que garanta essa libertação? Naturalmente que não. Em muitos casos, apenas a posteriori poderemos ver que uma opinião era um preconceito, e, com muita frequência, não somos capazes de perceber o ponto histórico nevrálgico no qual nossas ideias não preconceituosas convertem-se em preconceitos. Nesse campo, há tanto risco quanto em qualquer outra escolha que fazemos em nossa vida (HILLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992, p. 43-60.)

Fragmento 2 – Norberto Bobbio:

“Quem quer que conheça um pouco de história, sabe que sempre existiram preconceitos nefastos e que mesmo quando alguns deles chegam a ser superados, outros tantos surgem quase que imediatamente. Apenas posso dizer que os preconceitos nascem na cabeça dos homens. Por isso, é preciso combatê-los na cabeça dos homens, isto é, com o desenvolvimento das consciências e, portanto, com a educação, mediante a luta incessante contra toda forma de sectarismo.

Existem homens que se matam por uma partida de futebol. Onde nasce esta paixão senão na cabeça deles? Não é uma panaceia, mas creio que a democracia pode servir também para isto: a democracia, vale dizer, uma sociedade em que as opiniões são livres e portanto são forçadas a se chocar e, ao se chocarem, acabam por se depurar. Para se libertarem dos preconceitos, os homens precisam antes de tudo viver numa sociedade livre” (BOBBIO, Norberto. Elogio da serenidade. Tradução Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora UNESP, 2002, página 117).

Texto 5 – Camponês e marinheiro

Antigamente, dois homens viviam mergulhados no tempo exterior das intempéries: o camponês e o marinheiro, cujo emprego do tempo dependia, a cada hora, da situação do céu e das estações; perdemos a memória do que devemos a esses dois de homens, desde as técnicas mais rudimentares até os mais elevados refinamentos. Um certo texto grego divide a terra em duas zonas: aquela onde um mesmo instrumento passava por ser uma pá de grãos e aquela em que os passantes nele reconheciam um remo de embarcação. Essas duas populações acabaram desaparecendo progressivamente da superfície da terra ocidental; excedentes agrícolas, navios de grande porte transformaram o mar e o solo em desertos. O maior acontecimento do século XX continua sendo incontestavelmente o desaparecimento da agricultura como atividade orientadora da vida humana de maneira geral e das culturas singulares.

Vivendo apenas em interiores, mergulhados exclusivamente no primeiro tempo, os nossos contemporâneos, empilhados nas cidades, não utilizam mais nem pá nem remo e, pior, sequer já os viram. Indiferentes ao clima, a não ser durante as férias, quando voltam a encontrar de maneira arcádica e pesada o mundo, poluem, ingênuos, quando não conhecem, que raramente os machuca e que nunca lhes diz respeito.

Espécies sujas, macacos e automobilistas, rapidamente, deixam cair o seu lixo porque não habitam o espaço por onde passam e o emporcalham.

Mais uma vez: quem decide? Cientistas, administradores, jornalistas. Como vivem? E, antes de mais nada, onde? Em laboratórios, onde as ciências reproduzem os fenômenos para melhor defini-los, em escritórios ou estúdios. Enfim, em interiores. O clima não mais influencia nossos trabalhos.

Com que nos ocupamos? Com dados numéricos, com equações, com relatórios, com textos jurídicos, notícias no prelo ou telex; enfim, com a língua. Com linguagem, verdadeira para a ciência, normativa para a administração, sensacional para a mídia. De vem em quando um especialista, climatólogo ou geofísico parte em missão para recolher no local observações, assim como um repórter ou um inspetor. O essencial, no entanto, acontece do lado de dentro e em palavras, jamais fora com as coisas. Chegamos até a emparedar as janelas, para nos escutarmos melhor ou mais facilmente discutir. Sem poder reprimir, comunicamos. Estamos ocupados apenas com os nossos capitais.

O que hoje dividem o poder se esqueceram de uma natureza, da qual se pode dizer que se vinga, mas que de preferência, remete-se a nós que vivemos no primeiro tempo e jamais diretamente no segundo, do qual no entanto temos a pretensão de falar com pertinência e a respeito do qual temos de decidir.

Perdemos o mundo: nós transformamos as coisas em fetiches ou mercadorias, apostas dos nossos jogos de estratégia; e nossas filosofias, acosmistas, sem cosmos, há quase um meio século, só dissertam sobre a linguagem ou a política, a escrita ou a lógica.

Exatamente no instante em que agimos fisicamente pela primeira vez sobre a Terra Global, e quando ela reage sem dúvida sobre a humanidade global, tragicamente, nós a desprezamos (SERRES, Michel. O contrato natural. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991, p. 40-41).

ANEXO B - TEXTOS PRODUZIDOS EM GRUPO

Grupo 1 – Filosofia

Lê e discutir textos de natureza filosófica não é uma tarefa fácil. Exige muito sacrifício e tempo. Por isso, na maioria das vezes renunciamos a sua leitura ou o seu estudo, porque de fato não gostamos muito de pensar, é cansativo. Também a filosofia não faz parte de nosso interesse profissional. Sendo assim, preferimos lidar com aqueles conhecimentos que possam nos capacitar profissionalmente no mercado de trabalho.

Em nossa vida cotidiana nos esforçamos para ter um futuro melhor. A maioria de nossos pais insiste nessa ideia, de que devemos nos esforçar diariamente para construir um conhecimento que nos ajude a sermos melhores para a vida, que sirva para nosso ingresso no mercado de trabalho. Então, disciplinas como filosofia e religião, por exemplo, não estão na lista principal de nossos saberes. Por isso, durante as aulas não damos muita importância a elas, mesmo que tenhamos que fazer presença, pelo menos para não ganhar uma falta. Sabemos da importância de pensar a realidade, os problemas, a vida, enfim, são assuntos relevantes. No entanto, nesse momento de nossa formação, nosso interesse é outro. Nosso pensamento está focado no ENEM, pensando numa Faculdade de Engenharia, Medicina, Direito, Arquitetura, entre outras.

Além do mais somos muito novos para ficar nos aventurando em pensamentos filosóficos. Temos outras preocupações, além do estudo, curtir a vida, baladas, redes sociais, festas, paqueras, coisas de adolescentes. É uma fase que passa rápido e não podemos deixar isso passar em branco. Ficar refletindo Platão, Descartes, Aristóteles, para quê? Qual a finalidade? Para que serve mundo das *ideias*, *eudaimonia*, *cogito* cartesiano? Nada disso nos prepara para o mercado de trabalho. Só estudamos filosofia, religião, história, sociologia, porque precisamos encarar as avaliações do ENEM. Fora isso, não faz parte do rol de nossos interesses! Não tem nada a ver com a gente. Muitas vezes aproveitamos o momento de aula para realizar pesquisas ou fazer trabalho de outras disciplinas.

Porém, neste trimestre o trabalho realizado pelo professor de alguma maneira despertou em nós alguma coisa, não sabemos explicar o quê, mas alguma mexeu com a gente. Passamos a ver a filosofia com um outro olhar, mesmo que ela ainda não seja alvo de nosso interesse, mas, por outro lado, reconhecemos sua importância. A leitura feita em Deleuze e Guattari mesmo tendo sido superficial, pois usamos somente um pequeno trecho de sua obra, possibilitou a todos do grupo expandir e compreender de fato a finalidade da filosofia, como também nos ajudou a valorizá-la como uma disciplina que pode contribuir bastante para nossa formação tanto pessoal quanto profissional. Apesar disso, continua não sendo uma disciplina que julgamos ser relevante em nossa vida, porque temos no momento prioridades nas quais não existem espaço para filosofia. Por outro lado, hoje sabemos que a filosofia não é um meio para se chegar a um determinado fim. Embora ela não tendo uma finalidade prática para nós, ela poderá nos ajudar a ser pessoas melhores. Profissionais melhores, quem sabe!

E apesar disso, mesmo não gostando conseguimos ler textos de filosofia, investigar, pesquisar, escrever. Tudo isso foi um aprendizado. Vimos que filosofia é criar conceitos. Como é difícil criar conceitos. Estávamos acostumados a definir as

coisas, mas criar como Deleuze e Guattari pensam não é fácil. Não conseguimos realizar isso. Sentimos dificuldades no início quanto a compreensão do texto e de relacionar ele a nossa realidade. A leitura do texto de filosofia não é fácil, conforme dissemos antes. A linguagem é diferente. Exige paciência e tempo para se acostumar com ela. Mas vimos como se dá o processo de sua criação, nas explicações do professor. Quando começamos a investigar nosso tema, o professor mostrou que a palavra filosofia é formada a partir de outras duas palavras da língua grega: filo e sofia, que significam amizade e sabedoria. Ele ainda mostrou que os conceitos se formam a partir de outros componentes, como é o caso no nome filosofia, como pudemos observar nas orientações de nosso professor. Isso foi possível estudando Deleuze e Guattari.

Durante a leitura do texto, vimos que a noção de filosofia que agente tinha não batia com a desses pensadores. Isso nos ajudou a trabalhar melhor nossa maneira de pensar. Muitas vezes somos ensinados a repetir ideias. A intervenção fez com que agente experimentasse um modo diferente de entender o que é filosofia. Isso foi um ponto muito positivo desse trabalho. Então, foi a partir deles que começamos a entender melhor o que é filosofia e também o conceito. Desta forma, melhoramos nossa compreensão sobre a filosofia, porque antes de estudar Deleuze e Guattari a gente tinha uma ideia diferente de filosofia. Hoje graças a eles, sabemos que filosofia não é contemplação, reflexão e nem comunicação. Sua tarefa é outra, significa criar conceitos. Isso conseguimos aprender graças a sua filosofia. Talvez seja esse um dos defeitos de ensinar filosofia por parte de certos professores, querer que a gente aprenda um monte de informações fora do contexto de nossa realidade. Às vezes muitos professores não valorizam o que já sabemos e impõe informações como se os conhecimentos que nós adquirimos não servem. Além disso temos que cumprir uma série de conteúdos com tantas informações, com somente uma aula por semana, com um tempo insuficiente, no caso da disciplina de filosofia, que na maioria das vezes não conseguimos aproveitá-las em nossa vida cotidiana. Seria bom que as aulas de filosofia fossem dadas direcionando a atenção para nossas necessidades, que a gente tivesse mais tempo para dialogar e dá nossa opinião. O professor tenta relacionar os temas do livro didático com o dia a dia da gente mas o tempo é pouco e quando começamos a gostar da aula a sirene avisa que ela terminou.

Finalmente, percebemos que a filosofia pode ser um valioso instrumento capaz de nos indicar caminhos por meio dos quais possamos construir uma sociedade melhor. Também sua importância se dá porque ela consegue dialogar com outras formas de saberes, como a religião, o mito, a ciência, a arte, a técnica, a política, a moral.

Componentes:

- Mariana
- Claudiana
- Betânia
- Clarice
- Cláudio

Grupo 2 – Felicidade

O que significa ser feliz? Como encontrar a felicidade? Existe alguma fórmula para ser feliz? Perguntas como estas são comuns e são sempre feitas, não importa a idade. Sempre desejamos ser feliz. Muitos buscam construir felicidade naquilo que durante toda a vida constroem: riqueza, fama, poder. Como se isso fosse o único modo de ser feliz. Nós temos um desejo: chegar à Universidade, conseguir um bom trabalho, ser bem-sucedido, ganhar bastante dinheiro e, por fim, gozar a vida, festas, viagens. Isso sim, é felicidade. Mas será que ela se resume a isso? Estudar, trabalhar, ter sucesso, dinheiro, aproveita a vida!

Epicuro, filósofo grego diz para se ter uma vida feliz precisamos pautar nossa vida em duas ações: a tranquilidade da alma, que ele chama de *ataraxia*, e ausência de dor, *aponia*. Numa carta escrita a Meneceu, ele diz: “Quando, então, dizemos que o fim último é o prazer, não nos referimos aos prazeres dos intemperantes ou aos que consistem no gozo dos sentidos [...] mas ao prazer que é ausência de sofrimentos físicos e perturbações da alma. Não são, pois, bebidas nem banquetes contínuos, nem a posse de mulheres e rapazes, nem o sabor dos peixes ou das outras iguarias de uma mesa farta que tornam doce uma vida, mas um exame cuidadoso que investigue as causas de toda escolha e de toda rejeição e que remova as opiniões falsas em virtude das quais uma imensa perturbação toma conta dos espíritos” (EPICURO. Carta a Meneceu (sobre a felicidade). Tradução de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Unesp, 1987). Então, a nossa concepção de vida feliz, difere dessa compreensão epicurista, pois, enquanto Epicuro nos mostra ser necessário uma vida moderada, nós pensamos em levar uma vida contrária a esses princípios, sem medo de ser feliz. Não importa se vamos com isso sofrer ou não sofrer. Importa sim, desfrutar dos prazeres que a vida nos oferece!

Na leitura sobre Aristóteles, percebemos que a felicidade consiste para ele numa certa atividade da alma conforme perfeita virtude. Neste sentido, felicidade se relaciona com uma vida feliz, com uma prática de vida, sem precisar pontuar momentos de felicidades em nossa vida, como por exemplo, dizer que felicidade significa acumular riqueza, ter um carro de luxo, uma conta bancária volumosa, ter sucesso, fama, um cargo público importante, etc. Em sua obra *Ética a Nicômaco*, ele defende que a felicidade é o maior bem desejado pelos homens e o fim das ações humanas. Então, a felicidade seria a somatória de todas as nossas ações, não existindo, com isso, coisas ou bens secundários, um bem desejado em função de outro, como se a felicidade fosse consequência da riqueza, do dinheiro, da fama, do poder. Ela, ou seja, a felicidade para ele consiste na finalidade última de nossas ações. E a vida contemplativa seria o bem mais importante. Segundo ele, “a felicidade tem, por conseguinte, as mesmas fronteiras que a contemplação, e os que estão na mais plena posse desta última são os mais genuinamente felizes, não como simples concomitante, mas em virtude da própria contemplação, pois que esta é preciosa em si mesma”. Então, a felicidade será todo o conjunto de nossas ações. Nisto concordamos com o filósofo. Ter dinheiro, fama, poder, bens materiais, nada disso constrói felicidade. Há pessoas que são felizes levando uma vida simples, calma, tranquila, vivendo com pouco, mas sendo feliz.

Para ser feliz, contudo, não precisamos negar os desejos e vontades que pretendemos alcançar, como por exemplo, se esforçar para ter uma vida melhor, ter sucesso, fama, um bom trabalho, pois tudo isso faz parte do caminho para se chegar à felicidade e, nisto nós concordamos com o filósofo grego, pois só faz sentido ser

feliz quando somos capazes de educar nossas vontades, para que elas não venham exercer domínio sobre nossas vidas. Meditar, portanto, sobre o que a felicidade pode nos proporcionar, pode ser um bom caminho para que possamos construí-la em nossas vidas.

Ao ler Aristóteles, vimos, portanto, o quanto nossa compreensão de felicidade se difere da concepção do filósofo grego. Os conceitos não são absolutos, com o tempo eles mudam, conforme ouvimos nas discussões em sala. Basta ver a concepção de felicidade em Epicuro e a de Aristóteles, eles foram concebidos em épocas diferentes. E mesmo assim podem despertar nosso pensamento para a formulação de nossas próprias ideias. Então, como a razão consiste na mais elevada faculdade humana, a vida contemplativa seria o modo de vida mais feliz para o ser humano e, neste sentido, seria a felicidade. A leitura filosófica não é um exercício fácil. Sentimos dificuldades, pois nossa leitura filosófica se resume aos pequenos fragmentos do livro didático e não dominamos a linguagem filosófica. Os conceitos são difíceis de ser compreendidos. Por outro lado, o pensamento de Aristóteles não traz uma definição satisfatória que defina o que seja realmente a felicidade, mas podem servir de parâmetro para nossa vida, para pensarmos melhor no que consiste a nossa felicidade.

Mas, a experiência foi bastante interessante, pois, com a mediação do professor pudemos experimentar como os conceitos são elaborados pelos filósofos. Além disso, conseguimos compreender que a filosofia não consiste em definir conceitos, mas sim criá-los. Passar pelas etapas da metodologia, da sensibilização à construção de conceitos, fez com que a aula não se tornasse um peso ou desagradável. Nela, mesmo com nossas limitações, conseguimos ler, exercitar nosso pensamento, expor nossas ideias, ouvir nossos colegas com atenção, produzir textos, coisas que antes não realizávamos.

COMPONENTES:

- Damiana
- Denise
- Roberto
- Catarina
- Lia

Grupo 3 – Política

De origem grega, *politikós*, o termo política se forma a partir da junção de duas palavras: *polis* e *tikós*. A primeira, *pólis*, se significa cidade e a segunda é um termo que significa o bem comum. Desta forma, política significa o governo da cidade para o bem comum de todos os cidadãos. E, por sua vez, quando todos os cidadãos se reúnem coletivamente estão fazendo política, porque pensam ações com a finalidade de o bem de todos. Porém, este ideal grego de política se modificou bastante ao longo do tempo. Talvez, por causa disso, nossa concepção sobre ela tenha um sentido negativo, devido aos problemas que enfrentamos em nossa realidade, envolvendo escândalos e corrupções.

Com frequência evitamos nos envolver em discussões política, pois não nos consideramos políticos, pois em nossa concepção, político são todos aqueles que estão envolvidos em questões partidárias, que muitas vezes, negligenciam o verdadeiro sentido da palavra política: governo da cidade para o bem comum de todos os cidadãos. Pois, julgamos que estes supostos políticos se preocupam mais com o próprio interesse e depositam menos preocupação com os problemas que envolvem nossa realidade. No entanto, a leitura do texto de Aristóteles, nos mostra que por natureza todos somos políticos, pois, a política se concretiza na vida social e somos inclinados naturalmente a viver em sociedade. Ele, então, entende que é da natureza humana viver em sociedade e quem não necessita do outro, nos dizeres de Aristóteles, ou é “um deus”, que não depende de ninguém, ou é “um bruto”, ou seja, que não possui a faculdade racional. Então, compreendemos que para Aristóteles o fato de podermos raciocinar e pensar sobre o que devemos fazer nos distancia dos animais e de todas as outras coisas.

A investigação, para nós do Grupo política, possibilitou uma nova compreensão sobre política e também sobre nossa perspectiva enquanto ser político, pois querendo ou não, vivemos em sociedade. Então, mesmo sem perceber, nossas atitudes cotidianas por mais simples que sejam, estão todas permeadas de ações políticas. Desta forma, entendemos, hoje, que política não se restringe somente aos que atuam na política e que estão associados a determinados partidos, pois, quando desejamos conseguir alguma coisa de nossa família ou de nossos amigos, estamos de alguma forma exercendo uma ação política. Ter essa compreensão, foi possível graças ao encaminhamento metodológico durante a pesquisa, que facilitou nossa compreensão de como os conceitos são criados na tradição filosófica. Durante o processo de investigação, o professor nos mostrou como os conceitos são criados, ou seja, como os filósofos criam seus conceitos. Isso foi importante, porque nos foi mostrado de uma forma mais interessante, porque assim não necessitamos de decorar uma definição, uma vez vendo o passo a passo, ou seja, como eles foram criados, nossa de forma de aprender se tornou mais significativa e menos cansativa. Não foi fácil, de início, compreender como se dá a criação de conceitos. A forma como Deleuze propõe não está ainda em nosso alcance. É muito complicado: plano de imanência, personagens conceituais, é muita viagem e nosso tempo é curto. Mas sabemos que estes conceitos são necessários para o pensamento dele, conforme nos disse o professor, que sem eles não existe filosofia para o filósofo Deleuze. Precisamos de experiência na leitura filosófica, pois não lemos textos filosóficos, eles são complicados e, de certa forma, também não gostamos de filosofia, pois requer muito esforço de pensamento. E, ainda, porque tem muito assunto que ela trata e não

nos interessa. Temos outros interesses, somos muito cobrados pelo colégio com muitos conteúdos, na família, por resultados, enfim, muita exigência.

No entanto, concordamos que as aulas precisam ser mais significativas. Durante todo o processo, nós do Grupo, percebemos como nossa forma de captar o conhecimento se tornou mais eficaz. O modo como o professor conduziu as aulas foi muito bom, porque todos se envolveram. Permitiu o diálogo, a discussão, o compartilhamento de ideias. Houve dificuldade, certamente, mas no final deu tudo certo. Não conseguimos criar conceitos, conforme os filósofos, mas conseguimos compreender como eles os criam. E isso para nós valeu muito. Pois não queremos decorar conceitos, mas ter as ferramentas que nos permita solucionar nossos problemas. E mesmo não gostando de estudar filosofia, hoje, compreendemos que ela pode ser um instrumento importante em nossa vida. Também seria interessante que tivéssemos mais discussões, não somente sobre política, mas que outros temas também pudessem ser discutidos, mas compreendemos as limitações de nossa disciplina, pois contamos com um tempo insuficiente para realizarmos tais ações. E, quem sabe, no futuro a disciplina de Filosofia tenha um tratamento igual ao de outras disciplinas, como: Física, Matemática, Química, Língua Portuguesa.

Componentes:

- Luan
- Minerva
- Steffanny
- Vânia
- Carla

Grupo 4 – Preconceito

Nosso grupo teve a tarefa de pensar o preconceito. Buscamos investigar esse assunto em Ana Heller e Norberto Bobbio. A gente também seguiu os passos indicados na metodologia que o professor tinha nos mostrado no começo de nossos trabalhos. Ela facilitou a gente pensar nesse problema e trazer ele para nossa vida cotidiana.

Na sensibilização e na problematização a gente procurou ver a ideia de preconceito formada em nossa cabeça e buscar a partir dos textos estudados fazer com que ela se transformasse em um problema que se relacionasse com nossa realidade, para que a gente encontrasse nos textos alguma solução para enfrentar esse problema. Achamos difícil criar conceitos. A gente costuma dar a definição de alguma coisa, mas criar um conceito como fez os filósofos a gente com certeza para nós ainda não é possível. Não temos conhecimento suficiente para fazer isso, porque a gente não gosta muito de ler filosofia. Nós temos dificuldades de entender o texto, embora o que a gente trabalhou não foi tão difícil, mas geralmente ele tem uma linguagem complicada. Mas fora essas dificuldades as aulas deste trimestre nos deram uma boa experiência. A gente conseguiu fazer coisas que em dois anos atrás não conseguimos realizar: trabalhar um texto de filosofia em sala, prender nossa atenção no que está sendo trabalhado e conseguimos produzir alguma coisa durante as aulas. A gente não se cansava e nem percebia o tempo passar. Isso foi muito importante para nós porque nos ensinou a não buscar coisas prontas, é preciso construir. A filosofia nos ensinou isso. E a gente tomou consciência de que não se deve esperar que o professor faça tudo, porque precisamos construir junto com ele nosso conhecimento.

Então podemos dizer que a experiência foi boa. Mesmo sendo chato estudar filosofia, os textos complicados que ela tem, foi positivo para nós, porque tivemos aulas diferentes, com um novo jeito de ensinar e a gente aprendeu muito com isso. Não era preciso decorar, só trabalhar o conhecimento. Por isso aprendemos mais e com criatividade. Uma coisa boa das aulas foi trazer temas que estão ligados com nossa vida cotidiana, o que facilitou pensar, pesquisar e relacionar tudo com nossa realidade. Por isso, quando a gente refletiu sobre o preconceito acendeu um alerta em nossa vida. A gente pensava que ele era uma coisa da época da escravidão, mas vimos que o preconceito hoje tem nova roupagem e ele não se resume somente as pessoas negras. Mas ele é uma realidade de nossa sociedade brasileira e está presente no racismo racial, no religioso, no cultural, no social, no estético, no sexual, etc. Por isso, compreendemos que a gente deve ficar sempre atento, pois cada um precisa compreender as ideias erradas que estão nas atitudes preconceituosas, pois são atitudes que matam e ferem as pessoas na sua dignidade. E, com isso, não se deve jamais aceitar como verdadeira qualquer opinião ou comentário de natureza preconceituosa, sem antes ser realizada uma reflexão crítica sobre os mesmos, para que se evite qualquer situação constrangedora.

Como combater então o preconceito? Essa pergunta a gente pensou na problematização. Embora não tendo uma receita pronta, conforme diz Heller, a gente não deve desistir de encontrar alguma forma para diminuir o sofrimento que as atitudes preconceituosas causa na vida das pessoas. No entanto, Bobbio nos mostrou que a educação pode ser o caminho. De que forma? A escola e família podem participar dessa construção. Elas têm um papel importante nesse processo. A escola pode criar momentos de discussão entre as crianças, os adolescentes, os jovens para

orientar sobre esse problema. E a família vai ensinando em casa, mostrando a importância de respeitar as pessoas, as diferenças, porque o preconceito é um mal para toda a sociedade. Este tema, portanto, permitiu ao grupo, durante a leitura, pensar sobre este assunto, pois as vezes pode ser que em certos momentos também nós possamos nos colocar em situações preconceituosas.

Enfim, nosso grupo certamente teve uma boa experiência. As aulas precisam ter essa praticidade. Elas precisam ser motivadoras nos incitando a pensar, a ser criativos, a pesquisar a ler. A leitura é muito importante, sentimos isso quando a gente começou a investigar o assunto, porque como não temos o costume de ler, especialmente filosofia foi difícil no começo estabelecer uma relação com o nosso problema investigado e a nossa realidade. Então a leitura nos ajudou a pensar e a trazer uma possível solução ao nosso problema. Essa experiência é para ter acontecido desde a primeira série. E mesmo a gente não gostando de estudar filosofia ela se tornou importante para nós. Isso porque ela nos ajuda falar da vida com a nossa vida, da nossa realidade na nossa própria realidade.

Componentes:

- ❖ Laura
- ❖ Verônica
- ❖ Isabela
- ❖ Rosalinda
- ❖ Mícarla

Grupo 5 – Meio Ambiente

A preocupação com o meio ambiente não é um assunto novo. A constituição brasileira, em 1988, dava sinais de preocupação ao dizer que era necessária sua preservação. E, em 1989, foi criado o IBAMA para tornar possível o combate contra as possíveis destruições de nossa riqueza natural. E, atualmente sua discussão tem voltado com bastante força entre os meios de comunicação, redes sociais, jornais, revistas. Mas, como se sabe, desastres são decorrências sempre do mau uso da natureza. Cuidar da natureza é um dever nosso. Muitos se esquecem disso e buscam afastar de si essa a responsabilidade por zela pelo espaço em que vive, como se tal obrigação fosse tarefa exclusiva do governo, das indústrias ou das ONGs, sedo que tal obrigação deve ser de todos. Contudo, gostaríamos de lembrar que quando falamos aqui em meio ambiente, não estamos nos referindo somente a um espaço bonito, mas a todos os seres vivos e o ambiente no qual eles vivem, inclusive nós, seres humanos.

Buscamos, então, nortear nossa pesquisa no texto, conforme fora nos ensinado, seguindo a metodologia que nos foi proposta. Desta forma, partindo de nosso problema, buscamos investigar no texto na tentativa de encontrar alguma solução. O autor nos fez voltar ao passado ao nos mostrar que antigamente as pessoas dependiam do tempo e a natureza era sua aliada. Elas esperavam o tempo da chuva para plantar ou o tempo melhorar para se navegar sobre as águas. Então, percebemos com isso, que a humanidade perdeu esse vínculo com a natureza, pois com o domínio da técnica o homem passou a controlar o tempo, mas não aprendeu a cuidar, a zelar, a preservá-la.

Neste sentido, se faz urgente despertar nossa consciência para apontar possíveis soluções que garantam o equilíbrio de nosso planeta, preservar nossa riqueza natural, pois os problemas ambientais podem também prejudicar a saúde de todos, como por exemplo, a poluição, que pode gerar proclamas graves em nosso sistema respiratório. Então, não devemos esperar que as soluções caiam em nossas mãos. Cada um pode de alguma maneira ajudar nessa tarefa de proteger nosso espaço natural. E toda a sociedade também pode entrar nesta dinâmica de proteção ao nosso planeta. Neste caso, as escolas, podem ter um papel fundamental. Elas podem criar momentos de discussões, especialmente em sala de aula, motivando os professores a orientar as crianças, os adolescentes, os jovens, a criarem valores de estima, mostrando que cada um pode contribuir para a proteção e o cuidado de nossa natureza. As famílias podem também conscientizar seus membros para esse trabalho, selecionando o lixo, cuidando melhor das plantas, não deixar espalhado o lixo pelas ruas. Na verdade, é um trabalho de educação, conscientização, mostrando a necessidade de cuidar da natureza, pois somos parte dela, dependemos dela para sobreviver. A nossa escola costuma discutir sobre o assunto, especialmente entre os alunos menores, uma vez que o livro didático disponibiliza conteúdos para serem trabalhados, especialmente nesta fase de ensino.

Por fim, as aulas neste trimestre nos possibilitaram grandes conquistas: lemos textos filosóficos, aprendemos a problematizar certos assuntos, como também conseguimos ter uma maior interação com o professor, a socializar nossas opiniões, bem como respeitar a fala do outro. Tudo isso foi para nós um ótimo aprendizado. Isso mostra que não memorizando conteúdos que aprendemos, mas sim construindo-o. Também tiramos como lição para nossa vida que somos nós os responsáveis pela construção do conhecimento. Mas, para isso o ensino deve fazer sua parte e as aulas de filosofia foram importantes neste trimestre, pois se tornaram mais atrativas, menos

cansativas, permitindo que a gente pensasse e externasse nosso pensamento, sem ter medo de estar errado. As aulas precisam ser assim: provocadoras, interessantes e construtivas.

Componentes:

- Aninha
- Paulo
- Rodrigues
- Jonas
- Renato
- Mauro

ANEXO C – TRABALHOS INDIVIDUAIS

Aluno 1 (Filosofia)

A filosofia faz parte de nosso conhecimento, sendo, com isso, um dos saberes mais importante e mais útil, o que mostra o quanto somos capazes. Ela não nos oferece respostas prontas e definitivas, talvez, por isso, ela tenha sido considerada pelos filósofos franceses que estudamos durante a intervenção, como sendo uma atividade que cria conceitos. Como uma disciplina criativa ela não se cansa de movimentar e impulsionar nosso pensamento, permitindo nossa mente a criar coisas que muitas não existem. Tal é sua força criadora. Neste sentido, dizer que ela não tem utilidade significa que o sujeito que pensa dessa maneira vive numa profunda ignorância, como se estivesse acorrentado à passividade de sua vida, que o impede de enxergar que ela pode nos ajudar a construir um mundo melhor.

Aluno 2 (Filosofia)

A filosofia tem um significado muito importante para a vida do ser humano. Ela possibilita que nosso pensamento construa novas ideias, questione certas verdades reconhecidas como absolutas, como também permite indagar sobre a vida, o mundo, a realidade e o sofrimento. Como a filosofia trabalha com conceitos muitos pensam que ela está distante da realidade, da vida, mas não é verdade, pois, ela permite que se questione o senso comum, nos ajudando a descobrir novos significados para nossa existência. Sua finalidade não é nos proporcionar coisas práticas e imediatas, como bens materiais, felicidade, sucesso. No entanto, ela pode nos ensinar que tudo isso é importante, nos ajudando a enxergar que estas coisas não são adquiridas com facilidade, de imediato, mas com esforço, trabalho e dedicação. A felicidade se constrói, não é um produto que se compra ou que se encontra perdido pelos caminhos da vida.

Aluno 3 (Felicidade)

Todo ser humano busca ser feliz. Alguns passam a vida inteira buscando preencher a medida de seu copo vazio, sempre buscando ser feliz, tentando encontrar a

felicidade nas coisas imediatas que a vida pode proporcionar, sem saber que muitas vezes ela mora ali perto, bem próximo, mas não é possível enxergá-la, porque os olhos da alma estão ofuscados pelos olhos da sensibilidade, que o impede de ver a verdadeira felicidade. A felicidade não está nos bens que construímos, no poder que desejamos, nem na fama que buscamos. Ela consiste, conforme diz Aristóteles, “no conjunto ou na somatória de todas as nossas ações”. E cada uma delas por mais simples que seja pode no fim da nossa existência fazer a diferença. Diz João Pereira Coutinho: “Se a felicidade fosse convertida em projeto, ela seria igualmente convertida em insatisfação interminável: jamais estaremos onde queremos estar; jamais seremos o que queremos ser; jamais teremos o que queremos ter. A felicidade moderna converteu-se numa vigília permanente: a vigília de Homens insatisfeitos; de Homens esmagados pelos seus próprios ideais de felicidade e perfeição”. Somos assim, nunca estaremos satisfeitos, nem com nossa medida completa.

Aluno 4 (Felicidade)

O que é felicidade? Não é fácil definir felicidade. Ela não possui uma definição satisfatória, pois certamente suscitará muitas respostas, sem chegar a uma definição que venha satisfazer nossa curiosidade e nossa busca. Felicidade é algo individual, pessoal e intransferível. Para certo indivíduo ela talvez esteja relacionada à riqueza, pois, o que lhe proporciona felicidade pode ser um carro, um apartamento, sucesso, uma conta no banco com uma boa reserva. Para outro, ela pode estar ligada a uma vida simples, tranquila, com saúde. Neste sentido, nunca vamos estar satisfeitos, nem talvez venhamos descobrir o que ela seja ou talvez saibamos, mas como nunca estamos satisfeitos e sempre buscamos sempre mais, não vamos nos satisfazer com o pouco de felicidade que construímos. Foram muitos os filósofos que buscaram pensar sobre ela. Para Aristóteles, a felicidade diz respeito ao equilíbrio e harmonia na busca pela prática do bem; para Epicuro, ela se encontra na satisfação dos desejos, embora numa carta a seu discípulo ele explica que se trata não dos desejos dos dissolutos e dos crápulas, mas ao da impassibilidade que liberta de desejos e necessidades; já Pirro acreditava que podemos encontrar a felicidade na tranquilidade da alma. Então, como podemos ver não existe um consenso no que diz respeito a felicidade. Enquanto não descobrimos, vamos nos aventurando, quem sabe, um dia, talvez, a compreenderemos.

Aluno 05 (Política)

A maioria das pessoas pensam que política é uma atividade que só diz respeito aos políticos. O povo, as pessoas, os trabalhadores não devem se envolver com assuntos relacionados à vida política. Para Aristóteles, filósofo grego, a política tem sua preocupação voltada para a vida coletiva. Desta forma, o homem possui naturalmente o desejo de viver em sociedade, por isso, ele sustenta: o homem naturalmente é um animal político. Neste sentido, todos nós realizamos política em nosso dia a dia, na escola, na família, no trabalho, na religião, enfim, todas as nossas ações e escolhas são ações políticas. Infelizmente, nos dias de hoje, a política está maculada, porque seu verdadeiro significado é distorcido por aqueles que têm nas mãos oportunidade de fazer com que ela se torne um bem de todos e não privilégio de poucos. Por isso, eu evito falar sobre política não me preocupo em me envolver com questões relacionada a ela.

Aluno 06 (Política)

Eu sou uma entre as milhares de pessoas que diz: não gosto de política, não tenho jeito para política e quando chega o período da política mal ligo a televisão, para não ter que presenciar certos políticos com suas mentiras tentando nos enganar. Sei que alguém já disse que o homem é um animal político e que por causa disso eu devo buscar me relacionar da melhor forma possível com a sociedade e com os outros ao meu redor. Certa vez eu participei de uma reunião de moradores do bairro onde eu moro. Foi interessante no começo mas não me animei para continuar frequentando, porque não gosto de me envolver com discussões bobas e desnecessárias e as pessoas brigam bastante nestes encontros. Mais eu reconheço que é importante exercer a cidadania e buscar o que melhor para mim e para toda a sociedade e a política está muito presente na vida das pessoas.

Aluno 07 (Preconceito)

O que é o preconceito? Onde encontrá-lo? De que forma podemos vencê-lo? É importante a discussão envolvendo questões ligadas a preconceito, porque ele é uma

realidade presente na escola, em nossas famílias, na sociedade. Refletir sobre ele é uma necessidade. Seria que bom que as disciplinas como história, sociologia, filosofia, religião pudessem sempre estar lembrando de pensar e discutir com seus alunos formas de como podemos enfrentar este problema, buscando soluções para que possamos superá-lo e ajudar as pessoas que enfrentam ou que foram vítimas de algum tipo de preconceito. Para Norberto Bobbio o preconceito tem origem em nossa cabeça e por isso seria a educação, segundo ele, um instrumento favorável no combate ao preconceito. É preciso que as pessoas tomem consciência de que o preconceito pode destruir a vida de uma pessoa, porque não fere o corpo, mas o que ele possui de mais precioso, sua dignidade. E são inúmeras as formas de preconceitos. Muitos dizem “não sou preconceituoso”, no entanto, o coração diz o contrário, só não concretiza com as palavras, mas as vezes o olhar, um gesto pode refletir o preconceito que está dentro de cada um de nós. E o pior é que não existe uma receita pronta, diz Agnes Heller. Mas, não devemos desistir da luta, se cada um reconhecer que o problema pode ser superado quando todos compreendermos que somos iguais apesar das diferenças, estaremos dando um primeiro passo para que isso aconteça.

ALUNO 08 (Preconceito)

A presença do preconceito em nossa sociedade é uma realidade. Não é de fora que este problema vem causando dor e sofrimento. Acredito que não basta apenas reconhecer que ele existe, mas se faz necessário que se busque alternativas para enfrentá-los. E a educação pode ser um “possível caminho” para que possamos lidar com esse mal, pois segundo Paulo Freire, os seres humanos envolvidos na relação de educação aprendem um com o outro, buscando sempre ter por base o objeto a ser conhecido, onde as relações e o conhecimento são construídos juntos, provocando transformações quem deste processo participa. Além disso, o preconceito se revela de forma sutil. Ele nem sempre vem acompanhado pela violência, mas com atos, gestos, que comprovam sua existência. Acho que para combater esse mal, são necessários pequenos gestos, como estimular a leitura das crianças, porque lendo a criança vai aos poucos entendendo o mundo e compreendendo que somos todos iguais e também diferentes. E, quando adulta, terá condições de permitir que o preconceito não domine sua racionalidade.

Aluno 09 (Meio Ambiente)

Falar de meio ambiente é falar da vida, porque somos parte dele, tiramos da natureza nosso sustento e precisamos dela para sobreviver. Porém, o ser humano vem interferindo ao longo do tempo na natureza com o objetivo ou com a desculpa de melhorar seu modo de vida. E não pensa nos impactos que sua ação pode causar tanto ao meio ambiente quanto a si mesmo. A gente pode observar e tomar como exemplo nossa vegetação e fauna de nossa região, localizada no Seridó, pois como se vê muitos animais de nossa fauna estão quase que extintos, o desmatamento é grande, rios poluídos, etc. O que fazer? Ora, precisamos da terra para nossa sobrevivência, mas também precisamos da indústria, da produção de alimentos, que sem tudo isso também fica difícil sobreviver. Contudo, podemos também viver na natureza, tirar dela nosso sustento, sem destruí-la. Para isso, precisamos nos conscientizar e conscientizar as pessoas e exigir do Estado que invista em leis mais duras para punir aqueles que desrespeitam nossa natureza e prejudica espaço que viemos.

Aluno 10 (Meio Ambiente)

A preocupação com a preservação do meio ambiente precisa fazer parte da lista principal de nossos interesses. Somos parte dele. Temos responsabilidade e o dever de protegê-lo. Aliás, sobre responsabilidade, Sartre, filósofo francês, diz que o ser humano é livre e responsável, cabendo a ele escolher seu modo de agir. Então, podemos escolher ou não proteger nosso espaço. A decisão cabe a cada um de nós, sabendo que dependendo dessa escolha depende também nossa sobrevivência em nosso planeta. Há tantas formas de aproveitar os recursos naturais, sem agredir o meio ambiente, como por exemplo, a energia solar, a energia eólica. Elas podem ser aproveitadas ao longo do tempo sem nos preocuparmos com o seu possível esgotamento. Portanto, se faz necessário todos se envolvam e assumam a responsabilidade diante dos problemas ambientais, cada um fazendo sua parte, sem esperar do Estado uma solução. Podemos fazer isso conscientizando as pessoas através de campanhas. E com isso estimular as pessoas a praticar medidas simples de reaproveitamento, reciclagem, diminuir o consumo de energia, para poder dar fôlego à natureza para que a mesma possa recuperar suas energias.

ANEXO D - PERGUNTAS PARA AVALIAÇÃO DA METODOLOGIA

ALUNO A – 18 ANOS

Antes da intervenção eu era muito preguiçoso. Tinha até medo de pensar em filosofia. Nas aulas eu fazia um enorme esforço para estar presente. Eu não prestava atenção alguma durante as aulas. Mas depois da intervenção de alguma forma as coisas mudaram. Por isso, eu espero ter mais motivação para buscar o conhecimento, ser mais responsável, ter mais compromisso com meus estudos. As leituras feitas, as discussões realizadas, as trocas de ideias, ouvir a opinião de meus colegas, tudo isso me faz repensar a visão negativa que eu tinha da filosofia. Aprender filosofia para mim hoje é fundamental, pois através dela posso ser uma pessoa melhor, porque com ela aprendi a ter menos preconceito. E também porque ela ajuda a desenvolver melhor o pensamento. Desenvolver um pensamento crítico é uma atividade muito difícil durante as aulas, pois o mesmo exige um pouquinho mais de conhecimento e exercício, por isso as dificuldades.

Sobre a metodologia gostaria de dizer que ela foi essencial. Deixou as aulas menos cansativas e mais interessantes. Com ela finalmente aprendi o que é filosofia, porque antes alguns professores só ensina uma definição pronta. A metodologia me possibilitou experimentar como o conceito é formado. Porém, reconheço a dificuldade de construí-lo, porque certamente não conseguiremos fazer isso somente com o pouco de conhecimento que nós temos da filosofia, do mundo, da vida e da realidade. E não desmerecendo as outras etapas, eu achei o momento de produzir o texto muito importante (INVESTIGAÇÃO), porque nele foi preciso desenvolver as ideias que eu compreendi com a leitura, além de melhorar minha argumentação e praticar a escrita, visto que vou precisar muito dessa parte quando for prestar a avaliação do ENEM, particularmente a redação.

ALUNO B – 17 ANOS.

Antes de acontecer a intervenção eu tinha um pensamento diferente sobre a utilidade da filosofia. Hoje eu sei que ela não tem uma finalidade prática como outras disciplinas. Não a considero como inútil. Como eu tenho um sonho de cursar medicina,

julgo que ela não me proporciona um benefício prático imediato. Talvez esteja sendo radical demais, mas é o que penso no momento. Hoje eu reconheço que ela pode ser um diferencial para minha vida, permitindo que eu construa valores, como honestidade, respeito, por meio dos quais, eu possa me tornar um ser humano melhor, realizando boas ações. Tenho aula de filosofia desde o 9º Ano. A reflexão filosófica permite que possamos questionar nossos problemas, mas a pouca leitura dificulta a nossa capacidade de problematizar. Por isso, vou buscar ler mais, pois a leitura é um bom exercício para treinar o pensamento. A filosofia tem me ajudado a construir um pensamento melhor, a questionar, a criticar, não críticas negativas, até faço de vez em quando, mas sempre me polio para não magoar as pessoas quando faço alguma crítica.

No tocante à metodologia posso dizer que foi muito importante durante esse trimestre. Realizei coisas com filosofia que nestes 4 anos nunca tinha feito, como: ler um texto de filosofia, coisa que nem os textos pequenos do livro didático eu gostava de ler, conseguir me concentrar mais e expor minhas opiniões. Gostei muito da problematização porque me ajudou muito no desenvolvimento de minha redação no ENEM, pois eu tentei realizar o mesmo processo fazendo a relação do tema do ENEM com a realidade de minha vida cotidiana. Depois da experiência com a intervenção, espero que as aulas sejam assim, mais criativa, menos cansativas, tornando os alunos mais participativos. A gente precisa sentir isso, esse momento foi importante, pena que só aconteceu quase no final de nosso ano letivo, mas valeu a pena. Nos dois últimos anos a gente vem sentido que nosso professor tem se esforçado para deixar as aulas um pouco melhor, mas não depende só dele, a gente também tem um pouco de culpa, talvez por achar que filosofia não é tão importante deixamos isso acontecer. O ensino deve ser mais dinâmico e criativo, sem a preocupação somente de trabalhar o conteúdo.

ALUNO C – 17 ANOS

Uma das coisas boas da intervenção foi a metodologia. As aulas foram melhores. Ela me ajudou a compreender melhor a finalidade da filosofia, mas não aprendi a criar conceito, o trabalho não é fácil, pois será preciso muito conhecimento. Me ajudou muito a interagir com meus colegas e a expor minhas ideias, porque precisava discutir sobre o que estava sendo produzido, especialmente na etapa final. Ela permitiu desenvolver uma boa leitura, compreender melhor o que estava sendo lido e relacionar o que eu aprendia com a minha vida cotidiana. Isso foi muito

interessante porque as vezes o que se ensina durante as aulas passa longe de nossa realidade. Depois dessa experiência com a intervenção espero continuar sendo responsável e dedicada aos meus estudos, lembrando que a responsabilidade de construir o conhecimento é toda minha e não devo esperar que o professor ou a escola sejam os únicos responsáveis pela construção desse conhecimento. Espero também que eu aprenda a organizar melhor meu pensamento. A minha maior dificuldade está em organizar melhor minhas ideias, especialmente argumentar. Vou me esforçar para superar isso e a Filosofia me ajudou a dar o primeiro passo. A filosofia para mim, hoje, não é inútil. Ela é necessária, pois, permite olhar o mundo de uma forma diferente, com um novo olhar, pensar sobre os diversos problemas e a propor possíveis soluções na tentativa de resolvê-los. Por isso, para mim ela é necessária. E isso eu descobri durante a intervenção.

ALUNO D – 18 ANOS

Não considero ser inútil aprender filosofia. Todo saber pode gerar novos conhecimentos em nossa vida. Tenho certos interesses que talvez no momento a filosofia não tenha para mim utilidade. Nem por isso vou dizer que ela e o seu ensino são inúteis. Pelo contrário, a filosofia me transformou em uma pessoa melhor. Hoje vejo o mundo, minha família, minha vida com outro olhar. Me tornei mais responsável e percebo que ela pode me tornar no futuro um profissional melhor, porque ela se faz presente e dialoga com todas as áreas do saber. Ainda tenho muito a aprender. Não gosto de ler os textos que são de filosofia, porque a dificuldade de atenção me atrapalha muito, além da complexidade dos textos de filosofia. Contudo durante os trabalhos que participei o que me ajudou bastante foi a metodologia. Eu tive muita dificuldade para compreender o texto porque tem palavras difíceis demais, tem que pesquisar no dicionário e também não gosto muito de escrever. Mais uma coisa ela me ensinou foi que eu preciso ser responsável pelo meu conhecimento, por isso preciso ter mais esforço e dedicação. Depois da experiência da intervenção espero que o que eu aprendi durante seu desenvolvimento possa me ajudar quando eu tiver na Universidade. Qualquer coisa eu procuro o professor de filosofia da escola para me ajudar.

ALUNO E – 18 Anos

Uma das coisas importantes foi ter aprendido uma nova concepção de filosofia. Durante o último trimestre vimos que ela desperta nossa capacidade criativa, por isso os pensadores franceses que sua função é criar conceitos. Tenho certeza que não consigo criar conceito como eles, mas pelo menos vimos em alguns momentos dos trabalhos como eles são criados. E a metodologia me ajudou bastante a compreender o que é filosofia, pois, ela seguiu um modo bastante criativo que deixou as aulas menos cansativas e mais empolgantes. Uma pena que a disciplina de filosofia não tenha um tratamento igual a outras disciplinas como Física, Matemática, Língua Portuguesa, que possuem uma grade maior. Pelo menos duas aulas seriam interessantes de filosofia, porque quando o assunto começa a despertar o nosso interesse, a aula termina. E o pior é que nem dá para continuar na próxima aula porque precisa cumprir com o conteúdo e o tempo é insuficiente. Já não é fácil desenvolver um pensamento filosófico. A filosofia possui uma linguagem muito complicada, os textos são difíceis de ser compreendidos e quando tento produzir e colocar minhas ideias por escrito a coisa complica porque não consigo organizar meus argumentos. Mas apesar disso reconheço que a filosofia não é inútil e o seu ensino é essencial. Ela é essencial para a vida, mas infelizmente não é dada a ela a mesma importância que se dá às outras disciplinas.

Espero que depois dessa experiência com a intervenção eu consiga ser mais dedicada, responsável e criativa. Gostaria ainda que essa experiência fosse continuada e que pudesse ser realizada com os alunos desde a Primeira Série do ensino médio. A investigação para mim foi importante, por meio dela, eu aprendi a pesquisar outras fontes, coisa que nunca eu tinha feito com assuntos ligados a filosofia. Temos uma biblioteca e seria bom que outros alunos em outras turmas pudesse ter essa experiência. Fica a ideia.

ALUNO F – 15 ANOS

Eu sei que a filosofia é importante, por isso ela não é inútil. Mas para a vida profissional que eu sonho ela não tem utilidade alguma, mas eu gosto de estudar filosofia. Ela me faz pensar e questionar quando eu não concordo com certas coisas. Por isso, a considero fundamental seu ensino. Nós tivemos aulas boas com uma

metodologia que facilitou compreender essa nova concepção de filosofia como uma disciplina criativa. Ela permitiu que a gente pudesse ler um fragmento de texto e isso foi importante, porque a leitura nos faz compreender melhor o mundo e a nossa realidade. A metodologia ainda fez com que as aulas de filosofia fossem menos chatas, porque as vezes o professor fala muito e os alunos não se envolvem. Também alguns temas discutidos não estão dentro do contexto de nossos interesses e mesmo fazendo parte do livro didático, poderiam ser substituídos por outros relacionados com nossa realidade, pois somente motivava a discussão. Porém, neste trimestre foi diferente, porque a forma de ensinar mudou, tornou mais participativa e interessante, o que despertou o interesse de alguns. Então, isso faz com que muitos percam o interesse pela discussão e terminam não se concentrando nem compreendendo o assunto que está sendo tratado. Depois dessa intervenção espero que as outras turmas possam ter essa mesma oportunidade que a minha turma teve. As aulas foram ótimas. E como a filosofia é criativa, como vimos com Deleuze e Guattari, o ensino de filosofia precisa ser mais criativo, neste sentido, acho que o professor precisa trabalhar melhor.

ALUNO G – 17 ANOS

Filosofia é uma disciplina complicada porque temos que pensar em assuntos que as vezes não fazem sentido. Que utilidade tem a discussão sobre mundo sensível e mundo inteligível? Tem assuntos que são importantes, interessantes, como política, ética, que permite uma boa discussão e troca de ideias, porque estão relacionados diretamente com nossa realidade. Podemos falar de honestidade na política, de ética nas redes sociais, enfim, de temas práticos para nossa vida cotidiana. Então, além de não ver utilidade prática da filosofia, considero os textos muito difíceis de serem compreendidos, o que desestimula. Tenho que fazer um esforço muito grande para compreender um texto pequeno, imagina um texto maior. Talvez nem precisasse do ensino de filosofia nas escolas. Deixasse esse ensino para a Universidade, para as pessoas que realmente gostam desse tipo de leitura. Sobre a metodologia achei interessante o modo como as aulas foram conduzidas, porque não foram chatas e nem cansativas, chamando mais nossa atenção. Não espero muita coisa depois da intervenção, porque não vejo utilidade da filosofia para aquilo que eu desejo conseguir

no meu futuro. Particpei da intervenção para ajudar meus colegas no grupo e para não ficar com falta, só isso. Achei interessante porque as aulas não foram cansativas e teve boas discussões.

ALUNO H – 16 ANOS

A filosofia consegue falar da nossa realidade, da vida, permite que possamos pensar e propor soluções para as questões que mais nos afetam. Por isso, ela se torna necessária e aqueles que pensam que ela é inútil estão enganados, pois ela pode ser uma ferramenta essencial na construção de nosso conhecimento. Por isso ela precisa ser criativa, dinâmica e envolvente, que nos permita pensar e dialogar. No entanto sabemos que nossa disciplina conta com um tempo mínimo de aula, 50 minutos somente. Então, neste caso, poderíamos utilizar as mídias para complementar muitas vezes aquilo que em sala de aula não conseguimos alcançar. Assim, de comum acordo com o professor a gente podia cominar um horário com a turma ou com aqueles alunos que gostam de discutir temas ou assuntos ligado a realidade, para tirar dúvidas e trocar ideias. Trabalhar com as mídias sociais como recurso para nos ajudar a complementar o que nem sempre em sala de aula conseguimos atingir seria uma a ideia a ser pensada. Não seria bom utilizá-las durante o horário de aula, pois muitos alunos desviam o foco para outras situações. Mas seria bom pensar essa ideia.

Em relação à intervenção posso afirmar que ela mexeu comigo, porque estava acostumada a ter aulas cansativas que não conseguia aproveitar muita coisa do que se falava, mas de repente com a essa metodologia, trabalhando uma sequência que permitiu que a gente percorresse um caminho que facilitou compreender melhor nossa realidade, a partir do que pensaram os filósofos. E a sensibilização para mim foi a parte mais importante da intervenção, porque me motivou voltar a estudar filosofia. Espero que nas outras turmas essa metodologia também possa ser empregada.

ALUNO I – 15 ANOS

As perguntas são bastante interessantes. Depois de terminada aquelas etapas da intervenção fiquei pensando e percebi o quanto ela foi importante tanto para mim quanto para muitos de meus colegas. A forma como as aulas foram conduzidas

(metodologia) foi muito boa. Com ela eu consegui ler um texto de Filosofia e compreender, algo que antes tentava e não conseguia. Aprendi que não basta somente ler o texto e tentar problematizar. Também é importante que possamos estabelecer relações com a nossa realidade. Um acontecimento importante que eu considero foi quando precisamos depois da leitura e da compreensão de nosso texto fundamentar as ideias levantadas investigando com outros materiais disponíveis. O exercício de pesquisar foi muito importante. Por isso, precisa que exista momentos de pesquisas, para que se aprofunde mais o conhecimento filosófico. As vezes devido ao tempo não ser favorável falta esse exercício tanto em sala de aula e fora dela também. Espero que as outras turmas também sejam contempladas com esse exercício que realizamos, pois, as aulas se tornam menos cansativas e melhor aproveitadas.

ALUNO J – 16 ANOS

A metodologia foi muito interessante. Fazia muito tempo que eu não tinha aulas tão boas. A gente precisa que o ensino de filosofia possa nos ensinar a pensar a vida, nossa realidade, não somente ficar passando informações sem nenhuma relação com a vida. Eu aprendi uma ideia nova de filosofia. Entendi que o filósofo é amigo da sabedoria. Por isso a palavra filosofia é formada por duas palavras: filo e sofia (amizade e sabedoria). Aquela noção de que filosofia não é útil para a nossa vida foi deixar para traz. Acho que não levo jeito de me tornar filósofa, mas jamais vou esquecer que a gente carrega esse amor pela sabedoria e que é preciso não deixar que esse amor morra com o tempo.

A intervenção mostrou para mim que as aulas de filosofia podem ser diferentes. Tem muito assunto bom que podemos discutir durante as aulas, mas nem sempre o tempo é nosso aliado, além disso, tem que se seguir o conteúdo do livro, que as vezes tem certos assuntos que estão distantes de nossa realidade e nem são de nosso interesse. Foi uma pena passar por essa experiência somente no nosso último ano em que estou na escola. Não gosto de ler filosofia porque os textos são um pouquinho difíceis, mas compreendo que sua leitura deve ser motivada porque nos dá uma compreensão melhor da nossa realidade, como também deve ser incentivada a pesquisa. A escola tem uma biblioteca que nunca a gente da turma utilizou para

pesquisar qualquer assunto ou tema de filosofia. Seria bom essa experiência foi realizada com as outras turmas.

ANEXO E – ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Aos dezoito dias do mês de agosto do ano de dois mil e vinte, às oito horas e trinta minutos, através do recurso de webconferência, foi instalada a Banca Examinadora indicada pelo Programa de Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO, com o objetivo de julgar o trabalho de dissertação de Cosmo Santos da Silva, sob o título “*Filosofia do ensino de Filosofia: uma articulação entre problema e leitura a partir de Deleuze e Guattari*”, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Filosofia. A Banca Examinadora foi presidida pelo Professor Orientador Dr. Marcos Érico de Araújo Silva e contou com a participação dos professores examinadores: Dr. Marcos de Camargo von Zuben (Membro Interno) e Dr. Edson Carvalho Guedes (membro externo), todos participaram à distância, através do recurso de webconferência. A sessão teve a duração de duas horas e trinta minutos e a Banca Examinadora emitiu o seguinte parecer: A dissertação é uma grande contribuição para a área do Ensino de Filosofia sendo, por isso, recomendada sua publicação. A banca solicita, para melhorar ainda mais o trabalho, uma melhor explicitação da aplicação do método da pesquisa-ação.

A Dissertação obteve o conceito: APROVADO

Prof. Dr. Marcos Érico de Araújo Silva (*Presidente*)

PARTICIPOU POR WEBCONFERÊNCIA

Prof. Dr. Marcos de Camargo von Zuben (*Membro Interno*)

PARTICIPOU POR WEBCONFERÊNCIA

Prof. Dr. Edson Carvalho Guedes (*Membro Externo*)

PARTICIPOU POR WEBCONFERÊNCIA

Mestrando Cosmo Santos da Silva)

PARTICIPOU POR WEBCONFERÊNCIA

Vide declarações de participações em anexo.

ANEXO F – TERMO DE AUTORIZAÇÃO



BIBLIOTECA
www.uern.br

Termo de Autorização para disponibilização de publicação eletrônica na Biblioteca Digital da UERN

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo ao SIB-UERN a disponibilizar através da Biblioteca Digital da UERN, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o texto integral da obra abaixo citada, conforme permissões assinaladas, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data 18 / 11 / 2020.

1. Identificação da Publicação Eletrônica:

Nome do Curso: Mestrado Profissional em Filosofia — PROF-FILO

Autor: Cosmo Santos da Silva

Matricula: T022018IJERN06 e-mail: cosmosantos_42@hotmail.com

Orientador: Prof. Dr. Marcos Erico de Araujo Silva (UERN)

Membro da banca: Prof. Dr. Edson Carvalho Guedes (UFPB)

Membro da banca: Prof. Dr. Marcos de Camargo Von Zuben (UERN)

Data de Apresentação: 18 de agosto de 2020 **Titulação:** Mestre

Título da Publicação Eletrônica: Filosofia do Ensino de Filosofia: uma articulação entre problema e leitura a partir de Deleuze e Guattari.

Palavras-chave: Filosofia. Ensino. Conceito.

Instituição de Defesa: Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Agência de fomento: CAPES (X) CNPQ() ANP () () Outra: _____

2. Informação de acesso ao documento: Liberação para publicação: (X) Total () Parcial
Em caso de publicação parcial, especifique a(s) parte(s) do(s) arquivo(s) restrito(s). Especifique:

Assinatura do autor

06/11/2020

Data

Assinatura do orientador

06/11/2020

Data